

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

MARÍA ANTONIETA PEZO DEL PINO

A cadeia associativa grupal e o pictograma grupal

**São Paulo
2014**

MARÍA ANTONIETA PEZO DEL PINO

A cadeia associativa grupal e o pictograma grupal

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em Psicologia Social.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Yvette Piha Lehman.

**São Paulo
2014**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Pezo, María Antonieta del Pino.

A cadeia associativa grupal e o pictograma grupal / María Antonieta Pezo del Pino; orientadora Yvette Piha Lehman. – São Paulo, 2014.

187 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Cadeia associativa grupal. 2. Pictograma grupal. 3. Mediador terapêutico. 4. Consulta terapêutica grupal. 5. Consulta terapêutica familiar. I. Título.

RC488

FOLHA DE APROVAÇÃO

María Antonieta Pezo del Pino
A cadeia associativa grupal e o pictograma grupal
Tese apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Yvette Piha Lehman

Instituição: USP Assinatura: _____

Prof. Dr.

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico meu trabalho a Marcos Henrique e León Pezo Fisch, meus filhos, que desde pequenos desenhavam com prazer. Sou-lhes grata por estimularem o meu desejo de produzir sempre e por eles terem me ensinado a questionar sempre com cuidado e amor.

E a Juan José, meu irmão, com quem aprendo desde pequena a aceitar e tolerar as diferenças e por ele, sem sabê-lo, haver impulsionado meu desejo de me tornar psicóloga. Ele leva o nome do meu avô Juan José del Pino, intelectual peruano, um dos pioneiros na década de 30, no estudo da psicanálise. O nome de Juan José traz as marcas do meu amor pelo saber, pela escrita, a pesquisa e a psicanálise.

AGRADECIMENTOS

Foi possível ser realizado este trabalho graças ao apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, a quem sou muito grata.

Agradeço às pessoas que me têm permitido produzir e pensar, pois com elas confirmo que isso é possível graças ao outro estar junto questionando, indagando, discordando, concordando, co-pensando, co-associando, em um vínculo de acolhimento, afeto e paixão. Agradeço, em especial, a:

Minha orientadora *Yvette Piha Lehman*, que acompanhou com cuidado cada momento do meu percurso, sempre me questionando e instigando a produzir. Acolheu minhas dúvidas, ensinou caminhos e estimulou-me a produzir.

Mirta Segoviano, que com dedicação e ética se dispôs a discutir e direcionar questões. Emprestou seu conhecimento da obra de Kaës a serviço do nosso crescimento. Direcionou pontos a serem destacados, encaminhados e sempre esteve disposta a responder às minhas dúvidas.

Lila Grandal, professora da UBA, psicanalista e colega argentina, companheira de trabalho que, ao longo dos últimos anos, me tem estimulado com seus questionamentos de maneira muito próxima. Aprendemos com ela que a distância não é barreira para poder co-pensar e produzir juntas.

Evelin Pestana, psicanalista, colega e companheira, que semanalmente me acompanha há alguns anos na paixão pelo estudo e aprofundamento da obra de Kaës. Ela traduziu e discutiu comigo o primeiro relatório de Kaës sobre as cadeias associativas grupais.

Meus pacientes, alunos, supervisionados, colegas que me permitem e toleram errar, acertar, questionar e me levam a buscar sempre respostas e inventar algumas.

Ruth Solon, professora de português, com quem espero aprender e melhorar ainda mais meu conhecimento da língua.

RESUMO

A pesquisa aborda teórica e clinicamente a cadeia associativa grupal e sua especificidade, quando se utiliza como mediador terapêutico o pictograma grupal. Ela tem como objetivo acrescentar e aprofundar o estudo já realizado, no qual o desenhar conjunto pode introduzir modalidades associativas específicas que articulam o discurso do sujeito e do grupo (Pezo, 2009). O trabalho com grupos instaura processos associativos distintos dos descritos pela psicanálise, no enquadre clássico, segundo Kaës (1994, 2005, 2008, 2010) devido à presença de vários sujeitos simultaneamente e aos efeitos da interdiscursividade. Com o conceito de cadeia associativa grupal, Kaës (1985) define a especificidade da associação livre, que junto com a transferência e a interpretação, permitem o conhecimento dos efeitos do inconsciente no grupo. As cadeias articulam processos inter-relacionados entre si, as associações do sujeito singular e as produzidas intersubjetivamente no grupo. Quando, para além da palavra, se inclui no grupo um mediador terapêutico, como o pictograma grupal, o processo associativo apresenta marcas específicas. Entre elas, uma cadeia associativa de: traço para desenho; de desenho para desenho; de desenho para palavra; de palavra para narrativa. No pictograma grupal, aspectos inusitados, impensados se incluem de maneira semelhante ao *lapsus de linguagem* graças ao trabalho do pré-consciente, do desenhar conjunto e, fundamentalmente, aos efeitos da presença múltipla de sujeitos. A consulta terapêutica proposta por Winnicott para atender crianças reconhece o valor da utilização do método psicanalítico em um atendimento, sem por isso estar realizando uma psicanálise padrão. Esse modelo de consulta é estendido para o atendimento de grupo e família, com o uso do pictograma grupal, em situações pontuais. Propõe-se a utilidade do mediador no trabalho institucional com pacientes psicóticos, psicossomáticos, com tendência de passagem ao ato. Considera-se que o recurso do pictograma grupal, ainda pouco explorado no campo das práticas institucionais, pode ser um facilitador para enunciar aquilo que não pode ser nomeado ou representado simbolicamente devido ao medo, ou a mecanismos como a repressão, o recalque, a denegação, entre outros. As cadeias associativas grupais propiciadas pelo uso do pictograma grupal evidenciam que simultaneamente é possível elaborar e transformar o sujeito apropriando-se subjetivamente da experiência, as relações intersubjetivas e o grupo, graças ao trabalho associativo grupal. Utilizamos o pictograma, em consultas terapêuticas com grupos e com famílias, em um enquadre de dois a três encontros. Destacamos a relevância do pictograma grupal, em outros contextos como situações traumáticas individuais ou sociais.

Palavras-chave: Cadeia associativa grupal. Pictograma grupal. Mediador terapêutico. Consulta terapêutica grupal. Consulta terapêutica familiar.

ABSTRACT

This research discusses, from a theoretical and clinical point of view, the group association chain and its specificity when one uses the group pictogram as therapeutic mediator. Its goal is to add to and deepen the study previously made, in which the collective drawing may introduce specific kinds of association that articulate the subject's and the group's speech (Pezo, 2009). Working with groups creates association processes different from the ones described by psychoanalysis in the classical model, according to Kaës (1994, 2005, 2008, 2010) due to the presence of various subjects simultaneously and to the effects of interdiscursivity. This concept developed by Kaës (1985) defines the specificity of free association which, together with transfer and interpretation, allows one to know the unconscious' impact on a group. The chains articulate interrelated processes, the single subject associations and the ones inter-subjectively created by the group. When one includes a therapeutic mediator beyond the word, such as the group pictogram, the association process presents unique characteristics, among them an association chain from: trait to drawing; from drawing to drawing, from drawing to word and from word to narration. In the group pictogram unprecedented and unthought aspects are similarly included in the *language slip* thanks to the work of the preconscious, the drawing together and, basically, to the effects of the presence of multiple subjects. The therapeutic session proposed by Winnicott acknowledges the value of using the psychoanalytic method in a process, which does not mean that one is performing a standard psychoanalytic treatment. This session method is extended to the group and family treatment, using the group pictogram in punctual situations. Our proposal is to use a mediator for the institutional work with psychotic patients, tending to proceed to the act with psychosomatic traumas due to difficulty to communicate only orally. It is believed that the group pictogram resource, which is still little exploited in the institutional practices area, may facilitate the enunciation of something that cannot be named or symbolically represented due to fear or mechanisms such as suppression, repression and denegation, among others. The group association chains provided by the use of the group pictogram show that it is possible to develop and transform at the same time: the individual subjectively acquiring the experience, the intersubjective relationships and the group, thanks to the group association work and the effects of intersubjectivity and interdiscursivity. We have used the pictogram in therapeutic sessions with groups and families in a model of two or three sessions. We would like to point out the relevance of the group pictogram in other contexts such as individual or social traumatic situations.

Keywords: Group association chain. Group pictogram. Therapeutic mediator. Group therapy session. Family therapy session.

RÉSUMÉ

Cette recherche examine, du point de vue théorique et clinique, la chaîne d'association de groupe et sa spécificité lorsque l'on utilise le pictogramme du groupe en tant que médiateur thérapeutique. Elle vise à ajouter et approfondir une étude déjà faite dans lequel le dessin collectif peut introduire des types spécifiques d'association qui articulent le sujet et le discours du groupe (Pezo, 2009). Travailler avec des groupes crée des processus d'association différentes de celles décrites par la psychanalyse dans le modèle classique, selon Kaës (1994, 2005, 2008, 2010) en raison de la présence de divers sujets en même temps et les effets de l'interdiscursivité. Ce concept développé par Kaës (1985) définit la spécificité de l'association libre qui, avec le transfert et l'interprétation, nous permet de savoir l'impact inconscient sur un groupe. Les chaînes articulent des processus interdépendants, les associations d'un seul sujet et celles inter-subjectivement créés par le groupe. Lorsque l'on inclut un médiateur thérapeutique au-delà du mot, tel que le pictogramme du groupe, le processus d'association présente des caractéristiques uniques, y compris: du trait au dessin, du dessin au dessin, du dessin à la parole et du mot à la narration. Dans le pictogramme du groupe, des aspects sans précédent et impensés sont inclus dans les glissement de la langue grâce au travail du préconscient, le rapprochement et, essentiellement, aux effets de la présence de multiples sujets. La séance thérapeutique proposé par Winnicott reconnaît la valeur de l'utilisation de la méthode psychanalytique dans un processus, ce qui ne signifie pas que l'on effectue un traitement psychanalytique standard. Cette méthode de session est étendue à la thérapie de groupe et de famille, à l'aide du pictogramme de groupe dans des situations ponctuelles. Notre proposition est d'utiliser un médiateur pour le travail institutionnel avec les patients psychotiques, tendant à passer à l'acte avec des traumatismes psychosomatiques due à la difficulté de communiquer seulement oralement. On croit que la ressource de pictogramme de groupe, qui est encore peu exploité dans le domaine des pratiques institutionnelles, peut faciliter l'énonciation de quelque chose qui ne peut pas être nommée ou représentée symboliquement du au peur ou aux mécanismes tels que la répression, refoulement et dénégation, entre autres. Les chaînes d'association de groupe offerts par l'utilisation du pictogramme de groupe montrent qu'il est possible de développer et de transformer en même temps: la personne que s'approprie subjectivement de l'expérience, les relations intersubjectives et le groupe, grâce au travail de l'association de groupe et les effets de intersubjectivité et interdiscursivité. Nous avons utilisé le pictogramme à des séances thérapeutiques avec des groupes et des familles dans un modèle de deux ou trois séances. Nous tenons à souligner la pertinence du pictogramme de groupe dans d'autres contextes tels que des situations traumatisantes individuels ou sociaux.

Mots clés: Chaîne associative groupale. Pictogramme groupal. Médiateur thérapeutique. Séance de thérapie de groupe. Séance de thérapie familiale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O que está no coração da mãe	150
Figura 2 – A estrada	153
Figura 3 – Lembra a infância.....	162
Figura 4 – O acolhimento	170
Figura 5 – Sujeito, grupo e processo associativo	177

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DO SQUIGGLE GAME AO PICTOGRAMA GRUPAL	21
2.1	Winnicott inspirador e pensador	23
2.2	A consulta terapêutica	28
2.3	O <i>squiggle game</i> ou jogo do rabisco	29
2.4	O primeiro caso descrito com o uso do <i>squiggle game</i>	31
2.5	O processo associativo à luz do caso de Bob	32
2.6	O modelo do <i>squiggle game</i> para a clínica psicanalítica	34
2.7	O <i>squiggle game</i> e a regra da associação livre	35
2.8	Contribuições do Winnicott ao trabalho psicanalítico com grupos	37
3	O PICTOGRAMA NA PSICANÁLISE	40
3.1	A <i>figurabilidade</i> do sonho	43
3.2	O uso do pictograma para a psicanálise	49
3.3	O pictograma grupal como objeto mediador	54
4	O MÉTODO PSICANALÍTICO: A ASSOCIAÇÃO LIVRE	59
4.1	A pré-história do associar livremente	60
4.1.1	Associacionismo	60
4.1.2	Empirismo inglês: Francis Galton	62
4.1.3	Escola de Zurique: Clínica Burghölzli	63
4.2	O interesse literário de Freud	65
4.3	Aquilo que os pacientes lhe ensinam	66
4.4	O associacionismo e os processos psíquicos	68
4.5	O método psicoanalítico	72
4.6	Conceito de associação livre	72
4.7	O inconsciente: a especificidade da associatividade	73
4.8	Adoção do associar livremente	73
4.9	Associação livre na psicanálise contemporânea	76
4.10	René Roussillon e a associatividade	77
4.11	Contribuições de André Green: arborescência	80

5	ASSOCIAÇÃO LIVRE NO GRUPO	83
5.1	A psicanálise em grupo	88
5.2	A psicanálise do grupo	91
5.3	Contribuições de Bion para experiência com grupos	91
5.4	Grinberg, Langer e Rodrigué e o grupo como totalidade psicológica	93
5.5	Foulkes e associação livre no grupo	94
5.5.1	Da discussão “livremente-flutuante” do grupo	96
5.5.2	A ressonância – associatividade.....	97
5.5.3	A matriz grupal.....	98
5.5.4	A interpretação no grupo	99
5.5.5	Associação livre de grupo.....	100
5.5.6	O controvertido associar livremente	102
6	AS CADEIAS ASSOCIATIVAS GRUPAIS	104
6.1	Questões epistemológicas	105
6.2	Da relação de objeto à teoria do vínculo	106
6.3	A intersubjetividade pensada pela psicanálise vincular	109
6.3.1	A <i>ètayage</i> , o <i>escoramento</i> múltiplo, reticular	111
6.3.2	O trabalho do pré-consciente no grupo.....	113
6.3.3	A intersubjetividade e a polifonia	116
6.4	Contribuições da obra de René Kaës	116
6.5	O aparelho psíquico grupal	118
6.6	A especificidade do conceito de grupo interno	120
6.7	A cadeia associativa grupal	122
6.8	Evolução das pesquisas sobre a cadeia associativa	124
6.9	As hipóteses de trabalho	127
6.9.1	O sujeito singular e cadeia associativa	127
6.9.2	Homologia entre cadeia associativa e grupo	128
6.9.3	Características distintivas do processo associativo grupal	130
7	METODOLOGIA	133
7.1	Instrumentos	134
7.2	Recurso ou objeto mediador	135
7.3	Procedimento	135
7.4	Cuidados éticos	136

7.5	Análise dos resultados.....	136
7.6	Utilidade da experiência com grupos preliminares	136
8	PICTOGRAMA GRUPAL COM GRUPO FAMILIAR.....	138
8.1	Grupo familiar preliminar: contexto da intervenção.....	139
8.2	O mundo em que vivemos	140
8.2.1	Relato do encontro	140
8.2.2	As cadeias associativas.....	142
8.2.3	Atendimento de um grupo familiar numa instituição	144
8.3	Aquilo que a mãe guarda no coração	144
8.4.1	Relato da primeira consulta	144
8.4.2	As cadeias associativas.....	148
8.4	A estrada	151
8.4.1	As cadeias associativas.....	152
9	AS CADEIAS ASSOCIATIVAS MEDIADAS PELO PICTOGRAMA GRUPAL COM PROFISSIONAIS DA SAÚDE MENTAL.....	154
9.1	Experiências preliminares grupais no âmbito da saúde mental	155
9.2	Do <i>tsunami</i> ao surto psicótico	155
9.3	Grupo de pesquisa	157
9.3.1	Descrição dos profissionais	157
9.3.2	Descrição do espaço e material.....	158
9.3.3	Descrição da primeira sessão.....	158
9.3.4	As cadeias associativas.....	161
9.3.5	Descrição da segunda sessão.....	164
9.3.6	As cadeias associativas.....	168
10	DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	171
	REFERÊNCIAS	178

1 INTRODUÇÃO

O grupo é simultaneamente o lugar de formação do sujeito do inconsciente e o lugar que mobiliza, recebe e transforma as formações e os processos inconscientes de cada sujeito. (Kaës, 2010).

O trabalho psicanalítico com grupos suscita nosso interesse desde os inícios da nossa formação como psicóloga. Particular relevância possui desde então a obra de René Kaës que considera o grupo indispensável para a constituição do sujeito do inconsciente e simultaneamente devido ao grupo permitir mobilizar e transformar esse sujeito. A cadeia associativa grupal é um dos conceitos elaborados por Kaës para definir a especificidade da associação livre no grupo, princípio da regra fundamental da psicanálise, que junto com a transferência e a interpretação permitem o conhecimento dos efeitos do inconsciente. De acordo com Kaës (1985, 2003, 2007), as cadeias associativas grupais articulam dois tipos de processos inter-relacionados entre si, as associações do sujeito singular e as produzidas intersubjetivamente pelos membros de um grupo. O grupo, afirma o autor, modifica as condições, processos e conteúdos das associações livres devido a determinantes intrapsíquicos, intersubjetivos e grupais; à pluralidade de sujeitos, à interdiscursividade e ao duplo eixo temporal sincrônico e diacrônico.

Em pesquisa anterior reconhecemos o valor do uso do “desenho coletivo” produzido por um grupo sobre uma mesma folha branca de papel, como um objeto mediador e facilitador do diálogo em uma intervenção institucional. Ficaram algumas questões a serem pensadas, aprofundadas e continuar sendo pesquisadas. Assim, surge o interesse em descrever especificamente o processo de associação livre que se instaura no grupo quando, no lugar de só falar, os membros do grupo desenham e dialogam juntos. No desenho coletivo estudado, aspectos inusitados, impensados se incluem de maneira semelhante a um *lapsos*, graças ao trabalho do pré-consciente, do desenhar conjunto e, fundamentalmente, aos efeitos da presença múltipla de sujeitos. (Pezo, 2009).

Conceituamos como “*pictograma grupal*” essa produção de desenhos realizados em uma mesma folha de papel pelos membros de uma configuração vincular: um grupo ou uma família. Utilizamos a palavra “pictograma” no sentido que Freud dá à pictografia como escrita para ser decifrada, desenhos que podem simbolizar e dizer como as palavras, significados que expressam, comunicam e

transmitem um sentido simbólico, compartilhado. A palavra pictograma em psicanálise é utilizada desde Freud para se referir a formas, figuração encontrada, por exemplo, no trabalho do sonho que revelam um sentido ou um significado de maneira semelhante ao hieróglifo. Figuração que vem apresentar, representar ou trazer sentidos ou significados. A nomeação *pictograma grupal* é o termo que introduzimos para fazer referência a esse processo vivido no grupo, para a construção conjunta de desenhos reveladores de sentido.

A questão que tem surgido ao longo desta pesquisa é a pertinência de usar a palavra pictograma, para se referir às figurações co-construídas no encontro intersubjetivo. Reconhecemos e distinguimos o valor do conceito introduzido por Aulagnier (1975) quando denomina como “pictograma” a representação própria do processo originário, representação que pode conviver com outras como a “fantasia” própria do processo primário e/ou “enunciado” próprio do processo secundário. Aulagnier (1975) considera que esses processos originários, primários e secundários não estão caracterizados por uma evolução genético-evolutiva, eles podem se apresentar simultaneamente. Como afirma J. Birman (1989/1991), de acordo com Aulagnier, a instância do Eu (*Je*¹), iniciado no registro do pictograma, torna-o interprete da experiência intersubjetiva, “aberto à possibilidade de transformar o sentido de suas experiências pretéritas e de remanejar o seu campo de investimentos” (Birman, 1989, p. 134). Quando utilizamos a palavra pictograma não estamos considerando que todo ou qualquer desenho corresponda a representações próprias desse registro originário. No entanto, observamos que em algumas situações de produção pictográfica conjunta, talvez, devido à regressão suscitada (pelo desenhar e por estar em grupo), a intersubjetividade parece sugerir representações pictográficas, muito próximas das correspondentes a esse registro do originário.

Quando um sujeito desenha em um grupo, inclui elementos que surpreendem devido ao fato de podermos constatar que se produz um dialogar de um desenho com o outro, e com a produção grupal como um todo. Segundo Kaës (2005, p. 18), no trabalho com grupos verifica-se a presença: do “*interdizer*” que separa e limita; do “*entredizer*” que junta e opera como passagem. Desenhar – junto com – operaria de maneira semelhante à comunicação verbal, portanto, traria elementos associativos

¹ *Je* e *Moi* são duas expressões em francês para se referir ao Eu. O *Je* ou o *Eu* é nomeado para se referir ao sujeito da ação, do conhecimento do discurso, enquanto o *Moi* para traduzir o *ich* ou o ego freudiano e o sujeito reflexivo.

que marcariam limites e interdições, passagens de maneira semelhante à verbalmente “dizer, interdizer e entredizer”.

No desenho, a função perceptivo-motora parece estar interferida pela introdução de elementos paradoxais. Enquanto se produz um desenho, dirigido pelas funções cognitivas, a consciência parece surgir simultaneamente, de maneira semelhante a um ato falho: elementos desconhecidos, inesperados e inéditos. Elementos, próprios do inconsciente que, e como no ato falho, surgem sem um propósito, sem saber o motivo, enquanto se está criando e desenhando. Constatamos que, mesmo quando se produz um desenho culturalmente conhecido como algo popular, como seria uma “casa dentro de uma simples paisagem”, a composição pode trazer esses elementos paradoxais, sendo apenas um elemento pictórico ou verbal associado a ele, capaz de desencadear conteúdos suprimidos, recalcados, desconhecidos ou encriptados pelo sujeito e pelos membros do grupo.

No trabalho institucional com pacientes psicóticos, com tendência à passagem ao ato, com traumatismos, psicossomatizações, sabe-se da dificuldade de trabalhar, apenas, verbalmente. A mediação terapêutica com o uso do *pictograma grupal*, ainda pouco explorado no campo das práticas institucionais, poderia ser um facilitador que permitisse enunciar aquilo que não pode ser nomeado ou representado simbolicamente devido ao medo, ou a mecanismos como a repressão, o recalque, a negação, entre outros. O *pictograma grupal* propiciaria simultaneamente elaborar e transformar: o sujeito, apropriação subjetiva, as relações intersubjetivas e o grupo, graças aos efeitos da intersubjetividade e da interdiscursividade.

Entende-se por discurso não só a série de palavras ou as frases utilizadas para expressar verbalmente o que se pensa ou se sente, e sim as manifestações ou expressões de conteúdos psíquicos, que ora podem ser gestuais, corporais ou mímicos. E quando se introduz como mediador terapêutico o *pictograma grupal*, essa interdiscursividade, multiplicidade discursiva compreende: o verbal, o gestual, os traços, os rabiscos, os desenhos e as diversas modificações realizadas pelos membros do grupo para produzir, sob o efeito das cadeias associativas, um pictograma no grupo.

Winnicott inspira e sustenta nosso trabalho por mostrar que é possível ter uma postura clínica e utilizar o método psicanalítico, sem necessariamente estar realizando uma psicanálise propriamente dita. Prova disso é o *squiggle game* e a consulta terapêutica. De outro lado Winnicott é um dos autores que consideramos ser precursor

das teorias psicanalíticas da intersubjetividade. Associados à obra de Winnicott, consideramos os aportes de Piera Aulagnier fundamentais, a autora resgata a essência winnicottiana e constrói uma metapsicologia do sujeito constituído subjetivamente no encontro com uma mãe sensível, capaz de ser portadora da palavra do seu bebê. A partir desse modelo teórico Kaës levanta a hipótese de que o sujeito se constitui no grupo/mãe, precisando apoiar-se/escorar no corpo, na mãe e no grupo. Winnicott não utiliza a noção de “sujeito constituído com o outro”, mas desvenda e reconhece o valor da presença viva, real do outro. Mãe, que com sua presença permite a criação de um espaço potencial, transicional, que introduz o espaço do brincar. Mãe, que com sua presença traz para a psicanálise a realidade do outro, esse outro que destrona o mundo puramente intrapsíquico. Winnicott, com suas perspicazes observações, seu tom modulado, apresenta o valor da realidade e da presença verdadeira do outro.

Utilizamos dois temas extremamente vinculados e trabalhados por Winnicott e nos inspiramos neles: o *squiggel game* e a consulta terapêutica. Na clínica vimos que o *squiggle game* apresenta um modelo associativo de construção trãnsfero-contra-transferencial, intersubjetivo. A criação do espaço potencial, transicional ou intermediário introduz um espaço de criação semelhante aos desenhos construídos na relação recíproca e mútua de um terapeuta com uma criança. Esse modelo do jogo do rabisco, além de introduzir a dupla no espaço potencial, traz importantes contribuições para a clínica psicanalítica e, em especial, para o trabalho com grupos. No *squiggle game*, sentidos e significações são construídos no “vai” e “vem”, de um “misturar” e “des-misturar” o “teu” e o “meu”, que faz possível o acesso a um “novo” que não é mais nem “meu” nem “teu”.

Dedicamos nosso primeiro capítulo para desenvolver alguns conceitos fundamentais da obra do Winnicott a fim de sustentar a hipótese que norteia nosso trabalho, que haveria processos associativos entre os rabiscos, traços e desenhos, entre essas produções pictográficas e as narrativas ou ficções expostas. Winnicott descreve clinicamente seus achados, mas não parece interessado em conceituá-los. Outros autores vão dar nome e conceituar alguns desses achados winnicottianos, entre os quais destacamos: A. Green (1975), D. Widlöcher (2006/2012), L. Farley (2012), R. Roussillon (2010), Jan Abram (2012).

Winnicott no relato dos casos atendidos com o *squiggle game*, com maestria mostra processos de associação mútua ou co-associativos. Apresenta uma

modalidade de intervenção psicanalítica com crianças atendidas em um ou dois encontros, que denomina consulta terapêutica, que tem como essência o uso do método psicanalítico, sem por isso se tornar uma psicanálise propriamente dita. Estendemos e ampliamos esse modelo da consulta terapêutica com crianças e adolescentes para o atendimento de grupos e famílias com o uso do *pictograma grupal*. As consultas terapêuticas se caracterizam por serem encontros breves com finalidades pontuais, entre as quais destacamos: diagnosticar o momento de vida de uma família ou um grupo, vivenciar uma experiência de formação profissional, realizar uma reflexão específica, trabalhar uma situação de sofrimento, de perda ou uma vivência traumática. Ao longo das experiências que realizamos duas das quais apresentamos nos capítulos oito e nove, temos comprovamos a utilidade da mediação terapêutica com o uso do pictograma grupal para trabalhar um grupo, quando vive uma situação particularmente traumática.

O processo associativo é abordado no capítulo quatro, sob o título do método psicanalítico e a associação livre. Antes de Freud descrever a associação livre como um dos princípios fundamentais do método psicanalítico, a associatividade foi reconhecida como uma característica própria dos processos psíquicos e mentais. As teorias da associatividade são apresentadas nesse capítulo como teorias que desde Aristóteles pretendiam explicar alguns processos mentais. Quando Freud se autoanalisa, reconhece que processos associativos facilitam o acesso aos conteúdos recalçados. E, enquanto trabalha com suas histéricas, descobre, graças a algumas considerações dessas pacientes, a necessidade de “deixá-las livres de sugestões ou pressões” Só será em 1904 que Freud descreve associação livre como um dos fundamentos do seu método.

Para aceder com maior facilidade aos conteúdos recalçados, Freud descobriu um método que tem como pilares a associação livre do analisando, atenção flutuante do analista, a transferência e a interpretação. O objetivo do método é o conhecimento do inconsciente, que se “manifesta através de seus efeitos na repetição, no discurso da associação livre e na transferência.” (Kaës, 2007, p. 169). Kaës (2007, p. 169) destaca que na situação de grupo há uma modificação das “condições, os processos e os conteúdos” das cadeias associativas. Embora, como ele confirma, “o objetivo metodológico é sempre o mesmo: fazer possível, por meio da regra fundamental, de análise das transferências e da interpretação, o conhecimento dos efeitos do inconsciente” (Kaës, 2007, p. 169).

Roussillon (2010, 2013) observa que poucos trabalhos científicos têm abordado temas como o inconsciente e a associação livre, desde Freud. Destacamos em especial as contribuições de Green e Roussillon para pensar algumas questões próprias do processo associativo, úteis para ser pensadas no grupo. Sair de uma abordagem psicanalítica exclusivamente centrada no intrapsíquico para a intersubjetividade é uma tarefa necessária, e difícil. A teoria psicanalítica da intersubjetividade tem uma utilidade não só para escutar o indivíduo, como para trabalhar com grupos, crianças, psicóticos, e algumas patologias, que evidenciam as falhas na constituição dessa subjetividade com uma presença/falha/ausência do outro. Não se trata de mudar ou substituir conceitos psicanalíticos, mas considerá-los à luz da intersubjetividade, e é justamente essa virada que autores como Winnicott e Foulkes vislumbram na década de 70. Winnicott sustenta a necessária presença do outro e mostra processos associativos mútuos, da dupla analista-paciente. Foulkes, por exemplo, descreve um processo que denomina “*discussão livremente flutuante*” condensando com essa palavra a atenção flutuante prerrogativa do analista e a associação livre necessária da parte do paciente. E, posteriormente, afirma que o processo associativo no grupo é interferido pela presença dos outros no grupo.

Os processos associativos no grupo são descritos no capítulo cinco. Em especial discutimos a maneira como a associação livre foi difícil de ser pensada pelos primeiros psicanalistas que abordaram os grupos. Apresentamos os aportes dos psicanalistas que utilizam o grupo para realizar uma “psicanálise em grupo” e os que consideraram o grupo como uma entidade, um todo e realizavam uma “psicanálise do grupo”. Alguns conceitos abordados por Foulkes são descritos sucintamente, enquanto eles esclarecem a maneira como esse autor pode pensar a associação livre no grupo, apesar das reticências, dos receios de não estar sendo fiel à psicanálise padrão. Para muitos desses primeiros psicanalistas a incursionar no campo grupal, a associação livre apenas estava destinada a ser trabalhada numa psicanálise padrão. Será a teoria da intersubjetividade que permitirá mudar esse panorama, pensando que existem inscrições do inconsciente em outros espaços que não apenas no espaço intrapsíquico. Hipótese que leva Kaës postular e afirmar que, quando se utiliza o dispositivo vincular, evidencia-se que inscrições do inconsciente se dão simultaneamente nos diversos espaços: intrapsíquico, intersubjetivo, transubjetivo e no grupo.

No capítulo seis antes de apresentar o conceito de cadeia associativa grupal, apresentamos alguns conceitos que consideramos fundamentais, como diferenciar:

relação de objeto e vínculo, a teoria psicanalítica da intersubjetividade, o conceito de apoio, ou escoramento múltiplo e reticular, o trabalho do pré-consciente e o conceito de polifonia. Apresentamos também dois conceitos trabalhados por Kaës: o aparelho psíquico grupal e os grupos internos com o objetivo de apresentar elementos que permitem ou esclarecem o entendimento daquilo que Kaës denomina como cadeia associativa grupal.

René Kaës² psicanalista francês, que trabalha com grupos desde a década de 70, destaca-se por suas contribuições teóricas, epistemológicas e clínicas ao campo grupal. De acordo com Kaës, a cadeia associativa no grupo revela que aquilo que cada sujeito enuncia, manifesta verbal ou corporalmente induz naquele que escuta um afeto, uma lembrança, um sentido que descobre dentro em si mesmo e que estava encoberto ou recalcado. O trabalho com grupo confronta o sujeito consigo mesmo, com o outro, e com mais do que outro. Conecta aspectos intrapsíquicos e produz vínculos ou conexões intrapsíquicas, intersubjetivas, transubjetivas, entre os membros que compõem um vínculo, graças aos efeitos da interdiscursividade.

Kaës (1994) distingue dois tipos de cadeias associativas: do sujeito singular e do grupo sustentados pela regra fundamental e a transferência. Os enunciados aparecem sempre no ponto de articulação desta dupla cadeia. Quando o enquadre grupal preserva a regra fundamental de associar livremente no grupo, estabelece-se entre os dizeres e não-dizeres dos membros, aquilo que denomina *cadeia associativa grupal*. A cadeia associativa no grupo revela: aquilo que cada sujeito enuncia, manifesta verbal ou corporalmente, induz naquele que escuta um afeto, uma

² Psicanalista, pesquisador da Universidade de Lyon, membro do Ceffrap, realiza seu doutorado em Psicologia, dirigido por Serge Moscovici y de Didier Anzieu. O Ceffrap, instituição fundada por D. Anzieu em 1962, se destaca por ser um espaço de trabalho com uma dinâmica valiosa. Este grupo formado por universitários, psicólogos e médicos, posteriormente só por psicanalistas, tem como objetivo estudar, sob uma perspectiva de “pesquisa ativa”, a psicodinâmica dos pequenos grupos. Kaës reconhece o grande valor da instituição, “atravessada, animada ou paralisada pelos efeitos do inconsciente” e que organiza a vida psíquica dos participantes. Não é só um lugar de reunião daqueles que teorizam ou trabalham com grupos, eles questionam constantemente a função do psicanalista quando se trabalha com grupos. Orientam o estudo deste grupo as articulações que Freud sublinha entre o indivíduo e o grupo humano; interessados neste campo tanto nas análises individuais, grupais ou institucionais. Kaës lembra que Didier Anzieu diz: “que só um grupo pode analisar e compreender um grupo, com a condição de que este grupo se proponha a trabalhar sobre os próprios funcionamentos, sobre as próprias elaborações e [...] impasses” (Kaës, em entrevista para a Revista *Psicanálises e Intersubjetividade* (2010). Destacou-se por suas pesquisas no âmbito das Universidades recebendo o título *Professor Honoris Causa* das Universidades de: de Bruxelas, de Guadalajara no México, de Buenos Aires, A Nacional e Kapodistriana de Atenas. Ele ditou um Seminário na Universidade de São Paulo, em outubro de 2002, uma coletânea de doze conferências reunidas no livro “*Espaços Psíquicos Comuns e Partilhados*”, organizado pela professora Maria Inês Assumpção Fernandes.

lembrança, um sentido que descobre dentro de si mesmo e que estava encoberto pelo recalque. O trabalho com o grupo confronta o sujeito consigo mesmo, com o outro, e com mais do que outro. Conecta e produz vínculos ou conexões intrapsíquicas, interpíquicas, intersubjetivas, transubjetivas, entre os membros, graças aos efeitos da interdiscursividade.

O processo associativo se sustenta na possibilidade de o sujeito reconhecer a palavra como própria. No entanto, precisa, quando está no grupo, que a palavra associada seja reconhecida por outro sujeito, e “poder reconhecer nela significantes que não estavam disponíveis” (Kaës, 1991, p. 12). O trabalho do grupo é mantido pelo descobrimento de que “o outro se constitui na separação e correlativamente um Eu que o pensa” (Kaës, 1991, p. 139). Kaës (2005) introduz a *interdiscursividade* para assinalar que, na situação de grupo, não se trata apenas de uma pluralidade de discursos, e sim de um discurso, que faz um efeito no discurso do outro, um “entre falar” ou *interdiscursividade*. A produção de um sujeito suscita associações no outro. Mesmo os silêncios, os gestos provocam efeitos de diversa ordem em cada sujeito e no grupo. Todos esses aspectos são próprios da noção de *interdiscursividade* (Pezo, 2009, p. 101).

A palavra, com suas cadeias de associação livre, recurso central do método descoberto por Freud, com pacientes psicóticos e com crianças precisou, então, encontrar outras formas de linguagem e comunicação. Formas de comunicação como o brincar, desenhar, modelar, que embora não privilegiem a palavra, servem para mediar e facilitar que conteúdos psíquicos, que não podem ser expressos através das palavras, encontrem uma via de acesso. Desde os primórdios da humanidade, vimos que a produção pictográfica serviu para dizer, falar, através de desenhos, pinturas: palavras e sentidos. O uso deste tipo de recursos (desenhar, pintar, modelar, dramatizar), hoje denominados “objetos mediadores”, dão acesso a um dizer sobre aquilo que está recalcado, *forcluído*, negado. Constatamos, desta maneira que a ampliação do método psicanalítico para outras faixas etárias e outras patologias requereu repensar o método, adequá-lo a encontrar correspondências que sustentassem a sua essência. As práticas com crianças, psicóticos, com pacientes psicossomáticos, mais recentemente, permitiram que outras modalidades de linguagem fossem privilegiadas e utilizadas. Neste sentido são fundamentais os estudos atuais, que buscam dar um lugar teórico e metapsicológico às múltiplas

práticas dos últimos vinte anos, com objetos mediadores³ ou mediações terapêuticas. Neste sentido são fundamentais as contribuições de M. Milner (1958), B. Chouvier, A. Brun, R. Kaës, R. Roussillon (2003, 2010, 2013).

A hipótese que norteia este estudo é reconhecer quais as peculiaridades, as características, as nuances das cadeias associativas, quando introduzimos o *pictograma grupal*. Quando, para além da palavra, se inclui no grupo um mediador terapêutico, como o *pictograma grupal*, o processo associativo deve apresentar marcas específicas. Entre elas, uma cadeia associativa de traço para desenho; de desenho para desenho; de desenho para discurso. Com o objetivo de trabalhar essa hipótese no capítulo VI apresentamos a metodologia do trabalho, e nos capítulos VII e VIII algumas situações clínicas são expostas, relatadas e os desenhos produzidos apresentados.

Destacamos que tanto no capítulo oito como nove apresentamos dois grupos que tiveram vivências especialmente traumáticas e que, graças ao *pictograma grupal* puderam ser reveladas. As cadeias associativas grupais mostraram e confirmaram as hipóteses aqui levantadas. Uma discussão e conclusões são apresentadas no capítulo dez. Ainda, ficam questões a serem pensadas e trabalhadas. Uma delas é considerar que os processos associativos, independentemente do mediador utilizado permitem reconhecer o trabalho psíquico que o grupo e o mediador utilizado impõem. Será graças a essas cadeias associativas que os membros do grupo podem elaborar, perlaborar e se apropriar subjetivamente daquilo que, vivido de maneira traumática, deixa marcas no sujeito.

O trabalho com mediadores terapêuticos mostra o valor desse tipo de recurso em situações em que é difícil expressar verbalmente o sentimento, o medo, angústia, devido às defesas que operam travando a possibilidade de elaborar e simbolizar a experiência. O *pictograma grupal* é um recurso que pode ser muito útil para o trabalho com grupos, famílias e instituições que estão com dificuldades em comunicar suas experiências. Trabalhar as cadeias associativas permite reconhecer que uma postura clínica, o uso do método psicanalítico, mesmo em uma situação não padrão, é de grande valor para comprovar os efeitos do inconsciente no trabalho grupal, as mudanças que esse trabalho opera no intrapsíquico, intersubjetivo e no grupo.

³ Hoje há uma multiplicidade de objetos mediadores sendo utilizados no trabalho com crianças, com pacientes psicóticos, psicossomáticos, entre os quais se destacam: modelagem, música, fotografias, contos, filmes, entre outros.

2 DO SQUIGGLE GAME AO PICTOGRAMA GRUPAL

Consideramos que a teorização sobre alguns processos e fenômenos grupais e o uso de objetos mediadores no trabalho com grupos, como o *pictograma grupal*, encontram nas descobertas winnicottianas alguns dos seus alicerces, Entre os quais se destaca que para todo ser humano existir, constituir-se psicologicamente é necessária a presença verdadeira do outro: mãe-ambiente. Winnicott cria modalidades de intervenção clínica, que utilizam o método e a teoria psicanalítica, sem ser uma psicanálise propriamente dita. Assim, destacamos a consulta terapêutica e o uso do *squiggle game* como modelos de intervenção que se caracterizam por ser um breve, intenso e pontual encontro lúdico com um paciente. Essas modalidades servem de inspiração para a proposta de convidar os membros de um grupo a produzir, associar conjuntamente desenhos, palavras, histórias. Estendemos estes procedimentos para consultas terapêuticas com um grupo familiar e/ou um grupo de natureza formativa, terapêutica ou reflexiva. Outro aspecto que interessa ressaltar é que a essência das experiências com o *squiggle game* mostra processos associativos, encadeamentos ou cadeias associativas, que incluem formas não verbais: elementos figurativos, produções sensório-perceptivo-motoras, rabiscos e desenhos.

A liberdade como fundamento da proposta winnicotiana nos levou a utilizar o *squiggle game* com crianças nos primeiros encontros, antes de iniciar um processo terapêutico, com o objetivo de reconhecer alguns elementos fundamentais para iniciar uma terapia com uma criança, tais como: capacidade para brincar, imaginar, reconhecer conteúdos desconhecidos como próprios, *insights*⁴, assim como o tipo de relação que a criança tem com suas criações e com o terapeuta. Surpreendentemente, uma vez iniciado o processo psicoterapêutico, algumas dessas crianças se serviam dessa brincadeira para se expressar, sem utilizar os brinquedos da caixa lúdica oferecida, passando a se comunicar prioritariamente através dos rabiscos-desenhos. A potencialidade do recurso, desse desenhar junto com, dizer junto com, e endereçar em transferência (rabiscos, desenhos, palavras) para alguém, nos levou a experimentar esse desenhar junto com “outro”, para um desenhar junto com “outros”, no âmbito de consultas terapêuticas com grupos e com famílias. Assim:

⁴ Mannoni sugere traduzir como “*perspicácia*” ou como “intuição sobre si mesmo” (1959/1987, p. 66).

Desenhar, rabiscar, tornar a desenhar com o outro, mais do que uma técnica é um espaço de criação e compartilhamento de desenhos/rabiscos e associações verbais, no qual o analista está à procura do inédito, do inconsciente, do surpreendente, ou com as palavras do próprio autor de “pescar os sonhos”. O desenhar que ensina é o da criação e o do submergir no significado a ser decifrado e construído, o da história conjunta: da transferência e dos fatos corriqueiros comuns (Pezo, 2009, p. 64).

A partir dessa experiência de mutualidade e construção de significados e sentidos próprios do *squiggle game* – rabiscos e desenhos – que como “gestos”, se fazem “palavras”, em trabalho anterior⁵ utilizamos a experiência clínica com crianças do *squiggle game* no início de consultas terapêuticas, como inspiração para convidar os membros de um grupo, para desenharem juntos, quando iniciávamos um grupo de formação ou de intervenção. Solicitamos desenharem juntos em uma mesma folha de papel. O objetivo da pesquisa anterior foi verificar se o desenhar coletivo poderia atuar de maneira semelhante ao *squiggle game* da consulta terapêutica e se poderíamos nomeá-lo como “um objeto mediador”. Ou seja, se o recurso permitiria abrir uma comunicação e diálogo entre os membros do grupo, se facilitaria a apresentação de representações psíquicas, conteúdos inéditos, significativos, conscientes e inconscientes, comuns e compartilhados, individuais, intersubjetivos e grupais.

Reconhecemos esse “*desenho coletivo*”, como um objeto mediador útil para o trabalho com um grupo. Nesta pesquisa passamos a denominá-lo “*pictograma grupal*”, uma vez que, a palavra “pictograma” remete ao nome dado na cultura às representações pictóricas, consideradas como as primeiras formas de escrita da humanidade. Usamos, assim, a palavra pictograma por conotar semanticamente que se trata de uma composição pictórica, que apresenta um sentido ou um significado, e por ter uma função semelhante à palavra.

Utilizamos e definimos “*pictograma grupal*” para nos referir à composição pictórica realizada em uma mesma folha de papel pelos membros de um grupo. É uma composição caracterizada por ser uma coprodução de múltiplos rabiscos e desenhos singulares que, conjugados, podem formar: (1) pequenas produções individuais, dispostas uma ao lado da outra como uma “colcha de retalhos” ou (2) uma totalidade ou um desenho único, conjuntamente composto por múltiplas mãos e completado como um quadro ou representação harmoniosa de uma unidade (paisagem, uma

⁵ Trabalho de dissertação de mestrado intitulado: “*Do squiggle da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional*” (Pezo, 2009).

casa). Estas composições realizadas de maneira conjunta possuem uma dimensão psíquica diferente da produzida no enquadre individual, quando se solicita, por exemplo, um “desenho livre” a um adulto ou a uma criança. O fato de ser realizado dentro de um enquadre grupal caracterizaria essa produção como desenho(s) atravessado por dimensões intrapsíquicas, intersubjetivas e transubjetivas. O *pictograma grupal* se compõe de: traços, desenhos, cores, figuras, combinações que enunciam representações: de palavra, simbólicas, sentidos e metáforas ou representação de coisa, objetos combinados de modo metonímico. Os desenhos se produzem como formações intermediárias: entre o interno e o externo, o inconsciente e a consciência, o singular e o plural, a realidade psíquica individual e a realidade.

Consideramos que o modelo do *squiggle game* utiliza e transfere as descobertas freudianas sobre o trabalho do sonho para os desenhos-rabiscos. O *squiggle* utiliza a imagem pictográfica como uma linguagem privilegiada assim como o sonho se utiliza de imagens. O modelo do “trabalho do sonho”⁶ proposto por Freud é colocado a serviço da brincadeira, e “cada figura” pode evocar uma “palavra”. Freud sublinha: “empenho-me em *substituir cada figura por uma sílaba ou uma palavra* aquela que é capaz de *figurar* em virtude de uma referência qualquer.” (Freud, 1900/2011, p. 286, itálico nosso).

2.1 Winnicott inspirador e pensador

Green (2005), no livro *Jouer avec Winnicott*, descreve Winnicott como um grande pensador, um tipo de “pensador espontâneo”. Sublinha que o pensamento dele está “profundamente ligado à experiência”, que convida à reflexão (Green, 2005, p. 87) e, acrescentaríamos, a recriá-lo e inventar junto com ele. Para Green, Winnicott se inscreve como um autor que dá continuidade à obra de Freud: “O autor, efetivamente, não rompeu com ele, o que ele fez foi completar sua obra” (Green, 2005, p. 14). Green (1978) afirma que, depois de Freud, Winnicott é o psicanalista que teria chegado mais longe na “reflexão sobre a experiência dos limites e do pensamento paradoxal”⁷ (Green, 1978, p. 23).

⁶ No livro *a Interpretação dos Sonhos* (1900), no Capítulo VI.

⁷ Paradoxo é uma proposição ou opinião contrária à comum. Aparente falta de nexos lógicos; [...] argumento que contraria princípios básicos e gerais que costumam manter o pensamento humano, ou a opinião como sabida. (Houaiss, 2001, p. 2127). “Ela é uma afirmação que parece absurda, ainda

Winnicott, na prática pediátrica com crianças pequenas, inicialmente, propõe-se observar a criança junto com a mãe, num dispositivo que consiste em oferecer à criança uma espátula e ver de que maneira a utiliza. Em toda observação, como bem lembra Rodriguez (2011), não se intervém, mas o que Winnicott mostra é que nessas observações algo se transforma. Ele faz com que esse encontro tenha um valor terapêutico e deixe de ser simplesmente uma observação para ser o que denomina, ulteriormente, “consulta terapêutica”. O dispositivo do jogo da espátula lhe traz surpresas que vão desde a criança tocar e pegar a espátula até jogá-la para bem longe, para logo pedi-la de volta e, assim, um sem-fim de situações sensório-motoras. O jogo da espátula (*spatula game*) é o dispositivo criado para observar crianças pequenas, na década de 30. Poucos anos depois, com crianças mais velhas, inventa outro recurso o *squiggle game* ou o “jogo do rabisco”.

A frase instigante “*não existe bebê sem a mãe*”⁸ surge dessa prática de anos de observação do vínculo mãe-bebê. Ela é uma proposição que permite pensar que não existe um bebê sem uma mãe que cuide e se ocupe dele e vice-versa que não existe ser “mãe”, se não estiver se ocupando com um filho. Cabe afirmar que o desenvolvimento humano unicamente se dá graças a essa constante inter-relação do “conjunto ambiente/recém-nascido” e que esse embrião “contém um ser-no-mundo em potencial” (Chamand, 2010). Para um bebê ter existência precisa do outro, de uma relação recíproca com um ambiente/mãe capaz de sustentar, incumbir-se, e lhe apresentar os objetos. Quando se afirma uma relação recíproca, enfatiza-se que se trata de uma relação na presença verdadeira do outro(s). Por conseguinte, não se trata da relação de objeto desde o ponto de vista kleiniano⁹.

Saul Peña (1998), psicanalista peruano, em algumas comunicações livres e em textos sobre “*O Pensamento de Winnicott*”, caracteriza Winnicott como uma pessoa singular, “inclusive no inesperado, capaz de comunicar uma experiência viva (*poiesis*¹⁰)”. Essa experiência “viva” está intimamente relacionada com a criatividade,

que talvez esteja realmente bem fundamentada. *Talvez*: tudo se encontre nesta aceitante abertura” (Green, 1978, p. 23).

⁸ Pontalis dirá: “*A criança cria a sua mãe tanto como ela a cria*” (Pontalis, 1978, p. 72).

⁹ *Relação de objeto*, expressão utilizada pelos sucessores de Sigmund Freud para designar as modalidades fantasísticas da relação do sujeito com o mundo externo. (Roudinesco, 1994, p. 552). Descrita pela Escola Britânica de Psicanálise com seus expoentes Balint (1935, 1957), Ronald Fairbairn (1944), Melanie Klein (1934, 1937).

¹⁰ *Poiesis* é uma palavra grega que se utiliza para dizer do ato criativo. É derivada de fazer ou criar. Platon no Banquete utiliza a palavra como “*a causa que converte qualquer coisa que consideramos do não ser ao ser*”. Pode ser uma forma de conhecimento e também uma forma lúdica, que não exclui o brincar.

uma vez que estar vivo implica poder brincar e ser criativo. Peña (1998, p. 1) acrescenta que Winnicott “integra aspectos de profundidade subjetiva e cognitiva que brotam espontaneamente, priorizando a comunicação de inconsciente para inconsciente”. A essência do processo psicanalítico, nessa perspectiva, “*é descobrir e compartilhar – analista e paciente – mutuamente a ‘distintividade’ e a ‘mismidade’¹¹ e a identidade de cada um e da relação, na continuidade e num espaço*”. Winnicott destaca e desenvolve o lugar da presença do outro para a psicanálise, uma presença que permite a passagem, a transformação do objeto natural em objeto simbólico (Peña, 1998, p. 1).

A possibilidade de amadurecimento psíquico exige algumas passagens, como da dependência absoluta à independência relativa, da não integração¹² à integração. E o acompanhamento desses processos se dá graças à função de uma “*mãe suficientemente boa*”, capaz de apresentar os objetos, sustentar (*holding*) e “*estar encarregando-se do seu bebê*” (*handling*¹³). A mãe, no momento em que oferece oportunamente a seu bebê o peito ou mamadeira, concede a ilusão de tê-lo criado. Essa experiência de ilusional e, simultaneamente, aceder ao peito atribui uma existência real às experiências, como por exemplo, poder vivenciar o amor e o ódio sem isso representar uma ameaça. A função do “*holding*” materno (sustentar, suportar, amparar) significa a presença de uma mãe capaz de proteger seu bebê dos perigos externos, considerar as necessidades físicas, sustentar e impedi-lo de cair e instalar cuidados quotidianos que lhe permitem estar íntegro. Pontalis (1978) aponta que o *holding* é a presença de uma mãe diferente de ser um peito que alimenta, “dá ou nega”. A presença de uma mãe –suficientemente boa - “é um banho de palavras, são as miradas, os sorrisos, o contato, braços que *sustêm*; o que se denomina a falta de um giro melhor, o meio circundante” (Pontalis, 1978, p. 72). Esses cuidados colocam o bebê em contato com uma realidade externa, que lhe fornece referências e segurança, necessárias para a integração temporal e espacial. A manipulação, estar

¹¹ *Distintividade*: (*distinctiveness*) qualidade de distinguir e ou caracterizar algo. *Mismidade* é utilizado para falar de si mesmo, daquilo que seria marca própria (comunicação pessoal).

¹² No português encontra-se traduzido “*desintegração*”, no lugar de “não integração”. Para Winnicott trata-se de um processo de amadurecimento, prévio à integração. A “desintegração” supõe que houve uma integração anterior a se desintegrar. E Winnicott enfatiza um estado inicial de caos. Questão advertida pelo especialista argentino da obra de Winnicott, revisor técnico de textos editados pela Paidós. Jorge Rodriguez (comunicação pessoal em 13 de novembro de 2013).

¹³ *Handling* usualmente é traduzido como “manipular o bebê” ou “manutenção”. Jorge Rodriguez, no texto “*Ver lo Invisible*”, sugere traduzir como “estar se encarregando”, já que a “manutenção” é reservada para manipular máquinas (comunicação pessoal, em 13 de novembro de 2013).

se encarregando, se incumbindo ou o “*handling*”, permite que o bebê se sinta cuidado e possa ir integrando paulatinamente seu corpo à vida psíquica.

A partir dessas observações, da importância do ambiente para o desenvolvimento psíquico, da função materna, Winnicott coloca a ênfase na clínica psicanalítica, do analista ser capaz de prover um ambiente suficientemente bom e ser utilizado pelo paciente: aceitar as fantasias, o amor e a agressividade. Conseqüentemente, o terapeuta deve oferecer de maneira semelhante, à mãe um “*holding*” apropriado à experiência do viver e do brincar. Outro aspecto necessário para o processo andar é que o analista ou o terapeuta precisa criar uma relação profunda, íntima, que simultaneamente exclua qualquer contato que não seja efetuado por vias psíquicas. Green propõe pensar a função analítica como a metáfora do *holding* descrito por Winnicott como um “ninar extracorpóreo”. A função analítica deve criar um espaço que denomina “*interanalítica*”, um lugar do “*entre*”, do “encontro das realidades psíquicas do analisando e do analista” (Green, 1978, p. 14).

Nesse sentido, Winnicott valoriza uma comunicação não dogmática e fechada em pressupostos teóricos, à procura de um encontro profundo com o paciente, sob a forma de perguntas e respostas tecidas na mutualidade; estimula figurar e colocar em palavras os sonhos, a imaginação; reconhece o valor do encontro como particular e único, singular e lúdico. Para ele todo paciente precisaria ser capaz de brincar “*antes de oferecer-lhe uma interpretação*”. (Rodríguez, 2011, p. 18). Certamente, é necessário também um analista lúdico capaz de brincar e criar sentidos junto com o analisando. Um brincar que se dá na superposição de duas áreas, do analista e do analisando, no espaço de criação mútua, com um analista capaz de reconhecer quando entrar e quando sair. E, simultaneamente, produzir com o outro, rabiscos, desenhos, falas, lembranças, sonhos, criações, a partir de um interjogo lúdico. Em consequência, facilitar “rabiscar” e “completar”, seja com rabiscos ou desenhos; esboçar e/ou construir juntos uma história. Se surgir uma frase incongruente ou dissonante, o terapeuta ser capaz de colocar palavras que possam dar musicalidade ou poesia, abrir e criar possibilidades, no lugar de fechar com enunciados dogmáticos e/ou interpretativos. E, fundamentalmente encontrar sentidos “junto com” o paciente, ou melhor, ainda, que seja o paciente que os encontre e descubra.

Em suma, a psicanálise recebe de Winnicott algumas contribuições importantes: uma visão que vai além da teoria da libido e da pulsão, da divisão entre um mundo psíquico interno e um mundo externo, com a necessária adaptação do

indivíduo à realidade; da interpretação como ato exclusivo de tornar consciente o inconsciente. O autor incorpora a função da mãe-ambiente para constituição do Eu do bebê e reconhece o valor da ilusão e desilusão, da criatividade, da destruição sem cólera. Descreve a teoria do “*self*”¹⁴ da comunicação e da não comunicação; a passagem da dependência absoluta para a independência e da não integração (do caos, *unthinkable agonies*) para a integração progressiva (do corpo, do tempo e do exterior ou alteridade); o valor do viver, do *experienciar*¹⁵, da confiança, do rosto materno como antecessor do espelho. Cria o objeto, o espaço e os fenômenos transicionais, que são conceitos centrais à sua obra e de grande valor para desenvolvimentos teóricos posteriores.

As considerações e contribuições apontadas estão acompanhadas de uma postura clínica irreverente como pediatra e como psicanalista. A essência da sua postura é a liberdade para criar e inventar. Ensina que se pode pensar e atuar utilizando os fundamentos do método descoberto por Freud, sem necessariamente estar atuando naquilo que ele vai denominar uma “psicanálise pura”. Como pediatra, desde os inícios da sua prática, descobre maneiras de brincar com a criança e intervir que serão as bases para seus posteriores descobrimentos. De acordo com Abram¹⁶ (2012), considera que a teoria sobre o brincar está presente em Winnicott desde a década de trinta, quando, como pediatra, desenvolve uma teoria sobre o brincar, através do “*spatula game*”, brincadeira que lhe permite acessar as dificuldades emocionais da criança numa primeira consulta (Abram, 2012, p. 310).

Essa observação da situação fixa com o uso do jogo da espátula antecipa aquilo que para Winnicott é a essência do trabalho psicanalítico: oferecer ao paciente um espaço suficientemente amplo (concreto e figurado) que sirva para ser habitado, explorado, de acordo com o ritmo do paciente: com idas e com voltas, avanços e retrocessos e sustentado na transferência. O terapeuta poder ser utilizado, descartado ou maltratado: o essencial é ele sobreviver.

O jogo da espátula, *Spatula game*¹⁷, é um dispositivo que lhe permite inventar outro, a consulta terapêutica. Rodriguez (2011) aponta que se trata de um trabalho

¹⁴ *Self* ou mim.

¹⁵ Utiliza-se *experienciar* para traduzir o conceito de *Experiencing*. Segue-se Jorge Rodriguez, que coloca o acento no processo e o movimento temporal. Conserva o presente contínuo do inglês. (comunicação pessoal em 13 de novembro de 2013).

¹⁶ No artigo: “*D.W.W’s notes for the Vienna Congress 1971*”

¹⁷ Winnicott: *Clinical Notes on disorders in childhood* (1931); *Appetite and Emotional Disorder* (1936); *The observation of Infants in set situation* (1941). Escreve sobre a experiência na *Paddington Green Clinic*.

privilegiado, que mostra sua originalidade, “como passa de pensar e trabalhar de uma maneira a outra ou, melhor, como convivem ambas” (Rodriguez, 2011, p. 17). As observações lhe mostram mudanças inesperadas, na maneira como a criança e a mãe se vão transformando no processo. Para Rodriguez, nessa observação temos “os ingredientes que, segundo Freud, fazem que algo *seja psicanálise*” (Rodriguez, 2011, p. 17, itálico nosso).

A partir desse modelo aspectos teóricos relevantes são desenvolvidos: o “objeto transicional”, o *squiggle game* e a postura analítica. Da mesma maneira como Winnicott oferece à criança “a espátula concreta” para explorar, com crianças mais velhas ele oferece como um objeto, um “rabisco” para que façam com ele o que desejam. Certamente, o importante é o objeto ser enxergado, oferecido por outro, ou também como se “formasse parte do outro”. Os *squiggles* compartilham a qualidade da espátula, do objeto transicional e do analista, ou seja, objetos a serem utilizados para permitir simbolizar, representar. Para Winnicott o que interessa não é o objeto e sim o uso que a criança faz dele: criar, refletir, imaginar, simbolizar. (Winnicott, 1958/1979, p. 79).

2.2 A consulta terapêutica

A *consulta terapêutica* serve para Winnicott denominar um breve e intenso encontro que tem a qualidade de ser terapêutico. Diferentemente de uma psicanálise, a consulta terapêutica ocorre no espaço de um encontro singular ou único. O tempo e a frequência dependem daquilo que o terapeuta considere necessário pode ser uma ou duas sessões. Em um dos casos relatados, por exemplo, Winnicott afirma “apostar” que o “ambiente” tem a capacidade de ajudar com sua presença “suficientemente boa” e a criança não precisa retornar.

Nestas consultas terapêuticas, a liberdade de brincar é o fundamental e não a interpretação do material inconsciente. Os desenhos produzidos nas consultas terapêuticas, embora possam ser projeções de material inconsciente, servem para desencadear processos associativos produzidos no encontro trãnsfero-contratransferencial¹⁸ e não para ser “interpretados” como se faz com a técnica projetiva do desenho. Os desenhos convidam para leitura aberta para a “multivocidade” da palavra,

¹⁸ René Kaës dá o nome a essa maneira de referir-se à transferência e contratransferência. Para ressaltar uma dinâmica e um processo de um contínuo estar, devir, um intrincado no outro.

do inconsciente, como Freud assinala, ou para a “polifonia de sentidos”, como Safouan (1982) sugere sobre o pictograma. Sobre a interpretação dos desenhos, Winnicott alerta para aquilo que ele denomina uma interpretação “grosseira”:

Alguém pode possuir uma leve tendência doutrinária e pensar que todas as cobras são símbolos fálicos, e é claro que podem ser. Contudo, se pegar o material primitivo e as raízes do que um pênis pode significar para uma criança, ver-se-á que o desenho feito pela criança de uma cobra pode ser a configuração do eu (*self*) que ainda não usa braços, dedos, pernas e artelhos. Podem-se ver quantas vezes pacientes não conseguem exprimir um senso do eu (*self*) porque o terapeuta interpretou uma cobra como um símbolo fálico. Longe de ser um objeto parcial, uma cobra num sonho ou fobia pode ser um *primeiro objeto integral*. (Winnicott, 1971/1984, p. 18).

Desta maneira, afirma na consulta terapêutica: “não faço interpretações” “espero até que o traço essencial da comunicação da criança seja revelado”. Portanto: “Assim digo sobre o traço essencial”. Esse “dizer” não é apenas uma comunicação verbal; pode ser “rabiscar” ou “desenhar”. Esse traço essencial pode ser uma sinalização, uma pergunta ou um convite para falar sobre aquilo que imagina ou sonha. Conclui a citação dizendo: “mas o mais importante não é tanto eu falar quanto o fato de a criança ter encontrado alguma coisa”. (Winnicott, 1971/1984, p. 79).

2.3 O *squiggle game* ou jogo do rabisco

O *squiggle game* ou jogo do rabisco é uma brincadeira que consiste em oferecer um rabisco – realizado de olhos fechados – para ser completado com um desenho. Enquanto se produzem rabiscos-desenhos estabelece-se um diálogo, um tipo de conversação entre o terapeuta e o paciente, que tem como intuito manter o processo associativo, associar as produções pictóricas com lembranças e com sonhos e estabelecer sentidos possíveis, entre: os rabiscos, desenhos, palavras, sonhos e histórias com o intuito de construir e reconstituir a história do sujeito. Os relatos e descrições com o *squiggle game*¹⁹ mostram um trabalho cuidadoso de uso dos conceitos e do método psicanalítico, com alguns de seus princípios: dizer-desenhar-rabiscar-desenhar-dizer o que vier livremente à mente.

¹⁹ *Therapeutic Consultations in Child Psychiatry*, versão em português: *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil* (1971/1984). Winnicott descreve sua experiência através do relato de vinte e um casos.

Adam Phillips (1988) considera esse recurso como a “*inovação técnica mais famosa*” do autor. Alguns outros autores fazem referência à brincadeira como “*técnica*”, entre eles S. Abadi, 1996, Widlöcher, 2010. Contrariamente à afirmação de essa ser uma “*técnica*”, Winnicott argumenta: “*A técnica para esse trabalho dificilmente pode ser chamada de técnica*” (Winnicott, 1971/1984, p. 9), uma definição que encerra mais um paradoxo winnicottiano, o fato de ser uma “*técnica*” sem assim sê-lo. Trata-se de uma forma de brincar e criar sem regras, característica que não comparte o uso habitual da “*técnica*”. Como já apontamos: “No squiggle game, os participantes não seguem normas pré-estabelecidas, apenas devem seguir os caminhos que o inconsciente vai mostrando, em atenção livremente flutuante e em associação livre” (Pezo, 2009, p. 63). Seguir os caminhos que o inconsciente vai mostrando requer liberdade e espontaneidade, duas marcas essenciais da proposta winnicottiana.

Pontalis aponta: “em *psicanálise*, uma *invenção* nunca é uma *técnica*” (Pontalis, 1978, p. 73, itálico nosso), destaca que o *squiggle game* é uma brincadeira que propõe uma troca: “*eu começo e agora é tua vez*”. Ele é todo o contrário de um “jogo de regras”, de uma prova, não se trata de marcar pontos, impor, apressar, acertar. Se for uma brincadeira, é um “*play*”, não um “jogo” (*game*). E, como todo “*play*”, é um encontro prazeroso, que convida a imaginar, achar sentidos e/ou criá-los. No sugestivo artigo, no título e subtítulo²⁰, ainda comenta “*aquilo que é teu, mas que também é meu*”. Assim, sublinha: trata-se de: “uma brincadeira para juntos buscar aquilo que ignoramos. *Misturemos, desmisturemos o teu do meu*” (Pontalis, 1978, p. 73, itálico nosso).

Winnicott convida para uma relação de mutualidade, reciprocidade, cooperação mútua e reconhecimento do outro como um ser singular que deixa uma marca. Ao “misturar”, juntar, confundir o “teu” com o “meu”, é possível surgir algo novo, que não é mais “o meu” ou “o teu”. O encontro com um “outro” da proposta winnicottiana apaga alguns limites: meu e teu; dentro e fora. E é nesse espaço transicional, intersubjetivo que potencializa o encontro (achar-criar) com conteúdos inéditos. A força e potencialidade vêm do “vai e vem”, do lugar privilegiado do outro(s) que facilita encontrar aquilo que ignoramos. Sem dúvida, justamente a proposta do trabalho com grupos, casais e famílias se sustenta nesta hipótese, nesta dinâmica, já que aquilo

²⁰ No título do artigo: “*Ida e volta*” e no subtítulo: “O teu do meu” (Pontalis, 1978, p. 67-73).

que o outro pode enxergar, geralmente já estava ali (em “mim” e que também pode estar no “outro”). Assim como a dimensão do trabalho do negativo descrita por Freud, Green, Kaës, enquanto presença, ao figurar, visualizar, traz não só a presença, como aquilo que se nega.

2.4 O primeiro caso descrito com o uso do *squiggle game*

O primeiro caso descrito com o uso do *squiggle game* se encontra no artigo: “A tolerância de sintomas em Pediatria. História de um caso”²¹ (1953), onde Winnicott afirma: Adotei uma *técnica* idônea para esses casos, *uma espécie de prova projetiva da qual eu também participo*. (Winnicott, 1953/1979, p. 155, itálico nosso). Sobre essa experiência relatada diz: “*não se trata de uma psicanálise*” e sim de uma “*apropriação dos conceitos*” teóricos e técnicos. No espaço dessa primeira consulta, enquanto desenha e rabisca, surgem associações, histórias que são criadas a partir do encontrado, denominado. E, no momento em que a criança “traz um material onírico”, considera-se estar em condições de pesquisar sobre seus sonhos (Winnicott, 1943/1978, p. 157).

Destacamos que esse primeiro relato deve ter causado certa perplexidade, pelo rompimento de alguns cânones. Assim: (1) a técnica projetiva parte de dois pressupostos: a criança avaliada e o técnico que controla algumas variáveis, constantes. A neutralidade e distancia são requisitos. No entanto, Winnicott pede para desenhar e desenha junto. (2) Como processo terapêutico, Winnicott se inclui e brinca junto com a criança e convida-a falar sobre suas lembranças e seus sonhos. Nesse momento, em Londres, o modelo de atendimento de crianças estava fortemente influenciado por M. Klein, uma das pioneiras da psicanálise de criança. Para esta psicanalista, a análise da criança consiste em interpretar o conteúdo latente revelado através das brincadeiras, brincadeiras que equipara às associações livres. Octave Mannoni comenta que M. Klein não sabia brincar, e remetia todas as brincadeiras à realidade psíquica, “*bombardeando-a com interpretações*” (Winnicott, Green, Mannoni, & Pontalis, 1978, p. 62, itálico nosso).

²¹ Nesse artigo relata o caso de Philip, uma criança que teve o pai ausente durante muito tempo devido à guerra, apresentando alguns episódios de roubo na escola. Winnicott aposta que o ambiente familiar proporcionaria à criança um ambiente favorável, que havia perdido quando tinha dois anos. Ele observa que a criança estava preparada para realizar alguns *insights*.

2.5 O processo associativo à luz do caso de Bob

O caso Bob é descrito como um paciente de seis anos, que apresenta formas de comunicação e não comunicação e as falhas precoces do ambiente. Bob é uma criança com limitações para se comunicar, mas, a partir de um detalhe significativo, ele pode mostrar a essência da falha ambiental. Inicialmente Winnicott se pergunta se a falha do ambiente não teria desenvolvido uma “falha primária” ou uma esquizofrenia infantil.

No primeiro contato, Bob não parece acompanhar a proposta de brincar rabiscando desenhando, mostra-se confuso. No lugar de um rabisco, desenha um carro. Logo Bob coloca uns olhos no rabisco de Winnicott e diz “*Humpty Dumpty*”²², figura que retrata um ovo humanizado, com olhos, braços e pernas que se quebra todo e que não pode ser recomposto: “*O tema do Humpty Dumpty alertou-me para a ideia da não integração*”²³ e Winnicott acrescenta que “*não fazia a menor ideia se o gesto de colocar os olhos tinha alguma significação*”. Essa primeira hipótese, ao longo do encontro, vai tendo um sentido de falha, associado a ansiedades primitivas confusionais e de despersonalização.

Os olhos presentes em outros rabiscos levam-no a se perguntar: “*olhos novamente*”. E, quando Bob transforma um desenho de um caminho como um “*lugar complicado*”, Winnicott associa-o a um labirinto, e faz uma “*observação mental sobre a ideia de uma reação à falha ambiental*” que corresponderia a uma “*esquizofrenia infantil, mostrando tendência à recuperação espontânea*” (Winnicott, 1971/1984, p. 81). Após alguns desenhos, Winnicott assinala que Bob “*fez um rabisco ondulante e eu rabisquei todo ele e estávamos deliberadamente fazendo uma confusão e bagunças incríveis*” (Winnicott, 1971/1984, p. 86, *italico nosso*). Através do rabiscar contínuo, Winnicott mostra deliberadamente “*uma confusão*” que tinha como objetivo atingir detalhes significantes da falha ambiental, que levavam a vivenciar ansiedades primitivas do tipo queda, despersonalização e desorientação.

²² *Humpty Dumpty* é um personagem que aparece em rimas e músicas. Em nota de rodapé o tradutor do livro em português explica que se trata de um “homem pequeno, nanico, anão”. O tradutor aparentemente desconhece a rica tradição da história: “*Humpty Dumpty* se sentou em um muro, *Humpty Dumpty* caiu pesadamente. E todos os homens e cavalos do Rei não conseguiram rejuntá-lo novamente”.

²³ Na versão em português lê-se: desintegração, quando devia estar não integração.

Sublinhamos que, enquanto desenham e rabiscam, Winnicott e Bob podem ir construindo, elaborando e perlaborando o que acontece na mente deles. Certamente, quando Winnicott expõe aquilo que passa na sua mente espera que Bob também fizesse considerações a respeito do que estava surgindo como lembrança (ter caído da escada) ou sob a forma de um sonho (ele conta seu pesadelo). No desenho número 25, em um canto do papel ele desenha uma cama muito pequena, onde uma criança estaria dormindo. E do lado da cama desenham uma grande escada, que leva Bob a falar que teve “*um pesadelo horrível*”. Logo, conta uma lembrança, que ele teria caído das escadas e o pai o teria segurado e levado para a mãe. Esta versão conduz Winnicott a reconhecer que Bob lhe comunica que houve um tempo de cuidado e de provisão ambiental boa.

A hipótese esboçada na mente de Winnicott com o tema de *Humpty Dumpty*, neste momento, parece encontrar um sentido para o tema inicial do ovinho que cai e cujas partes quebradas não podem ser reunidas (integradas). No rabisco seguinte (26), Winnicott desenha a figura de uma mãe segurando um bebê no colo (Winnicott, 1971/1984, p. 93). Enquanto Winnicott passava o lápis por cima do bebê e esperava colocar em palavras o “*perigo de o bebê cair*”, Bob se adianta, pega um lápis e apaga os olhos da mulher e diz: “*ela vai dormir*”. Neste momento, Winnicott associa com “ausência de catexia” da mãe quando ia pegá-lo no colo. E, em seguida, Winnicott, como em um gesto interpretativo, desenha um bebê no chão, para assim verificar de que modo reagiria ante a possibilidade de uma falha permanente. Certamente, pode, portanto, se dizer que o desenho do bebê no chão tem a função de interpretar e/ou construir (atividade *perlaborativa* ou *working-through*²⁴).

Winnicott especifica que o desenho lhe permite “*ver como Bob reagiria à ansiedade arcaica associada com cair para sempre*” (Winnicott, 1971/1984, p. 93) e Bob disse: *Não, a bruxa veio quando a mãe fechou os olhos. Eu gritei. Vi a bruxa. Mamãe viu a bruxa. Eu gritei: “mãe vai pegar você!” Mamãe viu a bruxa* (Winnicott, 1971/1984, p. 94). A seguir, Bob inclui o pai que mata a bruxa e Winnicott observa que este material é do tipo psiconeurótico, mas que mantém uma defesa contra angústias mais primitivas, arcaicas ou psicóticas, como resposta à falha materna na função do *holding* - permitir a passagem de um estado de não integração para um estado de

²⁴ O termo alemão utilizado por Freud *durcharbeiten* foi traduzido ao inglês como *Working-through*. E, é traduzido como *elaboração ou perlaboração* o que, é “*trabalhar-se através (durch) de alguma tarefa*”. Em Freud é o esforço para vencer a resistência. (Hans, L. 1996, 1998, p. 198)

integração. Este é um tema recorrente que Bob traz inicialmente, quando coloca olhos no rabisco de Winnicott e o nomeia de “*Humpty Dumpty*”.

Em sessão a seguir com a mãe, ela lhe relata que sofrera uma depressão pós-parto e que, com dois anos, Bob não parara de chorar e teria sido levado a um pronto-socorro. Foi então que os médicos teriam realizado uma série de testes e determinado que havia um atraso no desenvolvimento. Após um ano desta consulta, Bob visita Winnicott com o irmão mais novo. O relato é que os três juntos realizam desenhos (que não são apresentados no livro), o que mostra a flexibilidade da consulta terapêutica, na qual se pode incluir um irmão. Em suma, os desenhos, os rabiscos mostram uma participação ativa de Winnicott que, através de processos associativos sugere caminhos, convida a falar dos sonhos e pesadelos, retoma temas como a confusão, não interpretando e sim rabiscando propositalmente de maneira confusa.

2.6 O modelo do *squiggle game* para a clínica psicanalítica

René Roussillon, no artigo “*La ‘conversation’ psychanalytique: un divan en Latence*” (2005) considera útil, em alguns momentos da análise, estabelecer um tipo de “conversação psicanalítica” que denomina “*squiggle game verbal*”. Esta proposta implica que “uma forma, uma cena pode sugerir outra” e/ou surgir um “esquema interpretativo”, “transformar” aquilo que vem do paciente ou do analista, de maneira semelhante a uma conversação, uma construção psicanalítica, “um vai e volta”. O autor alerta que não está sugerindo uma “*relação simétrica*”, já que o analista tem como incumbência interpretar. Nesse artigo, Roussillon lembra que em 1984 menciona o trabalho de análise como uma co-construção²⁵ semelhante ao *squiggle game*. Roussillon assinala que Winnicott considera que a análise se instala “*ali onde dois campos do brincar se superpõem*”, o que cria um “*espaço intermediário*”. (Roussillon, 2004/2005, pp. 378-379).

No livro organizado pela *Squiggle Foundation*, sob o título “*Donald Winnicott Today*” (2012), Jan Abram recolhe diversos artigos e alguns autores utilizam o *squiggle game* para pensar a clínica psicanalítica. Green destaca que traços não significativos se transformam em formas significativas e sugere que no processo

²⁵ Co-construção é utilizada para enfatizar que a construção é realizada junto com, como no *squiggle game*, como pensar junto com. Construir junto, “pensar junto com” implica estar com o outro operando desde a diversidade, a não coincidência, reconhecendo a alteridade do outro.

analítico, assim como nessa brincadeira, os sentidos não são descobertos e sim criados (Abram, 1975/2002, p. 200). O *squiggle game* tem dois efeitos: manifestações que combinam sentidos, significados e gestos que compõem imagens. Estas expressam um pensar junto com outro, o que produz elaborações conjuntas (Abram, 1975/2002, pp. 237-238). Widlöcher destaca dois tipos de transformações: uma construção de uma fantasia construída na experiência interpessoal e o desenvolvimento dessas fantasias a serviço de construções e elaborações do ego (*working-through*).

Lisa Farley, no artigo: “*Squiggle Evidence, the child, the canvas, and the “negative labour” of history*”, diz que o *squiggle* evidencia alguns paradoxos entre eles representar histórias e participar delas que ao mesmo tempo iludem nossos esforços conscientes para recordá-los e trazê-los da memória. Os *squiggle* são uma “forma de lembrar eventos dos quais não há nenhuma memória consciente” (Abram, 2012, p. 419) Para Farley, Winnicott se apropria da sua herança freudiana e dá valor à relação entre “o visual e o verbal”, entre a “experiência e a representação”, “o histórico e o teórico”. Ele estabelece linhas de comunicação e conexão entre esses aspectos. A autora se pergunta: “como pode o rabisco ilustrar a qualidade visual da memória inconsciente” e “que tipo de história é o rabisco” (Abram, 2012, p. 421).

2.7 O *squiggle game* e a regra da associação livre

Concordamos com Ody (2001) que o processo associativo, quando se trabalha com crianças, é: “*toda concatenação, todo encadeamento de elementos*”, que surgem “sejam eles lúdicos, *gráficos*, verbais, comportamentais, *inclusive mudanças de registro*” (Ody, 2001 in Green, (Org.), p. 446, itálico nosso).

Phillips (1988), no livro “*Winnicott*”, conceitua o processo psíquico desenvolvido pela dupla terapeuta e criança numa consulta terapêutica com o uso do *squiggle game* como uma “*livre associação recíproca*”. Compartimos esta definição que Phillips dá do processo. Ao longo dos relatos se observam os “*insights*”, os sentimentos compartilhados, que levam a um rabisco ser realizado de um jeito e não de outro, ou a completar com um desenho e não com outro, como uma ligação e concatenação associativa da sequência: rabiscos-desenhos, desenhos- rabiscos, rabiscos-sonhos, rabiscos-palavras.

Widlöcher²⁶ (2006/2012) destaca que o *squiggle game* é um tipo de conversação psicanalítica, que apresenta processos associativos com particular sensibilidade e criatividade. O autor introduz o conceito de co-pensar e diz: “Eu proponho que o termo *co-pensar* possa ser utilizado *para descrever o impacto das associações do analisando no processo e nas representações*” (Widlöcher, Abram (Org.) 2006/2012, p. 238, itálico nosso). O *co-pensar*²⁷ é definido como uma forma de comunicação de um inconsciente com outro inconsciente (Ibídem, p. 238).

O autor ressalta que, desde os primórdios da psicanálise, duas regras estiveram sempre presentes: associação livre do analisando e a atenção livremente flutuante do analista. O que envolve o analisando associar livremente, um analista em posição neutra controlando seus sentimentos contratransferenciais (Ibídem. 237). No entanto, para o autor, a dinâmica da transferência-contratransferência, é descrita como uma comunicação intersubjetiva, que envolve a atividade mental do analista e do paciente. Um sentimento suscita no outro um sentir e um pensar junto com, como uma rede que contribui para explorar algum aspecto. Ressalta que, na década de cinquenta, uma importante virada surge, quando a contratransferência não é mais considerada um obstáculo.

A interpretação participa de uma dinâmica semelhante, como efeito do co-pensar. A realidade psíquica do analisando contribui com a empatia do analista. As hipotéticas representações e interpretações provisórias vão sendo tecidas e construídas conjuntamente pela dupla. Como diz Winnicott, o mais importante é que o paciente possa chegar a ela. O “co-pensar cria um repertório potencial de interpretações” (Widlöcher, Abram (Org.), 2012, p. 239). Widlöcher destaca a função da *perlaboração* (*working-through*) das composições de imagens construídas pela dupla que produzem formas de interação, e *co-pensar* sob o impacto de um processo analítico associativo e representativo.

A noção de co-pensar introduzida por Widlöcher (2006) neste texto tem sido útil para abordar algumas situações que o trabalho com grupos suscita como é o vínculo fraterno e a atividade de co-coordenação no grupo. Blanchard-Laville (2008) comenta que Puget (2006) introduz elementos novos à formulação de Widlöcher. Puget diferencia o trabalho realizado pelo aparelho psíquico e o que entende por “pensar

²⁶ No artigo: “Winnicott and acquisition of freedom of thought”, (2006/2012)

²⁷ “I suggest that the term *co-thinking* could be used to describe the impact on the analysand’s associative process and representation (Widlöcher (2006/2012, p. 238).

com”. Essa atividade se dá no espaço do “*entre-deois*”, o que significa poder ser incomodado pelo outro ou aceitar “sê-lo”. Não é uma relação com um objeto interno.

Trata-se assim de “pensar num devir”, consolidando, contudo, a sua identidade própria na diferença. Eu proponho a hipótese de que esta maneira de pensar a intersubjetividade ajuda a construir a capacidade de pensar só, inspirando-me na hipótese de D.W. Winnicott que nos ensinou que a capacidade de estar só se constrói em presença da mãe, ideia transposta por René Roussillon quando evoca a capacidade de estar só em presença do grupo (Roussillon, 2008). Tratar-se-ia, neste caso, da possibilidade de aprender a pensar só em presença do grupo. (Blanchard-Laville, 2008/2009, *on line*).

Utilizamos o co-pensar para enfatizar um pensar junto com outro, que pode significar: discordar, concordar, confluir, mas a essência é pensar na mutualidade, no “vai” e “vem”. Em trabalho recente com Grandal afirmamos que: O prazer de pensar juntos não está referido à coincidência, e afirmamos junto com Berenstein e Puget, que ele também está relacionado com impugnar, interferir, inferir, obstaculizar. Pode haver mal-estar, mas convive com o prazer. Advir à experiência de prazer pelo que o Eu, ao se retrair pode dar lugar ao pensamento do outro, seu ponto de vista, sua mirada, gestando-se ali nesse acoplamento, a potencialidade vinculante “do *entre-deois*” (Grandal, & Pezo, 2013). O trabalho do pensamento está sempre vinculado a uma relação intersubjetiva, como afirma Kaës, assim, quando as associações do analista estão suficientemente próximas às do paciente, em um espaço de encontro, de experiência lúdica e transicional, é possível criar, processar pensamentos, construir junto com, como Winnicott ensina no jogo do rabisco. Em situação de grupo isto é ampliado pela presença múltipla de sujeitos, que vão associando e construindo novos significados (Pezo, 2013). O processo associativo grupal evidencia processos de co-pensamento, como um “pensar num devir” que modifica as cadeias associativas grupais. Certamente, afirmação de Blanchard-Laville (2008) que a possibilidade de apreender a pensar se dá só em presença de um grupo é muito pertinente.

2.8 Contribuições de Winnicott ao trabalho psicanalítico com grupos

O trabalho psicanalítico com grupos se enriquece com o paradoxo central winnicottiano, a descoberta do objeto, espaço e fenômenos transicionais. Fenômenos estes que ocorrem na área da ilusão, do espaço: transicional, intermediário, terceira

área, ou potencial. O objeto transicional²⁸ se localiza no meio do caminho entre a realidade psíquica interna e a realidade externa; abre caminho para utilizar e gerar processos transicionais. Winnicott sublinha que, nessa área repousa a incansável tarefa humana de manter separados e conectados simultaneamente os espaços, interno e externo. Área essa que introduz o “entre”: espaços, funções e objetos. O essencial é que o objeto em si não é o transicional; o que é transicional são os fenômenos e os processos.

As teorias psicanalíticas de grupos têm se enriquecido com esses conceitos de espaço e de fenômenos transicionais. As décadas de 30 a 60 se caracterizaram pelo desenvolvimento de duas correntes e enfoques de pensamento: de um lado uma “psicanálise do indivíduo em grupo” e de outro, uma “psicanálise do grupo”, baseada num modelo estrutural. Os primeiros homogeneizavam os grupos e interpretava cada indivíduo no grupo. O outro modelo articulava as diversas comunicações dos indivíduos, como se fosse um quebra-cabeça e interpretava “o grupo como todo”. Esta dicotomia, graças ao pensamento paradoxal que Winnicott propõe, pode ser questionada por alguns psicanalistas, entre eles, Anzieu (1972) e Kaës (1975, 1977, 1979, 1993). Anzieu foi o primeiro a utilizar o conceito winnicottiano de ilusão, na década de 70, para afirmar que todo grupo se sustem numa ilusão comum.

Kaës, ao longo da sua obra, desenvolve e fundamenta conceitos sobre os fenômenos e processo grupais a partir de Freud e incorpora a essência de alguns dos paradoxos winnicottianos. Kaës introduz os conceitos de intermediário e transicionalidade, recolhidos de Winnicott para a compreensão de alguns fenômenos e processos grupais e da cultura. Afirma ser a transicionalidade “um princípio do funcionamento do aparelho psíquico em contato com a intersubjetividade” (Kaës, 2002, p. 25). Entende-a como a “experiência possível de um espaço potencial” que, permite articular a “passagem de um estado de união com o meio a um estado onde o sujeito está em relação com esse meio como algo externo e separado dele” (Kaës, 1979, p. 62). Em 1976, nomeia “*análise transicional*” o método de pesquisa e tratamento dos efeitos das experiências de ruptura nos espaços internos e correlativamente no espaço intersubjetivo.

²⁸ Descrito como a “primeira posição não eu”, “suporta o amor e o ódio”, ele pode ser largado para logo ser retomado; repousa num espaço localizado nem “fora”, nem “dentro”, ou seja, “no limite”; o bebê tem a ilusão de tê-lo criado, embora o objeto previamente já tenha existência. Ele permite simbolizar e representar a ausência da mãe.

Outro conceito que Kaës (1971-1976) cria e sustenta pensando com Winnicott é o aparelho psíquico grupal. Menciona ser uma “construção *transicional* na medida em que assegura uma *mediação* entre o universo intrapsíquico e o universo social e assim reciprocamente” (Kaës, 1976, p. 31-32, itálico nosso). Kaës²⁹ diz: “O objeto *transicional* é *transitório*. Como a experiência da ilusão que o acompanha, a transicionalidade é um caráter constante da psique com relação aos seus limites” (Kaës, Chouvier (org.), 2002, p. 25, itálico nosso). À diferença do objeto transicional, que é transitório e se inscreve no desenvolvimento do Eu, o objeto mediador serve para transitar no espaço transicional, potencial de ilusão e criação conjunta (junto com o objeto, com o outro, com os outros). De outro lado, pode se afirmar com Anne Brun que a teoria da transicionalidade de Winnicott é precursora das práticas com *objetos mediadores* (Brun, 2009, p. 53).

Os objetos mediadores utilizados nas práticas de mediação como a modelagem, a pintura, a música, por si só, não são suficientes. O uso deles precisa estar dentro de um enquadre terapêutico, com um terapeuta que utilize o objeto como mediador da comunicação, entre as diversas instâncias. Brun lembra que para Kaës o objeto é mediador, somente se utilizado em um processo de mediação (Brun, 2009, p. 83). Se um grupo de pessoas se reúne e desenha junto em uma mesma folha de papel, esse desenho não é um objeto mediador. Apenas pode ser considerado um objeto mediador, se houver um coordenador de grupo, que escute e permita que os membros dialoguem entre si, com seus desenhos e com aquilo que surgir.

²⁹ *Mediation, Analyse transitionnelle et formations intermédiaires*, no livro *Les processus Psychiques de la médiation*, organizado por Bernard Chouvier (2002). O artigo de Kaës se encontra na Parte I, intitulada *Éléments pour une Métapsychologie de la Médiation*, onde constam artigos de R. Roussillon, G. Gimenez e B. Chouvier.

3 O PICTOGRAMA NA PSICANÁLISE

A proposta winnicottiana do *squiggle game* outorga continuidade à obra freudiana, quando reconhece a imagem como um veículo para manifestar conteúdos psíquicos inconscientes. Sigmund Freud, em sua obra princeps *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1901) desvenda que os conteúdos psíquicos inacessíveis à consciência aparecem como imagens no sonho. Deste modo às lembranças, se tornam conscientes. Freud destaca a “*linguagem figural*” como propriedade do sonho.

Essa *linguagem figural*, descrita por Freud como própria do sonho, tem como referência a palavra *figurar*, verbo que no dicionário da língua portuguesa significa: “*traçar a figura, a imagem não necessariamente fiel (de alguém ou algo); representar [...] representar plasticamente, através de pintura, desenho*” e no sentido de representar pode ser uma forma alegórica de: “*simbolizar, significar*” (Houaiss, 1996, p. 1340). Outra palavra encontrada é “*figuralidade*” como “*característica, condição, atributo do que apresenta ou pode ser representado por figura [...] linguagem figurada*” (Houaiss, 1996, p. 1339).

O sonho, o *squiggle game*, os desenhos individuais, os pictogramas grupais servem para transmitir, representar e apresentar alguns aspectos como: situações de vida, memórias esquecidas, sentimentos, medos e/ou angústias, aspectos que encontram graças à figuração um caminho para apresentar-se. Na obra literária a linguagem figural faz referência a formas de retórica e modalidades metafóricas de dizer o vivido. Neste sentido, a arte, a poética são construções e elaborações que se servem da linguagem figurativa para expressar o vivido por figuras, desenhos, imagens ou formas retóricas, metáforas.

Freud, no capítulo VI, denominado “*O trabalho do Sonho*”, na versão de Amorrotu (2010) e na versão da Biblioteca Nova, traduzida por Lopez-Ballesteros de 1923, traduzida como “*A Elaboração Onírica*”, destaca como propriedade do sonho ter descoberto o conteúdo ou ideias latentes, antes não considerados pelos estudiosos dos sonhos. As ideias, pensamentos, conteúdos latentes levam a resolver e compreender os sonhos, que se expressam como “*em uma pictografia*” (Freud, 1900/2010, p. 285) ou “*como um hieroglífico*” (Freud, 1901/1923, p. 307) que precisa ser traduzido: cada um dos seus signos, das ideias latentes ou pensamentos do sonho. *Pictografia* ou *hieróglifo* faz referência a uma forma pictórica de apresentação do sonho e têm o significado de uma escrita traduzível. O *hieróglifo* se utiliza para a

escrita dos antigos egípcios, conota uma escrita indecifrável, enigmática, sinais que precisam ser decifrados ou interpretados. O pictograma é uma forma de escrita, expressão de ideias através de figuras ou desenhos. Ambas as palavras utilizadas na tradução das duas versões do texto freudiano enfatizam que, assim como o hieróglifo, a pictografia comparte o significado de linguagem, forma de comunicação, tema desenvolvido como forma de escrita por Safouan.

O uso da palavra hieróglifo evoca a ideia de decifrar o enigmático. O inconsciente, nos inícios do descobrimento freudiano, era um enigma a ser decifrado ou interpretado³⁰. A interpretação entendia-se como tradução de uma linguagem para outra, decodificar, deduzir. O termo “*deutung*” apesar de significar tradução, decodificação, adivinhação, como aponta Hanns (1996) conota, sobretudo: “apontar para um sentido adicional ao sentido já evidente” (Hanns, 1996, p. 290). O conteúdo latente ou implícito é manifesto através das imagens do sonho. A atividade interpretativa precisa apontar para esses significados. “Em nossa interpretação (*Deutung*) tomamos a liberdade de desprezar a negativa e de escolher apenas o tema geral da associação (*Einfalls*)” (Hanns, 1996, p. 290).

Freud afirma que o sonho traz pensamentos e conteúdos que se apresentam como duas versões do mesmo conteúdo, duas linguagens:

O conteúdo do sonho aparece-nos como uma transferência dos pensamentos do sonho a outro modo de expressão, cujos signos e leis de articulação devemos aprender a discernir por vias de comparação entre o original e sua tradução. Os pensamentos do sonho nos resultam compreensíveis sem mais tão pronto como chegamos a conhecê-los. O conteúdo do sonho nos é dado, por assim dizer, em uma **pictografia**, cada um de cujos signos há de se transferir à linguagem dos pensamentos do sonho. Equivocar-nos-íamos manifestamente se quiséssemos ler esses signos segundo seu valor figural no lugar de fazê-lo segundo sua referência sinalizante (*signante*)³¹. (Freud, 1900/2011, p. 285, destaque negrito nosso).

Sublinhamos que, na versão de Amorrortu, se encontra a palavra “*pictografia*” e Freud alerta que os predecessores da interpretação dos sonhos “cometeram o erro

³⁰ Freud utiliza “*Deutung*”, palavra mais próxima de explicar e esclarecer. “A *Deutung* de um sonho consiste, escreve Freud, em determinar a sua *bedeutung*, a sua significação”. (Laplanche, & Pontalis, 1977, p. 320). Hanns (1996) diz que a palavra “*deutung*” é muito utilizada para revelar sentidos de cunho místico. Mas, sublinha que “não é só dar um sentido”, é “adicionar um novo sentido” (Hanns, 1996, pp. 286-288).

³¹ *Signante* (neologismo) que vem do “*Sign*” do latino *signus* que é sinal ou marca distintiva. (Houaiss, 1996, p. 2569).

de julgar a *pictografia*³² como composição pictórica”. Esta distinção é preciosa, pois entende que a *pictografia* remete a signos, como escritura ideográfica, desenhos, diagramas ou figuras que explicam palavras; imagens que vêm substituir as palavras. De maneira diferente a “*composição pictórica*” faz referência à maneira como se organizam, harmonizam e distribuem os elementos de uma composição: “um bote não se coloca em cima de uma casa”, por exemplo.

Freud exemplifica uma composição pictórica que poderia ser algo “sem sentido”, mas que, por outro lado, é um enigma. Trata-se dos seguintes elementos: “um bote em cima de uma casa”, “uma letra isolada”, “uma figura humana sem cabeça correndo”. Freud dirá a respeito dessa composição: “*não existem botes em cima das casas*” ou “*homens sem cabeça correndo*”. Este é um “enigma” que só poderia ser decifrado ao se considerar cada elemento e “substituir cada figura por uma sílaba ou palavra capaz de figurar em virtude de uma referência qualquer” (Freud, 1900/2010, p. 286). Assim, as palavras, que se combinam, poderiam dar origem a uma bela composição “poética”. Essa composição está organizada graças a processos associativos que encadeiam sentidos: “*o bote*”, “*em cima da casa*”, “*homem sem cabeça correndo*”, entre outros sentidos a esses elementos associados.

Na versão de 1923, encontramos que Freud alerta ser um erro considerar “tais signos dando valor de imagens pictóricas e não o de caracteres de uma escritura hieroglífica” (Freud, 1901/1923, p. 308). Ou seja, serem traduzidos pelo que esses elementos sinalizam, significam, como a escritura hieroglífica. De maneira semelhante às imagens do sonho, os desenhos realizados, no enquadre de uma intervenção psicanalítica, não podem ser avaliados como as composições pictóricas, como nos alerta Freud. O que Freud ensina é reconhecer que essas imagens sinalizam um algo a mais. Em pesquisa anterior, a equipe de manutenção de uma empresa, dentro do enquadre de uma consulta terapêutica, realizou um pictograma grupal composto por um campo de futebol, goleiros, jogadores e, no meio desse campo, foram colocados elementos que não cabem numa composição pictórica de um campo de futebol: um “gatinho” e uma “caveira”, elementos estranhos ao campo. Estes elementos surgiram como se fosse um “*lapso*”, uma manifestação inconsciente, um equívoco. Estes

³² A palavra pictografia é uma escrita ideográfica composta por desenhos que logo se explicam por palavras. Vem do *pictograma*, que se refere à representação gráfica, iconográfica ou pictórica que revela e representa um sentido. O pictograma é uma das manifestações mais antigas e rudimentares da escrita e pode significar “*desenho figurativo estilizado que funciona como um signo de uma língua escrita*” (Houaiss, 1996, p. 2208).

elementos pareciam sinalizar e significar algo a ser transmitido. Esta observação permitiu-nos perguntar aos membros do grupo: “*o que lembra a vocês essa caveira, esse gatinho?*”. E é a partir dessa pergunta, sob essas figuras, que eles começam a falar de situações constrangedoras, persecutórias, dos afastamentos por doença de alguns colegas (hipertensão, depressão) após a chegada de um novo chefe, vivido como alguém que poderia demiti-los (Pezo, 2009).

O desenho apresenta processos semelhantes ao sonho. Permite relacionar figuras com pensamentos oníricos ou conteúdos latentes, figuras com palavras. E Freud diz: “uma expressão incolor e abstrata do pensamento onírico é trocada por outra, *figural e concreta*”. Essa substituição é remodelada numa “*linguagem figural*” (Freud, 1900/1901/2010, p. 345-346). Freud compara as dificuldades de compreensão do material do sonho com o trabalho de interpretação dos hieróglifos.

3.1 A *figurabilidade* do sonho

A *figurabilidade*³³ do sonho é o processo de representação e figuração do sonho, descrito por Freud. E ele se dá graças ao deslocamento e à condensação, mecanismos próprios do *Trabalho do Sonho*. O material onírico sofre alterações, deslocamentos, condensações de maneira a ser inteligível para a consciência quando se transforma em imagens. Nestes processos, algo comum ou intermediário reúne em cadeias associativas elementos dissímeis e os expõe graças à *figurabilidade*. Freud sublinha que os elementos que parecem “incolores” ou “abstratos” surgem de modo “*figural e concreto*” e compõem “*o figural é susceptível de figuração*” (Freud, 1900/1901/2010, p. 345).

A vantagem da linguagem figural é que os “*termos concretos*” se prestam de maneira mais fácil para expressar conteúdos psíquicos, eles podem ser mais ricos que os “*conceituais*”. Estabelecer relações entre conteúdos conceituais ou abstratos requer um esforço maior de acordo com o argumento de Freud. A propriedade da *figurabilidade* da linguagem do sonho é que, “*termos concretos*” permitem expor e intermediar conteúdos psíquicos inconscientes. Freud afirma que há um trabalho de

³³ *Figurabilidade*³³ é tradução do francês “*figurabilité*”. É um neologismo utilizado por Denise Berger para traduzir a palavra *Darstellbarkeit* traduzida também como representabilidade. (Botella, 2003, p. 63). Hanns (1996) diz “capacidade de se exprimir em imagens”. Cita Freud: “a consideração à representabilidade no material psíquico peculiar que os sonhos utilizam [...] em imagens visuais” (Hanns, 1996, pp. 381-382).

“*intermediar*” que permitiria essa passagem de uma linguagem para outra. O sonho e o desenho seriam objetos intermediários, ou seja, aqueles que permitem essa passagem de um registro para outro, de uma instância para outra, de um tipo de linguagem para outro.

A condensação onírica facilitaria por uma via curta “*uma construção léxica que, por sua multivocidade, pode servir de expressão a vários pensamentos oníricos*” (Freud, 1900/1901/2010, p. 346). As “múltiplas vozes” da palavra indicam que a “palavra” não revela apenas um sentido. Ela tem múltiplos significados, propriedade que comparte as manifestações de conteúdos psíquicos. Freud acrescenta outra característica da “palavra”: ela é um “*ponto nodal*”³⁴ de múltiplas representações. E o trabalho do sonho, graças à desfiguração onírica, se aproveita desta qualidade da palavra, que pode ser entendida no seu sentido literal ou translático (que denote algo distinto daquilo que se deseja expressar). Da mesma maneira que a palavra, o desenho apresenta não apenas um sentido; ele pode sinalizar um significado, condensa e/ou ser o deslocamento de uma rede de múltiplos significados.

Uma palavra, um elemento onírico, um desenho podem formar esse “*ponto nodal*”, metáfora que serve para descrever e caracterizar a convergência de sentidos em uma unidade e a associatividade própria dos conteúdos psíquicos, elementos que em cadeias associativas formam uma rede, um tecido arborescente de significados inter-relacionados entre si. Por outro lado, esse caráter de *multivocidade*³⁵ da palavra, próprio de qualquer elemento onírico, faz com que a interpretação deva considerar que os elementos podem simultaneamente ter um sentido positivo e negativo, ser interpretáveis como uma lembrança, ser um conteúdo simbólico ou ser considerados desde sua enunciação literal (Freud, 1900/1901/2010, p. 347).

No texto das *Afásias* (1891) Freud considera a “palavra” como um conceito, resultado de um complexo de associações que integra impressões visuais, auditivas e que só, posteriormente, obtém seu significado mediante associação com uma ideia ou conceito. Nesse texto, Freud especifica que as impressões visuais, acústicas são anteriores; elas são marcas prévias da linguagem falada. Estas marcas perceptivo-sensório-motoras podem ser acessadas, com maior facilidade, por meio de *objetos mediadores*, como o desenho, a massa de modelar.

³⁴ Ponto nodal em alemão: *Knotenpunkt* se refere aos pontos de ligação de várias séries associativas

³⁵ Múltiplas vozes: Freud logo utiliza a palavra “*multívoca*” como contraponto à “*unívoca*”, onde cada elemento corresponde, sem ambiguidade, a outro elemento.

Freud, *No Projeto de Psicologia*³⁶ (1895/1950) na parte III, sob o subtítulo “*Intento de figurar*”, diferencia a percepção e representação, investimentos-percepção e investimentos-representação. A representação (*Vorstellung*) não é a imagem do percebido; ela pode até ser confundida com uma percepção, mas não é. Trata-se de algo mais complexo. A representação está vinculada a várias outras imagens associadas entre si.

Botella, & Botella, no livro *La figurabilité Psychique* (2001/2003), consideram que, embora Freud trabalhe conceitos como figurar, figuração, desfiguração, não define apropriadamente o conceito. Em conferência, Botella, C. (2006) afirma que a *figurabilidade* não é só transformar pensamentos em imagens: “Talvez, mais importante que isto é o fato que se trata ao mesmo tempo de um trabalho de colocar de maneira inteligível elementos heterogêneos e heterócronos, simultâneos, presentes em um momento dado no psiquismo”. (Botella, 2006, p. 9).

A capacidade de *figurabilidade* está vinculada à possibilidade de representar, aceder a estratos recalçados, lembranças precoces e reunir sensações e afetos. Botella considera que seria possível, graças à figurabilidade, criar-encontrar uma figura capaz de fazer inteligível uma memória sem lembrança, um objeto que não pode ser representado. Sobre o conceito de representação, Botella, C. (1999), em entrevista para a *Revista Uruguia de Psicanálises (on line)*, destaca que uma representação, seja de palavra ou figurativa, só acontece se esse elemento entra em uma cadeia de representações. Em virtude disto, diversas representações constroem uma fantasia inconsciente. De acordo com Green (1993), dois elementos são fundamentais: o trabalho de “*representância*”³⁷ e o trabalho do negativo, para apresentar elementos que não encontram formas de representação. Enquanto há vida psíquica, o objeto representado é investido; um representante é sempre um representante-representação do pulsional.

Botella, & Botella (2001) admitem que a figurabilidade foi abordada por outros autores como Anzieu (1994) que, na sua teoria geral do “pensar”, utiliza o termo “*figuratividade*” por referência à representação de coisa. (Botella, & Botella, 2001/2003, p. 67). De outro lado, Piera Aulagnier descrever o pictograma como

³⁶ O Projeto, publicado postumamente em 1950, escrito em 05 de outubro de 1895.

³⁷ “*Representância*” é entendido como o trabalho de fazer representável o irrepresentável.

“imagem de coisa”, “modo de representação próprio do processo originário”³⁸. Outro aspecto é que Aulagnier integra a ideia de uma “imagem de coisa” e a integra ao desenvolvimento genético, em que o olhado precede o acústico, sendo a imagem sensorial o primeiro referente da representação. Botella cita uma forma de proceder de Aulagnier que vai “do interpretável ao figurável” e acrescenta que é “preciso encontrar palavras que tornem *figuráveis*”, e seria esta a mais “árdua tarefa do intérprete”. Para Botella, a concepção de figurabilidade de Aulagnier lhe parece oposta ao trabalho do sonho e, portanto, à dele (Botella, & Botella, 2001/2003, p. 67). Outro autor que menciona é Bion, com a concepção de “*reverie materna*”, que também difere do conceito de figurabilidade.

Botella desenvolve, a partir do trabalho com crianças psicóticas, um uso da figurabilidade que não se restringe à imagem. Afirma ser um processo semelhante ao trabalho do sonho noturno. Lembra que Freud diferencia o sonho propriamente dito, “com seu conteúdo manifesto e seu conteúdo latente, e que qualifica como uma forma particular de pensamento’ e o que considera, no entanto, como sua ‘essência”, o trabalho do sonho que cria essa forma” (Botella, & Botella, 2001/2003, p. 68). A partir disto teoriza e distingue “figurabilidade” e o “trabalho da figurabilidade”. Esse trabalho da figurabilidade é descrito como um processo psíquico, que segue um caminho regressivo que reúne os dados internos, externos e liga elementos heterogêneos “em uma simultaneidade atemporal em forma de atualização alucinatória, cuja forma originária, mais simples, seria uma figurabilidade” (Botella, & Botella, 2001/2003, p. 69). Este trabalho seria “*uma ‘via regia’ de toda inteligibilidade*”. Trata-se de formar “uma figura” comum à representação e percepção (Green, 1993). O analista propõe um objeto achado-criado, um trabalho da dupla analista e analisando, que faz emergir aquilo que não foi possível representar - “o negativo do trauma” - e aceder a uma representação: “O trabalho da figurabilidade do analista, produto da regressão formal do seu pensamento na sessão, parece ser o melhor, talvez o único meio de acesso a esse, além do traço mnêmico, que é a memória sem lembranças”. (Botella, & Botella, 2001/2003, p. 17).

No trabalho psíquico proposto pelos Botella como função do analista para tornar “inteligível” o “não inteligível” encontramos uma semelhança com o trabalho

³⁸ Em Botella se lê “próprio do processo primário”. Não sabemos se ha problema de tradução, mas Aulagnier introduz um processo anterior ao primário, em que o pictograma é uma forma de representação, como desenvolveremos a seguir.

winnicottiano com *squiggle game*, quando, através de uma imagem pictórica, ele propõe uma figura que integra elementos transferência-contratransferenciais, resgata imagens que ao longo do processo vai construindo e propõe como uma interpretação ou construção, com um rabisco ou desenho. No caso do Bob, relato que descrevemos no capítulo anterior, vimos que o primeiro elemento pictórico, associado pelo menino, é nomeado “*Humty Dumty*”, o que leva Winnicott a pensar em uma *não integração*, elemento que vai acompanhando no processo, ao longo de outras produções e que culmina, quando propõe um desenho de uma mãe carregando seu bebê no colo, e a criança rabisca os olhos e afirma “*ela está dormindo*”. Assim, ele pôde observar uma mãe impossibilitada de libidinizar seu filho através da mirada. Winnicott desenha, nesse momento, um bebe no chão. Esse trabalho mostra um processo de construção em análise, que permite tornar inteligível o não inteligível, representáveis as vivências traumáticas, não representáveis, sensoriais, visuais e motoras.

Os conteúdos psíquicos que têm inscrições anteriores à palavra são destacados por Freud no texto das *Afásias* (1891), no *Projeto de Psicologia* (1895), em particular. No artigo *Construções em Psicanálise* (1937) sublinha ser o trabalho psicanalítico um processo que cabe a dupla analista e analisando. Freud compara o trabalho analítico ao do arqueólogo; considera mais apropriado falar em um processo de construção em análise do que de interpretação. Sobre a alucinação apresenta um novo enfoque, já que pode haver o retorno de “algo vivenciado em idade precoce e esquecido logo, algo que a criança viu ou ouviu, na época e que, apenas, era capaz de linguagem” e que, no momento, pode se esforçar em retornar “provavelmente desfigurado e deslocado por efeito das forças que contrariam esse retorno” (Freud, 1900/2010, Vol. 23, p. 269). Salaria assim as lembranças perceptivas anteriores à linguagem. Sugere então que: “Este trabalho consistiria em liberar o fragmento de verdade histórico-vivencial de suas desfigurações e apoio no presente real e objetivo e tornar a situá-lo nos lugares do passado aos quais ele pertence” (Ibidem, p. 269). Freud afirma então a existência de sucessos passados que não têm acesso à consciência sob a forma de lembranças e o que surge é uma “convicção” de um acontecimento, que pode tomar uma forma alucinatória. O trabalho de construção não busca impor ao paciente que aquilo aconteceu realmente.

Sílvia Alonso (2005), no artigo “*O trabalho da figurabilidade na escuta psicanalítica*” (2005), sugere que o texto freudiano *Construções em Análise* “permite compreender que, na verdade, a construção poderia ser mais bem descrita como uma

imagem capaz de movimentar a pulsão” (Alonso, 2005). O irrepresentável é da ordem do sensorial e não induz à lembrança, portanto: “A construção faz com que algo, antes existente apenas enquanto inscrição sensorial passe a poder desenhar uma figura”. A autora define o trabalho da figurabilidade como “o trabalho psíquico na vida acordada que guarda uma semelhança com o trabalho onírico, na medida em que segue um caminho regressivo que acaba numa percepção interna” (Alonso, 2005, em nota de rodapé). Ressalta no trabalho de Monique Schneider³⁹ o valor dos objetos mediadores para trabalhar com crianças que viveram situações de desamparo. O “conto” oferece condições de figurabilidade capaz de reconstruir a trama do traumático.

A *figurabilidade*, como construção compartilhada da dupla analista-analisando, é fundamentada no texto freudiano *Construções em Análise* (1937), texto que apresenta o espaço analítico como o lugar de uma construção conjunta de sentidos, da história prévia ao verbal, das lembranças, do olhado, do ouvido. Na análise com crianças e, em especial, Winnicott e Dolto na clínica com crianças mostraram a utilidade dos desenhos como figuras que podem permitir aceder a estratos do “irrepresentável”. O trabalho da dupla analista analisando, no texto de Freud, mostra a potencialidade de um suscitar no outro da dupla: construções, imagens compartilhadas transferência-contra-transferenciais. Pensamos que, quando se está em um grupo, se constata que o “outro”, os “outros” servem para emprestar imagens, figurações que permitem fazer emergir conteúdos psíquicos primários da ordem do sensorial, acústico, motor.

Como descrevemos no capítulo anterior, no caso do Bob, os desenhos-rabiscos de Winnicott mostram uma construção de acontecimentos, inscritos apenas sensorialmente que se tornam graças ao processo associativo (dos desenhos-rabiscos-palavras), figuras para representar a falha do ambiente. No caso do desenho do campo de futebol descrito, como um pictograma grupal, podemos ver que a “caveira” poderia representar o “inominável”, o medo à demissão, experiência que pode ser construída no tecido associativo: desenhar-dizer-com-palavras-desenhos. Os membros do grupo de manutenção puderam reescrever sua história, sem silenciar seus medos, sem que esses medos continuassem a se tornar atos no corpo (hipertensão, depressão).

³⁹ M. Schneider, “O tempo do conto e o não tempo do inconsciente”, Apostila do Departamento de Psicanálise.

3.2 O uso do pictograma para a psicanálise

Depois de Freud, o pictograma tem sido objeto de estudo por alguns psicanalistas entre os quais destacamos Safouan (1982), Bion (1962) e Aulagnier (1975).

Safouan⁴⁰ (1982/1985) demonstra a relação estreita entre o desenho e a escrita. Para este autor, o pictograma não só “simboliza ideias, mas transmite frases, enunciados”. Portanto, “não se desenha; escreve-se, mesmo com o referido desenho”. (Safouan, 1985, p. 31). Safouan elabora a tese de que “*ali onde há linguagem, há necessariamente uma forma de escrita*” (Safouan, 1985, p. 15). A pictografia e a ideografia, cita Safouan, de acordo com Ernest Doblhofer (1959), têm como característica ser representações de pensamentos e ideias:

[...] “a marca geral –escreve – de toda escritura figurativa, seja pictográfica ou ideográfica, reside no fato de que não se descobre ali nenhuma relação entre imagem gráfica e o valor fonético, a sonoridade da língua falada. Uma série de imagens pode ser quase seguramente “lida” por qualquer espectador, seja qual for a sua língua e não existe nenhuma relação entre símbolos figurados e sons. Os signos gráficos se traduzem em sons articulados, *mas fundamentalmente representam circuitos de pensamentos, ideias simbolizadas*; não está ligada a nenhuma forma de expressão linguística determinada”. (Safouan, 1985, p. 31, itálico nosso).

A pictografia transmite ideias como frases enunciadas; as imagens da pictografia são uma escrita de frases feitas com vocábulos; ela prepara a chegada da escrita e pode desencadear representações homofônicas ou polifônicas. Safouan toma elementos pictográficos da cultura do Alasca para descrever as qualidades do pictograma. Descreve que um signo, como uma varinha, pode descrever o pão que é homófono com a árvore que utiliza para escrever “pinho” (Safouan, 1985, p. 37). De outro lado, a qualidade polifônica do desenho pode se observar através do desenho de duas mulheres, uma frente à outra, que pode vir a significar “diálogo”, “discórdia”, “disputa”, “litígio”, “conversa” ou outros significados ou sentidos. A qualidade homófona permitiu criar fonemas e a polifônica estimulou a exploração de diversos sentidos para um mesmo pictograma.

⁴⁰ No livro *L’Inconscient et son scribe*, (1982), e no primeiro capítulo do livro: “*A escritura não é jamais se não escritura de palavra*”.

A característica “*polifônica*” do pictograma é enunciadora das múltiplas vozes e sentidos de uma composição. É semelhante à multivocidade da palavra descrita por Freud, e, também a qualidade *polifônica*⁴¹ das imagens do sonho, que Kaës (2007) descreve. O escriba⁴², descrito por Safouan na função de intérprete, e o sujeito, aquele que enuncia o seu sonho, compartilham a capacidade de associar, elaborar e colocar em ideias uma dimensão do inconsciente, da “outra cena”, do paradoxo: “desconhecido-conhecido”. Os pensamentos que surgem, as associações às imagens permitem enunciar para si mesmo e para outro (s) em transferência aquilo que aparecendo como alheio para si mesmo, ou estranho (estrangeiro) é retomado, tomado em consideração e reconhecido como próprio.

Wilfred Bion (1897-1979) utiliza a palavra pictograma e ideograma para se referir às representações mentais inconscientes de experiências precoces ligadas à função alfa. No livro *Cogitações* (1999), publicado postumamente, Bion descreve o trabalho onírico da função alfa consiste em compor “ideogramas”, ou seja, ser colocadas em imagens às impressões sensoriais para assim, ser guardadas. Imagens que são utilizadas pela atividade onírica, a memória e o pensar. Os caracteres dos ideogramas chineses servem de modelo para descrever as imagens que compõem aquilo que se denomina função alfa.

A função alfa consiste em transformar as impressões sensoriais e as experiências emocionais primitivas em elementos alfa. O bebê não tem a capacidade de reter, pensar as experiências vividas, sejam elas prazerosas ou dolorosas. Isso só é possível graças ao bebê poder se identificar com um objeto capaz de prover essa experiência de transformação das experiências concretas (elementos beta) em experiências abstratas (elementos alfa), capazes de serem pensadas; elementos que podem ser transformados, armazenados, recalçados ou ser utilizados nos sonhos e nos pensamentos conscientes. A forma de serem guardadas essas impressões é com ideogramas ou pictogramas, que oferecem uma forma de figurabilidade, capaz de metabolizar as experiências emocionais. Em contraposição, a função beta (angústias primitivas) serve para designar as impressões sensoriais não transformadas vividas

⁴¹ A polifonia é um conceito utilizado na música para fazer referência a um tipo de composição musical onde duas ou mais vozes distintas se desenvolvem preservando um caráter melódico e rítmico individualizado. O oposto é monofonia ou uma única voz. Em linguística a polifonia, de acordo com Bakhtin, se refere à presença em um texto de outros textos.

⁴² *Escriba*: nome dado à pessoa educada na arte de escrever, no caso do Egito os hieróglifos. Na tradição judaica, nome dado àquele mestre capaz de interpretar o texto sagrado, instruído na lei.

como “coisas-em-si-mesmas”, elementos puros, não metabolizados, nem metabolizáveis.

Para Bion (1963), graças à função do *rêverie*⁴³ materno, o bebê pode ter a experiência de essas experiências puras e impressões sensoriais (elementos beta) serem transformadas, metabolizadas em pensamentos possíveis de serem pensados (elementos alfa), de maneira a permitir o amadurecimento psíquico, graças a poder conter, metabolizar, hospedar, restituir esses elementos e devolvê-los para a criança. A primeira operação psíquica é formar pictogramas como os elementos alfa. Posteriormente, estes devem ser colocados em palavras e narrados.

Alicia Lisondo, no artigo “*Rêverie re-visitado*” (2010), faz importantes considerações sobre a gênese do conceito. Compara o conceito do “*holding*” winnicottiano com a *rêverie* de Bion, embora sejam conceitos que têm uma base epistemológica distinta e diz:

O holding, conceito de Winnicott, consiste na sustentação – pela “mãe suficientemente boa”, capaz de “preocupações maternas primárias” – da crença na própria onipotência do bebê. A mãe ampara o filho na dependência absoluta. A valorização da realidade é uma consequência de um holding bem-sucedido. A *rêverie* é a tentativa materna de proporcionar uma função continente destinada a compreender a realidade do bebê, para sustentar a perda da onipotência e dosar o contato com a realidade. (Lisondo, 2010, p. 69).

Lembra que autores como Meltzer, Ogden, Ferro consideram a *rêverie* uma atividade intersubjetiva, “*radicalmente bi-pessoa*” (Lisondo, 2010, p. 77). Se nos inícios da psicanálise o mundo interno e o paciente eram os protagonistas, atualmente, a perspectiva psicanalítica intersubjetiva muda isto. Para Meltzer (1984) seria uma atividade do pré-consciente, o analista sonhando os sonhos do paciente para melhor compreendê-los.

Sobre os pictogramas lembra Lisondo (2010) que Ferro considera a análise como uma atividade intensa de *rêverie*. O analista “recebe, metaboliza e transforma continuamente o que chega do paciente – em forma verbal, para-verbal e não verbal – em imagens visuais intuitivas: os pictogramas emocionais” (Lisondo, 2010, p. 77). Os elementos alfa são “*pictogramas emotivos da relação*”; esses pictogramas podem

⁴³ *Rêverie* do francês que significa comprazer-se com pensamentos vagos, imaginação, quimeras. Serve para nomear a capacidade do objeto de receber as experiências caóticas, confusas ou concretas, responder criativamente a elas e oferecer a possibilidade de sonhar, fantasiar, sonhar acordado.

ser expressos através de narrativas: arte, recordação. As produções pictográficas podem ser expressões “narrativas” desses elementos alfa que buscam ser metabolizados. Ferro (1999) compara a atividade do analista ao fazer de um ateliê, ativar funções imaginativas, poéticas do paciente: “ali onde formam imagens, a partir do relato e a partir do não-dito”. (Ferro, 1999, p. 7).

Aulagnier (1923-1990), no livro a “*Violência da Interpretação. Do pictograma ao enunciado*” (1975), introduz o conceito de pictograma como representação de uma cena, produto da atividade psíquica da representação própria do processo originário. O funcionamento psíquico, para a autora é constituído por três modalidades de funcionamento, dois deles descritos por Freud, no trabalho do sonho: processo primário e secundário e introduz um processo anterior, o processo originário. As representações próprias do processo originário são os pictogramas ou a representação pictográfica; no processo primário a representação é a fantasia ou representação fantasiada e no processo secundário é o pensável, ou capaz de ser dito: “representação de ideia ou enunciado” (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997, p. 24). Processos se sucedem sequencialmente; o processo primário se instalaria logo depois do processo originário. Uma vez instaurados, não há o cancelamento do anterior, eles podem conviver “em espaços diferentes que possuem relações não homólogas entre si, prossegue a atividade que os caracteriza” (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997, p. 24).

No processo originário os pictogramas representam afetos de prazer e desprazer que surgem no encontro com a mãe, mas que são vividos como “auto-engendrado”, o “seio-boca”, o “bebê-mãe”. As representações têm a forma de “pictogramas”, o psiquismo do bebê não registra que o estímulo vem do mundo externo e sim que foi concebido, gerado por ele próprio. No processo primário, a cena leva em consideração a separação do objeto e o sujeito, cenas de prazer e desprazer. No processo secundário, o Eu já tem acesso à linguagem, à temporalidade e à lógica; a função de interpretar é dar sentido à realidade própria e como se vê no mundo. O objetivo do Eu seria reconhecer a realidade do mundo que o rodeia, interpretar esse mundo externo e a relação que tem com ele, fazer inteligíveis as relações entre esses elementos. Essa afirmação entende que todo processo de representação se converte para o Eu em sinônimo de atividade de “interpretação” (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997, p. 26).

A representação pictográfica é a figuração de uma percepção que apresentam, no originário e para o originário, os afetos que ali se localizam de forma sucessiva. Essa figuração é uma atividade inaugural da psique e se caracteriza por ser autorreferente e indizível, não podendo responder a nenhuma das leis a que deve cumprir a vontade do dizível, por mais elementar que seja (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997, p. 60). O característico da representação pictográfica é a impossibilidade de discorrer sobre o conteúdo desse processo originário. Inscrições pictográficas deverão surgir tanto no processo primário como no secundário. O “indizível” do pictograma pode surgir por meio de outras representações próprias dos processos primários e secundários. O uso de recursos não verbais, plásticos, que incluem o sensorio-motor, o corpo, favoreceria esse “indizível” – vivido sensorialmente - a se apresentar sob a forma de um rabisco, um desenho.

Como processo psíquico, a representação, só é possível a partir daquilo que Aulagnier (1975) denomina espaço do encontro: do corpo do bebê com o inconsciente materno. O mundo se apresenta de duas perspectivas: o espaço corporal e o mundo psíquico. No momento inaugural prima o afeto de prazer e desprazer, o corpo do bebê e a psique materna. Nesse encontro ele constrói uma primeira representação, uma cena pictográfica: boca-seio. Os processos primários e secundários exigem territórios e limites diferenciados; os objetos são reconhecidos como exteriores ao sujeito.

Para Anne Brun, a originalidade da proposta de Aulagnier é que a atividade de representação procede de três processos presentes simultaneamente no espaço psíquico. Assim a atividade psíquica passa “da formação (do originário não figurável) à colocação em cena (registro primário) e à significação (registro secundário)” (Brun, 2007/2009, p. 239). O pictograma, o fundo representativo originário, é excluído do conhecimento, mas aquilo que é irrepresentável pode ser ativado. As representações de coisa e de palavra correspondem na teoria psicanalítica clássica aos processos primário e secundário. Os desenhos, as produções pictográficas ativariam esses três registros, como se pode evidenciar no capítulo anterior, em especial o caso de Bob, que coloca em cena o olhar, com alguns significantes como o vazio, o desamparo, a falha na função materna do *holding*. O trabalho com pacientes psicóticos estimula Aulagnier na construção de um modelo da psique que tem como objetivo ter acesso àquilo que a psicose não mostra. O discurso do psicótico é descrito como aquele cujos enunciados estão próximos de uma “*palavra-coisa-ação*”, o que resulta no silêncio da parte do analista.

Anne Brun (2007/2009) considera que as proto-representações no marco do trabalho terapêutico pertencem ao registro dos pictogramas: “que se caracterizam por uma indissociabilidade ou uma especularidade entre o corpo, psique e o mundo” (Brun, 2007/2009, p. 215). As mediações terapêuticas evocam as figurações de proto-representações, pictogramas (Aulagnier, 1975) significantes formais (Anzieu, 1987), significantes de demarcação (Rosolato), representações espaciais e arquetônicas (Haag, 1998), e que Roussillon nomeia como processo próprio da simbolização primária.

3.3 O pictograma grupal como objeto mediador

Na dissertação de mestrado, confirmamos a hipótese de que o desenho coletivo – *pictograma grupal* – é um objeto mediador útil para o trabalho com grupos no primeiro contato, em uma intervenção institucional. Consideramos que, no desenho, pode se introduzir elementos inesperados que transmitem um sentido ao encontro grupal. Um determinado desenho ou traço pode trazer alternativas, soluções e apropriação das dificuldades vividas que, muitas vezes, só podem ser trazidas pelo grupo, graças ao objeto mediador.

O *objeto mediador* etimologicamente vem da palavra mediação, do latim *médiare* que significa mediante, por meio de, entre um e outro. A mediação tem função de separar e de religar, possui a mesma função que o intermediário. Kaës⁴⁴ introduz uma reflexão sobre a relação da mediação com análise transicional e as formações intermediárias. O conceito de mediação tem uma proximidade com as noções de objeto e fenômenos transicionais de Winnicott, não podendo ser pensado isoladamente. (Kaës, Chouvier (Org.), 2002, p. 11). A mediação implica ligar o diferido e o imediato, o contínuo e o descontínuo, o paralisante e o pensamento. Significa religar dois bordos que são disjuntivos, clivados ou separados, característica da vida psíquica estruturalmente dividida: o imediato, o inconsciente (Kaës, Chouvier (Org.), 2002, p. 12).

O aparelho psíquico é estruturalmente formado por “mediação” entre instâncias ou sistemas, separados ou clivados. Em Freud, de acordo com Kaës, as “formações intermediárias” são fundadoras do psiquismo como, por exemplo, o “pré-consciente” da primeira tópica, o “eu” da segunda tópica, o “sintoma” com sua função de passagem ou formação de compromisso. O trabalho do sonho seria um dos primeiros

⁴⁴ No livro *Les Processus psychiques de la médiation* (2002), capítulo I, *Médiation, Analyse Transitionnelle et Formations Intermédiaires*.

paradigmas. Kaës afirma que o sonho é um trabalho de figuração, de dramatização e de simbolização que se produz nas fronteiras intrapsíquicas e intersubjetivas (Kaës, 1999/2000). O pré-consciente é uma instância: “uma formação intermediária entre o inconsciente e o sistema percepção-consciência; de outro lado ele tem uma função intersubjetiva” (Kaës, 1999/2000, p. 21).

No trabalho com objetos mediadores, esta função própria da transicionalidade evoca duas questões fundamentais, quando se trata do uso de objetos mediadores no grupo: (1) de um lado haveria o restabelecimento de funções de união e articulação mediadas pelo objeto; (2) os membros de um grupo, graças aos processos de intersubjetividade, funcionam como contendores e favoreceriam o acesso ao trabalho do pré-consciente, graças à presença do outro. “*A função transicional é o restabelecimento da capacidade de articular símbolos de união em um espaço paradoxal do brincar, mas além da compulsiva experiência de divisão separação ou da união fusão*” (Kaës, 1979, p. 64). Algumas patologias são favorecidas quando abordadas com objetos mediadores, como aquelas dos estados limítrofes, os transtornos psicossomáticos. O objeto mediador, graças a sua função simbolizante e mediadora, é duplamente fundamentais para a experiência do sujeito no contato com a psique do outro.

Kaës distingue seis questões constantes e fundamentais próprias do uso do objeto mediador: (1) restabelece uma ligação de sentido, como laço, transforma conjunta e correlativamente o espaço intrapsíquico e o espaço intersubjetivo; (2) implica uma representação da origem entre o pai e a mãe, uma figuração da conjunção e da disjunção; (3) inscrevem-se na problemática dos limites, das fronteiras e demarcações, os filtros e as passagens; (4) opõe-se ao imediato no espaço e no tempo do registro do imaginário, da violência do corpo a corpo, da passagem ao ato; (5) suscita um marco espaço-temporal, espaço entre dois ou mais espaços, gera uma temporalidade um antes e um depois, entre o ausente e o presente, uma sucessão e se inscreve como processo de transformação; (6) oscila entre a criatividade e a destrutividade, permite explorar o espaço interno e o espaço externo, o espaço singular e o comum e compartilhado. (Kaës, in Chouvier (Org.), 2002, pp. 13-14).

Brun⁴⁵ (2010) considera fundamental pensar nos fundamentos epistemológicos para o trabalho com objetos mediadores como a pintura, modelagem com crianças

⁴⁵ *Mediações Terapêuticas e Psicose Infantil*, no capítulo denominado: “*Mediação terapêutica e simbolização primária: do sensorial ao figurável*”.

psicóticas. As considerações da autora, embora nosso trabalho não centre na psicose, parecem muito pertinentes, devido ao rigor conceitual e os autores que sustentam seu trabalho. Aponta a pertinência da afirmação de Roussillon, da necessidade de elaborar uma metapsicologia da mediação.

Os traços perceptivos são reativados pelas atividades de mediação, de acordo com Brun (2007/2009). O trabalho de figuração ocorre se mobilizar aspectos transferenciais e contrantransferenciais, na relação terapeuta e criança, criança e grupo. O fio condutor é a passagem do sensorial para o figurável; o material produzido deve ser potencialmente simbolizador e o objeto mediador deve servir para articular esses processos. As primeiras memórias arcaicas de natureza perceptivas seriam reativadas, memórias re-catetizadas em forma alucinatória, conforme Freud aponta em *Construções em Análise*. O terapeuta, que utiliza objetos mediadores, está em processo de construção constante com o objeto, a criança e o grupo. Outro aspecto que coloca é que a materialidade do *médium maleável* favoreceria esse processo. A autora utiliza o conceito de “*médium maleável*” presente na obra de Freud, introduzido por Marion Milner (1950) e trabalhado recentemente por René Roussillon.

Dentro da mesma linha do objeto e do espaço transicional de Winnicott, Brun cita Marion Milner⁴⁶ (1950), que sustenta a ideia da necessidade de um intermediário (*médium*) entre a realidade criada e a realidade exterior. Este *médium* seria como “uma substância de interposição através da qual as impressões se transmitem aos sentidos”. Através da pintura, o sujeito seria capaz de exteriorizar uma parte da sua vida interior. Esta substância pode ser o som, a respiração “que se converte em nossa palavra (p. 48)” (Brun, 2010, p. 54). Brun define que para Milner o *médium maleável* é “uma utilização possível do marco material e uma modalidade de utilização do terapeuta” (Brun, 2010, p. 54).

O *médium maleável* é fundamental por que “o *médium maleável* designa, portanto a existência de objetos materiais que têm propriedades perceptivas motoras susceptíveis de fazer perceptível e manipulável a atividade representativa, que consiste em representar em uma coisa o próprio processo de simbolização.” (Brun, 2010, p. 55).

René Roussillon (1991) considera que Marion Milner utilizou o conceito sem dar-lhe a potencialidade que ele tem, sem inscrevê-lo e articulá-lo com a teoria psicanalítica (Roussillon, 1991/1995, p. 146). Roussillon destaca cinco características

⁴⁶ Marion Milner (1956) “*The communication of primary sensual experience*”; “*O papel da ilusão na formação do símbolo*” (1952).

do *médium maleável*, sendo: (1) a *indestrutibilidade*. Ele poderá ser destruído, mudado de forma, deve sobreviver e ter uma maleabilidade, como forma indefinida de transformação e “só assim se faz possível de ser utilizável para representar a função representativa” (Roussillon, 1991/1995, p. 149); (2) *extrema sensibilidade* que significa que não pode ser alterado em sua natureza fundamental; (3) *indefinida transformação*, ou seja, capacidade para adotar qualquer forma sem deixar de ser ele mesmo; (4) precisa estar *incondicionalmente disponível*; (5) ele tem que ter animação própria, ou seja, estar “vivo”. O *médium maleável* é para Roussillon como “o objeto transicional do processo de representação” (Roussillon, 1991/1995, p. 151). Levanta a hipótese de que é “*origem das representações de objeto que representam à representação mesma*” (Roussillon, 1991/1995, p. 152, *itálico do autor*).

Em Freud é possível reconhecer a importância de estudar o sentido e significado de usar objetos mediadores, como desenhar e brincar, amplamente explorados por psicanalistas que trabalham com crianças e psicóticos. O célebre “jogo do carretel” estudado no texto “*Mais além do Princípio do Prazer*” (Freud, 1920), como sugere Kaës descreve de que maneira uma criança utiliza um “*carretel*” para representar a ausência e o retorno da mãe. O “*carretel*” é usado como um objeto intermediário⁴⁷ que permite aliviar a angústia perante a ausência, estabelecer uma passagem entre o pai e a mãe, figurar a conjunção e a disjunção, convocar a presença do ausente (pai e mãe).

A simbolização primária é outro conceito, descrito por R. Roussillon que também fundamenta teoricamente o estudo dos objetos mediadores. A matéria psíquica é imaterial, passa por decomposições. Ela precisa de uma mediação para ter acesso à consciência. Entre as características dadas o autor diz: é “enigmática” e hipercomplexa. No sentido de Morin é: multiperceptiva, multissensorial, multiafetiva, multipulsional. A simbolização primária introduzida refere-se ao processo de passagem da *coisa em si interna* (a realidade da matéria psíquica em si) para uma representação primária. A simbolização secundária corresponderia à tradução da representação de coisa em representação de palavra. O trabalho de simbolização primária aparece como o primeiro momento de atividade simbolizante (Brun, 2010, p. 230).

Anne Brun fundamenta o trabalho com grupos de mediação com crianças psicóticas e cita Roussillon: “alucinando-se nos objetos, os processos psíquicos

⁴⁷ Entende-se que o “carretel” é simultaneamente também um objeto mediador.

imateriais e inapreensíveis em si mesmos se tornam figuráveis e reconhecíveis: a psique pode começar a apoderar-se deles através de sua forma materializada” (Roussillon, citado por Brun, 2010, p. 231). A “experiência transforma a alucinação em uma forma perceptiva, que a re-presenta intrincando-a” (Roussillon, citado por Brun, 2010, p. 231). Os objetos mediadores, no caso os grupos (oficinas e grupos terapêuticos) com pintura, permitiriam que algumas situações de vida inapreensíveis pudessem tornar-se reconhecíveis. A autora dá diversos exemplos que mostram a potencialidade do desenho para figurar o simbolizado primariamente.

Brun (2010), em *Les médiations Therapeutiques*, constata que poucos psicanalistas estudam os processos de mediação e que, devido à proliferação de práticas nesta linha, se faz necessário interrogar os pressupostos teóricos, assim como os fundamentos epistemológicos. De acordo com ela, Roussillon propõe uma teoria dos processos psíquicos e da simbolização nos processos de mediação. Bernard Chouvier articula os processos terapêuticos e o objeto mediador e René Kaës, aproxima os grupos com os objetos mediadores (Brun, 2010, p. 2). De acordo com Brun, os que trabalham com objetos mediadores parecem não estar interessados na exploração de modalidades de interpretação ou de análise da transferência. O objetivo destes é acompanhar o processo de criação e a transformação do material explorado, o uso do mesmo como um *médium maleável*. Interessam-se nas dinâmicas psíquicas e os médiuns que exploram, a apropriação subjetiva, as possibilidades associativas individuais e grupais.

Chouvier (2002) em *Les Fonctions Médiatrices de L'Objet*, aborda a função psíquica do objeto mediador. A materialidade do objeto mediador facilita desenvolver processos de simbolização. O objeto mediador mobiliza a “criatividade, individual ou grupal”, porém não pode ser concebido sem evocar a verbalização que permita encontrar sentidos significantes. Brun (2010) comenta que as produções não são expostas, já que a “mediação se torna o suporte dos laços transferência-contratransferenciais”. A tarefa com o objeto mediador é examinar a “interação entre a verbalização associativa, o vínculo transferencial e o registro sensório-perceptivo-motor presente na utilização da mediação artística” (Brun, 2010, p. 67).

4 O MÉTODO PSICANALÍTICO: A ASSOCIAÇÃO LIVRE

Antes de introduzir o pensamento freudiano, com a descoberta do método da associação livre, apresentamos algumas considerações sobre o associacionismo. Teoria que desde Aristóteles busca encontrar as relações que existem entre as diversas ideias, sensações, percepções, e de que maneira estas se associam entre si, linha de pensamento que teve uma influência importante em diversos campos como a medicina, a filosofia, a pedagogia, a psicologia do século XIX e XX e que esteve diretamente relacionado com Sigmund Freud.

O associacionismo é um movimento teórico que considera que o pensamento é formado por ideias ligadas a experiências sensoriais e que os elementos do pensamento são interligados entre si por leis próprias. Esta corrente de pensamento, inicialmente filosófica e epistemológica, passa a ser de interesse da psicologia a partir do século XIX. Embora não se possa falar de uma corrente psicológica ou de uma “escola psicológica”, o associacionismo é considerado o primeiro movimento psicológico, influenciando as diversas correntes psicológicas: o condicionamento pavloviano, teorias comportamentais (Watson, Skinner) e a psicanálise.

Anzieu⁴⁸ (1959) apresenta alguns dos autores que influenciaram Freud, entre os quais se destacam: Johann Friedrich Herbart (1776-1841); Meynert, (1833-1892) Spinoza (1632-1677), Franz Brentano (1838-1919), John Stuart Mill (1806-1873), Francis Galton (1822-1911). O associacionismo alemão é também uma referência com os trabalhos de Krafft-Ebing y Meynert (diagramas elétricos) Fechner, Wundt e Kraepelin. Além da influência destes psiquiatras, Freud tem um interesse particular pelo associacionismo inglês⁴⁹. O autor afirma que a corrente empírica inglesa, com “sua definição da vida psíquica como “*associação de ideias*”, lhe é tanto menos desconhecida quanto à admiração de tudo quanto vinha deste país” (Anzieu, 1959/1988, p. 63).

⁴⁸ Didier Anzieu, em 1959, no livro “*A autoanálise de Freud: O descobrimento da psicanálise*”.

⁴⁹ Em 1879-1880, quando realizava o serviço militar obrigatório, devido aos longos e tediosos períodos de ócio, ele se dedica a traduzir quatro ensaios de obras reunidas de John Stuart Mill, a pedido de Gomperz, editor da obra de Mill para o alemão (Gay, 1988/2012, p. 53), autor considerado um eminente teórico do associacionismo e empirismo inglês.

4.1 A pré-história do associar livremente

4.1.1 Associacionismo

A associação de ideias da escola associacionista inglesa desenvolveu durante quase duas décadas um trabalho e pesquisa sobre a associação. A associação, palavra de origem latina “*adsociare*”, deriva de *socius*, companheiro, aliado, “agregar”, “unir”, “reunir”. O verbo tem três sentidos: seguir e acompanhar, perseguir e dirigir-se para uma finalidade. Kaës (1991) define que a associação é “o que faz seguir, buscar atingir uma finalidade e comporta um encadeamento consecutivo de efeitos: tanto a sucessão de enunciados como a dos sujeitos” (Kaës, 1991, p. 25).

Na antiguidade, Aristóteles⁵⁰ (384-322, A.C.) apresenta as bases da teoria. Descreve a memória como “uma sequência de pensamentos (denominados movimentos, neste trecho) que recapitula uma série de acontecimentos experimentados na vida da pessoa”. Aristóteles postula uma teoria da memória e não uma concepção filosófica ou psicológica, como viria a ser na Inglaterra, no século XIX (Herrnstein, & Boring, 1971, p. 402). A partir de Aristóteles descrevem-se três leis da associação: (1) Contiguidade definida pela sucessão de ideias ou pensamentos em relação imediata temporal ou espacialmente. Assim um evoca o outro, por exemplo, o fruto lembra a cor automaticamente; (2) Semelhança, ou seja, se duas representações ou estados de consciência são análogos, equivalentes, “mesmo que não tenham tido relação imediata na atividade consciente, uma ou um deles pode reproduzir o outro”, por exemplo, semelhança pela cor, forma, matéria, gênero, origem, função, entre outros (Garcia, 1964, p. 89-90); (3) Contraste, assim um estímulo sugere seu contrário ou oposto, uma cor branca, a preta, o amor sugere o ódio, anão, o gigante.

Thomas Hobbes⁵¹ (1588-1679) escreve que a linguagem é fundamental para a comunicação dos seres humanos e entende que os pensamentos se sucedem em série de um para outro ou num “discurso mental”. Assim, um pensamento segue outro, não de maneira casual ou indiferente. Os pensamentos seguem uma “sequência de pensamentos” (1651). Estes podem ser de dois tipos: não orientados ou sem plano:

⁵⁰ No *Tratado sobre a Memória*.

⁵¹ Reconhecido filósofo e político da época, escreveu em 1651 um tratado denominado “*Leviathan, or the Matter, Forme and Power of a Commom-weath Ecclesiasticall and Civil*”, um tratado de política onde esboça um pensamento psicológico.

de maneira inconstante, os pensamentos oscilam e parecem “impertinentes entre si tal como num sonho” (Herrnstein, & Boring, 1971, p. 407); o segundo é orientado e regulado por um desejo ou um plano; do desejo surge o pensamento que se deseja e se busca. Estes pensamentos são de dois tipos: um procura as causas e os meios, o outro busca os efeitos possíveis de uma situação imaginada ou pensamento. Desta maneira, quando um homem perde algo, no momento em que sente falta, evoca os lugares onde esteve com a finalidade de descobrir onde pode tê-lo perdido. Quando uma pessoa deseja conhecer o resultado de uma ação, por associação lembra-se de uma situação semelhante. Isso lhe permite poder prever os acontecimentos, ser prudente ou providenciar, a partir de conjeturas. Consequentemente, um homem mais experiente poderá ser mais prudente, baseando-se neste tipo de associações. (Herrnstein, & Boring, 1971, p. 409).

John Locke (1632-1704)⁵², o primeiro a utilizar a expressão “*associação de ideias*”, classifica as ideias de simples e complexas, nega que existam ideias inatas. Para ele o conhecimento deriva de impressões sensíveis, simples, vinculadas graças a processos associativos; as ideias se vinculam umas com outras, devido a ligações naturais ou racionais entre elas. Algumas ideias têm uma relação natural entre si, outras não; devem-se ao “acaso”; além disto, há ideias que são incompatíveis entre si, mas que, por alguma força, se mantêm entre si. Algumas ideias estariam relacionadas a impressões despercebidas: assim, por exemplo, para uma pessoa que tem indigestão com mel, só a palavra “mel” pode levar a sensações de vômito, mas a pessoa pode reconhecer quando adquiriu essa indisposição (Herrnstein, & Boring, 1971, p. 411-419).

James Mill (1773-1836)⁵³ interpreta os processos associativos de maneira mecanicista e a mente tem uma posição passiva. Para este autor a contiguidade era o único princípio da associação. Ele descreve que as ligações entre as ideias se dão de maneira incessante como as sensações. Estas são perpetuamente excitadas: uma percepção é associada a uma ideia, um cavalo, ao seu dono, um ministro, ao governo, e assim sucessivamente. Observa que haveria dois tipos de ordens: uma sincrônica (existência simultânea) e outra sucessiva (sequência temporal). As sensações, assim como os objetos dispostos em um espaço, seguem uma ordem sincrônica e

⁵² Na quarta edição do livro “*Ensaio sobre o Entendimento Humano*”, (1689). Formado em filosofia, química, matemática e medicina.

⁵³ “*Analysis of the Phenomena of the Human Mind*” (1829).

sucessiva. Por exemplo, um raio de luz é associado a um trovão; o sol traz o céu. Do lado das ideias, estas se ordenam de acordo com as sensações, ou seja, as ideias podem surgir de sensações ou de outras ideias. Elas também surgem sucessivamente e seguem uma sequência sucessiva. Outro aspecto que destaca é que existem ideias simples fortemente associadas entre si, mas que outras formam complexas ideias compostas por uma combinação de ideias. “Assim, duas ideias complexas podem unir-se, por uma forte associação, e fundir-se numa, da mesma maneira que duas ou mais ideias simples se fundem numa só” (Herrnstein, & Boring, 1971, p. 463).

John Stuart Mill⁵⁴ (1806-1873) considera que as ideias complexas devem ser estudadas por si mesmas. Estas ideias são “excitadas” por outras, de acordo com as “leis da associação”. Uma intensidade maior provoca o surgimento de uma ideia. Ele compara as leis dos fenômenos da mente à mecânica e à química; da mesma maneira que as ideias se “fundem”, como as cores do arco-íris se fundem em uma só cor, o “branco”. Mill questiona de que maneira algo que poderia ser indiferente, de repente, se torna desejável. Para este autor, as ideias mais elevadas, os desejos e emoções também são provocados por associações da mesma maneira que as simples ideias que se associam. (Herrnstein, & Boring, 1971, p. 463-467).

4.1.2 Empirismo inglês: Francis Galton

Francis Galton⁵⁵, estudioso da inteligência, o primeiro a utilizar os métodos estatísticos cria uma prova de associação de ideias ou de palavras⁵⁶. Em 1879, realiza o experimento de associação, técnica utilizada nos laboratórios experimentais. Expôs a si mesmo uma lista de 75 palavras e cronometrou o tempo de reação entre a palavra estímulo. Posteriormente, examina o tipo de resposta, a natureza das ideias (visualizações, lembranças vinculadas a outro ato) assim como a origem destas, buscando os nexos com a própria história de vida (da infância e juventude, da vida

⁵⁴ Filósofo e economista, autor traduzido para o alemão por Freud. Filho de James Mill de quem herda a teoria do associacionismo, seguidor do empirismo de Hume e teoria da sociedade industrial de Saint-Simon e Comte escreveu duas obras clássicas: *O system of logic, Ratiocinative and Inductive, being connected View of the Principles of Evidence*, e *Methods of Scientific Investigation* (London, 1843).

⁵⁵ Francis Galton (1822-1911) estudou medicina e seu campo foi antropologia, matemática e estatística. O primeiro a criar testes de inteligência, propôs uma teoria da herança.

⁵⁶ Logo utilizada por Wilhelm Wundt (1832-1920), Emil Kraepelin (1856-1926), Bleuler (1857-1939) e posteriormente por Jung (1875-1961).

adulta subsequente ou de experiências mais recentes). Repete em seguida à experiência⁵⁷ e avalia os resultados.

Seguindo esse modelo outros autores utilizam o experimento, que consiste em apresentar as palavras e pedir: “*a primeira palavra que lhe vem à mente*”. Alguns estudos foram realizados com crianças que, de maneira diferente dos adultos, davam mais do que uma resposta diante de uma palavra, como se prolongassem ou explicassem “*mesa-feita de madeira*”, “*macia-neve é macia*”, ou respondiam com palavras opostas ao estímulo. E as crianças muito pequenas repetiam a palavra estímulo. Nesta linha de pesquisa, encontram-se experiências como o “*detector de mentiras*” utilizado na clínica forense. Desde aquela época existem diversos estudos sobre este tema.

Este tipo de técnica⁵⁸ trouxe considerações importantes sobre os processos associativos: (1) existe uma atração entre palavras que independe do uso delas. (2) há uma força, além da afinidade entre as palavras. (3) as hipóteses foram colocadas à prova, como experimentos científicos, com controle de variáveis.

4.1.3 Escola de Zurique: Clínica Burghölzli

Bleuler introduz o método de associação de palavras, na Clínica Burghölzli que dirige: “*para melhorar o diagnóstico dos pacientes e para testar empiricamente as hipóteses de Freud*” (Richebächer, 2012, p. 84). Ele pesquisa o teste de associação de palavras com seu assistente Franz Riklen e, posteriormente, Jung⁵⁹ se encarrega do laboratório realizado com rigorosidade empírica. O teste de associação de palavras consiste em o médico dizer em voz alta uma lista de 156 palavras⁶⁰ e perguntar que

⁵⁷ Concluí que: (1) 45% das suas respostas eram puramente verbais, 32.5% eram “*histriônicas*” (postural); (2) as ideias que mais frequentemente apareciam nos quatro testes datavam da sua infância; (3) o tempo médio estimado para a lembrança de uma única ideia foi de 1.3 segundos; (4) algumas das ideias lembradas eram impróprias para publicação, pois desnudavam sua “*anatomia mental*” (Keller & Schoenfeld, 1950/1966, p. 235).

⁵⁸ As bases teóricas desta técnica remontam a Aristóteles que propõe três grandes princípios da associação por: contiguidade (evocam-se sucessos temporalmente ou espacialmente ligados à palavra ou fato), semelhança (parecido) e contraste (o que aparece é um fato oposto).

⁵⁹ Jung a partir de 1906, publica os seguintes artigos: *Investigações experimentais sobre as associações de sujeitos saudáveis* (C. G. Jung y F. Riklin, 1904/1906), *Análise das associações de um epilético* (1905/1906), *Sobre o tempo de reação no experimento de associação* (1905/1906), *O diagnóstico psicológico forense* (1906/1941), *Associação, sonho e sintoma histérico* (1906/1909), *O significado psicopatológico do experimento de associação* (1906), *O Método da associação* (1910) e *A constelação Familiar* (1910).

⁶⁰ Cabe a Jung diminuir o número de palavras estímulo de 156, inicialmente propostas por Wunt e Bleuler, para 100 palavras.

outra palavra lhe ocorre. Durante o experimento medem-se os tempos de resposta e observa-se o tipo de reação perante a palavra indutora. Anota-se a palavra, o tempo de resposta e a reação. Em seguida é realizado um re-teste que tem como objetivo verificar se o paciente repete a mesma palavra, se há consistência e constata quais as mudanças. E, “sempre que há hesitação, em alguma resposta ou ocorre algum problema na repetição, fala-se de um complexo condicionado pelo sentimento” (Richebächer, 2012, p. 84). Um tempo de reação maior que a média, uma frase no lugar de uma palavra, um gesto indicaria a existência de algum tipo de complexo a ser explorado.

Richebächer (2012) destaca que Franz Riklin, assistente de Bleuler, foi o primeiro a unir o procedimento ao conceito freudiano de associação inconsciente. Posteriormente, Jung orienta pesquisadores para investigar diversos quadros clínicos, diferenças de gênero, pessoas saudáveis e pacientes. Colaboradores de Bleuler e de Jung apresentam trabalhos com rigorosidade e caráter científico. Os resultados trazem a Freud à esperada confirmação científica⁶¹ de suas suposições sobre o inconsciente. (Richebächer, 2012, p. 334). Desta maneira, os experimentos iniciais do psicólogo inglês Galton têm em Zurique com Jung um avanço e extensa pesquisa.

Jung utiliza a prova de associação de palavras, para o diagnóstico psiquiátrico, dos traços da personalidade, quadros psicopatológicos, e tipo de complexos⁶², prova considerado o primeiro teste projetivo. Experiência que lhe permite confirmar a hipótese de que o inconsciente atua no processo associativo. A hipótese é que palavras que usualmente são neutras podem se mostrar emocionalmente “carregadas”, devido às conexões com as experiências vividas pelo paciente. Jung utiliza esta prova não só para diagnosticar inicialmente um paciente, mas também ao longo do tratamento dos pacientes⁶³. Sublinhamos que Jung também considerou útil, aplicar esta prova para um “grupo familiar”, o que lhe permitiu concluir sobre os complexos familiares.

⁶¹ Os procedimentos de pesquisa experimental com registro de resposta, tempos cronometrados, observação das reações, média das respostas configuram uma pesquisa empírica, valorizada nos meios acadêmicos.

⁶² Jung busca nas associações os “complexos” e comportamentos reprimidos. Descreve os complexos: com pai, mãe, irmãos, sexual.

⁶³ Richebächer (2012), no estudo do prontuário de Sabina Spielrein, verifica que, pelo menos, sete vezes ela foi testada. Por sua vez, esta paciente posteriormente estudou medicina, e ela passou a utilizar o recurso com pacientes e a auxiliar utiliza o Jung nas suas pesquisas.

4.2 O interesse literário de Freud

Anzieu (1959) discorda com Jones, quem atribui o uso da adoção da livre associação, a pouca paciência ou a passividade de Freud. Para Anzieu “*foram os escritores que lhe deram segurança no poder criador das associações livres*” (Anzieu, 1959/1988, p. 135, itálico nosso). Destaca o poeta Schiller⁶⁴ (1759-1805) que teria influenciado com a maneira de conceber a criação poética: livre de qualquer policiamento, solta a imaginação, de maneira contrária ao mandato da razão. A criação artística se produz quando o ser humano se abandona como em um sonho à espontânea geração de ideias. Freud, na *Interpretação dos Sonhos*, declara:

Na realidade não é muito difícil retirar assim a guarda que vela nas portas da razão, como diz Schiller, e colocar se em estado de auto-observação, sem crítica; a maioria de meus doentes o conseguem num primeiro intento, e eu mesmo o faço facilmente, sobretudo se escrevo quantas ideias me ocorrem, o que constitui um grande socorro. (Freud, citado por Anzieu, 1959/1988, p. 135).⁶⁵

Anzieu (1959), Laplanche e Pontalis (1970) sublinham que uma das fontes para se interessar nas associações livres foi à influência de Ludwig Börne⁶⁶, escritor que publica em 1823 *A Arte de se tornar um Escritor Original em Três Dias* e que Freud havia lido na juventude. Börne recomendava: “escrever tudo que acode ao espírito” e “denunciava os efeitos da autocensura sobre as produções intelectuais” (Laplanche, & Pontalis, 1970, p. 72).

Anzieu cita Börne:

Dou-lhes agora a prometida receita prática: tomem algumas folhas de papel e, durante três dias seguidos, escrevam tudo o que lhes passe pela cabeça, sem desnaturalizar nada e sem hipocrisia. Escrevam o que pensam de vocês mesmos, de suas mulheres, da guerra turca, de Goethe, do crime de Fouk, do juízo final, dos superiores hierárquicos, e, ao fim desses três dias, ficarão estupefatos ao verificar quantos pensamentos novos, jamais expressados, brotaram de vocês. Eis aqui em que consiste a arte de chegar a ser um escritor original em três dias (Börne 1823, citado por Anzieu, 1959/1988, p. 136).

⁶⁴ Johann Christoph Friedrich Schiller é poeta, filósofo, e médico alemão.

⁶⁵ Esta carta de Schiller datada de 01 de dezembro de 1788 é dirigida a Körner e exumada por O. Rank. Freud, em 1909, a utiliza.

⁶⁶ “Na realidade, o próprio Börne deve a “invenção” do método aos Mesmerianos e aos primeiros espíritas da clínica de Chevalier de Barberin sediado na colina da Cruz Vermelha de Lyon” (Roussillon, 2012, p. 9).

4.3 Aquilo que os pacientes lhe ensinam

As mudanças, os questionamentos, as críticas percorrem a obra de Freud, atitude que imprime e ensina a maneira como o criador da psicanálise se coloca perante seu objeto de estudo. Para Octave Mannoni (1987) *A Interpretação dos Sonhos* expõe o método de trabalho de Freud, herdado parcialmente de Charcot, mas talvez também de seu trabalho no laboratório⁶⁷: o de olhar detidamente e por longo tempo as coisas para que elas possam lhe “falar” (Mannoni, 1987, p. 56). Freud inaugura, com tal característica, uma maneira de olhar e escutar, ser capaz de reconhecer as dificuldades do método que utiliza ou o excesso da pressão que pode exercer. Ele é capaz de escutar o pedido e “deixar quieto” o paciente. Mas, sem abdicar, ele busca outro recurso, uma saída. De acordo com essa atitude, ele vai deixando a hipnose e a sugestão para logo introduzir um artifício técnico até abandoná-lo e centrar seu trabalho na associação livre. Freud mostra uma atitude crítica permanente, enquanto trabalha, trata um paciente ou pensa um conceito. Ele vai descobrindo a necessidade de suspender qualquer saber preconcebido para permitir revelar aquilo que está ali, que não é possível olhar ou escutar. Olhar e escutar, dois verbos que sintetizam sabiamente o percurso do descobrimento psicanalítico e o caminho a seguir, quando se deseja empreender uma pesquisa. Neste sentido, cabe sublinhar que a psicanálise, além de ser um recurso terapêutico, é fundamentalmente um método de trabalho e de pesquisa, de acesso a processos psíquicos e conteúdos inconscientes.

Para chegar à técnica da associação livre, Freud percorre um caminho que vai do médico-neurologista ao psicanalista; do valor da sua paixão pela obra literária ao reconhecimento da impregnação desta, na maneira de conduzir seu trabalho; da marca do seu acervo cultural para a incorporação desta riqueza, no pensamento e na prática que vai conceituando. A associação livre impõe um novo giro ao trabalho do médico. No lugar de este buscar os eventos traumáticos e os fatos a ele associados, o paciente, através do processo associativo, impõe seu ritmo e o caminho que lhe é próprio. Freud (1925/1926/2010) afirma que o trabalho da análise passa, a ser conduzido pelas associações do paciente e que dificilmente um paciente não traz ocorrências. A partir deste momento, não é mais tarefa do médico ou terapeuta

⁶⁷ Trabalho no Laboratório de fisiologia de Ernst Brücke que lhe propôs a tarefa de estudar a histologia do sistema nervoso (Freud, S. 1925[1924] /2010, (Vol. 20), p. 9).

pressionar e buscar associações como nos tempos pré-psicanalíticos. Freud reconhece que a associação livre é um método “menos penoso” para o paciente e o médico, oferece uma “violência mínima”. Freud cita:

No essencial o paciente é liderado a determinar a marcha da análise e o ordenamento do material, o que torna impossível a elaboração sistemática de cada um dos sintomas e complexos. Em oposição ao que sucede nos métodos hipnóticos ou sugestivos, o médico averigua coisas intimamente entrelaçadas entre si em diversos momentos e lugares do tratamento. (Freud, 1925/1926/2010, (Vol.20), p. 39, itálico nosso).

Estar livre é não seguir um plano, como na sugestão e/ou na hipnose. O curso da livre da associação leva a caminhos inesperados, guiados somente pelo paciente e às representações-meta, inconscientes. No início, seguir um roteiro pré-determinado, estabelecer uma sequência, relatar uma série de fatos obrigam o médico e paciente a buscar e detalhes e acontecimentos prévios e a eles dar atenção. A arte de associar livremente está muito longe deste modelo inicial - buscar as lembranças traumáticas através da ab-reação - que lembra a rigorosidade do método científico da época, às vezes útil, mas não para a tarefa psicanalítica.

Ao descentrar o papel do médico, coloca-se o paciente com a responsabilidade do processo. Isto implica o reconhecimento de que apenas o analisando é capaz de encontrar-achar aquilo que está “ali”, que parece ou deseja “ignorar saber”. Neste sentido, a imagem do médico capaz de agir como se fosse um “oráculo” é questionada. É o paciente que determina a marcha da análise e a “ordenação do material”. Diferente a maneira de ordenar ou elaborar sistematicamente os sintomas, como nos tempos da hipnose, que buscava encontrar o sintoma e seus enlacs. Freud, ao abandonar a hipnose, introduz um artifício técnico, intermediário, que consiste em impor uma pressão sobre a testa do paciente e recomenda que siga as ideias que surgirem.

As históricas ensinam a Freud: (a) encorajar, libertar o paciente a se abandonar às ocorrências que surgirem e falar aquilo que espontaneamente brota na mente; (b) ao retirar o olhar – face a face – e convidar o paciente a se deitar, a associação livre surge com maior facilidade. No início, seguir um roteiro pré-determinado, estabelecer uma sequência, relatar uma série de fatos obrigam o sujeito a prestar atenção ao detalhe e/ou a veracidade. A arte de associar livremente está muito longe do modelo inicial – buscar as lembranças traumáticas através da ab-reação – que lembra a rigorosidade do método científico da época, às vezes útil, mas não para a tarefa psicanalítica.

4.4 O associacionismo e os processos psíquicos

As leis do associacionismo estão presentes no raciocínio freudiano na leitura dos fenômenos observados. Estes são descritos de acordo com o tipo de associação por: contiguidade, semelhança, simultaneidade. O aparelho psíquico, os processos mentais são pensados seguindo as leis da associação e, nos primórdios, o modelo neurológico. Mas a novidade, o que Freud vai descobrir ao longo do seu trabalho, é que as associações seguem uma lógica distinta, não considerada até então pelo associacionismo: a lógica do inconsciente.

O *Projeto de uma Psicologia Científica*⁶⁸ (1895), manuscrito escrito por Freud em 1895, tem como objetivo escrever uma psicologia para neurologistas. Esboça conceitos que posteriormente desenvolve, utiliza uma linguagem da física, fisiologia, para explicar o funcionamento do cérebro, sua mecânica de maneira a tornar a psicologia uma ciência natural. O projeto é longamente trabalhado. Antes mesmo de iniciar sua escrita, em 25 de maio de 1895, escreve a Fliess: “Duas ambições me atormentam: primeiro, averiguar que forma cobra a teoria do funcionamento psíquico se introduzir nela um enfoque quantitativo, uma espécie de economia nervosa, e segundo, extrair da psicopatologia aquilo que pode ser útil para a psicologia normal” (Freud, 1895/2010, (Vol.1) p. 326). Freud intenta estabelecer nexos entre os processos mentais e psíquicos. Os processos psíquicos são concebidos como grupos de neurônios que possibilitam ou impedem a passagem das magnitudes que afetam as funções psíquicas mais elevadas como o juízo, o pensamento.

O *Projeto* apresenta um modelo associativo. Da mesma maneira que os neurônios se associam entre si, o funcionamento psíquico também segue as mesmas leis. Sobre a percepção aponta: “A percepção seguinte do mesmo objeto trará por consequência (com arranjo à segunda lei da associação [associação por similitude]) um investimento maior da mesma percepção e só esta será a percepção psicologicamente utilizável” (Freud, 1895/2010, (Vol.1) p. 410). Outro processo associativo se dá entre as investidas-atenção e as investidas-percepção; em

⁶⁸ Grande parte do manuscrito é escrito como anotações por Freud, após encontrar Fliess. Depois do entusiasmo, abandona o texto, que fica como um segredo compartilhado por alguns analistas e só é publicado postumamente. A primeira publicação do texto inédito foi em Londres em 1950. Strachey (1950) comenta que o texto não teve só valor histórico, ele “iluminou por vez primeira algumas das mais escuras hipóteses fundamentais de Freud” (Strachey, citado por Freud, 1950/2011, Vol. 1, p. 333).

algumas situações se observam percepções sem atenção. Destas considerações supõe duas modalidades no pensar: um comum e outro o “meramente observador”. No lugar da percepção surgem investimentos-lembranças que estão conectadas por associação com os neurônios.

Para Laplanche e Pontalis (1967) no *Projeto* a noção de associação é vinculada à descoberta psicanalítica do inconsciente. As associações funcionam como um “aparelho neurônico”, com bifurcações e processos de facilitação ou não facilitação que impõem caminhos diversos à energia e excitação. As passagens se realizam por um “processo de oposição diferencial: tal caminho só é aberto ou facilitado em função da não facilitação do caminho oposto” (Laplanche, & Pontalis, 1967/1977, p. 71). Anzieu sintetiza que Freud neste texto descreve que os processos psíquicos são estados quantitativamente determinados de neurônios: distingue processos psíquicos primários (descarga, realização de desejos, quantidade móbil) e secundários (inibição, prova da realidade, quantidade ligada); supõe três categorias de neurônios (estímulos internos, externos, percepção - consciência); aplica o princípio da inércia ou conservação da energia ao sistema nervoso e, por este caminho, à psicologia. [...] Estabelecer uma psicologia geral se converte em seu objetivo científico essencial. (Anzieu, 1979, p. 652).

Freud, mais próximo da neurociência da sua época, esboça na denominada *Carta 52*⁶⁹, pela primeira vez, uma teoria do Aparelho Psíquico sob a ótica da associatividade. Supõe uma estratificação, traços mnêmicos que se reordenam de tempos em tempos de acordo com novos nexos. O esquema que esboça consta dos seguintes registros ou transcrições: *P* como percepção; *Os* ou *S-pcpc* como signo perceptivo; *Ics* ou *Ic* como inconsciência; *Pcs* ou *Prc* como pré-consciente; e *Cs* como consciência. No *Pcpc*, ou *Ps*, ou signos de percepção, uma primeira transcrição, não consciente, mas o importante é que não é susceptível à consciência, e está “estruturado de acordo com associações por simultaneidade”, de maneira que uma palavra pode ser associada em seguida a um conceito. Outro aspecto é que nesse registro a memória e a consciência se excluem mutuamente. O segundo registro ou transcrição, *Ic* ou *Ics*, é denominado “inconsciência” (1896/2012) ou inconsciente. Ordena-se com outro tipo de associações, por causalidade e é inatingível para a consciência. O terceiro registro ou transcrição corresponde ao *Prc* ou *Pcs*, a pré-

⁶⁹ *Carta 52*, escrita a Fliess, em 06 de dezembro de 1896.

consciência ou o pré-consciente, ligado às representações de palavras e: “ligadas a imagens verbais e correspondentes a nosso Eu oficial” (Freud, 1895/2010, (Vol.1), p. 275). O “eu oficial” é o eu consciente. Descreve que existem percepções ou transcrições que não chegam à consciência, que estão estruturadas por associações de simultaneidade.

Freud formula a teoria sobre o papel da linguagem na operação anímica, no *Projeto* (1895), sob o prisma da associatividade, pela primeira vez:

Cumpra esta finalidade a *associação linguística*. Consiste no enlace dos neurônios “psi” com neurônios que servem as representações sonoras e possuem as próprias associações, mas íntimas com *imagens linguísticas motrizes*. Estas associações têm a vantagem sobre as outras em dois caracteres: são fechadas (poucas em número) e exclusivas. Da imagem sonora a excitação atinge sempre a imagem-palavra e desta à descarga. (Freud, 1895/2010, (Vol.1), p. 413, *itálico nosso*).

Os neurônios seguem vias de condução sensitivas “*ramificando-se* continuamente e apresentam vias mais grossas e mais delgadas, *que terminam em numerosos pontos terminais*, provavelmente com o seguinte significado: Um estímulo mais intenso segue outros caminhos que um mais débil.” (Freud, 1895/2010, (Vol.1), p. 359, *itálico nosso*). Os neurônios estão isolados, uns dos outros por barreiras de contato, resistências: “Existe, não obstante, uma lei fundamental de *associação por simultaneidade [contiguidade]*, que se afirma na atividade psíquica pura” (Freud, 1895/2010, (Vol.1), p. 363). O neurônio deve seguir o caminho para a barreira ou para a vertente oposta que esteja catectizada, reforçando ou antagonizando, segundo o caso.

Nos *Estudos sobre Histeria* (1893/1895) e na *Psicoterapia da Histeria* (1895) o sintoma histérico é descrito como conglomerado de situações que se enlaçam entre si e que a psicoterapia busca ordenar. Haveria uma múltipla determinação do sintoma, além da situação traumática. Numa ordem cronológica pode-se encontrar um núcleo que, por sua vez, está enlaçado a outros em um sentido lineal, como se fosse um pacote que contém algumas atas. Outra ordem encontrada é como uma “*estratificação de maneira concêntrica*”. Algumas lembranças as mais periféricas, são conscientes, enquanto que as mais próximas do núcleo concêntrico são as que têm maior resistência. (Freud, 1895/2010, (Vol.2), p. 294). O terceiro modelo de ordenamento tem um caráter mais dinâmico, de acordo com o conteúdo do

pensamento. As líneas podem ser uniformes ou curvas ou enredadas; o importante é que transitem da periferia ao núcleo, e deste ponto a outros pontos, por caminhos irregulares, como “tocando estações” ou semelhante ao cavalo no tabuleiro do xadrez. Neste sentido, Freud afirma: “O nexu lógico não corresponde a uma linha quebrada em zigzag, mas a um sistema de *linhas ramificadas*, e muito particularmente convergentes” (Freud, 1895/2010, (Vol.2), p. 295, itálico nosso). Garcia-Roza destaca a ideia em Freud:

A cadeia lógica não se parece tanto a uma linha quebrada em ziguezague, mas a um sistema de linhas ramificadas, em particular convergentes. Contém pontos nodais nos quais dois ou mais fios se reúnem e continuam como um só; e no núcleo desembocam em geral vários fios de caminhos distintos ou que são ligados por conexões laterais. Para dizer em outras palavras: é notável o quão frequente um sintoma é de determinismo múltiplo, de comando múltiplo. (Freud, citado por Garcia-Roza, 1993, p. 113-114).

As cadeias associativas formam configurações de enlace entre si e o trabalho da análise consiste justamente em desvendar essas cadeias e encontrar as lógicas da relação entre elas. Garcia-Roza (1993) sublinha o caráter destes enlaces. Eles não se dão entre pensamentos latentes e, sim, conteúdos manifestos com pensamentos latentes. Além de descrever a multiplicidade própria do sintoma, esta citação testemunha fundamentalmente, as diversas modalidades associativas como cadeias que se enlaçam de diversas maneiras, representações que tomam um aspecto e não outro, que vão e voltam. Outro aspecto sublinhado é a imagem do “ponto nodal”, com a figura dos fios que convergem num ponto e “que dali, torna a se desatar unidos; em um núcleo desembocam por regra geral vários fios de trajetórias separadas que mostram algumas conexões laterais” (Freud, 1895/2010, (Vol.2), p. 295).

Nos processos psicopatológicos, os sintomas têm como origem falsas ligações ou associações, por simultaneidade e por contiguidade. Existem defesas primárias que impedem o processo associativo e a “*circulação associativa entre diferentes partes do ego*”. Roussillon (2012) comenta que as histéricas, por exemplo, são consideradas “associativas”. Nos “*Estudos sobre afasia*” (1891) pode se encontrar os primeiros traços da associatividade com a clínica. O ego também tem como característica a “*circulação associativa*” entre suas diferentes partes constitutivas. (Roussillon, 2012, pp. 9-10).

4.5 O método psicanalítico

A associatividade, como destacamos, impregna o pensamento freudiano: a psique funciona de maneira associativa, os processos psicopatológicos são produto de falsas associações. Roussillon (2012) assinala ser muito coerente que Freud tenha proposto um método baseado na associatividade. Denota: “Sua convicção se fortalece nos anos seguintes à medida que ele se aprofunda na concepção daquilo que organiza e agênci secretamente os laços associativos, ele consegue revelar a lógica dos “complexos associativos” e outras formações do inconsciente” (Roussillon, 2012, p. 13). Desprende-se deste raciocínio que o fundamental no método psicanalítico não é a associação ser livre, já que ele traduz uma regra de escuta da associatividade, que facilita o trabalho. O fundamental para Roussillon é a escuta do analista (Roussillon, 2012, p. 13).

4.6 Conceito de associação livre

A “associação livre”, de acordo com Rycrft, é uma tradução inexata do termo utilizado por Freud em alemão “*Freier Einfall*”, a palavra *Einfall* significando: “*irrupção*”, “*repentino*”, “*improvisado*”. A tradução mais próxima seria “*ideia repentina*” (Rycrft, 1975, p. 44). O sentido de “livre” é deixar-se irromper, permitir surgir, invadir, deixar que elementos se precipitem ou brotem, sem antecipar ou eliminar o que está surgindo ou está por vir, conseqüentemente, a espontaneidade é essencial. Associar livremente é semelhante ao ato criativo no qual o artista se permite ser tomado por aquilo que surge. Neste sentido, Anzieu (1959) considera como precursora da técnica da associação livre a paixão de Freud pela literatura.

Kaës (1991) apresenta os vários termos que Freud utiliza para designar a associação de ideias, pensamentos ou representações: “*die Assoziation*” (*cadeia associativa*); “*die Sequenz*” para série ou sucessão; “*die Reinne*”, a linha; “*die Linie*”, o fio; das *Einfall* como “*isso que sobrevém subitamente ao espírito*” (Kaës, 1991, p. 26). Outro termo que utiliza é “*die Verbindung*” como cumprir a “*bindung*” do vínculo, do “*binden*” ligar ou do “*bund*” agrupamento. Freud vai utilizar também a “*bindung*” para designar as ligações pulsionais, na transferência, do vínculo de *transferência*. “*Este universo semântico comporta então a inscrição de uma correlação entre associação de pessoas e associação de ideias*” (Kaës, 1991, p. 26).

Se o *Einfall* é aquilo que brota espontaneamente, incidentalmente, a composição criativa tem esse proceder, e faz parte do desenvolvimento da arte de criar, seja um poema, uma melodia, uma obra pictográfica, esse “brotar” “irromper” que Freud aprecia na criação literária.

4.7 O inconsciente: a especificidade da associatividade

A psicanálise é um método de tratamento e de investigação dos processos psíquicos inconscientes, inacessíveis de outra maneira; uma teoria geral do homem e da alma fundamentada nesta investigação. O pensamento e a lógica formal da razão, imperante na época, descentram-se quando se reconhece a existência de outro tipo de funcionamento mental: onde coexistem os opostos e está ausente a temporalidade, que funciona conforme regras distintas, as da lógica e da razão. Este descobrimento só é possível, depois de um longo e laborioso percurso, graças à genialidade de um homem, que imprime à sua criação a marca da sua história pessoal e do contexto social, cultural e político da Viena do século XIX.

O reconhecimento da etiologia das neuroses, seus mecanismos e fenômenos, a resistência, o recalque, a significação etiológica da vida sexual e o valor dos sucessos infantis demandavam um método que desentranhasse a origem dos sintomas neuróticos. Inicialmente a clínica com as histéricas leva Freud a se debruçar e buscar desvendar a origem do sofrimento dos seus pacientes. Enquanto isso analisa seus próprios sonhos e descobre que eles são um fenômeno da vida anímica normal e estão construídos de maneira semelhante aos sintomas que observa, com um sentido a ser revelado. Freud, na sua *Autobiografia* (1925), destaca que a psicanálise, com “*ajuda do procedimento da associação livre e da arte de interpretar*”, conduz a domínios científicos novos, definida não apenas como um auxiliar da abordagem da psicopatologia e sim como “o princípio de uma psicologia nova e mais fundamental, indispensável também para a compreensão do normal” (Freud, 1925/1948, (Vol. 2), p. 941).

4.8 Adoção do associar livremente

O método da associação livre, Freud tinha-o aplicado na autoanálise dos sonhos, quando sugere não seguir o curso do pensamento; rejeitar toda ideia de representações-meta para assim chegar às ideias latentes, colocar fora a censura entre

o pré-consciente e o consciente. Adverte sobre a necessidade de intensificar atenção sobre os processos psíquicos e eliminar a crítica que seleciona as ideias, no *Método da interpretação onírica* (1901). Sugere criar um estado semelhante e anterior ao repouso, através de um convite para auto-observação, eliminando pensamentos “voluntários”.

No *Método da Interpretação dos sonhos* (1901), recorre à figura plástica, de uma ideia chegar à “porta” e parecer insignificante, para logo surgir outra que dá valor a essa primeira; e “que, unindo-se a outras tão insulsas como ela, forme um conjunto nada desprezível” (Freud, 1901/1948, (Vol.1) p. 310). A “razão” precisa ser retirada da “porta” da vigilância, como no ato criativo. Ressalta que a censura exercida é retirada da “porta” daquilo que se permite criar; a censura entre o pré-consciente e a consciência é menor.

A especificidade do associar livremente no contexto da análise é exposta pela primeira vez no artigo: *O Método Psicanalítico de Freud*, escrito em 1903/1904. Escrito como uma contribuição ao livro de Lowenfeld⁷⁰ redigido com o intuito de apresentar as modificações técnicas introduzidas por Freud, após abandonar o método da hipnose. Descreve-se o método psicanalítico e um dispositivo específico, o divã-poltrona, que consiste em, sem exercer sobre o paciente “nenhuma influência” convidá-lo a se deitar no divã, enquanto o analista se sinta comodamente, “subtraído da vista”, atrás do paciente. Sugere evitar qualquer tipo de contato que possa lembrar a hipnose, além disso, não pede para o “fechar os olhos” (Freud, [1903]1904/2010, (Vol.7), p. 238). Os pensamentos “involuntários, sentidos quase sempre como perturbadores e por isso afastados em circunstâncias habituais, têm a tendência a se cruzar na trama de uma exposição deliberada” (Ibidem, p. 238). Por conta disto, antes “de exortar a relatar em detalhes o historial clínico⁷¹” – método tradicionalmente conhecido como anamnese – recomenda-se “participar tudo que passar na cabeça, ainda que pareça sem importância, o que vier ao acaso, o que é disparatado; pede-se, pelo contrário, não excluir da comunicação pensamentos ou ocorrência alguma, por mais que seja penoso ou vergonhoso” (Ibidem, p. 239). Neste sentido, traduzir “*Freier Einfall*” como “ocorrências espontâneas”, talvez seja uma melhor tradução.

⁷⁰ Freud atende a um pedido de Leopold Löwenfeld (1847/1924) que preparava um livro sobre os fenômenos obsessivos e escreve um artigo denominado “*O método Psicanalítico*”. Roudinesco lembra que recorreu timidamente a esse método, desde 1894, quando analisa os sonhos dos pacientes. (Roudinesco, 1998, p. 849)

⁷¹ O relato clínico ou anamnese é utilizado na clínica médica, com o intuito de reconhecer os antecedentes e as causas de uma doença. Em este artigo, Freud já observa que nesses relatos há lacunas, se confunde as relações de tempo, desarticulam os nexos causais “de tal maneira que resultam incompreensíveis” (Freud, S. 1905[1903] /2010, (Vol.7), p. 239).

No “*Esquema da Psicanálise*”⁷², no capítulo VI denominado “*A Técnica Psicanalítica*” vincula o arcabouço teórico com a técnica. A metáfora que utiliza é da guerra, onde o eu do paciente e o analista se aliam para entabuar uma guerra contra os inimigos que oprimem o eu, debilitado do paciente. Freud afirma: “Celebramos um pacto {*Vertrag*; contrato}”. O paciente promete “algo mais do que sinceridade”. Em contrapartida o analista oferece total discrição. O analista deve devolver ao eu do paciente “o império sobre jurisdições perdidas da vida anímica. Em este pacto baseia-se a situação analítica” (Freud, 1940 [1938] /2010, (Vol.23), p. 174). O paciente deve oferecer não só aquilo que sabe e o que esconde aos demais, como também deverá dizer sobre aquilo que não sabe.

O paciente deverá obedecer a “*regra fundamental da psicanálise*” comunicar o que deseje e que lhe trazer alívio, mas também dizer tudo aquilo que “acuda a sua mente”, que surgir dá sua auto-observação “ainda que lhe resulte *desagradável*” ou “*carente de importância, insensato e/ou absurdo*” (Freud, 1940 [1938] /2010, (Vol.23), p. 175). Neste texto, destaca a transferência em suas diversas facetas, vantagens e perigos; analisa o valor e importância para o trabalho e a técnica psicanalítica.

Freud realiza uma observação destacável, que em Winnicott é um eixo fundamental do trabalho. No referente à interpretação e reconstrução adverte a necessidade de “considerar” com cuidado “a escolha do momento em que devemos fazê-lo” e sugere aguardar “até o momento oportuno” o “qual não é sempre fácil”. E recomenda: “Como regra, *posporemos* comunicar uma construção, dar um esclarecimento, *até que ele mesmo tenha se aproximado tanto a este que só lhe reste um passo*, ainda que esse passo seja na verdade a síntese decisiva” (Freud, 1938/2010, (Vol. 13), p. 178). Winnicott acrescenta: “o melhor será que o paciente tenha chegado lá”. E, em geral, quando se utilizam objetos mediadores, não se recomenda interpretar. Acontece que alguns membros do grupo têm essa função esclarecedora, realizam comentários, apontamentos que às vezes se aproximam de uma interpretação e, no essencial, o ideal é que eles possam chegar ao assunto que trava a dinâmica do grupo.

⁷² O esquema Freud começa a ser escrito em julho de 1938, quando tinha 82 anos, é um texto considerado por alguns como inacabado. Destinado a expor os princípios da psicanálise para um público leigo ou como uma revisão para estudantes avançados.

4.9 Associação livre na psicanálise contemporânea

A associação livre, fundamento do método psicanalítico trabalhado por Freud, ao longo da sua obra, serve de base para trabalhos posteriores, e destacamos André Green e René Roussillon, psicanalistas contemporâneos, que indagam na obra freudiana os alicerces para pensar os processos psíquicos, a partir de uma perspectiva intersubjetiva. O processo associativo é considerado por Roussillon como um processo de co-construção do par analista-analisando, assim como o valor do não verbal, no processo do analítico. A cadeia associativa de acordo com o modelo da arvorecência não utiliza mais a metáfora que, inicialmente Freud sugere do “passageiro sentado no trem”: olhando pela janela a sequência das imagens, que lhe vão aparecendo. Parece ser mais apropriada a figura de uma multiplicidade de vozes, caminhos e vias concêntricas, como a proposição freudiana, destacada por Green.

Para fundamentar o trabalho com outros dispositivos e outras patologias, que não aquele padrão, Roussillon lembra Freud, que em 1938 sugere a possibilidade que a psicanálise, originalmente criada para o atendimento de neuróticos, possa estender-se aos psicóticos: “Discernimos, então, que se nos impõe a renúncia a experimentar nosso plano curativo com psicóticos. E essa *renúncia pode ser definitiva ou só temporária*, até que *achemos outro plano mais idôneo para ele*”. (Freud, 1940 [1938] /2010, (Vol.23), p. 174, itálico nosso). O psicótico, a criança e o trabalho com grupos não contemplados inicialmente, mas em esse contexto Freud vislumbra achar um “plano mais idôneo” para tratar do psicótico. Alguns dos seus colaboradores próximos iniciaram na década de 30 o atendimento de crianças.

Vimos que René Roussillon (2012) descreve o “dispositivo padrão” da psicanálise, do “método padrão” e da “teoria padrão” fundamentados em uma concepção “quase que *exclusivamente centrada na escuta do funcionamento intrapsíquico* do sujeito em análise” (Roussillon, 2012, p. 7). Assinalaríamos que a escuta exclusiva do intrapsíquico, na abordagem com psicóticos, crianças e grupos incitara-a ampliar e pensar na intersubjetividade. Alguns autores, posteriores à geração direta dos discípulos de Freud, ousam levantar novas hipóteses em direção a essa problemática, a partir de uma leitura do texto freudiano e introduzem conceitos que permitem pensar e dar um status psicanalítico a esse trabalho com psicóticos, crianças e grupos.

4.10 René Roussillon e a associatividade

Um dos maiores desafios da psicanálise atual, de acordo com Roussillon,⁷³ é pensar nas extensões possíveis do método psicanalítico e o tipo de escuta da associatividade do material clínico. Menciona como “extensões” da psicanálise o trabalho com pacientes “*borderlaines*”, psicóticos, com tendências antissociais, perversos, crianças e grupos. As extensões fazem-no deparar com “a questão das formas de associatividade, que não podem ser limitadas apenas ao registro verbal”. Questiona a pouca produção bibliográfica sobre os processos associativos (Roussillon, 2009, 2012). É justamente o trabalho com crianças e, em especial, o tipo de patologias narcisístico-identitárias que mostram que “o corpo, com seu cortejo de sensações e percepções, e o ato, com o uso da motricidade,” se intrometem “na conversa psicanalítica”, de acordo com a bela expressão freudiana de 1894 (Roussillon, 2009, p. 144). O autor descreve um “heteromorfismo” dos componentes psíquicos que aparecem como formas corporais que se “intrometem na conversa” e são “formas de linguagem”, “narrações” expressas por uma linguagem “inacabada”, de acordo com o formulado por Freud de 1913. Nas crianças e, em especial, no grupo, essas formas de linguagem corporal são evidenciadas e precisam ser incorporadas na conversa.

Freud, retomado por Roussillon, cita o artigo “*O interesse pela psicanálise*”⁷⁴ (1913), que aborda como um dos interesses para a ciência a linguagem ou “filologia”. Freud entende por linguagem: “não somente a expressão de pensamentos em palavras e sim também a *linguagem dos gestos* e todas as demais formas de expressão da vida anímica, como por exemplo, a *escritura*.” (Freud, 1913/2010, (Vol.13), p. 179, itálico nosso). A linguagem onírica, sublinha, é figurativa, trata-se de imagens visuais e, portanto, pode ser mais apropriado relacioná-la a um sistema de escritura. A tarefa de interpretação da linguagem onírica é semelhante ao decifrar da antiga escritura figurada como os hieróglifos egípcios. (Ibidem, p. 180). Justamente é através dessa linguagem figurativa que o *pictograma grupal* convida os membros de um grupo a figurar e expressar sentimentos, pensamentos e vivências.

⁷³ Nos artigos “*A associatividade e as linguagens não verbais*”, (2009) e “*As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcisístico-identitárias*” (2012).

⁷⁴ O artigo, também traduzido como *Múltiplo Interesse da Psicanálise*, foi publicado na *Revista Ciência (Bolonha, 1913)*. O interesse é mostrar como as diversas áreas do pensamento, não só as psicológicas, podem se beneficiar da psicanálise. O capítulo II, intitulado Interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas, se inicia com “Interesse filológico”.

Sobre a *regra fundamental* afirma que a associatividade “só facilita o trabalho” e que o relevante é o tipo de escuta do analista: “Ele deve escutar as associações com a *ideia de que elas são coerentes*, o que implica que, *se dois elementos são associados, é porque eles possuem um elo*”. O “elo” que interessa é dos elementos não manifestos, aqueles que não são conscientes, dados, evidentes. Conclui que “*ai se abre a especificidade da escuta da clínica psicanalítica*”, escuta que significa buscar na comunicação o implícito, o “inconsciente. O analista deve fazer suposições concernentes a este *elo*, tentar *reconstruí-lo e reconstruir* a lógica por trás da *cadeia associativa*” (Roussillon, 2012, p. 12, itálico nosso).

Da parte do analista precisa ter uma atenção “*igualmente flutuante*”, que prescreve liberdade, não esperar ou buscar algo específico quando se escuta um paciente. Roussillon afirma que o que move a cadeia associativa do paciente “são os eventos inapropriados de sua história”; enquanto isso o analista é levado a prestar atenção aos “*brancos, às rupturas, às ideias incidentais, às incoerências, às particularidades das cadeias associativas do analisando*”. Portanto, o analista, como contraparte, “*associa sobre as associações* do analisando. Desta forma, a situação psicanalítica é *uma situação de co-associatividade, de associatividade a dois*” (Roussillon, 2012, p. 13, itálico nosso). A especificidade associativa apontada por Roussillon serve para pensar que as cadeias associativas grupais produzidas em situações vinculares, na presença de mais do que dois, deva seguir um modelo semelhante.

Em *Construções em Análise* (1937), Roussillon lembra que Freud, apresenta que os atos, mesmo as estereotípias da esquizofrenia, estão investidos de valor e significado. Esses gestos mímicos têm valor e sentido, como “restos arcaicos”. O sintoma psicótico “conta” a história de um acontecimento visto ou escutado numa época anterior à aquisição da linguagem verbal. Essa experiência subjetiva retorna como ato arcaico, numa linguagem não verbal, “na linguagem da época, naquela dos bebês e das crianças pequenas, uma linguagem corporal, uma linguagem ato”. No artigo citado, também Freud:

Propõe a generalização de seus enunciados de 1895 relativos ao modo como o sujeito, mesmo psicótico, “sofre de reminiscência”, ele estende aos estados psicóticos a observação de que as manifestações psicóticas se desenrolam também sob o olhar de um “espectador indiferente”, aparecendo também como mensagem dirigida a esse espectador. (Roussillon, 2009, p. 149).

As experiências prévias à aquisição da linguagem (Roussillon, 2009, 2012), vividas como traumáticas, não são reorganizadas sob a primazia da genitalidade infantil (Freud) e estão localizadas em um tempo anterior à “fase do espelho” (Watson e Lacan), da “organização do não” (terceiro organizador de Spitz), “da emergência da reflexibilidade, da analidade secundária” (Roussillon), ou seja, antes da reorganização da subjetividade. Entre os 18 e 24 meses tendem a se manifestar através de formas corporais, na motricidade, no corpo, em formas não verbais (Roussillon, 2012, p. 26). Estas experiências são formas pouco organizadas, com dificuldade na expressão da negação, com fracasso na busca da reflexibilidade, com “uma dependência das formas perceptivas do objeto”, “parafraseando Freud”: “a sombra do objeto plana e cai sobre as linguagens não verbais”. (Roussillon, 2012, p. 27)

Roussillon, em recente entrevista,⁷⁵ aborda três questões fundamentais. Sobre as variações da técnica responde que um primeiro aspecto é o “alargamento da técnica”, é a “escuta da linguagem do corpo”, do “ato e do afeto”, o que significa também uma escuta “polifônica e polimórfica”. Um segundo aspecto é a necessidade de que haja “uma escuta que abrange os processos do sujeito em relação aos processos de seus objetos”, válidos para o trabalho com problemáticas muito complexas, onde a presença do outro permita constatar que “a cena se desenrola numa relação”. Um terceiro aspecto evoca o trabalho psicanalítico sob o modelo do *squiggle* de Winnicott. Sugere “trocas que levam a imagem que eu reflito para ele, dele mesmo, e a imagem que ele reflete do que eu lhe digo”. E, pode perguntar: “será que posso entender o que você disse desse modo”, e o paciente: “*responde como se fizesse um traço*, um desenho complementar e permite ao analista saber o que ele faz com aquilo que ele lhe dá”. (Roussillon, 2010, p. 15).

Roussillon nos conduz a pensar: (1) O valor associativo do não verbal, presente no texto freudiano, pouco abordado posteriormente. (2) As formas de linguagem não verbal são efeitos de situações traumáticas precoces. (3) Estas vivências, que não tiveram acesso prévio à linguagem, são expressas com maior facilidade em registros não verbais. (4) As modalidades de linguagem corporal impreterivelmente convocam a presença do outro interpretante, outro que atue como o oráculo, que decodifique o sentido. De acordo com estes postulados, o desenho proposto de maneira associativa

⁷⁵ Concedida ao *Jornal da Psicanálise* em 2010, sob o título “*Transferência Paradoxal e Modificações Técnicas*”.

e vincular facilitaria o acesso a estas representações arcaicas pré-verbais, não metaforizadas, não simbolizadas no registro das representações de palavra.

4.11 Contribuições de André Green: arborescência

A associação livre, figurada como “cadeia” de associações, evoca anéis compondo e linearidade. Green (2000) apresenta a metáfora de uma árvore⁷⁶, semelhante à proposta por Freud no *Projeto* (1895) e na *Psicoterapia da Histeria* (1895). E apresenta uma concepção instigante de associação livre, localiza a presença de um tipo de resistência ao processo associativo, que se manifesta numa paralisação. Localiza o processo associativo não só no espaço intrapsíquico como no espaço intersubjetivo. Descreve-o como uma produção acoplada pela dupla, uma “reverberação retroativa”: analista-paciente.

A neurose fóbica descrita desde os primórdios da psicanálise como o medo irracional, associado a evitar determinado objeto, como no clássico caso do Pequeno Hans – sua fobia aos cavalos – serve de ponto de partida para introduzir uma modalidade de funcionamento de alguns pacientes que, em determinado ponto da análise, bloqueiam as associações, detêm o processo. O autor identifica que existe uma modalidade de funcionamento psíquico, instalado dentro de uma sessão equivalente a este tipo de neurose, que denomina uma “posição fóbica central”. Esta posição é definida como “central”, porque se localiza entre dois espaços, do analista e do paciente. O analista intuitivamente reconhece uma paralisação do processo associativo e o paciente parece estar impedido de aprofundar ou reconhecer as possíveis ramificações do seu discurso, entrando num estado de paralisação, entorpecimento do pensamento, fragilizado como se tivesse que se proteger de uma séria ameaça.

Neste modelo nuclear, de acordo com Green (2000) combina-se o investimento, a dinâmica do significante, o recalque e a resistência. Os pacientes, quando associam livremente, enunciam frases sem conexão, manifestam comentários “laterais” ou “subordinados”. Não existe uma ordem hierárquica priorizada, a

⁷⁶ O modelo de associação que Freud concebe como “idealmente fecunda” é encontrado no Capítulo XIV *Introdução do Eu do Projeto* (1895). As cadeias associativas seguem caminhos, ramificações, semelhantes a uma árvore.

resistência que entra em jogo enriquece o curso das associações, já que, de maneira mediatizada, podem surgir elementos inesperados que são de valor associativo.

Um funcionamento arvorecente permite compreender a originalidade do entendimento analítico, que, na aparente desordem da comunicação, são os efeitos de ressonância mútua, os que dão sentido e incrementam o valor deste funcionamento. Pode ser um som ou palavra, entre os fonemas, frases e parágrafos. Graças às condensações, deslocamentos e outros mecanismos, as associações permitem identificar núcleos, denominados de *reverberação retroativa*: isto é, um elemento expressado só adquire significado se, na sua base, ecos retroativos, às vezes convergentes e contendo neles o que tenha sido dito nos inícios da sessão, são ressaltados, revelando como o poder de seu significado persiste muito depois que o discurso que os contenha tenha acabado. (Green, 2000, 2010).

Na associação livre há uma ordem dispersa, sem vínculos lógicos, mas cada ideia tem uma consistência semântica, rodeada de ideias, comentários. Estas são comparadas com as “investiduras laterais” descritas já por Freud no *Projeto* (1895); elas não têm uma ordem hierárquica e “o fluxo discursivo estabelece vínculos ignorando a categorização em principal e subordinada” (Green, 2010, p. 148). A resistência atua criando desvios que impedem, assim, aceder ao material inconsciente. Simultaneamente este processo enriquece as possibilidades de associação.

Para o autor a tarefa analítica não deve tratar só de diminuir a censura, como de promover novas associações para que, talvez, a poética não resista, como aquele discurso errante: “*o discurso indireto é mais rico quando adota as formas da poética*” (Green, 2010, p. 150, itálico nosso). Sobre o processo associativo ainda destaca que cabe supor, então, que o discurso gerado pela associação livre impulsiona a desenvolvimentos incidentais dirigidos a impedir o estabelecimento de nexos demasiado diretos com o inconsciente, e que os comentários que parecem secundários ou subordinados podem desempenhar para o inconsciente o mesmo papel que os investimentos laterais. Quer dizer que, junto à função de rodeio, os caminhos seguidos se conectam aproveitando a diminuição da censura racional e criam novas relações, tributárias da suspensão das categorias gramaticais do discurso (Green, 2010, p. 148).

As associações permitem “identificar os núcleos de *reverberação retroativa*, isto é um elemento expressado só adquire significado se, na sua base, aparecem ecos

retroativos, às vezes convergentes e contendo o que tem sido dito no início da sessão”. Podem revelar que seu “significado persiste muito depois que o discurso que continha tinha acabado” (Green, 2010). Múltiplas conexões, ações prospectivas e retrospectivas, ramificações associativas devem, no dizer de Green, treinar a escuta polissêmica e temporal de associações em constante movimento dialético.

Urribarri, no artigo “*El pensamiento clínico: contemporaneo, complejo, terciário*”, descreve o valor da teorização que Green faz sobre a associação livre: a posição fóbica central “propõe uma associação livre e a atenção flutuante” como produção acoplada do casal analítico define o discurso da sessão como um processo arborescente de criação de sentido, que determina, no dizer do paciente e na escuta do analista, um duplo movimento de “reverberação retroativa e antecipação anunciadora” (Urribarri, 2012, p. 165).

Este duplo movimento, entende-se, que é um modelo daquilo que se observa no enquadre grupal, uma *reverberação retroativa* múltipla – espaços, tempos, sujeitos - plural e antecipação anunciadora. Urribarri (2012), neste estudo, apresenta a ideia de uma passagem da “interpretação da transferência” (aqui – agora - comigo) para a “interpretação na transferência”, que articula: “aqui, então, com outro”. É interessante destacar que no trabalho com grupos as imagens mais significativas são as associações que surgem vindas dos diversos componentes do grupo e lembram esta representação: diversos galhos se encontram e formam ramificações, como se estivessem compondo uma árvore.

5 ASSOCIAÇÃO LIVRE NO GRUPO

Concordamos com afirmação de Roussillon (2010, 2013) sobre o escasso interesse no âmbito psicanalítico pelo estudo de temas como o inconsciente e a associação livre. Esse panorama não é diferente quando se trata do dispositivo grupal, como apontava Kaës (1985) na década de 80. Em revistas, anais, periódicos sobressaem relatos de experiências grupais em diversas linhas teóricas. Priorizam-se grupos selecionados por faixas etárias, psicopatologias, situações de risco, comunidades específicas, grupos sociais, entre outros. A relevância na exposição dessas experiências mostra a utilidade do dispositivo grupal e serve de modelo para produzir e reproduzir novas práticas. Questões teóricas parecem ter uma relevância secundária e, especificamente, os processos associativos no grupo. H. Foulkes (1954) foi o primeiro psicanalista a reconhecer a especificidade da associação livre no grupo e a primeira questão foi discriminá-la e denominá-la de maneira distinta do dispositivo padrão, como “*discussão livremente flutuante*”, considerada uma das suas maiores contribuições, embora, como aponte Kaës (1985, 1994) existem poucos trabalhos posteriores sobre o tema.

Segoviano (2012) afirma que uma das maiores dificuldades para os psicanalistas que iniciaram o trabalho com grupos – Bion, Foulkes, Pichon-Rivière - foi serem aceitos pela “*psicanálise oficial*”. A centralidade do intrapsíquico, no meio psicanalítico, fez com que alguns desses autores buscassem subsídios, não na obra de Freud, e sim em outros campos do conhecimento⁷⁷ para compreender alguns dos fenômenos observados no grupo. As questões que nortearam essas primeiras indagações foram: de que maneira o método psicanalítico descoberto por Freud poderia sustentar um trabalho com grupos; como abordar no grupo aspectos como a história do indivíduo, o Édipo, a transferência, a interpretação; e, finalmente, se se trata de uma psicanálise ou de uma “aplicação” da psicanálise. De fato, é notório, por exemplo, que Bion, após escrever o livro “*Experiência com grupos*” (1961), não desenvolveu mais sua teoria e hipóteses. Para Segoviano novos paradigmas, novas patologias, mudanças sociais, levaram a psicanálise a “*se permitir inventar e hospedar novas práticas, produzir novas hipóteses e situações aptas para colocá-las à prova*” (Segoviano, 2012, p. 2).

⁷⁷ Entendemos por outros campos: a antropologia, a teoria da gestalt, as ciências sociais, o marxismo, entre outros.

Neste capítulo apresentamos a associação livre no grupo, sob o prisma de um primeiro momento, caracterizado por considerar o trabalho com grupos uma “*aplicação da psicanálise*” e não como uma psicanálise. Foulkes escrevera em 1957 que pode ser que, no futuro, possa ser considerado como psicanálise o trabalho com grupos, como uma “*psicanálise numa situação multipessoal*” (1957), afirmação que levaria a mudanças importantes na leitura da teoria psicanalítica, talvez, de maneira distante daqueles postulados pelo seu criador. Esta afirmação remete ao conflito de fidelidade apontado por Segoviano e vislumbra que alguns dos princípios psicanalíticos precisariam ser revistos e algumas mudanças seriam necessárias. Desde seus primórdios, a psicanálise vem se desenvolvendo e uma constatação é a extensão da psicanálise para outros dispositivos, como o trabalho com grupos, crianças e psicóticos. Alguns conceitos precisarão ser questionados, outros repensados, entre eles: a prevalência do mundo intrapsíquico, o valor e lugar do ambiente, o reconhecimento do outro na constituição da subjetividade, a criação de um terceiro espaço, a exclusividade do binário, da causalidade, do determinismo, a consideração de aspectos como a descontinuidade, a superposição de espaços. As contribuições de autores como Winnicott, Aulagnier, Puget, Kaës, entre outros são importantes para sustentar mudanças no trabalho com grupos.

Para Puget, o questionamento da psicanálise clássica, com seu “dispositivo padrão”, ainda é problemático⁷⁸. Caracteriza o valor da historicidade, da linearidade, da temporalidade, da reedição do Édipo, da exclusividade do binário, conceitos que foram consagrados como aqueles que definem “*o ser do psicanalista*”. Para a autora há uma necessidade de dispormos de instrumentos teóricos e clínicos para escutar o novo. Para Puget falta ainda uma “escuta de problemáticas referidas à potencialidade de um *espaço entre dois* e o que implica *ir pertencendo a diferentes conjuntos simultaneamente*”. (Puget, 2013, p. 1, itálico nosso). É necessária uma escuta desde a descontinuidade, a diversidade, a “superposição de lógicas onde convivem *infinitos elementos dispersos, alguns articuláveis, outros não*”. (Puget, 2013, p. 2). A experiência com os diversos dispositivos vinculares (grupos, casais, famílias) coloca em evidência a pertinência da proposta de Puget.

A abordagem psicanalítica grupal desenvolvida entre as décadas de 20 a 40, em um primeiro momento, precisou diferenciar o que se passava com os indivíduos

⁷⁸ Comunicação oral, - no V Encontro Latino Americano da Comissão de Vínculos, Família e Casal da *Fepal* - em 06 de junho de 2013 em Porto Alegre.

quando estavam num grupo, e estabelecer o que trazia de diferente em relação a uma psicanálise individual ou o “dispositivo padrão”. Esse modelo se caracteriza por um enquadre onde o paciente deitado no divã, sem olhar para o psicanalista, é convidado a associar livremente, enquanto o analista, em atenção livremente flutuante, utilizando a transferência, interpreta os conteúdos inconscientes. Fundamentalmente, de acordo com a quem é dirigida a interpretação, os pioneiros no trabalho com grupo se dividiram em duas linhas: 1) prioriza-se a interpretação dirigida a cada indivíduo, sendo beneficiado o restante dos componentes, graças aos processos de identificação: ou 2) interpreta-se o “grupo”, considerado como um “todo”. Para Pichon-Rivière a interpretação precisa enunciar o sujeito portador do sentimento e o tipo de ansiedades (persecutórias ou depressivas) e a defesa utilizada pelo grupo. Embora a interpretação seja dirigida ao indivíduo e ao grupo, o que destaca é a vivência ser portadora de um sentir comum ao do grupo como uma totalidade.

Na década de 1970, Enrique Pichon Rivière (1907-1977) instiga e sustenta práticas e interesses de muitos psicólogos identificados com a psicanálise e com o social. O autor introduz uma leitura dos processos de interação do psiquismo com o social, grupal e comunitário; um sujeito em interação, não apenas conectado com seu mundo intrapsíquico e suas fantasias, como em interação dialética com o social. Apesar de utilizar na abordagem alguns outros autores, como a teoria do materialismo dialético de Marx, as pesquisas com grupos humanos de K. Lewin, e a teoria gestáltica, as concepções de George Mead sobre a dinâmica dos grupos não deixa de pensar psicanaliticamente os grupos, mas é notório que associação livre no grupo não tenha sido abordada ao longo da sua obra.

Destacam-se duas contribuições importantes: o conceito de *ECRO* e de *porta-voz*, que mostram como os indivíduos no grupo precisam construir algo comum para poder se comunicar, e, por outro lado, como o individual é permeado, atravessado e marcado pela presença dos outros indivíduos que fazem parte do coletivo grupal. No grupo, cria-se um “esquema conceitual referencial operativo” (*Ecro*) comum, produzido pela junção ou colocação dos esquemas individuais (*Ecros* individuais). A noção de *Ecro* – esquema conceitual referencial e operativo – é a de um conjunto de conceitos referenciais que permitem uma maneira peculiar de se apropriar da realidade, agir e interatuar com ela. Os sujeitos chegam aos grupos com seus próprios *Ecros*, e no processo grupal, busca-se construir um *Ecro* comum. Considera que o pensar, sentir e atuar, forma parte da subjetividade e do *Ecro*. Esse esquema é uma

teoria e uma metodologia para abordar um grupo, os membros de um grupo mostram maneiras privilegiadas de apresentar a própria subjetividade. Há grupos com uma tendência a pensar, outros para agir ou sentir; o trabalho analítico deverá permitir a integração desses fatores e apontar quando um deles predomina. Sustenta que é preciso existir uma continuidade entre o pensar, desejar e fazer em todo processo de aprendizagem e de criação. Introduzir objetos mediadores na pesquisa psicanalítica como brincar, desenhar, modelar e/ou dramatizar seriam recursos que facilitariam a expressão desses aspectos, já que a censura diminui quando se introduz formas de expressão não verbal. Descreve a função “*porta-voz*”, sendo aquele que transmite uma palavra que lhe é própria (verticalidade) e que, também denuncia um sentir, um pensar, um desejo dos membros do grupo, do conjunto (horizontalidade). O *porta-voz* é aquele sujeito que é forte o suficiente para denunciar o desejo do grupo e, também, o mais frágil pela incapacidade de suportar aquilo que o grupo deposita nele. O autor correlaciona a relação do *porta-voz* com o “*protagonista e o coro*” no teatro grego, assim sendo: o coro delega uma ação, um pensamento, uma emoção ou uma fantasia para um porta-voz - protagonista, Pichon Rivière, 1965.

Marcos Bernard, já em 1994, apontava a necessária ruptura epistemológica. Para este autor, as ideias esboçadas por Bion e Foulkes de um “psiquismo grupal” se transformarão em uma “teoria plena” por seus continuadores. De outro lado, observa que aqueles que buscaram fazer uma psicanálise “em/ou no grupo”, deixando de lado aquilo que o grupal incluía, tampouco resolveram o impasse que o trabalho com grupos trouxe para a psicanálise. Consequentemente, uma mudança de perspectiva como a trazida demanda “uma *ruptura epistemológica mais profunda*, para percorrer em sentido inverso o caminho que Freud inaugurara para a psicanálise” (Bernard, 1994/2006, p. 154).

A psicanálise com seu “*dispositivo padrão*”, como vimos, estava reservada para o atendimento de pacientes neuróticos. Priorizava o mundo intrapsíquico e se destaca por ser uma “cura pela palavra”. O conflito psíquico a partir da psicanálise foi expresso prioritariamente através da linguagem verbal⁷⁹. Certamente, o trabalho com grupos descentralizou as bases desse “dispositivo padrão” o trabalho com o grupo inclui: o olhar, a mirada, o corpo, a linguagem das mãos, gestos corporais que dramatizam vivências, manifestações sucessivas prioritariamente corporais, gestuais e

⁷⁹ Bernard utiliza a palavra “*lenguajeras*” para traducir “*langagierlière*”.

secundariamente verbais. De acordo com Bernard, nos enquadres vinculares o *pré-verbal* surge como uma prioridade a ser atendida. Considera que “a dramática antecede a palavra como organizador do psiquismo, no transcurso do surgimento do humano” (Bernard, 1994/2006, p. 154). Entretanto, diz: nos grupos se produz uma intrincada comunicação que mistura essa dramática pré-verbal com comunicações verbais. O desafio é conseguir encontrar elos associativos nas cadeias associativas que reúnam e incluam essas outras manifestações para além da palavra.

Em relação à associação livre, Bernard esboça a seguinte hipótese:

A linguagem verbal, ponto de partida da *associação livre* na cura clássica e realização humana, utilizada plenamente, a partir da passagem pela experiência edípica, *relativizava sua importância no enquadre vincular*. Nestes casos o *pré-verbal* passa a ter um papel principal. (Bernard, 1994/2006, p. 154, itálico nosso).

Neste sentido, a hipótese toma em consideração a preponderância do verbal, na compreensão do processo da associação livre no enquadre do dispositivo padrão, e a mudança imposta pelo dispositivo grupal, ou seja, esse verbal tem um papel secundário no grupo devido à prioridade da dramática do corpo. Aquilo que Bernard denomina de pré-verbal, que antecede a palavra, é acessado pela via sensório-motora quando se utilizam algumas mediações terapêuticas, como argila, massinha, pintura, e o próprio pictograma grupal. Consideramos que Winnicott com o *squiggle game* descobre uma forma de produzir processos associativos para além da palavra.

Alguns autores, entre eles Roussillon (2004), Gimenez (2004) Brun (2004, 2010), Chouvier (2002), que trabalham com processos de mediação, destacam que as inscrições do psiquismo que antecedem a palavra são convocadas com maior facilidade, graças aos objetos mediadores. Parece, então, que esses aspectos pré-verbais, pouco atendidos, são pontos de interrogação, indagação e pesquisa realizada pelos psicanalistas que trabalham com mediações terapêuticas⁸⁰. O pictograma grupal, objeto mediador que apresentamos, se inscreve neste tipo de objeto que convoca e chama para as inscrições anteriores ao processo primário.

A seguir, algumas contribuições de psicanalistas que trabalham com grupos são descritas, com a finalidade de apresentar de que maneira se incluiu ou

⁸⁰ Na *Universidade Lumière Lyon 2*, concentra-se alguns importantes psicanalistas que trabalham esse tema, em busca de dar uma metapsicologia aos processos mediadores. Entre eles, destaca-se Brun, Chouvier, Gimenez, Talpin, Roussillon, e, C. Bacheret.

desconsiderou a associação livre, de acordo com a clássica divisão de uma “psicanálise em grupo” e uma “psicanálise do grupo”.

5.1 A psicanálise em grupo

Kaës considera que as primeiras formulações sobre a “psique de grupo” e a psicologia das massas levaram a alguns psicanalistas a aplicar terapeuticamente propostas de atendimento grupal. Entre eles, T. Burrow⁸¹, que propõe o termo grupo análise, considerado um dos pioneiros. Ele sustentava que “sua filo-análise” não pode ser completa sem uma análise do grupo do qual o indivíduo faz parte (Kaës, 1999ab, p. 31). Infelizmente, a maneira como apresentou para Freud suas pesquisas com grupos e a importância do social não teve um bom acolhimento. Outro profissional é Slavson⁸², um dos expoentes da corrente que interpreta o indivíduo no grupo, introduziu grupos de atividade com adolescentes e crianças em idade de latência. As motivações inconscientes da psique o ajudam a organizar grupos de acordo com esses pressupostos, em grupos que denomina de atividade. O objetivo deles é: criar um ambiente permissivo, permitir a descarga da agressividade, mitigar sentimentos de culpa e expressar os conflitos graças ao ambiente facilitador promovido pelo líder. Trata-se de uma psicanálise “aplicada” no campo grupal, que denomina “*Terapêutica de Grupo Analítica*”. Os postulados desta terapêutica são estimular a discussão e a associação livre de cada membro e relevar a presença de um terapeuta permissivo, que facilita a descarga de emoções. Os membros se dão interpretações entre si, a identificação entre eles facilitaria a exposição das dificuldades, a transferência está diluída no grupo e as interpretações não são a prioridade. Considera que muitas das observações de alguns dos membros do grupo podem ser mais eficazes ou pertinentes que as que fossem enunciadas por um terapeuta experiente. No atendimento de crianças, afirma que as comunicações têm uma qualidade especial para reconhecer e falar diretamente para o inconsciente do companheiro.

⁸¹ Médico de Baltimore, doutor em psicologia experimental, o primeiro americano a se tornar psicanalista. Em 1911, funda a Sociedade Psicanalítica Americana. Escreve em 1927: *The Group Method of Analysis*.

⁸² Samuel Richard Slavson, (1890-1981) engenheiro de formação, pedagogo e assistente social pioneiro e expoente da corrente que interpreta o indivíduo no grupo. Funda a Associação Americana de Psicoterapia de Grupo e a primeira revista de psicoterapia de grupo: *International Journal of Group Psychotherapy*.

Dentro desta corrente, Wolf e Schwartz⁸³ postulam uma psicanálise individual em grupo. Para estes autores, o uso da associação livre, a interpretação, a construção, análise dos sonhos e a transferência são instrumentos essenciais do processo. O grupo em si teria um efeito terapêutico. Analisar o indivíduo em interação com os outros indivíduos traz elementos preciosos. Estes autores alternavam sessões coordenadas pelo terapeuta com encontros dos membros, sem sua presença. Desta maneira, encorajar-se-iam os membros a reconhecer o inconsciente e ampliar a natureza das relações humanas (Wolf, & Schwartz, 1938). Em artigo posterior⁸⁴, Kutash e Wolf (1993/1996) descrevem a maneira como abordar o indivíduo em grupo e como tratar as associações livres. O tratamento é dirigido para abordar a dinâmica intrapsíquica de cada indivíduo dentro de um enquadre grupal. O grupo facilitaria o reconhecimento de cada indivíduo e o potencial para uma vida social saudável. Enfatizam que as psicoterapias de grupo compartilham três pressupostos: a presença de um terapeuta e dois ou mais pacientes, interações entre os membros, limites e as derivadas da psicanálise: a exploração e elaboração dos processos inconscientes. Sobre o processo de associação livre, uma primeira questão é se poderia haver liberdade para associar livremente no grupo, e concordam que para muitos psicanalistas se dariam mais “interrupções” do que “associações livres”, no grupo. Embora consideradas “interrupções”, estes autores sublinham que as comunicações, seguintes à fala de um membro, têm valor por elas esclarecerem aquilo que estava sendo exposto, ou seja, serem “associações” em si mesmas. Recomendam *“utilizar a associação livre de maneira seletiva, reconhecendo quando é oportuna; nem é possível, nem conveniente associar livremente em todo momento”* (Kaplan, & Sadock, 1996, p. 138). No processo do grupo, recomendam que se opere *“tendo consciência dos outros membros”* (Kaplan, & Sadock, 1996, p. 138), o que é benéfico, já que se podem ampliar as possibilidades de ter relações saudáveis fora do grupo. Associar livremente, sem levar em conta a realidade, pode conduzir a um *“desequilíbrio e a transtornos mentais”*. Quando se trata de um sonho observam que as associações dos membros mobilizam o inconsciente do sonhador e trazem dados adicionais, que permitem compreender melhor a psicodinâmica e psicopatologia dos membros.

⁸³ Alexander Wolf e Emmanuel Schwartz que, em 1938, publicam o livro *“Psicanálise de Grupos”*.

⁸⁴ *Psicanálise em Grupo* (1993), na terceira edição do livro *Terapia de Grupo* (1996) organizada por Kaplan, & Sadock.

No grupo, de acordo com estes autores, o objetivo é dar um espaço para cada paciente associar livremente, sem limitar as expressões espontâneas, assim como alentar a participação e colaboração de todos os membros no processo. O convite é para associar livremente, contribuir com ideias, favorecer a colaboração e participação de todos os membros, não impedir as intervenções espontâneas, permitir as interações entre os membros e, desta maneira, ampliar as correntes “de consciência no grupo”. (Kaplan, & Sadock, 1996, p. 138-139). Wolf discorda que as associações sejam “interrupções”. Elas colaborariam no trabalho do analista, os pacientes se beneficiariam por serem trabalhados individualmente e acrescentar-se-ia o valor das intervenções dos outros membros, que dariam um “*a mais*”.

Destacamos Bach⁸⁵ (1958), como um dos primeiros a utilizar mediações terapêuticas em grupos, já na década de 50. O autor revela a utilidade do sonho narrado e o desenho produzido individualmente no grupo⁸⁶. Considera a verbalização dos sonhos, com “suas fantasias pictóricas” e a exposição dos desenhos, processos úteis e semelhantes. (Bach, 1958, p. 135). Sublinha que Wolf instigava os participantes de um grupo a contar seus sonhos, o que tinha um “*efeito estimulante da harmonia entre os membros, ocasionado pelo relato de sonhos e a manifestação de suas associações*” (Bach, 1958, p. 135). Aponta que Klein-Lipschutz (1953) afirma que o conteúdo latente do sonho pareceria mais facilmente aceito no grupo. As interações e as reações aprovatórias ou reprovatórias dos demais membros são consideradas como conteúdos manifestos dos sonhos relatados. Esse processo associativo, para Bach é um tipo “*de comunicação projetiva*”. E aponta: “o relato de sonhos e as associações sustentadas neles são um dos mais eficazes meios de comunicação para a psicoterapia de grupo intensiva” (Bach, 1958, p. 150). É interessante apontar que Bach caracteriza seu enfoque como “*eclético*”, já que trabalha com duas disciplinas antitéticas, a psicanálise e o campo psicossocial. Expõe, assim, um dilema próprio de um momento epistemológico, se abordar aspectos sociais, esse campo estaria distante da psicanálise.

⁸⁵ No livro: *Psicoterapia Intensiva de Grupo* (1958).

⁸⁶ No capítulo sobre as *Comunicações projetivas instigadas clinicamente: sonhos e desenhos*.

5.2 A psicanálise do grupo

A denominada “psicanálise do grupo” considera as comunicações e produções como produzidas por uma “psique de grupo”, conseqüentemente, pelo grupo como uma totalidade. Dentro desta perspectiva a interpretação é dirigida ao grupo e não a cada indivíduo. Entre seus principais representantes estão Bion, Ezriel e Foulkes da escola inglesa, Pichon-Riviere, Grinberg, Langer e Rodrigué da escola argentina. Foulkes foi o primeiro psicanalista a considerar as comunicações do grupo como equivalentes às associações livres de um paciente na situação psicanalítica, aspecto abordado de maneira semelhante por autores como Grinberg, Langer e Rodrigué (1957).

5.3 Contribuições de Bion para experiência com grupos

Bion⁸⁷ considera que um grupo é composto por três ou mais membros e que o estudo dos grupos permite incluir o social e a interação recíproca entre dois campos: individual e social. Utiliza a experiência com grupos aliada ao conhecimento psicanalítico. Considera que a “terapêutica de grupo” tem dois sentidos: um processo terapêutico dirigido a certo número de pessoas e *“um esforço planejado para desenvolver num grupo as forças que conduzem a uma atividade cooperativa de funcionamento livre”* (Bion, 1975, p. 3). O trabalho com grupos deve permitir reunir indivíduos em torno a uma meta comum; nutrir algum ideal ou construir criativamente algo; reconhecer os limites individuais e grupais; ser flexível; valorizar cada um dos membros do grupo e os subgrupos; lidar com as dificuldades.

Em 1948, Bion conduz grupos terapêuticos na Clínica da Tabistock. Esta experiência subsidia o descobrimento de alguns fenômenos e processos específicos próprios de um grupo. A teoria que Bion utiliza se fundamenta na visão kleiniana para

⁸⁷ Wilfred Bion (1897-1979) interessou-se em trabalhar com grupos de soldados, no período da segunda guerra, no restabelecimento daqueles que tinham participado da guerra, experiência conhecida como o experimento de Northfield, posteriormente na Escola da *Tabistoc Clinic* em Londres. No livro *“Experiências com Grupos”* (1968/1975) Bion expõe a maneira como organizou uma ala do Hospital Northfield, de maneira que seus membros pudessem contribuir para um bom funcionamento e cooperação. Ele compõe grupos compostos de acordo com interesses para facilitar a cooperação e atingir metas grupais.

compreender os fenômenos e dos processos no grupo. A sua obra serve de base para diversos desenvolvimentos⁸⁸.

Sobre a organização grupal, Bion desenvolve uma teoria⁸⁹ que tem contribuído com o estudo dos fenômenos e processos grupais. Descreve: (1) a *mentalidade grupal* supõe a existência de algumas tensões próprias, uma expressão unânime da vontade do grupo na qual os indivíduos contribuem de maneira anônima; (2) a *cultura de grupo* descreve alguns aspectos do comportamento do grupo “que parecem nascer do conflito entre a mentalidade de grupo e os desejos do indivíduo” (Bion, 1975, p. 51). Cabe destacar que, em ambos os casos, Bion utiliza mentalidade e cultura grupal como elementos a serem interpretados como produzidos pelo grupo, agindo de maneira conjunta, descrevendo um comportamento como “se fôssemos iguais, homens e mulheres crescidos, discutindo livremente e juntos o problema, com tolerância por diferenças” (Bion, 1975, p. 52).

Descreve duas modalidades de funcionamento do grupo de acordo com as dicotomias: consciente e inconsciente, manifesto e latente, secundário e primário. As observações de algumas condutas entre duas ou mais pessoas e no grupo levaram-no a considerar duas modalidades de funcionamento: o grupo de trabalho e o grupo de suposto básico. Descreve e denomina “*grupo de trabalho*” ao momento grupal de produção, de pensamentos, ideias. Neste momento o grupo é capaz de traduzir os sentimentos em pensamentos, caracterizado como uma atividade com predomínio de funções egoicas, conscientes e manifestas. Com predomínio do princípio de realidade, o grupo consegue realizar a tarefa que se propõe, valoriza a liderança e permite atingir suas metas. A comunicação verbal é essencial entre os membros quando se encontra como um “grupo de trabalho”: “O grupo de trabalho compreende esse emprego particular dos símbolos que se acha envolvido na comunicação”; já no grupo de suposição básica não (Bion, 1975, p. 173). Concomitantemente a este grupo, pode existir um clima emocional que toma conta de um grupo, de maneira irracional, inconsciente, que se opõe a esse clima de trabalho, que descreve como grupo de “*supostos básicos*”. Neste momento as emoções tomam conta do grupo, com o objetivo de não sentir frustração e se defender de entrar em contato com a proposta do grupo. Trata-se de uma “crença emocional”, um funcionamento tomado por

⁸⁸ De autores como Grinberg, Langer, & Rodrigué (1957), Pages, (1968) e Bauleo, (1970).

⁸⁹ O único livro escrito sobre grupos, em 1971, é “*Experiência com Grupos*”. Nele expõe sua teoria e experiências.

processos inconscientes, primários e irracionais. Todos os membros participam e são impulsionados a ter algumas fantasias e ideias comuns. Caracteriza três modalidades de funcionamento: dependência, ataque-fuga e acasalamento. O grupo, no suposto básico de “*dependência*”, considera o líder como onisciente, onipotente e, paralela a essa atitude, os membros sentem-se desolados, incapazes de qualquer decisão ou resolução, a não ser a vinda do líder. No suposto básico de “*ataque-fuga*” os membros, para preservar o grupo, se unem contra “ataques externos” e aqui se incluem as diferenças. No “*acasalamento*” o grupo busca a constituição de um casal com um propósito sexual. Criam-se estratégias de “algo” como a vinda de um messias, que virá salvar o grupo. Há uma esperança.

Bion utiliza o mito da Torre de Babel⁹⁰ como metáfora da diversidade própria de um grupo e do desejo do grupo, como no mito chegar até o “céu”, ou seja, o grupo alcançar a esperada ajuda para atingirem seus objetivos. Ao longo da sua obra não aborda processos como associação livre, ou algo semelhante a ela.

5.4 Grinberg, Langer e Rodrigué e o grupo como totalidade psicológica

León Grinberg, Marie Langer e Emilio Rodrigué, no clássico livro “*Psicoterapia do Grupo*” (1957), consideram o grupo como uma “*totalidade psicológica*”, o que significa que, ainda que apenas só um dos seus membros se tenha manifestado, trata-se de uma expressão comum (Grinberg, Langer, & Rodrigué, 1957/1971, p. 149). A interpretação no grupo deverá ser dirigida “*a assinalar os conflitos comuns, ainda que tenham sido manifestados somente por uma parte de seus integrantes*” (Grinberg, Langer, & Rodrigué, 1957/1971, p. 149). Destacam que a psicanálise com crianças e psicóticos ampliou o uso da psicanálise em campos não explorados por seu fundador, do mesmo modo que o trabalho com grupos. As crianças e os psicóticos têm expressões que vão mais além da palavra. Por isso afirmam: “*é importante analisar a criança e o psicótico na sua totalidade, em todas suas manifestações e formas de expressão. Da mesma maneira é importante, desde o início, focar a totalidade das manifestações do grupo*” (Grinberg, Langer, & Rodrigué, 1957/1971, p. 77, itálico)

⁹⁰ No mito da *Torre de Babel*, a torre serve para efetuar uma incursão nos domínios de céu. Nessa torre se iniciou a confusão de línguas. Gomes (2009) considera que Bion utiliza essa história para ter uma versão social do fenômeno do sonho. A *Torre de Babel* tem como objetivo o manejo da situação emocional. (Gomes, 2009, p. 10)

nosso). As interpretações devem ser dirigidas ao grupo como um todo, no “*aqui e agora*”, e a transferência⁹¹ focar o “*denominador comum*” das tensões do grupo. Os fenômenos individuais no grupo devem ser considerados sempre em função do todo. As expressões e a totalidade das comunicações permitem inferir mecanismos inconscientes de interação do grupo.

Resulta interessante a comparação com análise infantil, já que destacam o valor de outras expressões para além da verbal. O brincar da criança é considerado com valor de uma comunicação, comparada à associação livre do adulto em análise.

Assim como o brincar da criança constitui, no seu nível de expressão, um material psíquico de valor semelhante ao dos sonhos ou associações livres do paciente adulto, da mesma maneira *as comunicações de várias pessoas reunidas em um grupo permite realizar inferências com respeito aos mecanismos inconscientes de interação do grupo.* (Grinberg, Langer, & Rodrigué, 1957/1971, p. 77, itálico dos autores).

5.5 Foulkes e associação livre no grupo

Foulkes realizou experiências com grupos na década de 40, com Anthony, J. Rickman e H. Ezriel, “sobre bases teóricas e metodologias sensivelmente diferentes as de Bion” (Kaës, 1999a, p. 35). Az Hakeem (2008) considera que Foulkes incorpora sistemas de pensamento que se antecipam ao desenvolvimento das teorias relacionais e intersubjetivas da década de 70 (Hakeem, 2008, p. 45).

Foulkes⁹² forma em Londres um grupo que pesquisa as formações e os processos psíquicos dentro do grupo, utilizando a psicanálise. Funda em 1952, O *Group Analytic Society*⁹³, formador de psicoterapeutas de grupo, que têm como objetivo reconhecer os fenômenos inconscientes dentro de um grupo. O autor utiliza

⁹¹ De acordo com Ezriel.

⁹² Nascido Sigmund Henrich Fuchs (1898 -1976), médico, (1923) interessa-se pela psicanálise logo ao ler Freud, nos seus primeiros anos de estudo de medicina. Foulkes trabalha com Kurt Goldstein (1878 -1965), diretor do “Instituto de Pesquisas Cerebrais,” no Instituto Neurológico da Universidade de Frankfurt - centro de pesquisas filosóficas, sociais importantes, os estudos sociopolíticos. A partir da leitura dos trabalhos de Trigant Burrow (1875 - 1950), autor do famoso artigo “*The Group Method of Analysis*” (1927), interessa-se pelo método grupal, e considera que ele pode ter finalidades terapêuticas. Foulkes se forma psicanalista em Viena e é analisado por Helen Deutsch. Em 1933 imigra para Londres, onde desenvolve o trabalho, que denomina “*grupoanálise*”. Utiliza o termo com que T. Burrow batizou suas experiências conduzindo terapias de grupo, e que, em 1927, denominou de “*grupoanálise*”. Trabalha com ex-combatentes no *Northfield Military Hospital*, com grupos em Londres.

⁹³ *The Group Analytic Society (International)* was founded by Dr. E.J. Anthony, Dr. P.B. de Maré, Dr. N. Elias, Dr. S.H. Foulkes, Mrs. E.T. Foulkes, Mrs. M.L. Abercrombie in London in 1952. Its main aim is to study and promote the development of Group-Analysis in both its clinical and applied aspects.

conceitos derivados da psicologia social, a dinâmica dos grupos, a sociologia e a antropologia. As ideias de Goldstein lhe servem para desenvolver alguns conceitos: a relação entre o indivíduo e o grupo, a comunicação em rede, a matriz, aspectos interpessoais, transpessoais e suprapessoais, de maneira semelhante aos neurônios que se comunicam entre si, como redes ou sistemas. Uma das ideias centrais da teoria da Gestalt de figura-fundo serve-lhe como modelo para pensar o conjunto: indivíduo e grupo.

Kaës (1999a) define a *grupoanálise* de Foulkes como um método de pesquisa das “*formações e dos processos psíquicos que se desenvolvem num grupo; funda seus conceitos e sua técnica em certos dados fundamentais da teoria e do método psicanalítico*” (Kaës, 1999a, p. 35). Ele funda uma técnica de psicoterapia psicanalítica de grupo e tem a originalidade de sustentar o grupo como uma entidade específica. De outro lado, como observa Kaës, Foulkes tem a necessidade de homologar, equiparar conceitos vindos da psicanálise individual nos processos grupais. Coloca em questão estabelecer diferenças entre o espaço intrapsíquico e o espaço gerado pelos vínculos de grupo. Foulkes sustenta os fundamentos do seu trabalho em Freud e em Lewin. Na década de 80, Kaës (1985) observava essa “tentativa de dotar a teoria e a prática da análise de grupo em *equivalentes (a palavra retorna sem cessar na escrita da Foulkes) psicanalíticos*” (Kaës, 1985, p. 237). Manter a fidelidade à teoria psicanalítica será um dos seus objetivos

A *grupoanálise* tem como objetivos: estimular a integração social; refletir em si mesmo os aspectos observados no outro; comunicar e aprender a compreender os outros e a si mesmo; entender os sintomas, a linguagem dos sonhos; aprender com a experiência; liberar e integrar os indivíduos entre si; considerar a transferência do “grupo” dirigida para o analista, e não as transferências laterais; reconhecer o valor da ressonância inconsciente, que Ezriel acrescenta “fantasmática”; escutar, compreender e interpretar o grupo como totalidade, no “aqui e agora”; trabalhar considerando a “*tensão comum*” e presença de uma “*fantasia inconsciente*” no grupo; o grupo como uma “matriz psíquica” e marco de todas as interações do grupo.

Os fatores terapêuticos do grupo são: permitir a integração social e saída do isolamento; visualizar uns nos outros, através de reações de espelhamento; permitir um processo de comunicação; aprender a interagir e compreender os outros; promover uma “interdependência” (Kaës, 1993/1995, pp. 77-80).

5.5.1 Da discussão “livremente-flutuante” do grupo

Foulkes (1957/1972) descreve alguns fenômenos específicos da situação de grupo⁹⁴ e afirma que a associação livre é fundamental para “penetrar” nos estratos inconscientes da mente, mas, “*por motivos óbvios*”, não pode ser utilizada no enquadre grupal. O grupo se aproxima deste fenômeno, que caracteriza e denomina como “*discussão livre-flutuante*”.

Com frequência, em um grupo bem estabelecido, esta pode mostrar uma sucessão de *atividades em cadeia*, contribuindo para a cadeia cada membro como um elo essencial e idiossincrático. O fenômeno de cadeia *faz sua aparição em certos momentos de tensão* no grupo, quando se libera algum tema “condensador coletivo”, por exemplo, o temor de que riem deles, que sejam cuidados, ou que sejam enganados. Cada membro pode chegar a atingir uma associação consigo mesmo. O acontecimento pode aprofundar o nível de comunicação dentro do grupo e conduzir a desenvolvimentos dinâmicos grupais. O mais *prudente* para o terapeuta é se *conter* de se unir à cadeia, já que sua contribuição pode fazer que se detenha prematuramente. (Foulkes, 1957/1964, p. 189, itálico nosso).

Cabe destacar que na versão brasileira se utiliza a palavra “*cadeia*”, no subtítulo: “*Os fenômenos de cadeia*”. Na citação, destaca-se que não é um fenômeno observável e contínuo do processo. Dar-se-ia em momentos de “tensão” quando surgiriam “explosões de atividade em cadeia”. Haveria fatores facilitadores da emergência deste tipo de fenômeno “quando um tema coletivamente condensado é liberado” (Foulkes, 1957/1972, p. 166). Este tema “condensador” parece homologar um sentimento, um denominador comum e específico que surgiria no grupo, como o medo à “zombaria” ou à “negligência”. A partir deste fenômeno vivenciado em comum, o autor declara que cada membro pode “descobrir o próprio temor”.

Designa os fenômenos semelhantes à “associação livre” do enquadre da cura de “*free-floating discussion*”, “*livre discussão circulante*” (versão em português) e “*livre discussão-flutuante*” (versão em espanhol). Essa denominação parece condensar os dois processos fundamentais do método psicanalítico: a regra da “associação livre” do paciente e seu correlato por parte do analista, uma “atenção livremente flutuante”. Condensação que enuncia que no grupo a associação livre e atenção flutuante

⁹⁴ No livro *Group Psychotherapy – The Psycho-Analytic Approach*⁹⁴, editado em Londres, em 1964, S-H. Foulkes, no capítulo VII. Editado em espanhol em 1964 e em português em 1972 sob o título “*Psicoterapia de grupo, A abordagem Psicanalítica*”, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

características da regra fundamental da psicanálise, sendo uma destinada para o paciente e a outra para a posição do analista, funciona simultaneamente não uma particularidade de um ou de outro. De outro lado, no grupo, Foulkes, como outros autores já apontavam, reconhecer o valor interpretativo de algumas comunicações dos membros do grupo. O coordenador de um grupo deve estimular a comunicação e discussão e esperar que os membros se possam conduzir e contar “com os próprios recursos”, no lugar de esperar ser guiados. Foulkes julga que esta situação é “nova e sem precedentes”. O grupo levado a uma discussão “flutuante” e “livre” deve tornar-se autônomo, deixando, assim, a figura do terapeuta como central.

5.5.2 A ressonância – associatividade

O termo *ressonância*,⁹⁵ introduzido por Foulkes como fenômeno próprio do grupo, descreve que cada membro de um grupo seleciona do acervo comum aquilo que lhe é relevante: reações “individuais” do acontecer grupal; uma maneira de entender aquilo que *reverbera* do outro e que faz eco. O conceito de “ressonância” pode ser compreendido como o encadeamento de sentimentos vivenciados e articulados com o momento do grupo, portanto, pode se afirmar que faz parte do processo associativo.

Em um dos últimos trabalhos, Foulkes, em 1976, destaca que a ressonância se dá sem mediar nenhum tipo de comunicação verbal. Ela é uma atividade, um fenômeno inconsciente, que entende como sendo “instintivo”. Kaës (1985, 2010) destaca que, em 1948, Foulkes já utiliza esta noção para descrever a resposta emocional, inconsciente perante a presença e comunicação do outro, de maneira a manter uma interação. Este conceito inicialmente aborda a relação simbiótica da mãe com seu bebê, posteriormente é incluído no grupo. H. Ezriel acrescenta que tanto na cura individual como nos grupos, essa ressonância é “fantasmática”. Aqui a menção é que a fantasia de um mobiliza no outro, os outros, uma fantasia associada e em ressonância com o primeiro a enunciá-la.

⁹⁵ *In physics, relatively large selective response of an object or a system that vibrates in step or phase, with and externally applied oscillatory force. Resonance was first investigated in acoustical systems such as musical instruments and the human voice.* Em física o termo se refere a uma longa resposta de um objeto que vibra em camadas ou fases, com uma aplicação externa de força. Inicialmente estudado para investigar o sistema acústico dos instrumentos musicais e da voz humana. (*The New Encyclopaedia Britannica*, 1994, T.9, p. 1040).

O fenômeno de ressonância questioná-lo e se pergunta: “como é possível que o contexto grupal produza uma vida compartilhada”, ou seja, “uma modalidade geralmente concebida só para vida mental íntima, a psique interna”. A psique, apenas seria “diferenciada da realidade” (Foulkes, 1976, p. 3). Neste questionamento vemos a surpresa, para logo esboçar o reconhecimento que nessa “ressonância” se compartilha o que questionaria a dicotomia: realidade psíquica e externa. Parece-nos pertinente a afirmação de Hakeem (2008),⁹⁶ que Foulkes se antecipa aos desenvolvimentos da teoria da intersubjetividade.

Kaës (1993) sugere a interferência como complementar a noção de ressonância.

5.5.3 A matriz grupal

O conceito de matriz grupal tem como base um modelo estruturalista⁹⁷ do grupo. De acordo com Foulkes, essa matriz é o espaço comum das operações, interações dos membros do grupo; todas as comunicações formam um fundo de compreensão inconsciente. Serve para reconhecer os princípios que constituem o grupo, sua organização, as relações entre seus membros, às leis que compõem o grupo. Se o indivíduo adoce dentro da rede familiar, o grupo de origem, o tratamento grupal tem em si mesmo, possibilidades e potencial terapêutico⁹⁸.

Para Foulkes, os acontecimentos que ocorrem dentro do grupo são uma produção do grupo como um todo. A ideia de “matriz grupal” tem uma semelhança, como confirma Kaës, com o conceito, que este autor desenvolve sob o nome de “*aparelho psíquico grupal*”⁹⁹. Uma notória diferença é apontada em 1985:

Mas eu não posso estar de acordo com Foulkes sobre sua concepção de grupo, concebida não como totalidade, mas como subjetividade autônoma, o que o conduz a se dirigir somente ao grupo, e em termos de grupo. Eu insisto

⁹⁶ Em: *From Freud to Foulkes to the Future: The Development of Group Analysis and its Continual Evolution*. Group Analysis. The International Journal of Group Analysis. Vol 41, No 1. March 2008, pp. 40-52

⁹⁷ O mais reconhecido expoente desta linha é Kurt Lewin, formado dentro da teoria da *gestalt*, que propõe o grupo dentro desta perspectiva, como totalidade e como campo; uma totalidade dinâmica e estrutural diferente da soma dos seus componentes. As mudanças se produzem desde que se atue sobre o campo grupal. O conceito de “matriz grupal” de Foulkes se enquadra dentro deste contexto.

⁹⁸ De maneira semelhante, Pichon-Riviére postula no grupo a construção de um “esquema conceitual, referencial e operativo grupal” (ECRO).

⁹⁹ Conceito fundamental na obra do autor e nome do primeiro livro, editado em 1976, sob o título “*Aparelho Psíquico Grupal*”.

sobre o fato de que o grupo é um objeto ao qual emprestamos uma subjetividade. Isso não exclui, bem ao contrário, a tomada em consideração dos efeitos psíquicos propriamente grupais. Dirigir-se a um grupo – ou a uma família – é se dirigir a isso que em cada um dos seus membros é a família ou o grupo. *Nós estaríamos no mal entendido se deixo crer que isso que eu chamo cadeia associativa grupal é o produto de uma entidade subjetiva autônoma. Isso seria um efeito epistêmico de ilusão grupal ou da fascinação pelo fantasma da “matriz grupal”.* (Kaës, 1985, p. 237, itálico nosso).¹⁰⁰

A crítica de Kaës marca uma linha divisória importante, as cadeias associativas para Foulkes são produto da “psique grupal” ou da “matriz grupal”, e não se considera as produções individuais.

5.5.4 A interpretação no grupo

Nitzgen (2013) enfatiza que Foulkes reconhecia no processo grupal as associações livres como *auto-interpretações* de processos conscientes e inconscientes. De acordo com Foulkes há dois eixos de interpretação no grupo, uma horizontal composta pelas associações livres dos membros do grupo e outra vertical conduzida pelo coordenador do grupo (Nitzgen, 2013, p. 151). A interpretação no grupo tem a particularidade de seguir o processo das associações; ela tem uma dinâmica semelhante, o terapeuta deve seguir as interações, a comunicação vivenciada no grupo. Particularmente relevante é dirigir a interpretação ao grupo como um todo, e verbalizar no “aqui e agora” da sessão e trabalhado. Ezriel sustenta que, desta maneira, não é que se ignore a presença de elementos infantis presentes na conduta e nas manifestações no grupo, mas a fórmula enfatiza que o “grupo como um todo” não tem uma história infantil, conjunta, prévia.

Foulkes (1980) assinala que a interpretação pode ser dada pelo coordenador e também pelos membros do grupo. Destaca que as contribuições dos membros são consideradas como “*associações, reações ou respostas*” ao que aconteceu anteriormente, portanto, no grupo, todas as intervenções e as interpretações seguem um “discursar associativamente”. Toda a interação do grupo compõe uma “matriz dinâmica”, onde se localizam “todas as comunicações” do grupo. Estas interpretações são muito importantes, tanto para aquele que dá como para quem recebe: “Todas

¹⁰⁰ Tradução livre do francês feita pela psicanalista Eveline Pestana e a pesquisadora.

cobram sentido no fundo comum do significado, a rede de comunicação, a *matriz do grupo*” (Foulkes, 1980, p. 5, itálico do autor).

Sobre as interpretações do coordenador do grupo sugere que devem se caracterizar por ser breves, e se guiar pelos acordos e preferências do momento vivido pelo grupo: sentimentos, clima emocional imperante; julgar os aspectos relevantes; atuar como intérprete; dirigir-se de preferência a aspectos pré-conscientes; considerar o momento do grupo. Especifica que as interpretações são sempre significativas para o grupo como totalidade, embora elas possam dirigir-se a: qualquer indivíduo em particular, alguma configuração ou relação no grupo, ou entre o grupo e o condutor; e oscilar entre o que acontece no momento ou com a história do grupo. A interpretação deve ser dada quando existe um bloqueio na comunicação, e não se devem acrescentar elementos novos sem a suficiente evidência. O importante é desenvolver lentamente uma construção, a partir do que o paciente comunica.

5.5.5 Associação livre de grupo

Uma importante migração da “*discussão livremente flutuante*” para a “*associação livre no grupo*” é apresentada, em 1957, quando Foulkes e Anthony, no livro “*Grupo-análise terapêutica*”, retomam o tema da associação livre no grupo e destacam que no grupo ela “tem um equivalente importantíssimo, a *livre associação de grupo*, que se desprende da abordagem que utilizou e que é significativa para a *psicoterapia grupoanalítica*” (Foulkes, 1957, p. 135). Sublinhamos que, quase uma década depois, Foulkes reformula e nomeia “*associação livre de grupo*” e não mais como “*discussão livremente flutuante*”. Foulkes assinala que embora ele pedisse que “*associassem livremente*”, de maneira semelhante àquela que estavam acostumados a fazer no contexto da análise individual, os pacientes foram lhe mostrando que “as associações que conseguiam produzir vinham modificadas pela situação de grupo”.

Inteirei-me, então, de que era legítimo considerar as produções de grupo, do grupo como um todo, equivalente da associação livre individual. Só muito mais tarde, depois de estudar grupos analíticos a fundo, é que se me teria tornado claro que os aspectos inconscientes da conversação eram, em todo e qualquer grupo, o equivalente da associação livre. (Foulkes, 1964/1970, p. 135).

A situação psicanalítica de grupo em si promove, encoraja os membros a se expressar com grande liberdade e a censura parece estar relaxada. Diferencia que em

grupos que têm uma tarefa muito específica a associação livre estará menos presente. Inversamente, quando o grupo está sem uma ocupação específica, a conversação é mais próxima da associação livre, como na técnica de grupo-análise. Mesmo em contextos não analíticos, onde “corre solta” a conversa, Foulkes observa que “o significado inconsciente se evidencia bem depressa” (Foulkes, 1964/1970, p. 135).

Foulkes sublinha o caráter inconsciente da comunicação manifesta, que lembra que o conteúdo manifesto de um sonho sempre remete a pensamentos ou ideias latentes no sonho. O autor acrescenta que a “matriz do grupo” é a “base de todas as relações e comunicações” do grupo. Compara a matriz com o sistema nervoso, sendo o indivíduo como um neurônio, um “ponto nodal” na rede. Toma de Goldstein esta ideia, que estava presente já nos escritos de Freud (*Knotenpunkt*), ponto nodal ou “entrecruzamento” dos fios associativos de um mesmo indivíduo.

O grupo para Foulkes “associa, responde e reage como um todo”. Em um momento é um membro do grupo que fala, em outro é outro, mas em todo momento está presente à sensibilização de uma “rede *transpessoal*”, outro conceito foulkesiano. O grupo nestes termos opera como “um todo interconectado”, os “indivíduos também se destacam”, mas “suas fronteiras” não são as mesmas da pessoa física (Foulkes, 1964/1970, p. 136).

No Brasil, Ponciano Ribeiro¹⁰¹ (1995) descreve a teoria de Foulkes e aponta apenas, as primeiras ideias deste sobre a associação livre, afirmando que não se pode falar de associação livre no grupo, e que seu equivalente é a: “livre discussão circulante”, e que isto acontece fundamentalmente “*quando existe no grupo um tema coletivamente condensado e que, de um momento para outro, sob tensão de um participante ou do grupo, começa a ser exposto*” (Ponciano Ribeiro, 1995, p. 102). Este tipo de reação em “cadeia” é um momento de comunicação profunda entre os membros e teria um valor terapêutico, citando Foulkes.

Nesta mesma perspectiva, outro autor brasileiro, David Zimerman¹⁰² (1993), afirma que, graças ao método da associação livre, o paciente deve ser estimulado para encontrar “*elos associativos* entre o que diz e o que pensa, sente e faz” (Zimerman, 1993, p. 95). Esta regra fundamental no grupo sofreria algumas restrições decorrentes do enquadre: “o fluxo de pensamentos e os sentimentos partem livremente dos indivíduos, *mas as cadeias associativas se processam num*

¹⁰¹ Em: *Psicoterapia Grupo Analítico* (1995).

¹⁰² Em: *Fundamentos básicos das Gruposoterapias* (1993).

intercâmbio entre a totalidade grupal” (Zimerman, 1993, p. 95). Vincula o processo associativo ao fenômeno da ressonância, aquilo que ecoa ou ressoa do relato de um indivíduo e se verbaliza de acordo com o sentimento vivenciado, a partir da fala de um membro a outro, e assim por diante.

5.5.6 O controvertido associar livremente

O estudo desenvolvido mostra a dificuldade de os psicanalistas pioneiros, que trabalham com grupos, discutirem a associação livre no grupo. Esboçamos algumas hipóteses, a primeira é que o trabalho com grupos não é pensado como um trabalho psicanalítico, apenas como uma “aplicação da psicanálise” já que a psicanálise parece se circunscrever ao “dispositivo padrão”. Uma segunda está vinculada à maneira como se trabalhava o grupo, ou interpretando cada membro individualmente ou considerando o grupo como uma totalidade ou entidade psicológica única. Para aqueles que centram o trabalho com o indivíduo, a associação livre surge como uma “interferência”, como se constatou. Desta maneira, salvo Foulkes que aponta no final da sua obra que as associações individuais são modificadas pela presença do grupo, vimos que, por exemplo, Bion ou Pichon Rivi nem menciona a associação livre. Outros temas parecem ter tido uma prioridade: a interpretação, análise da transferência, a ressonância, a identificação, a descrição de fenômenos próprios do campo grupal, entre outros. Como observamos nenhuma destas linhas de trabalho, se detiveram para pensar a associação livre no grupo.

Se considerarmos que a psicanálise, como Bernard (1991/1994) aponta, prioritariamente enfatizou as comunicações e associações verbais próprios do dispositivo clássico da cura, a presença de uma multiplicidade de sujeitos, pareceria não ter encontrado um ponto de partida para pensar, por exemplo, de que maneira se enlaçam as comunicações pré-verbais, não verbais com as comunicações verbais, os atos com as palavras. Palavra extensamente valorizada pela psicanálise.

A necessidade de uma nova metapsicologia e mudanças epistêmicas será fundamental. Kaës, em homenagem a Marcos Bernard, aponta algumas importantes contribuições para a construção de uma nova metapsicologia, proposta por Bernard em 2001, em Lyon. Uma delas é ter construído “*uma hipótese metapsicologia necessária para qualificar a consistência da realidade psíquica daquilo, que ele foi o primeiro a denominar de configurações vinculares*”. (Bernard, 1994/2006, p. 10). A

psicanálise nasceu numa prática distinta da grupal, por isso Bernard e Kaës se interessaram na construção de um novo paradigma epistemológico. Citando Kaës:

Estávamos de acordo no fato de que a realidade psíquica do vínculo não se pode compreender na teoria da psicanálise sem que tenhamos que pensar este espaço psíquico no qual se produzem as formações e os processos do inconsciente que lhe são específicos, assim como as formas de subjetividade que são seus efeitos: subjetividade do sujeito singular, intersubjetividade, transubjetividade. (Bernard, 1994/2006, p. 11).

Kaës e alguns psicanalistas das configurações vinculares apresentam importantes considerações metapsicologias. Graças a esses postulados pode se conceber a “cadeia associativa grupal” como algo distinto da associação livre de grupo, da proposta foulkesiana. E é sobre as bases conceituais desses autores que, Kaës fundamenta a existência de uma dupla cadeia associativa no grupo, aquela que pertence ao sujeito singular e outra construída no encontro aleatório dos indivíduos reunidos em um grupo.

6 AS CADEIAS ASSOCIATIVAS GRUPAIS

Considerar a associação livre no grupo tem sido um tema controvertido para os psicanalistas pioneiros que se introduziram no campo das práticas com grupos, como foi mencionado no capítulo cinco. Algumas mudanças epistemológicas precisaram ser pensadas e articuladas no interior da própria psicanálise¹⁰³, para dar conta da especificidade do associar livremente no grupo. Destacamos: uma teoria psicanalítica da intersubjetividade, o lugar do outro na constituição do psiquismo, uma leitura atenta da relação que Freud estabelece ao longo da sua obra entre o intrapsíquico e o social, uma teoria da ancoragem ou escoramento (*apuntalamiento*) do psiquismo não só no corpo, como no grupo e na cultura, e uma concepção da função do outro para o funcionamento e/ou estabelecimento do pré-consciente. Kaës, a partir de um aprofundado estudo e revisão de conceitos baseados na teoria freudiana, conceitua e desenvolve a *cadeia associativa grupal* a partir da década de 80. O autor faz uma releitura dos conceitos freudianos e compõe a estrutura e a base da especificidade dos processos associativos da psique e, correlativamente, das cadeias associativas grupais.

Assinala que no enquadre grupal se preserva a regra fundamental de associar livremente no grupo, a qual se estabelece entre os dizeres e não dizeres dos membros. A isso Kaës denomina *cadeia associativa grupal*. Enfatiza que na situação de grupo não se produz só uma pluralidade de discursos, se manifesta, sobretudo, uma interdiscursividade, um entrelaçamento de palavras, olhares, lugares, mímicas e gestos. A interdiscursividade, neste sentido inclui aspectos priorizados nesta pesquisa: o sinestésico que associa entre si sensações, as palavras associadas aos gestos, palavras associadas a figurações, pictografias.

A interdiscursividade estende o discurso a: componentes pré-verbais, sinestésicos, sensorio-motores, gestuais, desenhos, rabiscos. O conceito de discurso, não é aquilo que se diz ou se fala, e sim uma “*série de enunciados significativos que expressam formalmente a maneira de pensar e de agir, e/ou as circunstâncias identificadas com certo assunto, meio ou grupo*” (Houaiss, 1996, p. 1054).

¹⁰³ Os psicanalistas que trabalharam com grupos, utilizaram conceito de teorias vindas de outros campos do conhecimento (antropologia, teoria da comunicação, gestalt, entre outros) para compreender alguns dos fenômenos de grupo. De outro lado, algumas dicotomias não foram resolvidas, e se mantiveram: psicanálise – social; intrapsíquico – realidade externa.

Entendemos por enunciados significativos modalidades não necessariamente verbais. No dicionário, outro aspecto apontado é “enunciado oral ou escrito que supõe, numa situação de comunicação” e ele pode também estar relacionado ao vínculo com o outro de maneira a ser “reprodução que alguém faz das palavras atribuídas à outra pessoa” (Houaiss, 1996, p. 1054). A pluralidade de discursos e a interdiscursividade apontada como eixos centrais da cadeia grupal entendem por discurso a “*série de enunciados significativos que expressam formalmente a maneira de pensar e de agir, e/ou as circunstâncias identificadas com certo assunto, meio ou grupo*” (Houaiss, 1996, p. 1054).

6.1 Questões epistemológicas

Para Kaës (2007/2010) o trabalho com grupo dá acesso a um conhecimento do inconsciente, que é inteligível de outra maneira e que o “dispositivo padrão” não evidencia. Consideramos que o trabalho psicanalítico com um grupo, conjuntos vinculares ou “configurações vinculares”¹⁰⁴ é uma extensão da psicanálise. Distinguimos aqueles psicanalistas que entenderam o trabalho com grupos como uma aplicação¹⁰⁵ da psicanálise, daqueles que entendem ser mais apropriado destacar que se trata de uma “extensão¹⁰⁶” da psicanálise, como apontado, por exemplo, por Roussillon (2010, 2013). Dizer que é uma extensão implica em não sair do eixo central, ou seja, naquilo considerado como fundamento da psicanálise. Este pensamento se constata como o exercício conceitual característico da obra de Kaës, que busca e encontra em Freud os fundamentos dos conceitos que constrói.

Kaës descreve a noção de sujeito, diferenciando-a da noção de “indivíduo”. O sujeito tem uma existência marcada, sujeitada a suas fantasias, pulsões, desejos que o governam. Ele não só está dividido internamente por efeito do inconsciente; está dividido também “entre a realização de seu próprio fim e o lugar que deve assumir nos

¹⁰⁴ Termo introduzido por Marcos Bernard (1987-1989), estando na presidência da *Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo (AAPPG)*. Para o autor surgiu à necessidade de introduzir um termo que englobasse todos os cursos que eram dados na Instituição que estava refundando em 1987. No marco de um evento anual (2000) dessa instituição ele comenta a introdução do termo. Assim, o termo intenta referir-se ao conjunto dos vínculos: casal, família, grupo e instituição. Trata-se de uma *especialidade* dentro da psicanálise e dentro dela há mais de uma *teoría*. (AAPPG, 2000).

¹⁰⁵ Aplicar é colocar uma coisa, em contato com outra coisa.

¹⁰⁶ Estender em linguística é ampliar o significado de uma palavra a outro conceito relacionado com o originário. Pode ser uma linha conectada a uma central.

vínculos que o têm constituído” (Kaës, 2007/2010, p. 64). Afirma que esta divisão é estrutural e exerce um efeito fundamental na formação do sujeito do inconsciente. Sustenta de outro lado, que o sujeito do inconsciente não está estruturado só pela linguagem¹⁰⁷, como afirmado por Lacan (1966) e, sim, fundamentalmente, pelo grupo, ele “se constrói no espaço de um grupo originário” (Kaës, 2007/2010, p. 64).

Kaës (2007/2010) seleciona alguns princípios epistemológicos a serem considerados para analisar as relações entre os espaços da realidade psíquica, incluindo o grupo: a complexidade, a incerteza, a indeterminação multifatorial, junto com o princípio da complementaridade, polifônico, *plurifocalidade* (Kaës, 2007/2010, p. 71). Kaës (2007) considera fundamental o trabalho psicanalítico com grupos, “na medida em o conhecimento do inconsciente ao qual a situação psicanalítica de grupo nos faculta o acesso traz uma nova inteligibilidade das relações entre os diversos espaços psíquicos” (Kaës, 2007/2011, p.61). Estas contribuições e conhecimentos permitem compreender tanto a psique individual como “a psique das *configurações vinculares*¹⁰⁸, das que o grupo é uma figura paradigmática” (Kaës, 2007/2010, p. 77, *italico nosso*).

6.2 Da relação de objeto à teoria do vínculo

Na construção da teoria psicanalítica do vínculo¹⁰⁹, postulada por psicanalistas franceses e argentinos, encontramos aquilo que Bernard (1994) apontou como a necessária mudança epistemológica. Alguns obstáculos precisaram ser repensados, entre eles a prevalência do intrapsíquico. O descobrimento freudiano da fantasia - que veio substituir a teoria de uma sedução traumática - coloca em questão a sedução real nos relatos dos pacientes. Isto parece ter tido um impacto e empobrecimento significativos do lugar da presença real e concreta do outro, em favor de uma prevalência do mundo intrapsíquico. Deste modo, a fantasia aparece como produto meramente pulsional e intrapsíquico.

¹⁰⁷ O inconsciente é estruturado como linguagem, postulado por Lacan, significa que se é sujeito do inconsciente, em tanto sujeito falante.

¹⁰⁸ Termo introduzido por Marcos Bernard (1984-1987).

¹⁰⁹ A palavra vem do latim *vinculum* que significa união ou atadura de uma pessoa com outra. No castelhano “vínculo”, em francês “*lien*” ou “*liaison*”, no italiano, “*vincolo*”, “*legame*”. (Jaroslavsky & Morosini, 2012, p. 1). O vínculo é um conceito, que não se encontra definido como um termo nos dicionários consultados de psicanálise: Laplanche e Pontalis (1967), Fedida (1974), Roudinesco (1997), Hans (1996).

O conceito de *relação de objeto* “designa um modelo de *inter-relação fantasmática* que o sujeito privilegia inconscientemente na sua atitude a respeito dos outros e da realidade exterior” (Fedida, 1974/1979, p. 151). Ele foi utilizado pelos seguidores de Freud para designar uma modalidade “*fantasística* da relação do sujeito com o mundo externo”; uma teoria que teve uma extensão importante na segunda metade do século XX (Roudinesco, 1998, p. 552). Entre seus maiores expoentes estão Klein e Fairbairn, para Roudinesco, J. Lacan. Laplanche e Pontalis destacam que, de fato, não se trata de uma relação com um objeto, “trata-se de uma *inter-relação*” (Laplanche, 1967/1970, p. 557). Em Klein os objetos são introjetados e/ou projetados, e estes têm qualidades persecutórias ou tranquilizadoras, objetos que preexistem; mas, independentemente destes, a relação de objeto é “*essencialmente ao nível fantasmático*, entendendo-se evidentemente que *as fantasias podem vir a modificar a apreensão do real e as ações que se lhe referem*” (Laplanche, 1967/1970, p. 580, *itálico nosso*).

Winnicott é um dos primeiros psicanalistas a colocar com seus postulados em questão a prevalência da teoria da *relação de objeto*. A presença de um meio ambiente/mãe suficientemente bom não é somente necessária, ela tem funções concretas. O outro winnicottiano (meio ambiente/mãe) precisa ter uma presença verdadeira, viva, potencialmente capaz de apoiar, assegurar, sustentar e/ou largar, derrubar o sujeito. Esse outro não é objeto de uma fantasia ou do mundo interno. A partir das observações e achados clínicos de Winnicott, esse outro, que não faz parte do mundo interno, e que se encontra na área do mundo externo, tem a função de favorecer a criação de uma terceira área, a área da ilusão, do espaço transicional, do brincar.

Estes desenvolvimentos teóricos e constatações têm o valor de dissolver, eliminar a prevalência de um mundo dividido, com a dicotomia interno e externo. Contrariamente, à afirmação de Puget¹¹⁰ (1995/1996), consideramos que, embora Winnicott não utilize os conceitos de vínculo ou intersubjetividade, ele contribui para o desenvolvimento dessas noções, na medida em que descentraliza o mundo intrapsíquico e considera necessário o outro na sua externalidade. O outro, da teoria

¹¹⁰ “Em muitas discussões se confunde a definição de vínculo, que fundamento com Berenstein, com o espaço transicional de Winnicott, no qual a mãe e o bebê estão representados porque a dita formação está ligada à criação de um espaço novo. Este espaço, o da ilusão e incorporação em uma mente de uma relação entre dois Eu, corresponde ao espaço intersubjetivo” (Puget, 1996, p. 416).

do vínculo tampouco é o outro - descrito por Freud na *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1920/2011)¹¹¹ – aquele que está presente como modelo, objeto, auxiliar ou adversário. Não obstante, próximo ao objeto winnicottiano, o outro do vínculo sustém, apoia e introduz o sujeito na zona do brincar e do espaço transicional. O sujeito e o outro do vínculo são dois, e eles estão conectados inconscientemente; trata-se de um “outro” que o precede, o antecede e que está ali antes mesmo da constituição do indivíduo como um sujeito, e que, graças ao vínculo que os reúne, é possível, torna-se, constituir-se como um sujeito.

Nas últimas três décadas, o trabalho psicanalítico com grupos, casais e famílias, tem se fundamentado em uma teoria psicanalítica do vínculo que se contrapõe à clássica teoria da *relação de objeto* (Bernard, Berenstein, Puget, Kaës). Entre os psicanalistas que utilizaram a noção de vínculo, Bion¹¹² foi o primeiro a mencioná-lo para se referir a funções que se unem através de “vínculos”. Em Pichon-Rivière, o vínculo¹¹³ serve para introduzir um tipo de *inter-relação* com outro e distingui-lo da relação de objeto; substitui a pulsão, aspecto observado como ponto crítico para Kaës. Bernard (2001), dentro desta linha, também estabelece uma diferenciação entre relação de objeto e vínculo e diz que, enquanto no vínculo há sempre uma relação com um objeto externo, na relação de objeto, este está sempre no plano da fantasia.

De acordo com Benhaim (2012) é preciso definir a realidade psíquica do vínculo sob uma lógica distinta daquela que organiza o espaço intrapsíquico. A lógica do vínculo é da interseção dos espaços, que comporta relações de inclusão e exclusão, de conjunção e disjunção. No vínculo há algo comum, compartilhado e diferente. Concordamos com Benhaim, que considera Kaës como um autor que tem desenvolvido de maneira profunda, completa e elaborada a noção de vínculo. Para Kaës, o vínculo é central, fundamenta a clínica individual e grupal e se caracteriza por ter uma realidade psíquica inconsciente. O vínculo é construído pelo encontro de dois

¹¹¹ “Na vida anímica individual, aparece integrado sempre, efetivamente, “o outro”, como modelo, objeto, auxiliar ou adversário e, deste modo, a psicologia individual é, ao mesmo tempo e desde um princípio, psicologia social, em um sentido amplo, mas plenamente justificado”. (Freud, 1920)

¹¹² “Utilizo a palavra vínculo porque desejo examinar a relação do paciente com uma função, mas bem que com o objeto que cumpre uma função: não me interessa somente pelo peito, o pene ou o pensamento verbal, senão pela sua função, que é a desfazer o vínculo entre dois objetos” (Bion, citado por, Benhaim, 2012).

¹¹³ O vínculo é a unidade mínima de análise trata-se de uma relação bidirecional de mutua afetação; é uma condição da supervivência humana, se caracteriza por existir uma comunicação, aprendizagem e uma estrutura complexa e conflitiva. (Pichon-Rivière, 1985)

ou mais sujeitos, implicados em um processo. Movimenta investimentos e representações mútuas, que associam os sujeitos entre si para realizações comuns: cumprir desejos proteger-se, levantar proibições. Para efetuar ações conjuntas (fazer, brincar, pensar, desfrutar, amar, entre outros, acrescentaríamos: desenhar).

É no vínculo com o outro que o sujeito constitui sua subjetividade. Esse outro precisa ser capaz de permitir o reconhecimento daquilo que lhe é próprio e que simultaneamente lhe é alheio. Trata-se de um “outro” que introduz a noção da alteridade radical, da assimetria, a dimensão daquilo que Puget e Berenstein denominam: “*outredade*” (*ajenidad*) constituinte e constitutiva do sujeito. É o outro capaz de ser reconhecido como diferente e simultaneamente inscrito na cadeia genealógica *desejante*.

Para Puget¹¹⁴ (2006), o vínculo tem um estatuto próprio que implica devir com um “outro-sujeito” munido de *alteridade* e *outredade* [*étrangéité*] irreduzível ao sujeito do vínculo. Na *relação de objeto*, o externo é incorporado como uma representação possível dele; já, no vínculo a realidade externa se opõe a qualquer incorporação. A realidade do vínculo corresponde àquilo que Puget denomina de “*apresentação*”, “*efeitos de apresentação*”. Corresponde àquilo que, com Berenstein, denomina o espaço do “*dois*” “*entre-dois*”, que é irreduzível ao “*um*”, da relação de objeto. Esse “*um*”, observado nas *relações de objeto*, que pode conter uma multiplicidade de objetos “*internalizados*”.

6.3 A intersubjetividade pensada pela psicanálise vincular

A intersubjetividade foi inicialmente debatida pela filosofia, especificamente a fenomenologia, e a psicologia da consciência e da interação (G.H Mead). Para a psicanálise, os aportes da filosofia têm sido fundamentais. Os enfoques modernos têm como antecessores Hegel e Husserl. Buber e Levinas abordam o reconhecimento e a reciprocidade. A questão central é dar conta do outro, da alteridade no social, e Kaës sublinha que “a alteridade do outro é pensada em relação com a alteridade interna” (Kaës, 2007/2010, p. 25). Do lado da psicologia, a intersubjetividade tem sido

¹¹⁴ Puget, J. “*Dialogue D’un Certain Genre Avec René Kaës*”, apostila enviada pela autora em 2011. E, em Premier Congrès International ; *De Thérapie Familiale Psychoanalytique, Les Métamorphoses Familiales*, Paris, Mai 2004.

considerada para descrever as interações entre indivíduos que se comunicam, interagem através de condutas e sentimentos, como a empatia.

Kaës (2007/2010) diferencia sua concepção de intersubjetividade daquela que a considera apenas como interações. Na concepção kaesiana, a dimensão inconsciente é fundamental. Trata-se de uma experiência de sujeitos que compartilham entre si formações e ligações, de uma realidade psíquica inconsciente comum. Considera necessário recorrer a uma lógica de “*correlações de subjetividades*”, de conjunções e disjunções: “*não é um sem o outro e sem o conjunto que os constitui e os contém; o um sem o outro, mas no conjunto que os reúne*” (Kaës, 2007/2010, p. 27, destaque do autor). Dessa fórmula conclui-se não ser possível não estar na intersubjetividade. Complementa: “Isto significa, como *pensou Winnicott* no que diz respeito ao bebê, que o sujeito se manifesta e existe tão só na sua relação com o outro, ao que cabe acrescentar: com mais de um outro” (Kaës, 2007/2010, p. 27, itálico nosso). Devir, “devir Eu”¹¹⁵, tanto em suas possibilidades como em suas dificuldades, circunscreve-se à relação (intersubjetiva) com o outro (devir: homem, mulher, pai, mãe). A intersubjetividade se constrói em cada configuração vincular.

Kaës (2009) afirma que a intersubjetividade funciona sob uma lógica diferente daquela do funcionamento intrapsíquico. Trata-se de lógicas do inconsciente que se produzem graças ao acoplamento das psiques associadas quando se está em vínculo. As lógicas destes conjuntos configurados são “dependentes” e “interferentes” entre os distintos espaços implicados. As lógicas do inconsciente são:

Transversais a esses espaços tendo ao mesmo tempo caracteres específicos em cada um deles. Para dar um exemplo, digo que a lógica da fantasia contém invariantes no espaço intrapsíquico (no sujeito singular) e no grupo, mas em cada um desses espaços predominam certas propriedades que produzem neles efeitos diferentes (Kaës, 2009, p. 91).

A transversalidade da lógica do inconsciente assinala que existem inscrições nos espaços psíquicos dos sujeitos que compõem um vínculo, que caracteriza a peculiaridade da intersubjetividade desde a psicanálise vincular.

Kaës distingue três dimensões da realidade psíquicas, com lógicas peculiares a cada uma: (1) o *intrapsíquico* é o espaço interno do sujeito singular; é nesse espaço que se descobre a realidade do inconsciente. (2) o *Interpsíquico*, caracterizado por

¹¹⁵ Do *Ich werden* freudiano.

um “*entre*”, próprio dos conjuntos vinculares, descreve aquilo que simultaneamente une e diferencia os componentes desses conjuntos. (3) o *transpsíquico* alude a uma dimensão da transmissão, onde os sujeitos não são atores, apenas sujeitos “receptores” e “transmissores” (Kaës, 2009, p. 94). Em síntese, a intersubjetividade não descreve condutas, sentimentos entre os indivíduos. O específico é que se trata de relações, entre sujeitos, que compartilham dimensões lógicas inconscientes, que junta, estrutura ou aliena reciprocamente os componentes do vínculo (Kaës, 2009, p. 94).

Para concluir, de acordo com Kaës, a intersubjetividade é uma “estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos” que partilham um espaço comum. Esse espaço “compreende processos, formações e experiências características, cujos efeitos determinam o advir dos sujeitos do inconsciente e seu devir Eu, no seio de um Nós” (Kaës, 2007/2010, p. 28). A intersubjetividade está no seio do vínculo e nos trabalhos da psicanálise vincular.

6.3.1 A *étayage*, o *escoramento* múltiplo, reticular

A função de *étayage* (escoramento) que Kaës utiliza é fundamental para pensar os processos grupais, especificamente as cadeias associativas. Ele se baseia no conceito freudiano, *anlehnung* traduzido no francês como *étayage*, no inglês *anaclisis* e no castelhano e português, como *apoio*. Hans (1996) especifica os significados do verbo “*anlehn*en” e do substantivo “*Anlehnung*”: “(1) apoiar-se/recostar-se fisicamente em algo [...]; (2) apoiar-se no sentido de imitar, orientar-se por (também utilizado como substantivo)” e acrescenta algumas conotações. O verbo significa “recostar-se em algo” e sublinha que “tanto o verbo quanto o substantivo *Anlehnung* implicam o aproveitamento de um suporte/encosto que já existe”; trata-se de um suporte físico, em sentido figurado seria um modelo. (Hans, 1996, p. 215, *itálico nosso*). A tradução de Hans ao português mantém a palavra “apoio”. Sugerimos, seguindo a ideia da tradução de *anlehnung*¹¹⁶ para o espanhol como “*apuntalamiento*,” no lugar de apoio,

¹¹⁶ El verbo alemán “*anlehn*en” designa três tipos de ações: (1) escorar/apontá-la no sentido de fazer tomar apoio ou adossar algo sobre um suporte. (2) Entornar, entreabrir (uma porta, una janela). (3) Em um sentido figurado, no alemão, o verbo significa o fato de seguir de perto, se inspirar (um modelo), se modelar sobre algo ou sobre alguém. A palavra francesa “*étayage*” coloca o acento sobre outra dimensão do escoramento já que forma parte de um campo semântico latino no qual o radical “st” (*stare*) designa o sustem o reforço no vocabulário da construção. A principal ação do

traduzir por escoramento¹¹⁷ ou ancoragem¹¹⁸. Assinalamos que o “suporte já existe” e a releitura psicanalítica do conceito vai destacar a função desse suporte sendo de reciprocidade e mutualidade. Não se trata de um encosto ou um apoio, em um objeto passivamente receptor. O caráter do escoramento é poder modelar aquilo que sustém. No *étayage*, menciona Kaës, há uma “dimensão fundamental de ser concebido como construção e permanência de si mesmo” (Kaës, 1981, itálico do autor¹¹⁹).

O conceito revisitado por alguns psicanalistas¹²⁰, hoje, tem um sentido ampliado de *anlehnung* introduzido por Freud (1905) para designar a relação entre as pulsões de auto conservação e as sexuais. O conceito trabalhado a partir de uma perspectiva da metapsicologia de uma psicanálise vincular¹²¹ descreve uma função de mútua sustentação.

Kaës (1984/1999) realiza uma extensa revisão dos textos freudianos para descrever a evolução do conceito de *Anlehnung* e destaca alguns dos sentidos utilizados por Freud: apoio pontual, modelo e transcrição. Afirma ser justamente esse último significado que “designa literalmente o entreaberto, que nos dá acesso à problemática original da ancoragem/do escoramento” (Kaës, 1984/1999, p. 13). Essa característica do escoramento (*apuntalamiento*) do “entreaberto” significa “separação” e, simultaneamente, uma comunicação derivada.

O *Anlehnung* é um conceito fundamental para a construção do psiquismo; permite estabelecer as relações determinantes entre o psiquismo, o corpo, o grupo e a cultura. Kaës aponta: “é um processo psíquico de base que sustenta, modela e faz possível o vínculo de desprendimento entre essas ordens da realidade” (Kaës, 1984/1999, p. 15). Ele é *múltiplo*, devido a algumas características de “entre abertura

verbo escorar/apuntalar é sustentar com estacas o que ameaça cair em ruínas e reclama consolidar. Recuperado de <http://www.tuanalista.com/Diccionario-Psicoanalisis/4160/Apuntalamiento.htm>

¹¹⁷ *Escoramento*: a escora é uma peça que dá apoio e sustentação, esteio. O escoramento na arquitetura serve para impedir um desabamento, desarticulação ou desabamento. Escorar é amparar (Houais, 2001, p. 1208). Segoviano (2014) considera este termo mais próximo do *anlehnung*, do que ancoragem como estávamos traduzindo. Olga Correa (2014), psicanalista estudiosa da obra de Kaës sugere também traduzir como escoramento (comunicações pessoais).

¹¹⁸ *Ancoragem*: efeito de ancorar; ancorar, sustentar, tomar como fundamento (Houais, 2001, p. 208).

¹¹⁹ Na versão do Xerox não constam números de páginas.

¹²⁰ Laplanche (1970) redefine o conceito freudiano. Kaës cita: Guillaumin (1978), Gantheret (1971) com duplo *escoramento*. Roussillon menciona um processo de *auto-escoramento*, “próximo à *auto-cura* de Khan” (citado por Kaës, 1984/1999).

¹²¹ No artigo de 1981, *anlehnung* foi traduzido ao castelhano como “apoio,” já no texto de 1984/1999 é traduzido “*apuntalamiento*”. O essencial é que no primeiro artigo Kaës resume sua hipótese de que “junto ao apoio do psiquismo sobre funções bio-fisiológicas corporais existe um apoio de formações psíquicas sob o grupo e sob as instituições” (Kaës, 1981); e “suas formas mais imediatas carregadas de significação: a família, a mãe” (Kaës, 1981).

- transcrição - desprendimento”. Menciona outra característica: ser *reticular*, e, formado por uma rede, na qual entram em jogo complementos e suplementos antagônicos. Forma-se uma rede por intermédio da mãe, “a partir de sua posição em um conjunto intersubjetivo *socialmente* estruturado pela lei paterna” (Kaës, 1984/1999, p. 16, itálico do autor). E é *mutuo* por implicar uma “certa” reciprocidade entre os termos dos componentes (escora-escorado); implica também efeitos de “administração (ou de transferência) de um objeto a outro, ou de uma ordem (intrapsíquico) a outra (grupal), efeitos fundadores da *identificação*” (Kaës, 1984/1999, p. 17, itálico do autor). Descreve ainda mais uma característica: ser *crítico*, no sentido de resolução de crise. O psiquismo, de acordo com esse aspecto, tem um dinamismo, movimento e construção, aperturas e fechamentos, momentos de crise e de criação.

As cadeias associativas grupais evidenciam uma concepção do psiquismo constituído na intersubjetividade, escorado ou sustentado no corpo, na mãe e no social, constituído e reconstruído, através dos vínculos que o sujeito desenvolve ao longo da vida. No trabalho de grupo, as cadeias associativas estão traçadas por processos de entroncamento ou articulação como os descritos.

6.3.2 O trabalho do pré-consciente no grupo

De acordo com Kaës (2007/2010), o processo associativo grupal instrui sobre a formação e o trabalho do pré-consciente. Os múltiplos requerimentos, a intensidade pulsional do encontro com o outro, e mais de um outro “coloca em perigo a atividade do pré-consciente”. O estudo dos processos associativos no grupo evidencia o contato com o outro que ativa o pré-consciente dos componentes. O autor “articula” a “formação do pré-consciente com a intersubjetividade” (Kaës, 2007/2010, p. 192).

Kaës(2008) observa que o trabalho associativo grupal facilitaria a passagem de representações inconscientes para o pré-consciente, funcionaria como um dispositivo de “transformação e metabolização que faz possível que, graças à atividade do pré-consciente, representações separadas pelo recalque sejam simbolizadas” (Kaës, 2008, p. 78). No trabalho associativo grupal, a multiplicidade de solicitações, a intensidade pulsional promovida pelo encontro com o outro(s) coloca em perigo provisório a atividade do pré-consciente. Observa que nos estados patológicos, nos estados limites, a atividade do pré-consciente se mostra debilitada. Em função disso, afirma ser justamente o espaço grupal que se mostrou facilitador para o trabalho com essas

patologias. Neste sentido, o processo associativo no grupo, permite: “conceber um lugar substancial à atividade do pré-consciente e definir sua formação e funcionamento no contato com atividade psíquica pré-consciente do outro” (Kaës, 2007/2010, p. 191).

O trabalho do pré-consciente se funda sobre a atividade psíquica da mãe: em Bion com a função alfa; em Winnicott, quando sonha a criança; em Aulagnier, quando se faz porta-palavra dos estímulos internos e externos. (Kaës, 2008, pp. 91-92). O desenhar como objeto mediador no grupo contribuiria também para realizar essas passagens da ordem do pré-consciente, das inscrições pré-verbais, sensório-motoras, figurativas.

O outro, o grupo, de acordo com Segoviano¹²² (2013) permitiria: (1) levantar ou manter o recalque. (2) Em situações de crise, manter os vínculos de associação de representação-coisa e/ou representação-palavra com afeto. (3) Dispor significantes utilizáveis que facilitem a representação inconsciente e logo pré-consciente. (4) Ativar simultaneamente uma heterogeneidade de lugares e processos psíquicos. (5) Permitir um trabalho de ligação e transformação inacessível no momento. (6) Reconhecer na figura do porta-voz: fala no lugar de outro para outro, mas também para o outro que está nele (Segoviano, 2013 – quadro – em anexo 1). Kaës (1985) cita: “O terapeuta ou os terapeutas trabalham com seu aparelho psíquico e mais precisamente com as funções de ligação e de transformação com as quais ele está dotado, é o trabalho de transformação do terapeuta onde se apoia, por sua vez, o trabalho de transformação do sujeito, do grupo ou da família”¹²³ (Kaës, 1985, citado por Segoviano, 2013).

O pré-consciente é um dispositivo onde se processam as transformações de alguns conteúdos psíquicos inconscientes, antes de eles retornarem à consciência. Kaës (1995) menciona que “esse sistema se encontra ligado à capacidade associativa e interpretativa da psique” (Kaës, 1995/1999, p. 89).

De acordo com a primeira tópica, Kaës cita:

A primeira teoria do aparelho psíquico, ao descobrir a função do Pré-consciente na formação do sonho, tem colocado o acento sobre a *transformação dos pensamentos do sonho para tomar a forma figurativa, de imagens visuais*. Tomar em consideração a figurabilidade (*Darstellbarkeit*) é uma atividade ligada à censura e à função transformadora do pré-consciente.

¹²² A autora aborda esses tópicos em um quadro, material didático, denominado: *Sujeto, Grupo y Proceso Asociativo: La intersubjetividad depende del establecimiento del pré-consciente*. Apostila entregue pela autora, Mirta Segoviano, em junho de 2013.

¹²³ Quadro de referência: anexo 1.

Outra dimensão do Pré-consciente corresponde a seu componente *sinestésico associado ao polo motor do aparelho psíquico*. Notemos que essas duas dimensões foram colocadas num segundo plano quando se acentuam sobre os componentes da representação de palavra no Pré-consciente. É importante hoje rearticular essas três dimensões e incluir, além delas, a intersubjetividade (Kaës, 1995/1999, p. 89).

Nesta citação Kaës destaca dois dos componentes, deixados em segundo plano, para priorizar a palavra e que estão fundamentalmente associados ao convite para desenhar, proposto pelo pictograma grupal: atividade transformadora do pré-consciente dos pensamentos em figuras e o componente sinestésico¹²⁴. Componente que graças aos processos associativos, ao contato com o pré-consciente do outro pode permitir evocar sensações ligadas simultaneamente a cheiros, cores, associados aos traços, os desenhos, as palavras e impressões movimentado pela ação de desenhar junto com o outro.

Kaës, citando o poeta René Char,¹²⁵ lembra que: “as *palavras* que vão surgir sabem sobre nós o que *nós ignoramos*”. E isso que “nós ignoramos”, pode surgir com maior facilidade, graças à pluralidade e intersubjetividade, que o grupo promove, e às mediações terapêuticas. O estabelecimento da intersubjetividade requer do pré-consciente e vice-versa. Na segunda tópica, a atividade do pré-consciente se relaciona com Eu; é o lugar das inscrições da linguagem. E um dos trabalhos é a simbolização: “O trabalho associativo preferencialmente recorre às representações verbais”¹²⁶. Quando se trabalha com mediações terapêuticas, com objetos mediadores pictográficos, plásticos, manuais, estes acessam com maior facilidade o surgimento de elementos pré-conscientes, mais próximos dos descritos na primeira tópica.

Kaës, a partir do livro *A palavra e o vínculo* (1994/1995), retoma que os processos associativos no grupo estão marcados pela intersubjetividade e a função do pré-consciente. Quando um sujeito se torna porta-voz, porta-palavra, reconhece, na palavra do outro, algo que se refere a um outro dentro dele. Kaës (1994) afirma que a heterogeneidade dos lugares e processos psíquicos, simultaneamente ativados

¹²⁴ Sinestesia relação, que se verifica espontaneamente (e que varia de acordo com os indivíduos) entre sensações de caráter diverso, mas intimamente ligadas na aparência (p.ex. determinado ruído ou som pode evocar uma imagem particular, um cheiro pode evocar uma certa cor etc.). Cruzamento de sensações diferentes em uma só impressão. (Houaiss, 1996, p. 2579).

¹²⁵ *Les mots qui vont surgir savent de nous ce que nous ignorons d'eux*,

¹²⁶ Segue a fórmula proposta por J. Cournut: “um conjunto de traços verbais pré-conscientes constituem a trama do discurso associativo, rede de significantes verbais depositados no pré-consciente do sujeito”. (Kaës, 1975. O trabalho associativo. *Revue Française de Psychanalyse*, 34(4), 581-588).

e desativados, coloca em funcionamento atividade do pré-consciente (Kaës, 1994/1995, p. 275).

6.3.3 A intersubjetividade e a polifonia

A polifonia é um conceito que Kaës toma dos postulados de Bajtin-Vorochilov acerca desse processo na obra literária. Lembra que Bajtin sustenta que assim como a polifonia caracteriza várias escrituras, na obra literária se encontra o entrecruzamento de estruturas e escritas: “do autor, seus personagens, o destinatário, o contexto histórico, ético e cultural” (Kaës, 1994/1995, p. 188). De outro lado Bajtin descreve a ideia de um “auditório social *interno* próprio de cada indivíduo” (Kaës, 1994/1995, p. 189, *itálico do autor*). Perante as perguntas, de quem fala, quem pensa, quem sente ou quem sonha numa obra literária, a resolução desse enigma é que trata-se da “emergência de um Eu que, como herói, assume a polifonia e a supera” (Kaës, 1994/1995, p. 189).

A polifonia do discurso do sonho está estreitamente ligada ao postulado de que no grupo há o encontro de uma pluralidade de discursos, uma interdiscursividade, que a análise das cadeias associativas grupais mostra estarem determinadas por uma triple conjunção das associações intrapsíquicas, intersubjetivas e grupais.

6.4 Contribuições da obra de René Kaës

René Kaës, psicanalista francês, trabalha com grupos desde a década de 70, e tem se destacado pelas suas contribuições epistemológicas, teóricas e clínicas fundamentadas na obra de Freud. Para o autor, os processos associativos no grupo estão marcados por algumas variáveis fundamentais: uma pluralidade de discursos imbricados com aspetos não verbais, tais como, mímicas, entoações de voz, mudanças posturais. Por outro lado, a presença do intrapsíquico, intersubjetivo e grupal determina o processo associativo, sob dois eixos: um diacrônico e outro sincrônico. De nossa parte, consideramos que os processos interdiscursivos são atravessados pelas particularidades do objeto mediador oferecido, quando nos propomos a trabalhar um grupo através das mediações terapêuticas. A interdiscursividade e a pluralidade de discursos sofrem os efeitos que o objeto mediador produz em cada um dos espaços psíquicos. Quando usamos, por exemplo,

o pictograma grupal, as imagens, composições pictográficas de cada um dos membros do grupo se unem à complexidade associativa pela via da composição figurativa e pela via discursiva. Cabe aqui assinalar, que entendemos como discursivo não só os componentes verbais como esses componentes figurativos.

Kaës propõe uma teoria psicanalítica do inconsciente nos grupos e articula o inconsciente e o grupo. Considera alguns postulados fundamentais: (1) O sujeito singular é um sujeito de grupo; (2) o conjunto intersubjetivo apresenta formações e processos psíquicos específicos; (3) apresenta as formações e funções intermediárias que servem para articular, amarrar e permitir tanto a passagem como as transformações de um espaço para outro.

Alguns psicanalistas contribuíram na fundamentação das hipóteses: M. Klein com o conceito de identificação projetiva; Piera Aulagnier com a função materna como “porta-palavra” da criança, o co-recalque e o contrato narcisista; o conceito de apoio ou escoramento e identificação em Freud; o objeto e o espaço transicional em Winnicott; a teoria de Bion sobre a intersubjetividade de processos como o pensar; de depósito-depositante-depositário, núcleo aglutinado e sociabilidade sincrética de José Bleger; a configuração vincular, como assim denomina Marcos Bernard. (Jaroslavsky, 2010).

A seguir apresentamos dois conceitos fundamentais na obra do autor que estão estreitamente relacionados com os processos associativos: o aparelho psíquico grupal e os grupos internos. O modelo do aparelho psíquico grupal, construído na década de 70, serve para conceber a realidade psíquica do grupo de uma maneira não especulativa. Considera que essa realidade só pode ser acessada graças ao dispositivo grupal, uma vez que tal dispositivo mostra aquilo que é próprio do sujeito e aquilo compartilhado pelo grupo. Ele evidencia as “relações de co-escoramento (co-apuntalamiento) e estruturação recíproca do aparelho psíquico individual e do aparelho psíquico grupal” (Kaës, 2007/2010, p. 168). Apresenta de que maneira o grupo transforma e mobiliza a realidade psíquica de cada um dos membros que contribuem e se aliam entre si. Esse modelo demonstra também a especificidade dos processos associativos.

O conceito de grupo interno foi desenvolvido para descrever uma das propriedades do inconsciente bem como para compreender de que maneira os sujeitos se agrupam. Os conceitos de aparelho psíquico grupal e grupo interno apresentam a peculiaridade da atividade associativa da psique. A associação é utilizada, como o “*bindung*” freudiano, palavra que remete a “laços”. E, em sentido

figurado e afetivo, mantém a imagem de uma ligação física (barbante, fio), sempre indica aquilo que “liga, apróxima, une”. Trata-se, sobre tudo de: “aquilo que enlaça”. (Hans, 1996, p. 294).

Em Freud o “*bindung*” assinala uma característica de ligação da pulsão “as relações de objeto e das representações, mas também os laços intersubjetivos pela mediação das identificações, das imagos e os complexos” (Kaës, 1993/1995, pp. 155-156).

6.5 O aparelho psíquico grupal

O aparelho psíquico grupal (1976) (APG)¹²⁷ é um modelo ficcional que serve para dar conta do processo de ligação, acoplamento, transformação e formação de um grupo. A hipótese é que existem organizadores psíquicos, internos ou “endopsíquicos¹²⁸” que permitem às psiques individuais se acoplarem. O conceito busca articular o sujeito e o grupo. Assim, o APG serve: “*na sua condição de objeto psíquico elaborado na cultura como modelo de grupalidade e o processo grupal, elaborado no psiquismo sob a forma de organizações de sistemas de objetos interno*”. (Kaës, 1976/1977, p. 257). O caráter principal consiste em “assegurar a mediação e o intercâmbio” das diferentes realidades psíquicas: seus componentes grupais e a realidade nos aspectos societários. (Kaës, 1976/1977, p. 257). Não seria possível construir este aparelho se não houvesse a possibilidade de “solicitar as formações grupais do psiquismo: imagem do corpo, imagos, fantasmas originais, redes de identificações, estruturas” (Kaës, 1976/1977, p. 29).

Kaës (2007/2010) define o grupo como um APG: “O grupo pode ser concebido como um aparelho psíquico que funciona em outro espaço que aquele do sujeito singular, nesse espaço no qual os sujeitos se reúnem e onde se ligam entre si, se juntam, se diferenciam, se opõem, se desligam”. (Kaës, citado por Jaroslavsky, 2010).

Kaës afirma que o grupo se constitui a partir de duas condições psicológicas:

¹²⁷ As pesquisas iniciais da década de 60 estão dirigidas a reconhecer a existência de organizadores endopsíquicos e socioculturais do grupo. A tese de doutorado, apresentada em 1974, resulta no livro que leva o nome de *Aparelho Psíquico Grupal. Construções de um grupo* (1976), não editado em português. Este livro apresenta o conceito longamente trabalhado em outros livros e por outros autores, que utilizam o conceito para falar de “aparelho psíquico familiar” (Ruffion) e “aparelho psíquico vincular” (M. Bernard).

¹²⁸ Posteriormente Kaës utiliza o conceito de intrapsíquico. O termo inicial *Endo* “antepositivo”, em química significa dispositivo para dentro (Houaiss, 1996, p. 1140).

- As relações dos indivíduos devem estar mobilizadas/organizadas por uma *representação-meta* inconsciente do grupo como objeto da pulsão; a *representação-meta* inconsciente orienta as relações de cada um com os outros e com o meio.
- As relações internas e externas se inscrevem numa representação sociocultural que funciona como modelo do objeto-grupo.
- Portanto, haveria uma dupla referência: uma endo-psíquica (intrapsíquica) e outra cultural, que possibilitariam um processo de construção do grupo, de energias centralizadas, transformadas, transmitidas; de intercâmbio entre o interno e o externo; de conflitos e diferenciações que se produzem nos grupos.

Os organizadores psíquicos grupais são sistemas de organização das representações, e o grupo, como objeto da pulsão, leva a distinguir dois tipos: um primeiro sistema de organização da representação do grupo constituído por formações inconscientes de carácter grupal: organizadores psíquicos grupais, que definem relações de objetos encenadas, articuladas entre si de um modo coerente, com vistas a uma satisfação pulsional. Os *organizadores intrapsíquicos* que regem a representação do objeto-grupo são: a imagem do corpo, a fantasmática originária, os complexos familiares e imagoicos, a imagem do aparelho psíquico subjetivo.

Um segundo sistema de organização da representação são os *organizadores socioculturais*. Sua função é codificar de maneira normativa a realidade psíquica, social e cultural através de representações ideológicas, utópicas, míticas e científicas. Os modelos de grupalidade que propõe são: os apóstolos, os argonautas, os cavaleiros da mesa redonda, formas sociais idealizadas que funcionam de acordo com uma determinada ordem, funções. Esse modelo sociocultural outorga veracidade ao modelo inconsciente. A dupla referência citada acima dos organizadores intrapsíquicos e sociocultural coloca problemas de compatibilidade e de conflito entre os organizadores: a tensão entre os organizadores, entre séries, entre o que é principal e o que é secundário. Para se organizar todo grupo requer condições que possibilitem o exercício das funções de produção, reprodução, intercâmbio, defesa e cognição.

O aparelho psíquico grupal é também definido como uma construção transicional intermediária entre o intrapsíquico e o social (Kaës, 1971). Sobre isso Kaës (1993) alerta para não confundirmos esse conceito com o de *grupalidade psíquica* como conceito que descreve aquilo que no aparelho psíquico individual existe

de grupal. Posteriormente, o desenvolvimento do conceito de grupo interno distingue mais claramente este conceito¹²⁹.

O APG permite entender o grupo como construção de subjetividades, aparelhos psíquicos individuais, acoplados num conjunto plurissubjetivo, graças a processos de associação, junção e ligação. Kaës (2011a) define¹³⁰ que o grupo não se reduz a um só espaço psíquico ou uma *psique de grupo*, como no modelo estruturalista. Ele é uma construção que inter-relaciona três espaços da realidade psíquica: do sujeito singular, dos vínculos intersubjetivos, e do grupo propriamente dito, ou o conjunto que contém os dois primeiros. Cada um desses espaços possui consistência, lógicas e processos próprios. Introduce a complexidade no pensamento psicanalítico e rompe com os modelos holísticos¹³¹ (do grego *holos*, todo). Os conceitos elaborados por Kaës permitiram conceber a construção de uma realidade psíquica comum (Kaës, 2011a).

6.6 A especificidade do conceito de grupo interno

Para René Kaës, o conceito de grupo interno define formações, processos e estruturas intrapsíquicas inconscientes, com uma dinâmica e estrutura organizada como um grupo: “aparece deste modo como uma configuração de vínculos entre *elementos psíquicos*: das pulsões e seus representantes-representacionais, entre objetos”. Nesta noção se inclui as “representações de palavras ou de coisas, entre instancias, imagos ou personagens internos” (Kaës, 1993/1995, p. 159). No espaço dos vínculos intersubjetivos, estes grupos internos têm funções de ligação, de representação e de transformação. Eles também funcionam como “organizadores psíquicos inconscientes, a partir das propriedades de sua estrutura e dos processos de ligação/ desligamento que prescrevem” (Kaës, 1993/1995, p. 159).

Na obra de E. Pichon-Riviere e Napoli¹³² o grupo interno é descrito como objetos interiorizados, internalizados, personagens de uma trama de relações, objetos que têm

¹²⁹ Grupo interno teve algumas nomeações como grupo do adentro, grupo endopsíquico. Expressa uma característica, uma grupalidade psíquica, uma maneira de funcionar do psiquismo como formações grupais, grupos clivados. Sustenta que Freud, no Projeto e na primeira tópica, “concebe o aparelho psíquico como um sistema de relações entre entidades, funções e mecanismos, que engendram tensões e regulações” (Kaës, 1981, p. 31).

¹³⁰ Aula inaugural do seminário assistido em julho de 2010.

¹³¹ Considera modelos holísticos em: Bion com ideia da mentalidade do grupo, Foulkes com o conceito de matriz grupal, Pichon-Riviere com o conceito do grupo como campo, Anzieu com a formação de uma ilusão grupal contida por uma envoltura grupal. (Kaës, 2011).

¹³² Napolitani D. (1987), *Individualità e gruppaltà*, Boringhieri, Torino

funções específicas. Entre elas servem de modelos de identificação, figuras que interagem entre si, como a dramatização de um “teatro interno”. Para Pichon-Riviére, as imagens evocadas do grupo interno permitem reconhecer a representação que o paciente tem de cada um de seus familiares. Kaës considera que isto é apenas um aspecto. Não se trata, portanto, apenas de uma pluralidade de objetos internalizados e sim, da estrutura e a dinâmica desses objetos. Na clínica com grupos visualizam-se processos de transformação desses objetos. Kaës enfatiza o processo associativo mencionado em Freud, sublinhando que a propriedade específica da matéria psíquica é associar, ligar, desagregar, religar elementos entre si (Kaës, 1976, 1980, 1993, 2011b). De acordo com esta hipótese, menciona que: “Meu ponto de vista é que a organização da matéria psíquica se encontra profundamente ordenada por um *modelo associativo*, do qual o grupo interno é aqui o paradigma” (Kaës, 2011b, p. 5).

Deste modo, colabora para uma metapsicologia dos grupos internos que mostra estruturalmente de que maneira os elementos estão configurados e articulados entre si, de acordo com os princípios da associatividade. Do ponto de vista tópico, se localizam no inconsciente; “para ser mais preciso não são uma coleção de objetos inconscientes, são configurações ou sistemas de objetos inconscientes” (Kaës, 2011b, p. 5). Do ponto de vista dinâmico, há conflitos entre instâncias, e do ponto de vista econômico “sua organização lhes permite receber e repartir cargas pulsionais” (Kaës, 2011b, p. 5).

O processo associativo próprio das formações do inconsciente e o conceito de grupo interno permitem descrever esses processos imbricados com a qualidade de associar, dissociar, agrupar. Três processos confirmam que o inconsciente está estruturado como um grupo: *a multiplicação do elemento idêntico, a condensação e a difração*. *A grupalidade do psiquismo* coloca assim em evidência os grupos internos como formações complexas que sustentam e organizam o desenvolvimento da realidade psíquica dos grupos, dos laços intersubjetivos e do processo associativo, conforme lógicas particularmente próprias do inconsciente. (Kaës, 1980, 1994, 2011b).

Freud, no *Projeto* e nos *Estudos sobre Histeria*, descreve o inconsciente originário como um *grupo psíquico clivado*. A propriedade desse grupo psíquico é a associatividade, que percorre ligando em cadeia os diversos componentes. Kaës assinala: o grupo psíquico clivado (“*eine abgespaltene psychische Gruppe*”) encontra-se na origem da noção tópica de inconsciente. (Kaës, 1980, p. 239).

O conceito de Pontalis (1963) do grupo como “um objeto de investimento pulsional e de representações inconscientes” serve de apoio para a construção da noção de grupo interno, de acordo com Kaës (2011b), achado que direciona seu interesse e pesquisa com crianças e adultos, através de observações e as representações pictográficas de grupo e família. Esses investimentos e representações estão organizados ao redor de alguns núcleos, ou esquemas que formam os organizadores grupais. Assim essas representações psíquicas, formações e estruturas são notadamente grupais: na fantasia original, na estrutura do Eu, no aparelho psíquico, nos complexos, nas imagos (imago corporal, imago da psique, imago familiar). Kaës (2011b) enuncia:

Esses grupos internos têm um papel decisivo na organização do *processo* grupal em si mesmo: funcionam como esquemas de *ação potencial* que se tornam funcionalmente eficazes quando encontram no outro – ou em mais de um outro, uma correspondência em uma de suas dimensões. Considerei então que os grupos internos são os principais organizadores inconscientes do processo de acoplamento/aparelhamento dos psiquismos e da realidade psíquica inconsciente do grupo. (Kaës, 2011b, p. 3)¹³³.

Em síntese, a noção de grupo interno implica que, as formações intrapsíquicas têm uma estrutura e função própria do psiquismo: de ligação entre pulsões, objetos, representações e instâncias do aparelho psíquico. E funcionam como organizadores inconscientes da construção e o acoplamento dos membros de um grupo; formam um sistema de relação relativamente estável que liga elementos, forma “unidades semânticas, dramáticas e proativas”. Kaës, conclui destes argumentos, que o psiquismo, essencialmente, tem uma estrutura de grupo.

6.7 A cadeia associativa grupal

René Kaës (1985) denomina “*cadeia associativa grupal*” o processo da associação livre no grupo, conceito estudado desde a década de 80, com o objetivo

¹³³ *L’observation des processus qui contribuent à la formation d’un groupe m’a conduit à faire l’hypothèse que les groupes internes ne jouent pas seulement un rôle organisateur dans les représentations de l’objet – groupe. Ces mêmes groupes internes jouent un rôle décisif dans l’organisation du processus grupal lui-même: ils fonctionnent comme des schémas d’action potentielle qui deviennent fonctionnellement efficaces lorsqu’ils trouvent chez l’autre – ou chez plus d’un autre, une correspondance sur une de leurs dimensions. J’ai alors considéré que les groupes internes sont les principaux organisateurs inconscients du processus d’appareillage des psychés et de la réalité psychique inconsciente du groupe.* (Kaës, 2011b, p. 3)

de discriminar e especificar aquilo que o enquadre grupal introduz de novo ao processo fundamental do método psicanalítico: a associação livre, via de acesso a formações e processos inconscientes, tema trabalhado e repensado, em outros artigos, ao longo da sua obra¹³⁴. O autor inicia por questionar se a associação livre pode conservar “*pertinência* e eficácia fora do campo de sua aplicação, na cura de um sujeito singular” (Kaës, 2005, p. 278). A presença múltipla de sujeitos no grupo determinaria algumas peculiaridades, efeitos, obstáculos, resistências e elementos facilitadores para a associação livre se instalar no grupo.

Nesse primeiro artigo, Kaës (1985) levanta algumas questões: será possível reconhecer um sujeito do discurso idêntico ao sujeito da escuta; no grupo quem é que fala ao associar livremente; trata-se de um sujeito singular, logo outro, depois outro. De que maneira a associação “*livre*” de cada um é afetada, influenciada, desviada, restringida ou impulsionada pela fala de um. Ou bem, será que um grupo fala de maneira associativa. Poder-se-ia afirmar que um grupo fale associativamente e admitir-se que haja “uma sequência de discursos formando cadeias, grupo, rede, malha e laço, e isto faria supor que há um discurso de grupo?”. Ou, dever-se-ia pensar que “um discurso singular, sobre uma trama de discurso *a-subjetivo*¹³⁵ é irreduzível ao Eu dos faladores? Enfim, suporemos um sujeito do discurso idêntico ao sujeito da escuta?” (Kaës, 1985, p. 235).

Kaës (1985) afirma que:

A ligação entre a cadeia associativa individual e o grupo (como cadeia associativa) não é sustentável se não admitirmos um campo de interferência de um lado, a *realidade psíquica inconsciente*, dos sujeitos singulares, para os quais o grupo tem forma e função de objeto, ou do sistema de relação de objetos, ou de configuração imagoica e complexa, ou de rede identificatória, ou de imago corporal ou de cena fantasmática (originária); e, de outro lado, o *grupo como aparelho de ligação* dispondo de formações e mecanismos de mediações. Ou pode se dizer dessa ligação: “aquilo que em nos é *grupalidade*” (Pontalis) e se transfere sob uma forma direta ou invertida nos grupos externos, e isso que, nesse movimento forma grupo com os grupos internos de outros sujeitos. (Kaës, 1985, p. 249, sublinhado pelo autor).

¹³⁴ Em novembro de 1985, no relatório denominado “*La transmission psychique intergénérationnelle et intragroupale aspects pathologiques thérapeutiques et créatif*” descreve pela primeira vez o conceito de cadeia associativa grupal, no capítulo intitulado “*Recherche sur la Transmission psychique intragroupale: La chaîne associative groupale*”. Artigo traduzido livremente para o português pela Psicanalista, Evelin Pestana (2013).

¹³⁵ Mantém-se a palavra utilizada pelo autor. Quando o autor menciona que a associação livre é “a-social” destaca que os efeitos sociais da enunciação e da escuta se suspendem, o “a” aponta não é privativa, afirma ela é suspensiva (interrompida, bloqueada) (Kaës, 2007/2010, p. 169).

Os processos associativos desenvolvem um tipo de recalque específico que Kaës denomina recalque secundário. A presença de várias cadeias associativas, a pluralidade de organizadores psíquicos inconscientes atua produzindo excitação, que estimula e mantém um recalque estritamente individual, mas que só é possível ser mantida graças à função do *co-recalque* dos outros membros do grupo. Essas diferenças devem permitir o não retorno do recalçado, a coesão do grupo e a função continente das tensões da realidade psíquica. (Kaës, 1994/1995, p. 285).

O trabalho com grupos demanda atender a esse “emaranhado” de discursos que entrelaça palavras, lugares no espaço, gestos e mímicas. O grupo é definido como um espaço *polissêmico*¹³⁶ e *politópico*¹³⁷. O grupo é “um espaço homogêneo dotado de vários lugares onde se produzem acontecimentos distintos, eventualmente ligados uns aos outros” (Kaës, 1985, p. 234). De outro lado, o processo associativo verbal no grupo está diretamente relacionado com as particulares formas não verbais, expressas em gestos, mímicas (Kaës, 1994/2005, p. 71). Quando se introduzem objetos mediadores, estes funcionam como elementos que contribuiriam no processo de encadeamento. Assim, de acordo com o mediador utilizado, por exemplo: a escolha ou a sequência de fotos (na foto linguagem), a montagem e as cenas (psicodrama), a manipulação e as produções (argila). E, no caso do pictograma, os traços, rabiscos, desenhos, gestos, palavras.

6.8 Evolução das pesquisas sobre a cadeia associativa

Kaës, no *Relatório* apresentado na *Universidade de Lyon* em 1985, expõe de maneira didática e extensa uma série de hipóteses de trabalho, questões e observações clínicas. Esse relatório parece ser um dos estudos mais completos sobre o tema, que em artigos e capítulos de livros posteriores retoma e aborda sob alguns aspectos específicos: as lógicas do inconsciente (1999), a interdiscursividade (2007), as funções do pré-consciente e associatividade (1999), o escoramento psíquico (1981-1984), entre outros.

¹³⁶ A polissemia apresenta os usos figurados de uma palavra, das metáforas, de palavras de outra língua, o que amplia e multiplica significados.

¹³⁷ O “politópico” explicita a variedade (poli) de lugares (tópico) e posições possíveis, que os membros, os acontecimentos de um grupo podem ocupar dentro do espaço grupal.

O interesse pelas cadeias associativas surge do estudo da ideologia.¹³⁸ Este estudo permite-lhe constatar que o pensamento ideológico é antiassociativo, só tolera repetições do idêntico, “fixado pela denegação: não tolera nenhum deslocamento posterior” (Kaës, 1994, p. 49). Contrariamente, ao pensamento da ideologia¹³⁹, o processo associativo sobre-entende, funciona promovendo e mantendo a diversidade das associações. A posição e o pensamento ideológico se caracterizam por não suportar o dualismo, a dúvida, fixam-se num sistema único, fechado, imutável, estereotipado de maneira eminentemente defensiva. A ideologia exerce sobre o processo primário uma força de maneira tal que o discurso se assemelha à “ideia delirante”. Se um grupo se encontra em um momento ou movimento de pensamento ideológico, o processo associativo se paralisa. Nesse momento é impossível esboçar qualquer interpretação. O pensamento apenas pode seguir a crença, ou o discurso ideal, ou o discurso do líder; os sujeitos parecem obnubilados perante o discurso do ídolo ou ideal.

Paralelamente, enquanto o estudo das ideologias avança outros aspectos, cobram interesse: a pesquisa sobre as funções e posições do sujeito “porta-palavra” (porta-voz), os mecanismos de substituição, de deslocamento no grupo, e a análise “inter-transferencial¹⁴⁰”. Os analistas que coordenam um grupo transfeririam a própria organização intrapsíquica aos seus colegas: assim, espera-se analisar os deslocamentos transferenciais de um psicanalista para outro.

Seguidamente, desenvolve o estudo sobre os grupos internos e o escoramento grupal, o que o leva a pesquisar a relação entre o grupo interno e o sonho. Seguindo Freud¹⁴¹, embora este não tenha trabalhado o conceito de intermediário, Rodhein¹⁴² e Winnicott, René Kaës desenvolve o conceito de intermediário a partir de uma leitura

¹³⁸ *A Ideologia, Estudos Psicanalíticos, Mentalidade do Ideal e espírito de corpo* (Kaës, 1980).

¹³⁹ A ideologia é estudada na década de 70. Descreve o momento ideológico que, em todo grupo, faz parte de um processo, um movimento ou um momento da construção do mesmo. Participar dos mesmos ideais e ideias assegura a coesão do grupo pela obediência ao objeto idealizado. A ideologia pode constituir um grupo de maneira semelhante a endogamia da família, ou seja, como uma identidade “colada” ao ideal, ao ídolo ou à ideia; os intercâmbios só podem ocorrer, no interior do próprio grupo. Kaës define a ideologia como o pensamento que “já tem tudo pensado, é onipotente, onipensante; é um pensamento que se pensa completamente sozinho, sem gasto, sem dependência de outros objetos a não ser o idealizado, sem espera, finalmente sem sofrimento” (Kaës, 1994/2005, p. 343). A ideologia não tolera o luto.

¹⁴⁰ Aquilo que se produz transferencialmente no trabalho entre os co-coordenadores de um grupo.

¹⁴¹ No *Projeto de Psicologia* (1895) Freud concebe o *Reizchutz* como um aparelho localizado no limite entre o externo e o interno, quer dizer, numa posição intermediária. (Kaës, 1994, p. 133)

¹⁴² Róheim (1943) define o objeto intermediário pelo seu aparecimento em um processo. O objeto intermediário é um momento de estabilização na oscilação entre um movimento de agarramento e um movimento de busca. O objeto intermediário mantém a ligação entre os objetos separados, “entre o morto e o vivo”. (Kaës, 2003, p. 19)

desses autores. O intermediário é definido por Kaës como uma “instância de comunicação” entre “termos separados, descontínuos”. O intermediário é “uma vinculação no mantido-separado, por isso é *uma instância de articulação de diferença*, um lugar de simbolização” (Kaës, 1979, p. 18, itálico do autor), de conflito, de oposição entre elementos antagônicos. A função intermediária serve fundamentalmente para estabelecer pontes entre elementos descontínuos, lugares de passagem, restabelecer e articular rupturas.

No grupo, além dos mecanismos do processo primário, descritos por Freud de condensação e deslocamento, observa o mecanismo da difração,¹⁴³ descrito como própria dos processos primários da *grupalidade psíquica*. Caracteriza-se por ser um mecanismo que age de maneira inversa à condensação: “uma modalidade de figuração grupal do sonho”. Outros mecanismos estão associados: “a descondensação, o deslocamento e a multiplicação para produzir um mecanismo específico, responsável pela figuração múltipla dos aspectos do Eu representado por personagens ou objetos do sonhador que formam um grupo” (Kaës, 1993/1995, p. 198). No entanto, na condensação os diversos elementos do conteúdo do sonho são representados em uma só ideia e podem aparecer em um só objeto, ou imagem.

Em 1901, sem nomeá-lo, Freud descreve e discrimina o mecanismo:

Mas, a análise nos descobre ainda outra particularidade destes complicados intercâmbios entre conteúdo do sonho e ideias latentes. Ao lado dos fios divergentes que se dirige a cada um, dos detalhes do sonho, *existem outros* que partem das ideias latentes e *vão divergindo para o conteúdo do sonho*, de maneira que *uma só ideia latente pode estar representada por vários elementos* e que entre o conteúdo manifesto do sonho e seu conteúdo latente *se forma uma complexa rede de fios entrecruzados* (GW II-III, p. 666; trad.fr, p. 70-71) (Freud, citado por Kaës, 1993/1995, p. 200, itálico nosso).

No processo de difração observa-se a decomposição de um objeto, uma imagem do eu, em uma multiplicidade, de maneira tal que esses objetos difratados mantêm entre si relações de equivalência, analogia, oposição ou complementaridade. Forma-se uma rede de relações entre os aspectos assim difratados. Freud, citado por

¹⁴³ A difração é um mecanismo observado na física que descreve, de acordo com o dicionário da língua portuguesa: a “modificação dos raios luminosos, ao passarem pelas bordas de um corpo opaco ou através de uma fenda estreita, ou ao serem refletidos de uma superfície de vidro ou de metal, providos de finas linhas paralelas, que resulta em uma deflexão e na formação de uma série de faixas claras e escuras, cores primáticas ou espectros” (*The New Encyclopaedia Britannica*, T. 4, p. 90). O mecanismo é amplamente elaborado no livro: “*O grupo e o sujeito do grupo. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*” (1993).

Kaës: “cada detalhe do sonho é, falando com propriedade, a representação no conteúdo do sonho de uma espécie de grupo de ideias distintas.” (Kaës, 1993/1995, p. 200). Esse mecanismo se evidencia no sonho e no grupo. A experiência com o *pictograma grupal* tem nos mostrado em alguns traços e/ou desenhos elementos que evocam a presença desse mecanismo.

Alguns aspectos do relatório de Lyon¹⁴⁴ são retomados e ampliados em livros e artigos (“*Palavra e o Vínculo*” [1994], “*A questão psicanalítica da regra fundamental e do processo associativo nos grupos*” [1991]). Entre essas questões, se destaca: (1) a pluralidade de vozes presentes no sujeito singular; (2) a homologia de estrutura e do funcionamento das cadeias associativas grupais e o grupo; (3) alguns traços distintivos do processo associativo grupal. Essas três questões são abordadas a seguir.

6.9 As hipóteses de trabalho

6.9.1 O sujeito singular e cadeia associativa

A hipótese fundamental que René Kaës desenvolve é que o Inconsciente, o sujeito singular e a palavra se constituem na intersubjetividade; assim, as vozes plurais, grupais ou dissociadas estão presentes no pensamento, no sonho, nos desejos, no ato criativo. Afirma que o inconsciente é estruturado não só como a “linguagem” (de acordo com afirmação de Lacan) e, sim, como um grupo. No prefácio do livro “*Um singular Plural*” (2007/2010) sintetiza esta ideia: “o sujeito do inconsciente é *sujeito do grupo* e, frequentemente, sujeito *de e na intersubjetividade*” (Kaës, 2007/2010, p. 15, itálico nosso). O dramaturgo, o sonhador, o romancista, a histeria mostram, através da sua produção, as múltiplas vozes que se difratam, *telescopam*¹⁴⁵, cruzam e ligam.

A clínica psicanalítica da cura, em especial a da histeria, permite a Kaës constatar essa multiplicidade de vozes, que estão presentes, falando simultaneamente. No grupo os objetos internos se atualizam como essas vozes.

¹⁴⁴ *La transmission Psychique Intergénérationnelle et Intragroupale, Aspects Pathologiques, Thérapeutiques et Créatifs* (1985)

¹⁴⁵ Telescopagem: O termo foi introduzido pela psicanalista argentina, radicada na França, Haydée Faimberg, para descrever uma modalidade de transmissão psíquica entre gerações. Por este mecanismo, os pais atribuem à criança, por meio da intrusão narcisista, tudo aquilo que eles amam e odeiam em si mesmos na criança. Esta identificação aparece alienada. Não se reconhece a identidade da criança. Assim, a história dos pais passa a estar encaixada na história vital da criança, uma telescopagem de três gerações. (Segoviano, 2008).

Descreve o caso Dora¹⁴⁶ (1901/1905/2011), sob a perspectiva das identificações, sintomas e a fantasmática. Nesse caso, reconhece a pluralidade das pessoas psíquicas que compõem seu grupo interno. Kaës diz ser notável que Freud tenha-se detido a observar as duas famílias, entrecruzar as fantasias e seus desejos, embora tenha realizado uma observação da realidade externa. Kaës descreve sob o nome “*Grupo-Dora*” um modelo estrutural de um grupo interno. Essa descrição parece fundamental para compreender que o sujeito singular se constitui em e através de um conjunto, em grupo, e que o conceito elaborado pode ser de utilidade também no *dispositivo padrão*.

6.9.2 Homologia entre cadeia associativa e grupo

René Kaës apresenta uma segunda hipótese de trabalho, a homologia de estrutura e funcionamento entre as cadeias associativas e o grupo. Esta hipótese leva em consideração que existe uma correlação entre o pensamento e a cadeia associativa. Kaës¹⁴⁷ (1984, 1994) formula a impossibilidade da existência do processo de pensamento sem a presença de outro pensante, outro que antecede e pensa. Só é possível pensar a partir de uma relação intersubjetiva: “Nenhum pensamento é possível sem a precedência de outros pensantes e de formações coletivas do pensamento anteriores ao sujeito” (Kaës, 1994, p. 71). Parece pertinente, então, dizer que o pensamento associativo procede dessa rede associativa grupal. A cadeia associativa grupal oferece enunciados possíveis e disponíveis para o sujeito singular tomar, positiva ou negativamente, aquilo que recebe do grupo (Kaës, 1994, p. 66).

A hipótese enunciada é que existe uma correlação entre a maneira como os pensamentos inconscientes se organizam e estruturam – aqueles que a livre associação impõe – e a organização dos vínculos intersubjetivos e trans-subjetivos. O grupo em si, funciona como uma cadeia associativa, devido a seus membros: falar, formar enunciados, laços, vínculos, de maneira a construir “um conjunto significativo”. De outro lado, diz: “O grupo é uma combinação de associações estruturadas como

¹⁴⁶ No livro *La Invención Psicoanalítica del Grupo* (1994) há um capítulo dedicado a desenvolver essa hipótese: “La Histeria y el Grupo” e no livro *El grupo y el Sujeto del Grupo* (1993/1995, p. 171-179)

¹⁴⁷ O livro editado pela AAPPG, em 1994, denominado “*La invención Psicoanalítica del Grupo*” contém alguns tópicos apresentados no relatório de 1985 para a Universidade de Lyon, e algumas conferências realizadas por R. Kaës em 1993. Os capítulos: “*Las condiciones de posibilidad del Proceso Asociativo em los Grupos*” y “*La cadena asociativa grupal*” condensam o longo relatório de 1985.

organizadores, cuja função e estatuto são análogas à representação-meta¹⁴⁸ (Kaës, 1994, p. 66). Aquilo que se pode observar, citando a Freud, como “superficial” ou “desconcertante” no processo associativo, na verdade obedece a uma “correta” e “profunda” ligação entre estes elementos (Laplanche, & Pontalis, 1971/1977, p. 385); que sublinham a “*Zielvorstellung*” traduzida por *representação-meta*, e não por “representação de meta”, porque não se trata de que as representações remetem intencionalmente a uma meta, e, sim, que elas são “indutoras” “*capazes de organizar e de orientar o curso das associações*” (Laplanche, & Pontalis, 1971/1977, p. 386, *itálico nosso*). Essas *representações-meta* estão intimamente ligadas ao processo associativo e, portanto, à cadeia associativa grupal. Kaës (1985) assinala que:

O discurso grupal pode então ser entendido como sustentado por uma dupla cadeia associativa: aquela dos enunciados sucessivos e aquela dos laços simultâneos do sujeito. A especificidade de tal “tecido” interdiscursivo e intersubjetivo coloca a questão do sujeito desse “texto” (Kaës, 1985, p. 241, itálico do autor).

Os processos psíquicos que a cadeia associativa grupal coloca em evidência são: processos primários, a condensação, o deslocamento e a difração; processos secundários e terciários, as lógicas próprias do inconsciente, do pré-consciente e da consciência; censura e defesas “anti-associativas”.

Outro aspecto apontado em 1981 parece fundamental para nosso trabalho com o pictograma grupal: aquele relativo ao trabalho com situações traumáticas. Kaës afirma que as situações traumáticas “des-fundam¹⁴⁹” o vínculo. E, aquilo que no trauma não pode ser mentalizado, o grupo possibilitaria a restauração, graças a *perlaboração*¹⁵⁰, daquilo que foi rompido pela experiência traumática: a rede de sustentação grupal¹⁵¹. O trauma rompe: o laço, o processo associativo e a cadeia

¹⁴⁸ Freud descreve a “*representação-meta*” como aquilo que orienta o curso dos pensamentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. Laplanche e Pontalis (1971/1977) assinalam que em cada um destes níveis haveria uma “concatenação”, determinada por certas representações privilegiadas que exercem uma atração sobre as outras representações. O psiquismo é livre de toda lei, por exemplo, das descobertas pela teoria associacionista, segundo a qual se associa só por “semelhança” ou por “contiguidade”.

¹⁴⁹ *Desfundam*, neologismo que Kaës introduz, para se referir a um processo de ruptura de rede, de ligação entre os sujeitos de um vínculo.

¹⁵⁰ Do al. *Durcharbeiten, Durcharbeitung*.

¹⁵¹ Que pode ser, por exemplo, o nascimento de uma “criança insuficientemente boa” como F. André (1985) denomina, aquela que vem romper a rede, e cria um buraco representativo. Uma criança gravemente perturbada, no interior de um grupo familiar, traz uma desorganização, sofrimento e frustração que mobiliza, nos membros do grupo, aspectos psicóticos.

associativa grupal. O convite para um grupo associar desenhando livremente, em situações traumáticas é uma experiência que reconhecemos facilitadora para elaboração do vivido. Os sujeitos ao colocar em imagens, aquilo que não pode ser pensado, falado devido à irrupção da situação traumática. O trabalho com o grupo restauraria a capacidade de pensar e *perlaborar*, pela via da associação, a rede, o vínculo ou laço rompido devido à situação traumática¹⁵². Kaës¹⁵³ (1994) acrescenta que o grupo impõe ao sujeito singular a exigência de um trabalho particular que: “corresponde às transformações que o processo grupal induz no trabalho das associações e representações” (Kaës, 1994/1995, p. 253).

6.9.3 Características distintivas do processo associativo grupal

A situação psicanalítica de grupo é diferente da situação da cura ou dispositivo padrão, “criado com Dora”, contra os efeitos “histerogênicos e imaginários do grupo” (Kaës, 1985, 1994). De acordo com Kaës (1994), o grupo coloca alguns aspectos particularmente distintivos, entre os que se destaca:

- “O sujeito que fala: fala a múltiplas vozes”.
- Só é possível, associar livremente a partir do recalcado.
- Esses elementos recalcados pertencem ao sujeito singular e ao grupo ao qual esse sujeito pertence e no qual ele ocupa um lugar.
- O convite a associar livremente, de sujeitos reunidos no mesmo espaço produz: uma sucessão de enunciados de sujeitos singulares distintos.
- Essa multiplicidade de vozes do sujeito singular entra em tensão com a diversidade dos distintos discursos de cada um dos sujeitos convidados a associar livremente.
- Esta situação se dá dentro de um campo *trânsfero-contra-transferencial*.
- Existem dois tipos de entraves para associar livremente: a censura do sujeito singular e a “restrição normativa do grupo”; assim, as resistências individuais encontrariam apoio e reforço nas resistências do grupo. (Kaës, 1994, p. 68).

¹⁵² No grupo de manutenção, descrito na dissertação de mestrado, vemos que o desenho de uma caveira, pictograma reconhecido como “perigo de morte”, suscita associações relativas à experiência de assédio moral dos funcionários, a partir do ingresso de novo gerente (Pezo, 2009, p. 121-145).

¹⁵³ Em “*A Palavra e o Vínculo*” (1994).

A função do analista no grupo é enunciar e sustentar a regra fundamental postulada por Freud, como método. Regra que se mantém seja quando o grupo se reúne simplesmente para falar (grupos só discursivos: terapêuticos, de formação) ou quando se introduz um objeto mediador. A liberdade de dizer impõe, quando se trabalha com mediações terapêuticas, manter os postulados dessa regra fundamental. Assim se impõe: dizer “o que vier”, “desenhar o que quiser”, “dramatizar a cena que escolher”, “escolher a foto que quiser”. A associação livre como posição do analisando e como contraparte do analista, estar em atenção livremente flutuante, postulados pela regra fundamental, a partir do *squiggle game*, passa ser reconsiderada: uma função co-associativa e co-pensante do analista. O grupo coloca, ainda, em evidencia, através das cadeias associativas grupais, processos intersubjetivos e interdiscursivos particulares. As produções mostram a presença de uma lógica inconsciente distinta:

As lógicas associativas descrevem os processos associativos e a ordem das cadeias associativas que governam as manifestações do inconsciente. São próprias de cada um de nós. A lógica que sustenta esses processos é regida por outros objetivos: a realização de desejos inconscientes e o uso de meios defensivos contra essas realizações. *Ainda que seja eminentemente singular e própria de cada sujeito, a lógica dos processos inconscientes é comunicável*, uma vez estabelecido seus princípios e seu funcionamento. Essas lógicas são lógicas do sujeito e da subjetividade. Também operam nos vínculos entre os sujeitos. Em uma situação psicanalítica de grupo, os sujeitos sentem que se comunicam através dessas lógicas singulares que tem em comum (Kaës, 2009, p. 83, itálico nosso).

Essas lógicas embora, como afirma Kaës, possam ser eminentemente singulares, no grupo se processam, se transformam graças ao fato grupo promover processos intersubjetivos, interdiscursivos. O outro permite que o pensamento, o ato, o sentimento seja reposicionado, não podendo ser mais aquilo que surge, produto da singularidade de cada um. As lógicas inconscientes não são aquelas do mundo interno, descritas como próprias da concepção de relação de objeto. Kaës mostra que o inconsciente se inscreve não apenas em um espaço, portanto, as produções grupais mostram a impregnação do outro, outros, inclusive do outro que em mim existe, e que é desconhecido. Quando os membros de um grupo são convidados a realizar um pictograma grupal, ainda que um desenho possa estar enquadrado ou delimitado para se diferenciar das produções dos outros¹⁵⁴, essa produção compartilha aspectos

¹⁵⁴ Desde a década de 90, observamos nos grupos de crianças, que elas acostumam cada uma desenhar seu próprio desenho e colocar uma linha de limite entre a produção individual e a das outras crianças. No recente trabalho com o pictograma em grupos familiares, também tem se

inconscientes, condensados, deslocados ou difratados de cada um, e de cada uma das produções compartilhadas no espaço do grupo.

No grupo, a regra fundamental de dizer o que vier, dizer com, entredizer implica a inclusão de comunicações não verbais, como gestos que se fazem palavras, entredizem. Quando se utilizam mediações terapêuticas, como o *pictograma grupal*, esse dizer pode ser através de um traço, um rascunho, um desenho. O uso do pictograma promove cadeias associativas grupais específicas que vão sendo construídas graças ao recurso pictográfico e figurativo. Em quanto, os membros do grupo desenhavam e dão cor, parecem ir reconhecendo na produção coletiva elementos que facilita apropriação de conteúdos psíquicos inconscientes e pré-conscientes, transformação que acontece enquanto desenhavam, rabiscavam e dialogam entre si. Diálogo interdiscursivo, composto por uma pluralidade de sujeitos (membros do grupo) e pluralidade de discurso (manifestações diversas, gestos, sensações, desenhos, rabiscos) que vão compondo uma trama peculiar e única própria de um encontro singular: produzir juntos desenhos, falas, narrativas que falem de si, do outro, do encontro consigo mesmo e com o outro e os outros do vínculo.

observado prevalência de desenhos individuais, às vezes demarcados por alguma das crianças que compõe o grupo familiar.

7 METODOLOGIA

As hipóteses que norteiam o nosso estudo são: (1) Verificar se existem, como se dão, as nuances que podem ser reveladas na cadeia associativa grupal quando se utiliza como objeto mediador no grupo o *pictograma grupal*. (2) Se haveria uma cadeia associativa: de traço para desenho, desenho para desenho, de desenho para palavra, de desenho para discurso semelhante à cadeia associativa verbal. Com a finalidade de verificar a pertinência dessas hipóteses apresentamos algumas situações clínicas com grupos: no capítulo oito, uma consulta terapêutica com uma família, e no capítulo nove, consultas terapêuticas com grupos de profissionais da saúde mental, trabalhadores em um hospital psiquiátrico. E, em ambos os capítulos uma sessão com um grupo que viveu uma situação traumática recente.

A pesquisa se fundamenta no método psicanalítico, e realizamos um recorte, para nos deter no conceito de associação contextualizado, em especial, na obra de Freud e em autores que expandem sua obra. Utilizamos de Winnicott um modelo de intervenção psicanalítica que denomina consulta terapêutica e afirma se basear na psicanálise, sem ser uma psicanálise propriamente dita. Winnicott mostra que é possível utilizar os fundamentos do método psicanalítico, seguir a regra fundamental e trabalhar com os efeitos do inconsciente, seja numa psicanálise padrão ou numa consulta terapêutica com uma criança. Sustentados nesse modelo do uso do método, sem necessariamente estar realizando uma psicanálise, expandimos a proposta da consulta terapêutica, para trabalhar em situações vinculares, através de dois tipos grupos: um de família e outro de uma equipe de profissionais que trabalham na saúde mental.

Os fundamentos do método devem ser mantidos quando se trabalha com um grupo de terapia, de formação ou de reflexão. Isto, se o que interesse é reconhecer processos psíquicos, os efeitos do inconsciente, da presença do outro na transferência. Somente graças a essa postura é possível reconhecer a emergência de processos associativos: intrassubjetivos, intersubjetivos e grupais.

Quando utilizamos mediações terapêuticas à liberdade associativa impõe não sugerir nem direcionar o trabalho psíquico imposto - não só pela presença múltipla de sujeitos como por aquilo que solicita - a cada um dos componentes, o objeto mediador. Assim, se introduzimos mediações terapêuticas, como o *pictograma grupal*, as cadeias associativas vão ser atravessadas, entrecruzadas pelo efeito dos estímulos

provocados pela mediação. Desta maneira, um traço pode ser associado a uma lembrança, um conteúdo psíquico, que por sua vez pode aparecer sob a forma de um desenho realizado por outro. E assim, um desenho a outro desenho, um desenho ou traço a uma palavra, e/ou um discurso ou narrativa construída na interdiscursividade. Os processos transferência-contra-transferenciais estarão sempre presentes nas produções inconscientes, sustentando o processo analítico, ainda que o dispositivo seja uma consulta terapêutica grupal ou familiar como a proposta nessa pesquisa.

Freud (1913) sugere que o analista realize uma transcrição literal do máximo de elementos de que possa lembrar-se de uma sessão, após finalizar a sessão, não se importando com os esquecimentos, que eles vêm logo esclarecer aspectos importantes. Na nossa experiência percebemos que esse conselho nos foi útil.

Inicialmente propusemos filmar as sessões com os grupos, mas uma vez em contato com os sujeitos da pesquisa, consideramos que afetaria o processo se incluíssemos um observador. A situação analítica requer que se respeite um encontro íntimo e acolhedor. Se considerar a multiplicidade de estímulos introduzidos nos processos associativos (gestuais, olhares, mímicas, verbais, traços, desenhos) qualquer tipo de registro parece que não dará conta.

O recurso serve como estímulo para favorecer desenhar, rabiscar, desenhar complementando a proposta do outro, dizer, entredizer, sentimentos, pensamentos, e construir junto aos membros, narrativas que digam respeito de si, dos vínculos intersubjetivos, com o grupo, da relação deles com a coordenadora e com a instituição.

7.1 instrumentos

Materiais:

- Papel cor branca, de aproximadamente 1 metro por 0.90 m, tipo cartolina; Utilizou-se papel branco texturizado¹⁵⁵ 224 gr. Tipo *canson* tamanho A2 (59,4 x 42 cm) que cabe numa mesa redonda e ainda há espaço para as pessoas se apoiarem, colocarem canetas coloridas, crayons e lápis do lado.

¹⁵⁵ Bloco Canson Desenho trata-se do papel C' à grain Canson referência mundial para técnicas secas. O papel "C" à grain® é ideal para desenho graças a sua textura suave nem tão granulada nem tão lisa, que combina efeitos de volume e detalhes. Recuperado de <http://www.papeldepapel.com.br/bloco-canson-desenho-branco-texturizado-224g-a2-20-folhas.html>.

O modelo escolhido é um papel menor¹⁵⁶, mais grosso e facilmente manipulável. No trabalho com famílias foi detectada sua praticidade.

- Canetas coloridas, lápis de cor, giz de cera multicolor.

7.2 Recurso ou objeto mediador

O *pictograma grupal* ou desenho produzido pelos membros do grupo ou configuração vincular.

7.3 Procedimento

- Os membros são convidados a desenhar, em uma mesma folha de papel, aquilo que eles desejem – convite semelhante a falar o que desejar – tal como proposto pela regra fundamental da psicanálise.
- Em muitos casos, é usual perguntarem: “*cada um faz seu desenho ou um tema juntos?*” Responde-se que eles deverão escolher o quê e de que maneira desejam desenhar nesse papel.
- Enquanto desenhavam, o pesquisador está junto, acompanha com atenção a maneira como desenhavam, que elementos cada um vai produzindo, as falas, os olhares, os intercâmbios verbais e posturais: intervém com perguntas que abram para um diálogo, estimula a participação e o diálogo entre os membros. Quando concluem, pedem-se comentários, associações, se desejam construir uma história juntos.
- A tarefa do coordenador/pesquisador é poder pensar, refletir sobre os assuntos que surgem, de que maneira se vinculam com aquilo que está sendo vivido, com as práticas que realizam (no caso de um grupo em uma instituição);
- Os assuntos, os temas que surgem no diálogo dos participantes, o coordenador acompanha, suscita o que dialogar com o desenho ou os desenhos produzidos.

¹⁵⁶ Esse tamanho de papel substitui ao proposto inicialmente de 66 x 96 cm – 75 g.

7.4 Cuidados éticos

- Cada participante assina o termo de compromisso que garante e compromete o pesquisador a não divulgar o nome do pesquisado.
- Devolutiva dos resultados: o caráter de pesquisa-ação implica que a intervenção do pesquisador tenha na sua essência um caráter devolutivo, na medida em que levanta questionamentos e facilita que os membros do grupo pensem e se apropriem de algumas questões a serem elaboradas e trabalhadas durante o encontro.

7.5 Análise dos resultados

O método de análise se fundamenta na teoria psicanalítica proposta por Kaës (1985) destacando: as cadeias associativas individuais e as compartilhadas como grupais; os eixos sincrônicos e diacrônicos; os aspectos intrapsíquicos, intersubjetivos e grupais; os processos pré-verbais; em particular, o processo do desenhar junto, os intercâmbios, a maneira como vai se compondo um desenho. Interessa resgatar elementos recalçados, denegados, suprimidos; a maneira como o recurso de *figurabilidade* favorece a emergência de processos primários, fantasias, medos individuais e compartilhados.

7.6 Utilidade da experiência com grupos preliminares

Muitas foram às experiências com grupos preliminares ao início da pesquisa propriamente dita, junto aos sujeitos comprometidos através do consentimento livre e esclarecida. Esses grupos foram realizados em diversos contextos: atendimentos a famílias em consultas terapêuticas, grupos com famílias em situações de crise, grupos de supervisão clínico-institucional, grupos em cursos de formação em processos grupais, grupos de profissionais que participaram de oficinas conduzidas pela pesquisadora. Nestes grupos não realizamos um registro minucioso das sessões, não comprometemos aos sujeitos assinar qualquer tipo de termo.

No entanto, estes grupos têm nos permitido reconhecer quais variáveis precisam ser controladas para estabelecer um enquadre e melhor utilização deste tipo de mediação terapêutica. Entre as variáveis do espaço físico e o material, ressaltamos

alguns elementos que foram afinados ao longo da nossa experiência: o tamanho de papel, a disposição dos participantes ao redor de uma mesa, de preferência redonda. O papel inicialmente utilizado era de 96 cm por 70 cm, embora pudesse contemplar um maior número de pessoas, um papel menor parece exigir uma maior proximidade entre os membros.

Sobre o número de pessoas para compor um grupo e utilizar o recurso: o ideal é de três a sete pessoas. Se estivermos realizando uma intervenção institucional esse número não pode ser previamente estipulado, e nesse caso podem ser divididos o número de pessoas e se compor dois ou três pequenos grupos para realizar a experiência e reuni-los posteriormente em um grupo amplo para elaborarem a experiência conjuntamente. Neste tipo de intervenção, não poderemos ter a pretensão de analisar as cadeias associativas e suas especificidades em cada uma dos pequenos grupos ou suas produções pictográficas. Provavelmente o mais útil será trabalhar os conteúdos associados, por cada um dos pequenos grupos e suas reverberações no grupo amplo. Para efeitos de uma pesquisa, que se detenha em analisar ou recortar um aspecto, o número ideal é de três a sete pessoas.

8 PICTOGRAMA GRUPAL COM GRUPO FAMILIAR

No trabalho com família utilizamos o pictograma grupal em dois tipos de situações: quando iniciamos um atendimento familiar e/ou uma consulta terapêutica familiar, e/ou nas primeiras consultas de um atendimento familiar. Estas geralmente têm um caráter avaliativo e de reconhecimento de cada um dos componentes, por exemplo, se priorizamos um atendimento familiar, o casal, um dos filhos, e nesse momento parece ter sido ideal introduzir o pictograma grupal. As mediações terapêuticas favorecem que os componentes do vínculo entrem em contato, de maneira lúdica, com vivências compartilhadas e possíveis de serem expressas através da palavra, com outras silenciadas, reconhecidas como parte da história familiar, mas não sempre compartilhadas, às vezes, mantidas no âmbito do segredo, do vergonhoso. Ocorrem também atendimentos que se realizam como consultas terapêuticas emergenciais, determinadas desde o início, a partir de um pedido pontual de um grupo familiar que pode ter passado por uma situação traumática, recente. A mediação terapêutica permite nesses casos facilitar manifestações das diversas maneiras de cada um ter vivido o trauma, assim, compartilhar a peculiaridade do vivido, da posição no momento do acontecimento traumático. Isto ajuda a visualizar e poder armar que a situação não é a mesma ou igual para todos, que entre todos se podem reconhecer diversas óticas, desde diversos ângulos do vivido como traumático.

Na intervenção familiar, em situação de crise, em contextos de violência, tragédias da natureza, entre outros, o uso de recursos mediadores pode ser um aliado fundamental para ocorrer um processo de elaboração e *perlaboração* intrapsíquica e intersubjetiva. As situações traumáticas levam a utilizar recursos facilitadores do dizer, entre-dizer aquilo geralmente silenciado pelo impacto psíquico do traumático. O desenho produzido grupalmente no contexto desse tipo de consulta tem facilitado emergência de aspectos silenciados, às vezes, associados com outros momentos também traumáticos, vividos individual ou grupalmente pelos membros do grupo. O desenho, de maneira semelhante ao sonho repetitivo da situação traumática, traz para a consciência imagens ou figuras deslocadas, difratadas que condensam e manifestam o velado, recalcado ou renegado do traumático.

Segoviano (2005) afirma que os traumas e as crises promovem um tipo de regressão desorganizadora, “na medida em que se perdem as condições que fazem a experiência serem subjetiva, quer dizer se esta não pode ser transcrita na ordem do

psíquico”. A autora lembra que para Kaës a este tipo de regressão sobrevém uma falta de diferenciação do espaço intersubjetivo dos limites individualizadores (Segoviano, 2005, p. 4). No entanto, afirma que não é desorganizadora quando se exploram:

As formações e processos cujo menor grau de diferenciação dá as condições que exige o transicional. Nessas condições reina o paradoxo e certa ambiguidade. É possível encontrar e, por sua vez, criar o novo. O sujeito (ou o conjunto) que se sente criador encontra nesta capacidade um tope à regressão que, de outra maneira, poderia ser, sim, desorganizadora. (Segoviano, 2005, p. 4).

A regressão desorganizadora pode não acontecer, como afirma Segoviano, quando o sujeito ou o conjunto tem possibilidades de encontrar e simultaneamente criar algo novo, onde reine o paradoxal. O uso do pictograma grupal, desenhar e falar simultaneamente são formas que convidam a entrar nesse espaço transicional, paradoxal, onde é possível se falar da vivência traumática com uma distância, de uma forma lúdica, rompendo o sofrimento que produz lembrar e falar da situação sem uma mediação terapêutica.

A seguir apresentamos um grupo familiar realizado antes do início da pesquisa¹⁵⁷ pois a intervenção permitiu experimentar algumas das hipóteses levantadas. Aconteceu aproximadamente há sete anos. Em seguida, um grupo familiar, tomado como amostra para nossa pesquisa.

8.1 Grupo familiar preliminar: contexto da intervenção

Apresentamos como vinheta clínica uma consulta terapêutica familiar. A família acabava de viver uma situação traumática, vítima de um assalto por três bandidos, que renderam e mantiveram a mãe, os dois filhos e a empregada como reféns durante largas horas, com uso de armas de fogo, ameaçadoras, em um dos tão correntes assaltos perpetrados, em cidades cosmopolitas como São Paulo.

A consulta terapêutica foi realizada na residência da família no dia seguinte ao acontecimento. Trata-se de uma família composta por um pai, profissional, professor universitário, uma mãe Maria, profissional e funcionária de uma empresa multinacional, uma filha Renata de 13 anos, um filho Miguel de 9 anos e uma empregada de 28 anos.

¹⁵⁷ Alguns dados foram mudados. Não apresentamos os desenhos pois eles contêm elementos que podem identificá-los, e para resguardar a identidade dos membros do grupo família.

No primeiro encontro de quase duas horas os membros da família, incluindo a empregada, tiveram uma sessão na qual cada um foi comentando os fatos de acordo com as lembranças. Nesse primeiro encontro primou o relato realizado pelo pai, (que não esteve presente) que parecia ter tomado o lugar, de porta-voz do grupo familiar. A mãe introduzia alguns detalhes, enquanto isso as crianças ficavam encostadas no colo deles, ora se revezando no do pai ou da mãe. A empregada da casa olhava silenciosa e não interveio, apenas assentia com a cabeça.

8.2 O mundo em que vivemos

8.2.1 Relato do encontro

Para a segunda consulta levei material (folha de papel grande, canetas coloridas) para experimentar o que ocorreria se convidasse para realizar um *pictograma grupal*. Até esse momento só tínhamos utilizado o pictograma com grupos, e seria a primeira vez que realizávamos a proposta para uma família. Na primeira consulta sentimos necessidade de permitir que as crianças se expressassem de outra maneira, não simplesmente escutar a fala dos pais e se acomodarem no colo deles. Precisávamos que a experiência fosse compartilhada, intuíamos que oferecer uma folha de papel para eles juntos construírem um desenho, lhes permitiria restituir a rede de sustentação provavelmente rompida, na situação traumática. Por outro lado, com grupos tínhamos experimentado a utilidade do pictograma em situações traumáticas. Em quanto fomos pensando e elaborando o que nos tinha acontecido no dia anterior, preparamos a possibilidade de convida-los a desenharem juntos e ludicamente viver uma experiência, que rompesse com o círculo regressivo, de temor e lembrança não compartilhada (a não ser no corpo sem poder dormir). Aceitaram o convite para desenharem juntos com bastante entusiasmo. A mãe nos conduziu para a sala de jantar, do lado da sala de visita, e nos acomodamos ao redor da mesa. Depois do nosso pedido, a mãe tomou a iniciativa e fez um círculo grande no meio da folha. Ela comenta que gostaria que pudessem fazer o “*mundo em que vivemos*” e que eles poderiam desenhar dentro desse mundo [evidentemente, ela fazia um convite a realizar uma produção conjunta]. Os filhos, o pai e a empregada começam cada um a desenhar ao redor do círculo realizado pela mãe, enquanto ela começa a contornar o continente americano, delineando o rio Amazonas e uma área verde, que ela dirá

posteriormente se tratar do coração do mundo: a mata amazônica. O tema, inicialmente proposto pela mãe, aparentemente não é tomado por nenhum deles, já que todos colocam suas produções ao redor do “mundo” desenhado pela mãe.

Quando acabaram de desenhar – solicitamos que falassem sobre o que a lhe ocorresse a cada um. A mãe diz que ela desenhou o mundo de que gostaria: “fosse um mundo que pensa no futuro, sem poluições, que cuide do Amazonas, a floresta e que não haja desmatamento”. Em seguida a filha conta que ela fez: “um quarto com todas as coisas de que eu gosto para um quarto”. A empregada desenhou uma casinha pequena em um canto da folha e diz: “essa casinha é a minha casa de Pernambuco”. O filho fez um boné e uma bola de beisebol, e lembra: “esse é o último presente do meu avô”. Nesse momento, a filha diz: “nada disso teria acontecido se meu avô estivesse vivo”. O rosto da mãe aparenta um mal-estar, os olhos enchem de lágrimas, o pai confirma afirmação da filha e diz: “realmente não teriam entrado se o vovô estivesse vivo. Infelizmente o perdemos há menos de um mês”. A mãe diz: “ele gostava muito das crianças e meus filhos amavam ele. Ele morava conosco há muitos anos. Foi ele que deu de presente esse jogo para meu filho”.

O pai, a seguir, comenta: *“eu desenhei uma escola com uma louça, cadeiras para mostrar o que acho que aconteceria se todos tivessem direito e acesso à educação. Com certeza, não haveria violência, assaltos, isso aconteceria se os políticos se preocupassem com a educação da população”* (uma louça com sete carpetas). O tom do discurso lembra um político em época de campanha. A filha olhando para o desenho do pai diz: *“para mim, isso ali me lembro de que nós éramos sete, nós quatro e os três assaltantes, dois levaram a mãe para cima, para abrir o cofre, enquanto isso o outro nos olhava a nos três apontando com a arma”*. Miguel, o filho menor, assente com a cabeça e concorda com a irmã: *“é verdade, é assim que estávamos (assinala com o dedo) três e quatro”* e continua *“nós três com aquele cara e a mamãe com os dois bandidos em cima”*. Então a mãe, enche os olhos de lagrimas, como se os filhos trouxessem o medo do perigo, a sensação da vulnerabilidade que viveram naqueles instantes. Mas a seguir, a mãe diz: *“Miguel adorava o seu avô, eles eram grande companheiros, Miguel não estava bem esses tempos, inclusive tínhamos pensado em levá-lo para uma terapia, nos vemos ele muito triste”*. Nesse momento, a sensação de desvalimento parecia tomar conta da mãe que tinha permanecido como amparando os filhos. O sentimento pela dor do filho também era o de ela ter perdido o pai, e terem perdido um amparo e segurança. Em quanto descrevemos o relato, nos

parece que a rede de sustentação familiar estava desde a morte do avô com seus laços fragilizados, o assalto pareceria ter produzido um novo ataque. Embora não apareçam vivências do tipo rasgamento ou *desfunde*. Em quanto desenham e contam essas tramas familiares, eles parecem estar revitalizando essa fragilidade.

O desenho utilizado neste segundo encontro permitiu a família dialogar não só sobre a vivência do assalto, assim como sobre a perda do avô, pai da mãe. A associação entre as situações vividas com dor e sofrimento traz aquilo que Freud ensina no caso das histéricas, que haveria uma associação evocativa entre as cenas de uma sedução traumática. A cena recente potencializa e torna por via associativa a cena atual, como traumática. O sofrimento, o medo da morte, a invalidez, a vulnerabilidade, a impotência perante a situação do assalto pareceriam ter trazido associativamente outro momento vivido também como irrupção de dor e sofrimento: a morte de um ser querido.

8.2.2 As cadeias associativas

Os desenhos servem nesse encontro para elaborar e/ou *perlaborar* a situação traumática. No transcurso da intervenção cada um dos membros foi realizando um diálogo interno consigo mesmo, com aquilo que talvez desconhecêssem e com o outro, ligando os desenhos com sensações internas, sinestésicas, sentimentos e lembranças. O *pictograma grupal* permitiu não só que a situação traumática recentemente vivida fosse trabalhada, como os conectou, por vias associativas, com outra cena traumática, a repentina morte do avô que vivia com eles.

Embora o pedido inicial fosse que as crianças não estavam bem, “*não conseguiam dormir*”, no transcurso da consulta fica evidente que não só os filhos estavam mal, a mãe se emociona quando a filha traz a lembrança e o medo do que poderia lhe estar acontecendo quando foi levada para abrir o cofre, tanto ela como as crianças reféns, e simultaneamente separadas. Esta cena é conectada a outra com intensidade e sofrimento semelhante: morte inesperada do pai. Morte que atingia de uma maneira diferente cada um, não só a Miguel ou a Renata (os filhos), como os pais, em especial a mãe, que pareciam precisar demonstrar estar inteira, razoavelmente bem, e negar o medo, o medo da própria morte.

É interessante como algumas cadeias associativas foram surgindo no transcurso da intervenção. O pedido inicial da mãe, “*vamos fazer o mundo em que*

vivemos” e que a mãe, ao descrever, mostra o rio Amazonas e associa ao desmatamento da Amazônia (“*coração de vida do nosso mundo*”), se conecta com outro discurso semelhante, quando o pai faz uma apologia à educação como prevenção da violência. O desmatamento, como crítica à falta de cuidado pela “*vida do planeta*”, pode estar conectado com o tema que é trazido pela filha, e que posteriormente surge com a morte do avô, e a possibilidade de ela própria ter sido “[des]-matada”. De outro lado, como todo discurso ideológico (desmatamento e educação para população) poderia ter fechado possibilidades associativas, mas será Renata que não se alia neste ponto e associa a disposição das cadeiras (graças ao recurso da *figurabilidade*) com a cena traumática. O pai, com o desenho das carpetas e a louça, se torna um porta-desenho que articula: defesa intelectual, com rompimento da defesa; cena recentemente vivida com cena da morte repentina do avô, e a racionalização do afeto de medo. A composição vai sendo trabalhada e elaborada numa interdiscursividade que incluiu: desenhos, formas, gestos, com palavras, memórias, narrativas e discursos.

A partir do desenho das sete carpetas desenhadas em fileira de três e outra de quatro, Renata e Miguel se conectam com o fato da mãe ter sido levada por dois dos bandidos para o quarto onde se encontra o cofre. Renata, ao conectar as carpetas, a maneira como elas estavam dispostas as associa com 3 e 4, como eles ficaram divididos. Junto a essa percepção há uma associação com o medo da experiência, de não saber nada sobre o que poderia estar acontecendo com a mãe no piso superior, enquanto eles estavam, no piso térreo, sendo custodiados por um dos bandidos. Essa situação conecta a mãe com a morte do pai dela, que pode chorar nesse momento, por essa perda e/ou por reconhecer o sentimento que os filhos lhe transmitem: o medo da morte, ela ser des-matada, possibilidade de perder mais um membro da família. Possivelmente, Maria capte simultaneamente duas situações: a racionalização e argumentação, como defesa, em favor da educação para mudar “o mundo” com educação sem desmatamento [tema sugerido por ela e acompanhado o marido] com o impacto da possibilidade dela própria ser morta, e pela perda, real e recente de um ser querido. Logo, a sensação de medo, impotência e vulnerabilidade é conectada associativamente, graças àquilo que os filhos trazem com angústia, medo e dor. A defesa utilizada, com um argumento “ideológico” e racional rapidamente rompida por Renata parece fazer sintonia com vários outros sentimentos.

Constatamos assim que elementos sincrônicos e diacrônicos são associados e conectados, articulando sentimentos de angústia, medo e perda recentemente vividos com outros vividos meses antes. As defesas são rapidamente desmontadas pela conexão com elementos pré-conscientes, transformando as defesas em afetos expressos e elaborados por cada um dos componentes do grupo familiar. O encontro permitiu a cada um deles, processar e subjetivar os diversos momentos traumáticos, transformar associativamente dor e sofrimento impensável, em dor compartilhada, e elaborada. O afeto e emoção deram vida a o enrijecimento produzido pela experiência traumática.

8.2.3 Atendimento de um grupo familiar numa instituição

A seguir apresentamos duas sessões de consultas terapêuticas realizadas em uma instituição que alberga crianças, no período em que os pais trabalham. A família foi selecionada pela psicóloga da Instituição, logo após apresentação e aprovação do Projeto de Pesquisa. Tínhamos solicitado atender um grupo familiar, que considerasse que a intervenção beneficiaria os membros e que aceitasse ser sujeito de uma pesquisa.

8.3 Aquilo que a mamãe guarda no coração

Trata-se de uma família composta pela mãe Isadora (28 anos) o filho Renato (09 anos) e Thais (10 meses). A família foi encaminhada devido à situação traumática vivida recentemente com a morte súbita do pai, em acidente de carro, quando vinha para SP visitar a família e assistir ao parto da esposa. No primeiro atendimento comparecem a mãe, Renato e a criança pequena. Renato se mostra extremamente feliz de ter sido “*escolhido*” para ser atendido por uma psicóloga na Instituição. De maneira semelhante, Isadora manifesta satisfação por estar contribuindo para uma pesquisa.

8.3.1 Relato da primeira consulta

A família chega pontualmente. Apresentamos a proposta de pesquisa, a necessidade de assinar e concordar ou não com o termo de compromisso. A mãe diz

“*não importa se colocar nossos nomes verdadeiros*”. Quando solicitamos para eles desenharem juntos na folha de papel grande colocada em cima da mesa, eles se olham entre si.

Renato diz: *Não sei desenhar*

Isadora: *Sabe sim, adora desenhar.*

Renato: *Lá lá lá lá lá* (cantarola) e começa a desenhar.

Ambos se olham e pegam suas canetas e começam a desenhar. A menina que está no colo da mãe, chora, impedindo a mãe de desenhar. Procuramos ver se ela aceitaria ficar no chão e engatinhando circula entre eles no chão. Pouco tempo depois, pede novamente colo para mãe, e Renato olha afetivamente: “*Sempre colo né?*”.

Enquanto desenha, Renato fala e comenta:

R: *Uma fada! Olha para a irmã e diz. O que foi meu bebê? As assas.*

I: Olha para a nenê que tem um lápis de giz de cera na boca, e diz “*Não pode colocar na boca*”.

R: Comenta: “*Ela ama colocar tudo na boca*”.

I: [Comenta o que ela vai desenhando] “*quando pequena adorava fazer arvore de maçã e flor*”

Renato observa atentamente, escuta a mãe e diz: “*E agora, não gosta de maçã?*”.

I: *Adoro sim, é bom para a pele.*

R: [olhando para irmã] *Participa de tudo!*

I: *Qual das fadas você fez?*

R: *Tinker Bell, a fada que é artesã, e ela tem quatro amigas: da luz, da água, dos animais e flores. Ela tem uma amiga Vídia que é a fada dos ventos.* [Assim que acaba de falar, começa a cantarolar. Enquanto isso a irmãzinha, que estava novamente no chão, chora e pede colo].

I: *Está lindo seu desenho.*

R: *O teu ficou mais bonito.*

P: Gostariam falar, contar algo sobre seus desenhos?

R: *Era uma vez um barco onde viviam cinco fadas: Artesã, Rosetta, Siversmith, Iridessa, Fawn a fada dos animais. As fadas do vento, dos animais, das flores faziam muitas coisas. Ali apareceu a sereia e nem era uma sereia mesmo, ela se chamava Ariel. Ela falou não sei como guardam as suas asas, não podemos ir para água, mas venham lá no fundo mesmo assim diz para Tinker Bell, e como Vídia não era muito*

boa, foi quando diz não vai sim, na água. Então a sereia ficou enraivada, por causa de Vídia não querer ir para o mar. Arieta queria comê-las, ela era uma sereia malvada. Vídia foi atrás dela, viram que era do mal e foi ao fundo do mar. Ali uma baleia que ficou esperando-as descerem e comeu todas elas. Mas como Fawn era a fada dos animais, encantou a baleia e abriu a boca e saíram todas. Rosetta gozou das suas rosas, Vídea ventou e Ariela ficou dando voltas daqui para lá, daqui para lá, e a Luz ficou tão clara que não conseguiu encantar, chamou o tubarão e foi para a terra e morreu na terra.

[Enquanto falava Renato sentimos um atordoamento, semelhante à sensação de ser jogadas daqui para lá. Só posteriormente, esse relato parecia fazer sentido, e estar associativamente conectado a outros, como o relato do acidente de carro do pai, o carro onde ele estava saiu de uma estrada e passou para outra, e foi jogado de um lado para outro, pelos carros que vinham, até o carro capotar]

I: *Eu fiz a minha família, que amo e cuido, uma árvore de que gosto e um cachinho de uva que é prosperidade. O coração é do papai que está no céu e morreu.*

P: Morreu?

I: *Sim em agosto do ano passado (2012).*

R: *Meu primo diz: o seu “pai atrás sem cinto”, veio um carro, capotou e rodou, rodou e apareceu do outro lado. Meu primo não queria falar com a gente.*

I: *Foi uma imprudência do meu sobrinho, foi passar um carro e foi parar na outra estrada e bateram, bateu no pescoço e diz que morreu na hora. Minha cunhada ligou que estava no hospital, que estava se tratando. Não queria que fosse, e fui. Quando cheguei já estava morto. O médico diz que tinha 1% de chance de ele viver.*

R: *Minha tia não deixava que fosse e depois diz que tinha morrido.*

I: *Ele estava vindo de Ribeirão para o nascimento do bebê. Ele queria muito uma menina, e essa menina que ele tanto queria ele não viu. Era para ter minha filha no dia 22 de agosto. Ele veio morreu e tive 7 dias depois.*

R: *Ela desmaiou!*

P: Um momento muito difícil e triste com o papai vindo para o nascimento da irmãzinha e morrer antes de chegar!

R: *E ela não me deixa dormir, tem noite que fica chorando, chorando, uma agonia! Tampo meus ouvidos e nada! E tem um empurra, empurra na cama vai nenê, vai esmagar, e vai e cai, e sobe de novo.*

P: Renato está falando do quê?

I: *Isso é porque ele vai para minha cama, e fica ali, e fica esse empurra e empurra.*

P: Então, como é dormir no quarto e na cama da mamãe? Justo agora que o seu pai não está?

I: *Não sempre, na verdade desde sempre, meu marido vivia viajando, e ele acostumou vir na minha cama, de madrugada só. Meu marido tirava-o da cama e levava-o para cama dele.*

P: E, hoje não tem mais esse pai para tirar do aconchego de estar na cama com a mãe.

R: *Ele era um chato! Ele me tirava da cama, brigava com minha mãe, já teve até polícia, lá em casa!*

I: - Olha constrangida para o filho.

P: Então, esse pai pelo qual a mãe chora também deu sofrimento.

I: Tratando de amenizar fala: *Foi algumas vezes que discutíamos.*

R: *Não, não é verdade, era sempre! E soco e pancada, e lembra quando teve a polícia?*

I: *Ele era muito ciumento.*

P: Parece difícil, agora que morreu falar disso porque, quando a pessoa morre, parece que só podemos falar como ele era bom! E agora ele não está.

[*Ariela* é associada por nossa lembrança como sereia do bem, no entanto na história de Renato ela é do mal. O relato das sereias nos traz confusão. Neste momento, sentimos que a mãe tinha uma dificuldade de falar desse marido como alguém que lhe infringiu algum mal, tratando de amenizar as dificuldades, colocando-o como “ciumento”, enquanto Renato trazia cenas de violência, como se houvesse em ela uma: confusão de sentimentos¹⁵⁸].

R: Olha-me com certa cumplicidade, como se tivesse sentido compreendido.

P: Estamos no fim. Vou ter com vocês mais quatro encontros e quero lembrar-lhes, que tudo que falamos aqui é um segredo entre nós e se surgir algum sonho, ideia, pensamento vocês podem trazer para mim na próxima sessão.

¹⁵⁸ Lembramo-nos do livro de Stefan Zweig (1926) recentemente lido: “*Confusão de Sentimentos*”.

8.3.2 As cadeias associativas

A partir da realização de produções individuais compostas na mesma folha de papel foi se estabelecendo uma série de comunicações gestuais e verbais, enquanto mãe e filho desenhavam, olhavam-se constantemente, como buscando um, no desenho do outro, alguma peculiaridade ou familiaridade. Renato está feliz, canta e desenha, aprecia o momento, e acompanha o que a irmã faz, com atenção e demonstrando um cuidado para com ela.

Aqui encontramos uma sequência de elementos pictográficos que parecem configurar e dialogar entre si: as flores que um e outro desenhavam estimulam os detalhes de cada desenho, cores vivas compõem um quadro harmonioso. As temáticas que surgem parecem reproduzir os interesses de cada um. De um lado, Renato com sua fantasia das sereias-fadas boas e ruins; e Isadora, mostrando figuras que parecem dialogar com ela mesma, com sua história (*“adorava desenhar quando criança, uma árvore de maçã e uma flor”*), a prospecção daquilo que espera para si e sua família. Talvez, estimulada pela necessidade de ser o sustento familiar, confirma: *“as uvas que são ‘prosperidade’”*.

A associação com a morte do pai está presente em cada um deles, de uma maneira que só posteriormente faz sentido para nós. A mãe localiza o pai, no coração dela e no céu: *“papai que está no céu”*. Curiosamente, esta verbalização é também usada para se referir a Deus (*o papai do céu*). Cabe, então perguntar se esse marido que está no céu se tornou quase “Deus” (imortal). O que parece ser questionado pelo filho, que traz dados de uma vida de desavenças e infeliz, quando o pai estava vivo. Renato não concorda com aquilo que traduz a afirmação materna: questiona-a como se ele quisesse se perguntar de que forma esse pai, poderia continuar no coração dela, quando trouxe para ela e a família tanto sofrimento. Em sessões posteriores, este panorama é novamente trazido, com uma série de outros detalhes, incluindo que os pais estavam separados e na reconciliação é quando a mãe fica grávida da filha. No último encontro, eles comentaram a difícil separação do casal, a traição do pai e o conhecimento de Renato de ter visto o pai traindo a mãe.

Observamos alguns tipos de cadeias associativas: 1. Um desenho que evoca outro desenho: a flor da infância e a flor desenhada por Renato, no conjunto das fadas. A flor e a árvore de maçã remetem à infância da mãe, e ao mundo das fadas de Renato. 2. Um desenho uma narrativa: o desenho da fada é associado e evoca a

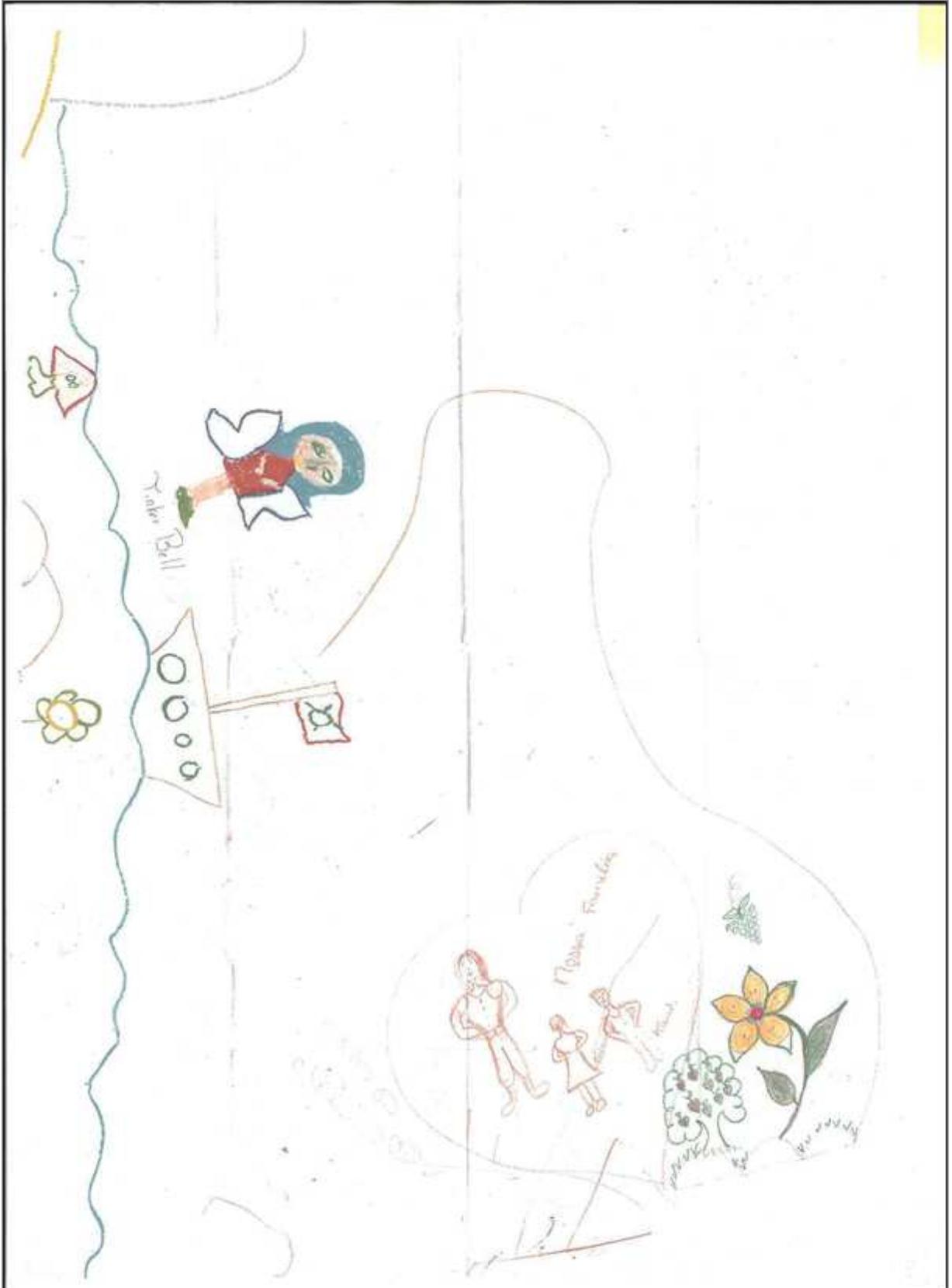
narrativa das fadas, em um mundo de discórdias, intrigas, um sendo jogado de um lado para outro, uma luta constante entre o bem e o mal. 3. A narrativa das fadas boas e ruins traz por associação aspectos da vida familiar: brigas, intrigas, traições. Nessa sessão sentimos que a mãe parecia estar com dificuldades de se conectar com a realidade que viveu, ela traz um discurso armado, idealizado e socialmente aceito de um: “pai no coração” o de um pai que está “no céu”. Discurso que se encontra com o discurso de um filho que discorda e coloca para si mesmo, e para a família outra realidade: aquela das diversas dificuldades vividas, inclusive com a polícia no meio.

Enquanto olhávamos e escutávamos a família, um sentimento contratransferencial nos trouxe a sensação da grande dificuldade em acompanhar a fala de Renato, que se dirigia a mim e falava rapidamente uma série de nomes de fadas, situações de briga, onde embaralhava os nomes, com uma sensação de estar perdida e confusa. Com um mundo bastante desconhecido para nós. Ficamos atordoados e perdidos com a sensação de não poder acompanhar ou entender o que Renato nos estava transmitindo, questionando-nos sobre a maneira como o “bem” rapidamente se tornava “mal”.

A cena ou fantasia originária predominante era: um sujeito expectador de uma luta entre dois, que ora é uma cena violenta ora é de amor. Só posteriormente essa sensação toma um corpo: o pai tinha se separado da mãe; havia situações de violência familiar, com polícia no meio. Em relatos posteriores, soubemos que Renato era levado pelo pai quando este ia se encontrar com uma amante. Renato era utilizado como refém de um segredo, que acabou quando ele conta para mãe, o que desencadeia a separação dos pais. Posteriormente, surge outro aspecto a família do pai não gostava da mãe, por ela ser uma “pessoa de cor”.

Apareceu evidente que essas fadas que subiam, batiam, caíam, deixando uma delas prisioneira, nesse atordoamento de fadas-sereias boas e ruins, Renato pode ser porta-palavra daquilo que, expõe vivências e sentimentos contraditórios perante a morte trágica do pai. Houve uma exposição e apropriação dos sentimentos, a subjetivação da experiência pareceu ter produzido um alívio, para cada um deles.

Figura 1 – O que está no coração da mãe



8.4 A estrada

Em um segundo encontro, Renato relata um sonho acontecido na noite anterior ao encontro: *“sonha com dois bandidos que entravam na casa dele encapuzados”* e diz não lembrar *“nada mais”*. A mãe comenta que ele fala brigando quando dorme, como se estivesse entabulando uma luta contra alguém. E ela diz ter medo de acordá-lo e no dia seguinte, não se lembra de mais nada. Renato olha para mim encabulado, a mãe o encoraja a falar comigo e diz: *“fale”, “por que você nos escolheu? Fiquei muito feliz de você ter nos escolhido”*.

- Nesse momento, comentamos que *“foi a psicóloga [da instituição] que escolheu vocês, mas que também me parecia que ele estava me dizendo coisas importantes, como por exemplo, que gostava de estar comigo, que poderia confiar-me seus sonhos, seus pesadelos e que aquilo que tinham vivido poderia ser falado comigo”*.

Re: O que vamos desenhar hoje?

Mãe: Espera ali, deixa doutora falar.

P: Não se preocupe, ele quer confirmar algo importante. Se não tiver algo mais a falar, Renato, gostaria que desenhássemos como na outra vez? Bom, aqui está o papel, e podemos começar [nesse encontro, pela primeira vez, me animei a traçar um grande rabisco arredondado que perpassava a folha]

Enquanto Renato desenhava uma espécie de fada azul, a mãe utiliza [sem havê-lo pedido] a linha arredondada de rascunho que faz uma estrada, a seguir desenha umas árvores e frutas ao redor da estrada. A mãe desenha: uvas, árvores ao redor da estrada, melancia, sorvete, um coração com o nome da filha. Renato, do outro lado da estrada, faz uma fada, uma borboleta, uma água marinha ou polvo, dois corações.

- P: E, essa estrada?

Mãe: *Precisamos colocar árvores perto da estrada. Renato, não quer desenhar uns carros?*

- Renato escuta a solicitação da mãe e desenha um carro e ela fala: *só um?*

[Neste momento parece-me que ambos podem fazer coisas juntos, desenhar algo que pode ser compartilhado, montado a dois. A estrada é associada imediatamente à estrada onde o pai falece, mas não interviemos com nenhum comentário a respeito. Eles já tinham colocado esse tema na sessão anterior].

Após desenhar os carros, ele desenha uma melancia seguindo o que a mãe tinha desenhado: um coração, as uvas. Neste dia, parecem concentrados no desenho. Pouco comentam entre eles.

Enquanto realizávamos esse relato, pensamos na possibilidade de Renato estar inibido ou constrangido pela quantidade de dados que tinha nos transmitido no primeiro encontro. O sonho/pesadelo invadido parecia tê-lo tomado, ou talvez, houvesse algum tipo de restrição que ele ou a mãe se houvessem imposto.

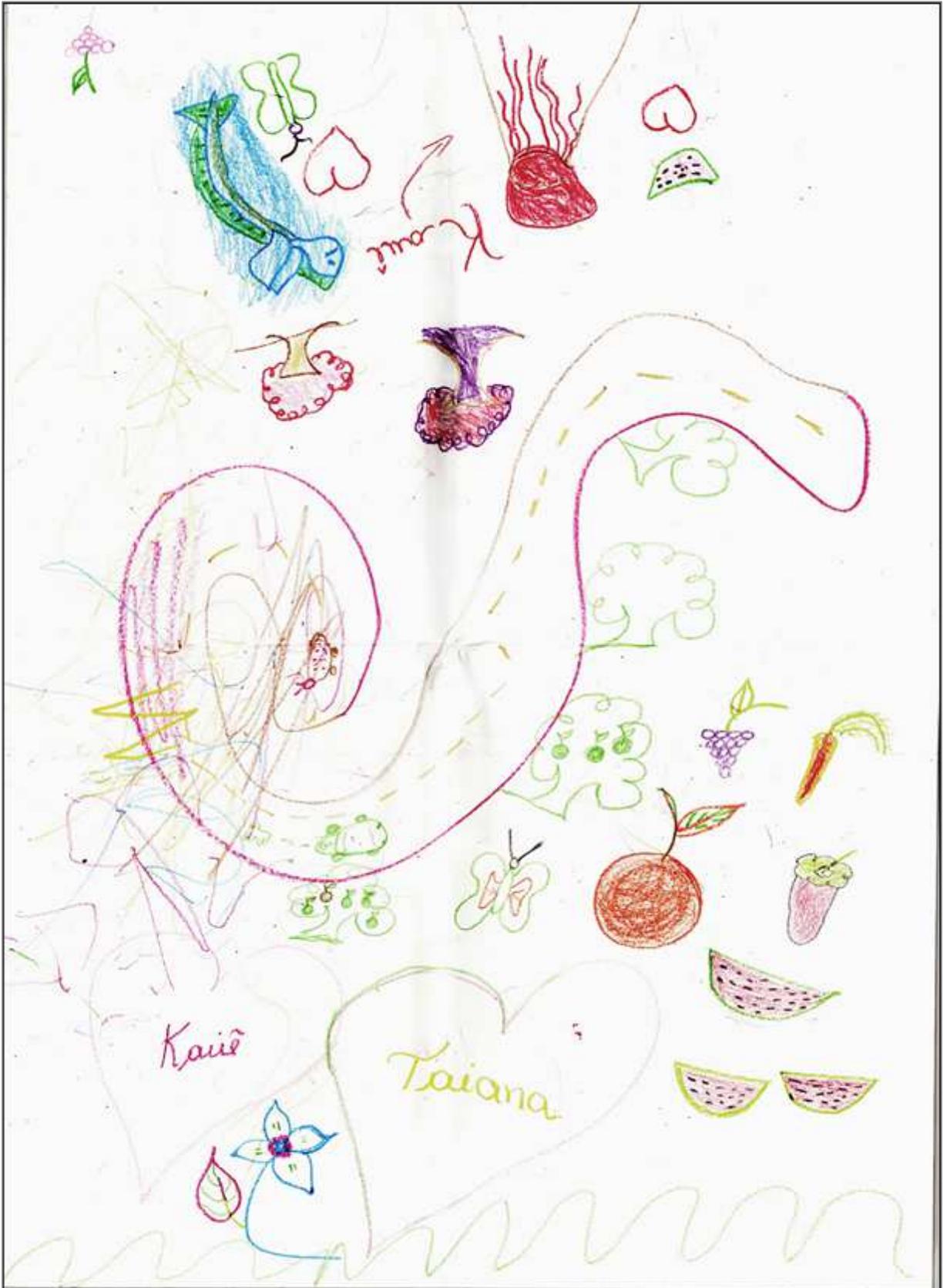
8.4.1 As cadeias associativas

O início da sessão é o sonho de Renato e a associação trazida pela mãe da dificuldade em dormir. Em seguida, surge a alegria de terem sido escolhidos para uma intervenção familiar. O sonho parece estar associado ao nosso pedido realizado na sessão anterior, como de encontro ao nosso pedido, mas também se permitir trazer a angustia que o invade quando vai dormir.

O meu rascunho arredondado [talvez, sem sabê-lo, quisesse figurar a estrada com curvas trazida por eles] permite ser associada pela mãe ao desenhar uma estrada, aquela trazida na sessão anterior. A essa estrada se associam os carros (dois). A sensação é que aparece junto a invasão [no sonho dos bandidos] dos carros/pesadelos. Ambos parecem sentir que há uma possibilidade de contar com um espaço para trazer seus sonhos, seus sentimentos e seus medos. Os desenhos de um aparecem como espelhos do outro. Em alguns momentos algo os diferencia, em outros momentos um parece precisar trazer o mesmo conteúdo do outro. Na primeira sessão houve discrepâncias evidentes entre eles, nesta parecia que precisassem harmonizar.

Os conteúdos associados parecem pobres, como se se houvesse imposto uma obrigação a ser silenciados. No terceiro encontro comparece só Renato, que traz uma série de outras situações vividas pela família enquanto o pai estava vivo, como quando o pai foi preso por não pagar a pensão de um filho mais velho, que mora no Rio de Janeiro. A mãe não comparece no terceiro encontro, e no quarto ela se justifica por ter tido uma demanda de trabalho além da conta. Para o quarto e quinta consulta, a dinâmica do primeiro encontro surge novamente, mas sem a verbalização e confusão do primeiro.

Figura 2 – A estrada



9 AS CADEIAS ASSOCIATIVAS MEDIADAS PELO PICTOGRAMA GRUPAL COM PROFISSIONAIS DA SAÚDE MENTAL

Utilizamos o pictograma grupal no âmbito da saúde mental, desde a década de 80, quando introduzimos como supervisora clínico-institucional em ambulatórios de saúde mental, os grupos de diagnóstico como o primeiro lugar de acolhimento de crianças nos ambulatórios de saúde mental. Nestes grupos as crianças eram recebidas para uma primeira hora lúdica, e na segunda sessão se utilizava o desenho coletivo ou pictograma. O objetivo desses grupos era acolher a grande demanda e direcionar o atendimento da criança, a partir dos dados obtidos desses grupos. Posteriormente, a função de acolhimento prevaleceu e nomeamos esses grupos de “acolhimento”. De outro lado, nos cursos de formação dirigidos aos profissionais da saúde mental, programamos o pictograma grupal no primeiro encontro do curso. As produções permitiam que os membros do grupo pudessem falar sobre o que consideravam um grupo e quais eram suas expectativas para um curso de formação para o atendimento grupal.

Devido ao valor dessas experiências, também incluímos o recurso no início de algumas supervisões clínico-institucionais. O uso do pictograma grupal nesse primeiro contato, em muitos casos, facilitou que os membros do grupo pudessem reconhecer e verbalizar, a partir do pictograma, o momento em que o grupo se encontrava. Em um desses grupos, um colega diz. *“sinto que nossa equipe está um pouco parecida com esse desenho, cada um faz o que precisa sem se interessar em fazer algo conjunto”*. Ou, em outra equipe comentaram a partir dos desenhos: *“tudo aqui está muito emaranhado” “muito confuso [...] como nosso desenho”*.

Recentemente, com o objetivo de apresentar a utilidade do recurso e divulgá-lo, realizamos algumas oficinas em congressos e jornadas¹⁵⁹ para diversos profissionais. As experiências com esses diversos grupos, ao longo desses anos têm sido muito valiosas, devido a ter confirmado algumas hipóteses e levantado outras, questões que nos impulsionam a continuar estudando os processos associativos e as mediações terapêuticas.

¹⁵⁹ Em algumas cidades: Santiago, Montevideo, Buenos Aires, Lima e Cartagena.

9.1 Experiências preliminares grupais no âmbito da saúde mental

“Havia uma vez uma casa, e nessa janela tinha um menino que não gostava de sair, porque ele tinha medo desse cachorro da casa do vizinho” (Grupo de Acolhimento, 1988).

Essa vinheta apresenta uma situação clínica com um dos primeiros grupos de acolhimento, que supervisionamos com o uso do pictograma grupal. Nessa experiência logo após as crianças desenharem, o coordenador do grupo solicitou para elas construir uma história sobre aquilo que tinham desenhado. Então, uma criança conta que o menino que se encontrava atrás da janela da casa que ela tinha desenhado *“ficava só olhando pela janela e não sai para rua”*, por que: *“tem medo do cachorro do vizinho”* (cachorro que tinha sido desenhado no “quintal vizinho” por outra criança). Esta é uma das primeiras experiências, que junto com outras, contribuíram para delinear e/ou redirecionar nossas questões ao longo desses anos. Dentre essas experiências, realizaremos a continuação o relato de uma experiência em um hospital psiquiátrico e que denominamos *“do tsunami ao surto psicótico”*.

Cabe salientar que é no campo da saúde mental, especificamente nos espaços como o hospital psiquiátrico, os Centros de Atenção Psicossociais (Caps adulto, infantil, álcool e droga), que o trabalho com grupos e o uso de mediações terapêuticas parece fundamental. E, é nesse espaço que encontramos o estímulo para continuar trabalhando com o pictograma grupal.

9.2 Do tsunami ao surto psicótico

A sessão relatada é de uma equipe da enfermagem de um Hospital psiquiátrico. Trata-se do primeiro encontro de supervisão, após um período de três meses de férias, quando reiniciamos a supervisão, propusemos para esse primeiro reencontro, o pictograma grupal. Utilizamos esse recurso porque vínhamos sentido algumas dificuldades com o grupo, havia uma grande dispersão, silêncios prolongados e dificuldade em se comunicarem. Uma vez realizada a proposta, cada um dos membros toma posse de um pedaço da folha e realiza o próprio desenho, deste modo visualiza-se: um telefone, uma flor, uma rosa, uma margarida, uma onda gigante que se destaca pelo tamanho no espaço da folha, em outro canto uma casa com plantações. Uma

vez, convidados a falar algo sobre seus desenhos, cada um dos desenhos vai sugerindo uma maneira de apresentação própria, como se precisassem mostrar de que maneira poder ser identificados: *“gosto de rosa a rosa me lembra de como às vezes a gente pode ser como ela, ter espinhos e outras vezes ter a beleza da flor”, “essa flor me traz a calma, como eu gosto ser calma” “gosto de margaridas”, “eu gostaria que a gente pudesse se comunicar, por isso fiz um telefone”, “esta é a casa da minha infância”*. Ao falar sobre a onda gigante alguns membros do grupo parecem se mobilizar, surgem elementos associativos à seguinte cadeia: *“uma onda enorme”, “um tsunami”* (as pessoas falam simultaneamente do ocorrido associada ao Japão). A seguir o desenho da casa é *“ele é um sítio com um lago”*. Enquanto fala desse *“sítio”* alguns colegas riem *“a casa dos teus sonhos” “isso ali não é um lago”,* outro, dando gargalhada divertindo-se diz: *“isso é um ‘pântano’ não um lago”*. Rapidamente, a *“onda gigante”* que lembra o *“tsunami”* da tragédia no Japão, faz com que vários dos membros do grupo falem quase que simultaneamente do acontecido no Japão, das cenas da televisão. Enquanto isso também ocorre algo semelhante quando falam do sítio. Segue-se simultaneamente uma série de associações e falas: do acontecido, do pântano, da destruição. Nesse momento comentamos: *“quanta coisa para falar, está difícil acompanhar, parece uma confusão”* e *“esse tsunami parece provocar algo tão violento, capaz de desmorrer as pessoas”*. Pouco depois de um silêncio, um dos membros fala de uma experiência recentemente acontecida com um paciente, vivida de maneira semelhante ao *“tsunami”*, do momento do *“surto”*, e comenta: *“Estava eu no momento de estar com os pacientes ao ar livre, depois do almoço e, de repente, eu não vi, mas fui atingido por uma pancada com um galho enorme, e era o Fabio que do nada me bateu com um galho que tinha caído da árvore”*. E os colegas acrescentam: *“eu tratei de segurar” “eu não estava nesse dia” “foi um horror”, “a gente controla que não haja nada que corte ou com ponta”,* outro diz, *“mais um galho caído!”*. Nesse momento comentamos: *“Parece que aqui é como um ‘tsunami’ ‘pântano’, não se espera e acontece, como se nos pegasse desprevenidos, uma situação caótica, talvez como muitas que vocês vivem aqui”*. Isto permite trabalhar a possibilidade de serem alvos de uma agressividade vinda do paciente; o pouco valor que parece ter a opinião do técnico em enfermagem ou enfermeiro, embora tenha facilidade pelo convívio direto com o paciente, para detectar quando uma medicação está tendo resultados positivos ou não. Os profissionais técnicos parecem não dar ouvidos ou

valorizá-los; eles já tinham advertido os técnicos da possibilidade de esse paciente surtar; os sentimentos de desvalorização e vulnerabilidade.

Aqui observamos uma sequência das cadeias associativas: “tsunami” “pântano”, “surto psicótico”, agressividade do paciente, “tsunami da experiência profissional” da enfermagem, vulnerabilidade perante o surto psicótico. A sequência mostra e confirma que as cadeias enlaçam desenhos (onda gigante) com palavras (*tsunami*), e palavras que constroem narrativas compartilhadas e comuns; sequências sincrônicas de elementos, encadeamentos de experiências, atos, sentimentos que permitem elaborar e *perlaborar* no grupo, as diversas situações, sobretudo, as traumáticas vivenciadas no dia a dia, pelos profissionais. A experiência permitiu, graças aos processos associativos e a sequência, poder falar, compartilhar e reconhecer sentimentos, medos, dificuldades singulares e compartilhadas. As cadeias mostram também o enlaçamento de outras sequências de desenhos: onda gigante, o pântano (ambos os aspectos da natureza que repentinamente podem ocasionar uma tragédia); ambas as situações com o surto psicótico, com a agressividade dos pacientes, com a agressividade vivida como ser desvalorizados ou não escutados, com a impotência perante a equipe técnica que não toma em consideração aquilo que eles são capazes de observar e corresponde às suas competências profissionais.

O encontro com essa equipe facilitou que os funcionários pudessem ao explicitar suas dificuldades e suas vivências manifestar seus medos, compartilhar situações difíceis de serem expressas e que pareciam trazer sofrimento.

9.3 Grupo de pesquisa

A seguir apresentamos duas sessões com um grupo de profissionais da saúde mental, voluntários para experiência com o uso do pictograma grupal. Essas profissionais que aceitaram foram convocadas pela gerência de uma unidade, que atende pacientes psicóticos crônicos e com primeira internação psiquiátrica.

9.3.1 Descrição dos profissionais

Trata-se de um pequeno grupo composto por duas enfermeiras e duas auxiliares de enfermagem de um hospital psiquiátrico. O grupo era composto por: Lúcia (auxiliar de enfermagem com três anos de trabalho nessa unidade do Hospital),

Regiane (enfermeira com dois meses de experiência na Unidade), Eliane (chefe da enfermagem, com oito meses de trabalho no Hospital e nessa unidade) e Raimunda (auxiliar de enfermagem com seis meses de trabalho nessa unidade).

No primeiro encontro participam as três primeiras, no segundo faltou Regiane. Antes de iniciar a experiência as profissionais tiveram acesso ao projeto, e assinaram um documento: *termo de consentimento livre e esclarecido*. (em anexo). Lúcia é a única profissional que já tinha participado de algumas reuniões de supervisão comigo há anos. Eliane como coordenadora da equipe de enfermagem desse grupo, desculpou-se que outros colegas interessados não puderam participar por estar envolvidos em uma situação crítica que surgiu nesse dia do encontro.

9.3.2 Descrição do espaço e material

A experiência foi realizada numa sala utilizada para trabalhar com grupos pela terapeuta ocupacional do hospital (pintura, argila). As paredes eram claras e no centro havia uma *mandala* feita pelos próprios pacientes. Possuía uma boa iluminação, uma mesa redonda (aproximadamente de 1,50 cm de diâmetro) e banquinhos para as pessoas se sentarem. As pessoas sentadas ao redor da mesa conseguiam se entreolhar e visualizar para a produção individual e o conjunto. O espaço assim descrito parece ser o mais propício e adequado para o tipo de trabalho proposto.

9.3.3 Descrição da primeira sessão

Participantes: Profissionais: Lúcia (Lu), Eliane (El), Regiane (Re), Lígia (Li) e P (pesquisadora).

P: Gostaria de lhes pedir para brincar um pouco aqui e desenhar o que desejem nessa folha de papel. Há lápis, crayons. Podem utilizar as cores que desejem.

Lu: "*Precisamos de inspiração*".

Re: "*Me sinto uma criança*".

Regiane inicia um traço arredondado num canto do papel. Enquanto isso Lúcia faz uma grama, e Eliane começa uma composição de montanhas dispostas como em cima do desenho de Lúcia, [de tal forma que parecia que ambas estariam compondo um desenho], de maneira a complementar a paisagem realizada por Lúcia. Eliane desenha uma montanha e faz um sol, e em seguida Lúcia também coloca um sol

(laranja) no céu do seu desenho. Desta forma nossa hipótese inicial de que ambas estavam compondo um único desenho fica não confirmada, já que a presença de outro sol, no desenho de Lúcia, mostrava que cada uma estava realizando seu próprio desenho. Enquanto Lúcia começa a fazer um segundo animal, atrás do primeiro desenhado ela comenta: *“É minha cachorrinha que vivia muito sozinha. Acabei de lhe arrumar outro cachorro, assim se fazem companhia”*. Eliane começa a colorir suas montanhas e Lúcia o sol. Sandra sorridente havia falado que *“me sinto uma criança”* e acrescenta: *“agora me lembro do desenho que fazia para os meus filhos, assim os distraía, cada um podia colorir de uma cor diferente. São frutas”*.

Re: Uma maçã, umas uvas, uma melancia, umas bananas, uma pera.

El: *Gostei das frutinhas*

Enquanto isso Lúcia parece muito concentrada em colorir.

Re: *No desenho que fazia para os meus filhos tinha que ter diversidade, para eles terem muito para pintar, se distrair bastante. Diversidade de cores.*

Lu: *O bom é dar cor, colorir, pintar!*

El: *Fiz um sol nascente, representa calor, amanhecer, o sol, presente de Deus, lindo!*

Lu: *Eu fiz meus cachorrinhos, eles estão em fase de adaptação, às vezes tem que dar umas bronquinhas, um casal, antes o meu ficava chorando. Como fico tanto tempo fora, agora não, um faz companhia para o outro, porque, como trabalho em dois empregos, eles ficam muito sozinhos, assim estando em dois, um faz companhia para o outro. Eles são pequenos. Como vivo em um apartamento, só pequeno dá, é tipo “pinscher”. Havia um para ser doado e aceitei. Faz duas semanas que está em casa. O outro vem resmungando, mas um dia se acostuma.*

Re: *Esse desenho meu filhos amavam, fazia para eles, precisava era mantê-los quietos. Voltei no tempo. Enquanto isso ela vai colorindo a melancia.*

Lu: *Como é bom dar cor, colorir.*

Re: *O desenho te leva no tempo da infância.*

P: *No tempo do brincar, desenhar, do sonhar.*

El: *Sair um pouco do agora para outro lugar, vai para outro lugar, que nem o sol nascente, um novo começo a cada dia.*

Re: *É uma nova oportunidade e estou gostando. É uma a sensação da alegria, cor, relaxamento mental, sair do estresse da vida, dos dois empregos. Eu trabalho aqui e num pronto socorro, quando dá só penso em ir dormir...*

Lu: *Nem sempre dá para dormir.*

El: *Gostaria de pintar em isopor, mais nunca dá para fazer isso, gostaria de fazê-lo com meu pequeno.*

P: *Estão falando dos pequenos?*

El: *Filho, bom o meu ainda é pequeno.*

Lu e Re: *Ah os nossos são mais velhos, eu tenho um de 22.*

Re: *Tenho um de 19 e 21, eles já estão velhos.*

P: *E, não dá para seguir pintando, sonhando?*

Lu: *Vontades eu tenho, por exemplo, sair passear meus cachorros, sem preocupação, só para relaxar. Meu desenho é isso, eles num lugar aberto passeando. Hoje não, só quero dormir, inclusive, se me convidar um familiar para um jantar, fico pensando se dá ou não, se não será melhor ir dormir.*

El: *Para mim, isto foi a lembrança dos dias que fomos viajar com eles, a imagem desse sol saindo, se escondendo. Para mim, isso é para agradecer por esse momento, fica na mente.*

P: *Carregaste as energias nessas férias, para guardar esse calor, esse presente, carregar para a longa jornada do dia a dia.*

El: *A gente chega ao final do dia podre, não dá para ir....*

P: *E, os sonhos além do trabalho?*

Re: *Fiz uma cesta farta, fartura prosperidade. O que desejo e ofereço a cada uma de vocês por esse presente que recebo nesse encontro. A cesta é fartura, coisa boa. Agora depois das festas e lembro que toda casa tem que ter uma cesta de frutas. Para mim é alegria, realização de sonhos, meus trabalhos, quem trabalha muito, muito tem.*

El: *O sol para mim é vida, luz como o sonho da alegria, eu não sei desenhar bem, mas para mim, isto é como uma pausa na vida, realizar só vida.*

Lu: *Mais precisamos de tempo para viver.*

El: *Eu tomei decisões muito importantes, escolhas antes de vir trabalhar aqui. Eu trabalhava no campo privado, ganhava bem mais, moro longe daqui, o regime de plantão é melhor para ver meu filho. Percebo que ganho a metade, em compensação passei a ganhar em outras coisas.*

Re: *Nós somos as nossas escolhas.*

P: *Vejo a Lucia como se quisesse falar, e lhe digo: sim?*

Lu: *Sim, queria sair de um dos meus empregos, mas não posso por enquanto. Tenho dois compromissos, um acabar de pagar minha casa e meu carro, depois poderei pensar em sair de um dos empregos.*

Re: *Somos as nossas escolhas, mas também prisioneiras delas.*

- olhamos com ar de interrogação.

Re: Olha para Lu, e diz: *Vejo que és prisioneira desses empregos por causa de um carro e tua casa.*

P: Estão falando das suas escolhas, de como elas implicam ganhos e perdas, formas libertadoras e aprisionadoras.

Re: *Qualquer escolha pode nos fazer prisioneiras. Falo para Lu, mas me escuto como também eu sou prisioneira.*

El: *Às vezes temos medo da liberdade de um emprego, para sair para outra situação. Eu folgava um dia e trabalhava seis. Escolhi menor salário e mais liberdade.*

P: Os desenhos mostram a liberdade, o sol que aquece, as escolhas, e vejo também que estão aqui comigo, por uma escolha pessoal, trabalhar e colaborar na minha pesquisa.

Re: *Não imaginava que poderia gostar como gostei do nosso momento.*

El: *Um autodescobrimento.*

P: Comunico que finaliza o nosso encontro desse dia, que as aguardo na semana seguinte.

9.3.4 As cadeias associativas

Os desenhos produzidos por cada um dos participantes no início trazem a forma arredondada do sol, da cesta que inicialmente poderia ser um sol ocupando um lado e aquecendo o restante das pequenas produções. A composição realizada mostra produções individuais, que compartilhem entre si: cores, sol, alegria, começar o dia, presente divino, amanhecer, calor (humano).

O convite para desenhar traz junto com essa pictografia colorida, a sensação de elas terem vivido como “voltar à infância”, a um tempo de suspender tudo, brincar e sonhar. Uma vez confrontadas com essa possibilidade de estar como as crianças brincando e sonhando, elas são confrontadas com seus próprios sonhos: “*ter mais tempo para mim*”, “*poder passear com meus cachorros*”, “*dormir*”. E com a realidade que as impede: dois empregos, muito cansada, ter que pagar a prestação do carro,

da casa própria. E, com duas situações opostas: a liberdade e a prisão. As escolhas são parte da vida e elas trazem benefícios, ganhos e perdas, desde esse ser crianças e suspender tudo até assumir que cada dia há que realizar tarefas que esgotam, cansativas que as levam a não querer fazer outra coisa a não ser descansar.

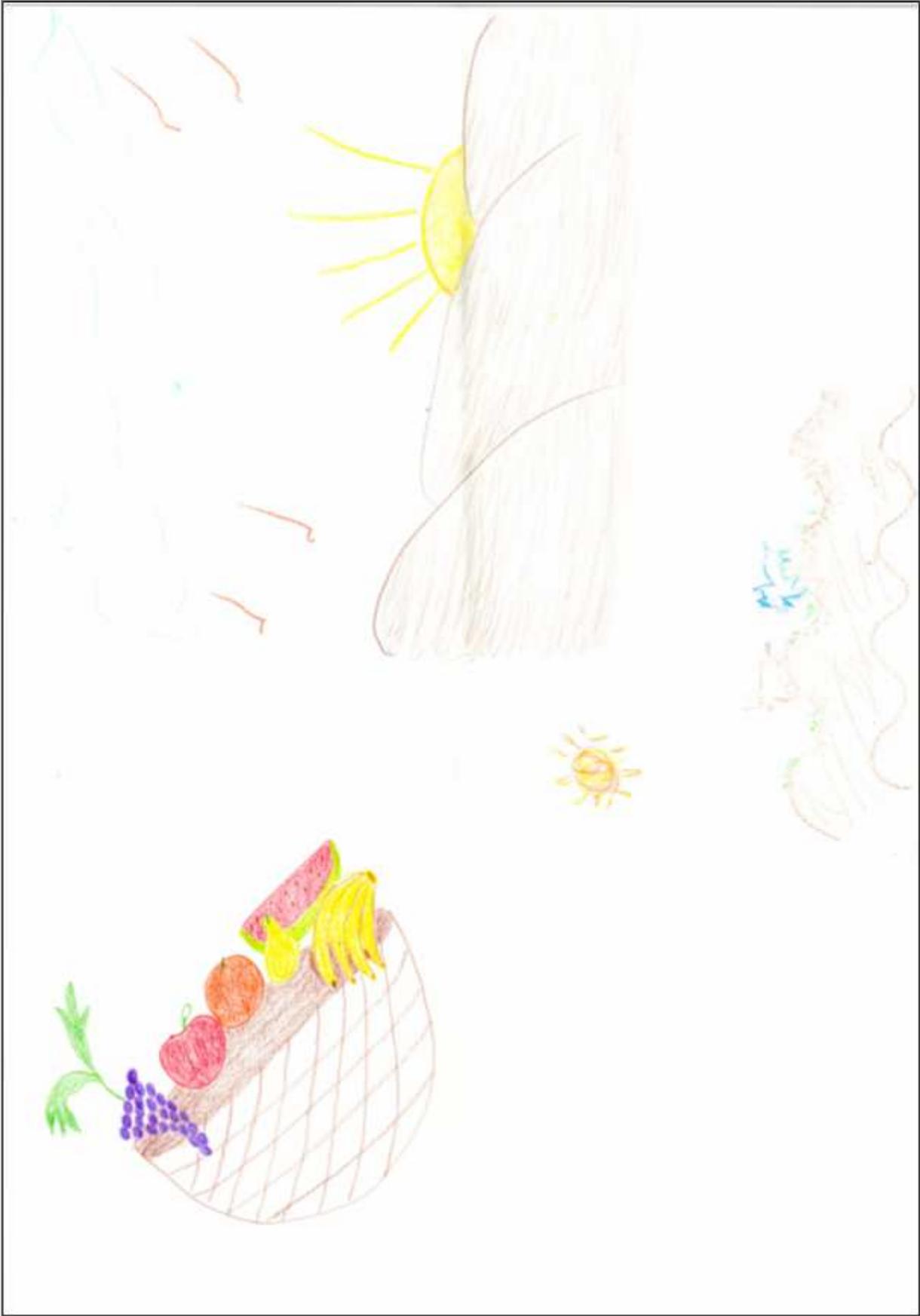
O sol e as frutas são associados ao início, amanhecer do dia e do fazer, prosperar, alegria que confronta com algumas situações vividas: cansaço e a falta de tempo. Os filhos, os cachorros surgem para falar das alegrias que tomam o tempo dos seus dias, do desenhar para eles, do passear com eles e, sobretudo, do pouco tempo que resta para ter esses prazeres.

A experiência, vivida como um momento de suspensão de realidades, de compartilhamento no espaço transicional ou potencial, manifesta a surpresa pelo vivido, pelo que nesse momento surge. Quando Regiane diz a Lucia *“me parece que tu estás prisioneira desses dois empregos, de ter que pagar prestações”*, logo ela se surpreende e diz: *“e eu, do que estou falando, acaso eu também não vivo prisioneira, tem tanta mulher prisioneira de casamento, de marido, de tanta coisa”*. De alguma maneira, conteúdos pré-conscientes são acessos pela sensação de sentir a Lucia estafada com dois empregos. Regiane já tinha mencionado ter dois empregos. Parece que aquilo que Lúcia fala, lhe traz a sensação de prisão, que imediatamente reconhece poder ser também um sentimento próprio, ser ela também prisioneira de algumas outras situações.

Os conteúdos de cada uma das participantes surgem junto com as produções pictográficas e os sentidos a eles associados. Uma primeira: desenhar-infância-prazer-filhos-cachorros-tempo de sonhar. Outra: frutas-alegria-colorir-vida-fatura-dois trabalhos-cansaço, ser prisioneira.

O encontro traz situações vividas no momento do encontro, sincrônicas, possíveis de serem compartilhadas entre elas, articuladas a situações diacrônicas ocorridas ao longo do tempo, associadas e articuladas com o momento vivido: colorir e desenhar como algo infantil, vinculado a brincar e sonhar; o trabalho e as escolhas, os ganhos e as perdas (*deixei de ganhar quase o dobro para ter esse trabalho que me ocupa menos horas*). Outros elementos são associados através de relações de oposição: trabalho-descanso, liberdade-prisão.

Figura 3 – Lembra a infância



9.3.5 Descrição da segunda sessão

Para esse segundo encontro, Regiane não comparece e Ligia (Li) se inclui no grupo, por sugestão da coordenadora da equipe Eliane. Assim que entram sentamos ao redor da mesa que já está preparada, com o papel e as canetas coloridas, crayons.

Comentamos com elas que, novamente, vou pedir-lhes que desenhem o que desejem nessa folha de papel.

Li: Cada uma faz o seu desenho? Ou um só desenho?

El: *Sim!*

P: Pensamos que nesse grupo surge essa pergunta que habitualmente nos grupos aparece no primeiro encontro. Respondemos: *como quiserem*.

Li: *Sou péssima de desenho, lembrou-se do que? Meninas isso é muito doido!*

- Muita risada

Rapidamente cada uma faz seu desenho. Lúcia desenha uma árvore e rapidamente afasta os braços da mesa. Eliane, grama com uma série de flores, em grupos de duas por galho e uma de três flores. Enquanto isso, Ligia faz um animal, com um rosto que parece humano e voando, como se estivesse fora do chão.

Li: Repete novamente: *“Sou péssima desenhando”*

El: *Eu tampouco sou boa. O que gostei foi da cesta de frutas da Regiane.*

Li: *Tem gente que tem um dom.*

Como as três deixaram de desenhar. Perguntei

P: Gostariam de falar dos seus desenhos?

Li: *O meu é minha cachorrinha. Coloquei corações, porque é tão importante ter um bicho de estimação na vida da gente, certo. Às vezes chego a casa, a filha emburrada, mas ela sempre abanando o rabo, querendo meu carinho. Minha filha até fica com ciúmes, e eu falo: mas ela veio me cumprimentar, está toda feliz! Estou apaixonada por ela, e isso é ruim dizer, mas é quase um filho!*

Lu: *Quando tem filho.*

Li: *Atenção.*

Lu: *Meu bebê.*

Li: *Filho fica de bicão opa!*

P: *Estão falando do amor pelos bichos, do bicão do filho e do que está sendo mostrado hoje.*

El: *Meu desenho é natureza, ela sempre traz paz; é um jardim alegre, está bem alegre.*

Lu: *Eu hoje não estou legal, fiz uma árvore, porque desenhar natureza sempre faz bem, é mais fácil, não estou para fazer mais nada.*

P: *Quer falar?*

Li: *Precisamos de um pouco de paz.*

Lu: *Minha árvore está firme, isolada.*

Li: *Está com vitalidade*

P: *Vitalidade?*

Lu: *Como falava, não estou bem, não dormi bem.*

Li: *Eu vim do outro emprego e quase não preguei o olho, dormi só uma hora, nem descanse. Lu quando cheguei me viu com essa cara e me preparou um café delicioso, mesmo assim como ela diz agora que estava. Fala olhando-a como perguntando ou surpresa de não ter percebido nada do que enunciava como mal-estar.*

Lu: *Não se deixe abalar. Eu tomei um remédio para dor de cabeça, às vezes tenho enxaqueca, mas ainda bem que desta vez não é.*

Li: *Ela não falou nada disso quando cheguei e me preparou meu café, coisa boa!*

P: *Bom é não falar nada, como assim? Parece-me que antes de ela falar o que estava acontecendo com ela, o que primou foi o acolhimento, ao vê-la tão cansada e lhe oferecer fazer um gostoso café.*

Lu: *Parece que fica pesado, estou com sono, não tem ninguém no posto, falei para Ligia, não estou no posto, mas tenho que estar...*

P: *Estava pensando na natureza, a beleza que vocês falam, e o que seria o oposto?*

Li: *O trânsito, o metrô, o ônibus lotado tudo lá em cima, mesmo as filas. No meio de tudo, a gente.*

Lu: *A gente parece que nem vê as árvores que passam perto da gente, por isso como é bom ouvir uma música. Quando não tinha rádio no meu carro escutava a música do celular. Mas mesmo a natureza também tem coisas ruins, as chuvas, as enchentes, as tempestades.*

Li: *Gente quem não mora em favela não sabe o que é isso, ter medo de chuva, e ter medo de desabar uma casa, os raios, credo! Eu tenho medo, desse lado sombrio!*

P: *Essa parte não tem nada de bonito.*

Li: *Traz tristeza, estou ciente de que é necessário, mas sempre digo não gosto!*

El: *São os dias cinza.*

P: *Estamos falando do cinza só da natureza?*

Li: *Tem um lado cinza, às vezes os seres humanos, o que se fala aqui não vai sair não?*

P: *Assinamos um compromisso de sigilo, (dirigindo-me a Lígia). Você precisa assinar.*

Li: *Bom às meninas já falaram disso.*

Lu: *Às vezes eu trabalho com tanto pique, mas aberta. Fiz uma árvore isolada e, às vezes, precisamos nos isolar, pensar, um lado bom, não isolar como negativo.*

Li: *Eu sei que faz parte da vida, mais não da para aguentar cinzas... Essas cinzas escuras são duras, de difícil sustentação daqueles que te deixam mal, esses que dizem “não vou poder”, não vou fazer, agora não conte comigo... PUXA! Que custa dizer, deixa que vou ver se consigo, talvez, possa assim que acabar com isto.*

P: *Estamos falando então não só do cinza da natureza, sim da natureza humana.*

Lu: *Nada de bom, o negativo, ela não tem o lado cinza (olha a Lígia).*

El: *Esse é o lado bom, dá para armar qualquer coisa rapidamente. Juntamos duas, três e pronto!*

Lu: *Ela trabalha tanto e sempre com pique! O lado cinza tem várias tonalidades.*

P: *Parece que estamos falando do cinza dos colegas. Só é isso cinza?*

Li: *A gente está preparada para o paciente. Sabemos que isso é assim. Agora um paciente quebrar a televisão não é esperado? Se não ele não estaria aqui. Agora vir um colega e quase bater no paciente, e gritar descontrolado! Isso não dá para aceitar. Eu estou preparada para o paciente, mais para o colega?*

P: *Isso parece algo difícil, cinza, ruim de assimilar, o lado cinza do humano.*

Li: *É verdade que às vezes a gente tem um lado cinza, mas aquele negro! E aqui tem muito disso, esse é duro!*

P: *Parece que não tem como aceitar, esse lado humano, diferente da tempestade.*

Li: *Fico incomodada com a situação, a chefia, mas de um lado, ali a coisa fica muito pior, às vezes tem um lado cômodo, e ao lado um lado como um demônio.*

Lu: *É como sofrer por antecedência.*

El: *Encrenca entre os funcionários.*

Li: *Incomoda! Vários dizem para fazer e parecem nem ouvir, que custa dizer, tudo bem eu assumo, eu fico, faltou alguém assumir... Mas parece que ficam tirando o corpo.*

Lu: *Tudo poderia ser tão mais tranquilo.*

El: *Viu como saiu o plantão da semana passada?*

Lu: *Como se estivesse pedindo desculpas: Eu sinto não ter dormido bem!*

El: *Concordo que em todo ser humano às vezes há um predomínio do cinza. O problema é que isso parece contagiar e, por menos que seja, prevalece sempre um negativismo.*

Li: *“Eu não vou” não faço! Poderia ser: Deixa ver... Eu acho que uma pessoa nunca está só, sempre tem alguém próximo.*

P: *Estamos sempre em companhia do outro? Vejo aqui, nas suas flores, de repente duas em um mesmo galho, aqui três.*

Li: *Carinho, pronto! Mais isso às vezes parece não existir.*

El: *Teve uma situação semelhante a essa, na semana passada.*

Li: *Eu venho de uma unidade onde tive uma situação nada agradável e aqui encontrei acolhimento, e isso neste plantão.*

El: *Tive algo parecido, mas nenhuma situação me incomoda.*

Lu: *Mas para alguns parece que tudo vira uma tempestade. É muito bom você na chefia ser assim. Olha para Eliane.*

El: *Quem conhece e já trabalhou em outras enfermarias, com quantidades de pacientes muito maiores, não faz esse dramalhão que às vezes fazem aqui. Tem equipe, puxa aqui, cada um tem menos pacientes que cuidar que outras enfermarias onde já trabalhei com outras equipes.*

P: *E aqui tem equipe?*

Li: *Tem sim, mas tem alguns rebeldes... Que nem filhos rebeldes!*

- Uma de das pessoas fala: *“às vezes a própria chefia”.*

El: *Eu sei que o próprio paciente dá menos trabalho.*

Li: *O pior é lidar com colega. Como quando o paciente quebrou a televisão e o colega sai desse jeito. O problema é abordagem. Nós devíamos estar preparados para abordar esses casos.*

El: *Muito difícil, o tumulto.*

Li: *Mas você é uma chefe tranquila. Agora, sair quase que caindo em cima do outro!*

Lu: *A minha árvore está isolada, mas nem sempre se isolar é algo negativo, apenas ficar quieta... Só comigo. Isso faz bem!*

Li: *Fiquei trinta dias de férias. Uma semana mandei meu marido para levar meu filho na mãe dele. Como foi bom! Sabendo que um aqui, o outro lá, mas sozinha cuidando. Agora acho que eu devo estar bem para mim.*

P: Comuniquei que estávamos no final de nosso encontro.

- Sem considerar o tempo durante o qual nos reunimos, comuniquei que estávamos finalizando a sessão. Tínhamos a sensação de que as pessoas estavam se expondo, com agudas observações. Sentíamos que o grupo tinha conseguido avançar, elaborar seus sentimentos, vivências e trazer aquilo que incomodava, de maneira leve. O clima instalado trazia a possibilidade de sentir-se acolhido com minha presença e intervenção. Perante a pergunta se ali se poderia falar tudo, Ligia, pediu-me, olhando aos meus olhos, uma confirmação. Afirmei que poderia ficar tranquila. Em seguida ela mesma, disse, “já sabia”.

9.3.6 As cadeias associativas

Descrevemos a sequência de algumas cadeias associativas e de que maneira os desenhos permitiram revelar, estados de ânimo, situações de vida intrapsíquicas, intersubjetivas, comuns e compartilhadas entre elas. De outro lado permitiram-se reconhecer alguns dos laços com outros membros e com a instituição. Mostraram como é possível viver o acolhimento e também a ruptura dos laços com alguns membros do plantão hospitalar. Situações que são vividas, como se “desfundassem”, em situações como quando algumas chefias se aliam ao lado cinza de alguns funcionários. Junto a essas vivências, que misturam acolhimento e ruptura, também surgem outros sentimentos como a necessidade de um recolhimento, de se ver sozinhas - consigo mesmas – como para metabolizar o vivido, um isolamento, com um sentido de respirar, algo necessário, distinto do afastamento do patológico. Quando Lucia mostra essa distinção, parece querer dizer não estar falando de um isolamento patológico. E nesse momento faz sentido à fala de Ligia que, narrando a maneira como passou suas férias acompanhada de marido e filhos, teve um momento de também querer ficar sem marido e filhos, sabendo que eles estariam bem, até

cuidando, mas cada um, um pouco longe dela. Neste sentido, parece também dizer, que estar consigo mesma, poder pensar, elaborar o vivido, faz bem. Estar em grupo traz uma dimensão humana, de um lado estar sempre com outro, e a necessidade de se afastar e cuidar de si mesmo. Mas ambos os sentimentos foram vividos positivamente.

Os desenhos levaram a certas associações e podemos destacar algumas: (1) o desenho do cachorro com o cachorro amado, querido abanando o rabo, o cuidado do bicho, o amor, o carinho, alegria, companhia. (2) a árvore, em pé, sozinha, respira, necessidade de estar sozinha, se isolar para poder estar bem, necessidade de estar consigo como enriquecimento pessoal, com o controle e cuidado dos outros. (3) as flores, em galhos de duas, de três, a parceria, o desânimo, a dificuldade de trabalhar com o colega. (4) a natureza linda, a natureza bela e simultaneamente com seu lado ruim: tempestade, chuva, enchente. Associado a isso: o ser humano com seu lado cinza escuro, preto, com falta de comprometimento, falta de acolhimento: falha na abordagem profissional.

O mal-estar observado no rosto de Ligia, embora Lucia estivesse cansada, com dor de cabeça, parece trazer ao grupo o sentimento de que entre ambas há um reconhecimento afetivo que possibilita o acolhimento através de um “café gostoso”. Isto também coloca a sensação desse pequeno grupo de voluntárias, que participam da experiência, viver entre si, dinâmicas compartilhadas: colaborar e cuidar-se entre elas. As flores, a árvore, o cachorro aparentemente desconectados, por não montar uma cena pictográfica comum, parecem estar entre si enlaçados, através do afeto, do reconhecimento do outro, da necessidade de estar com o outro, receber carinho, e mesmo não estando junto poder cuidar do outro. A necessidade de se isolar, como algo enxergado negativamente, desde os conceitos sociais, que parecem compatíveis com cuidar, acompanhar, estar próximo. O lado positivo da natureza parece estar acompanhado do negativo: chuva, enchente, tempestade, que imediatamente é associado a uma característica do humano, de um lado cinza, negativo, ao serviço não da vida, sim, da destruição, desfundar os laços ao interior da equipe. Não é aleatório o relato de um paciente destruindo a televisão e contracenando com isso um colega, em seu momento cinza, não podendo dar acolhimento, cuidado, abordar o outro e prevalecer à destruição.

Figura 4 – O acolhimento



10 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Nessa pesquisa estudamos as cadeias associativas grupais e destacamos um dos aspectos do método psicanalítico, sem por isso considerar de menor valor outros aspectos como a transferência e/ou a interpretação.

De acordo com o método psicanalítico a atenção flutuante, prerrogativa do analista, perpassa paralelamente a indicação do analisando de associar livremente. Winnicott, com o modelo do trabalho do *squiggle game*, mostra que ambos os processos se dão entrelaçados, podendo se observar que entre paciente e analista se produzem processos co-associativos. Consideramos surpreendente, neste sentido, que Foulkes embora pareça que não se tenha dado conta da sua importância, condensou esses dois processos em um só, ao nomear o que acontece no grupo como *discussão livremente flutuante*. É um conceito que serve para definir um processo particular no grupo e articula processos que se dão entrelaçados, na intersubjetividade. Quando se trabalha com um grupo, talvez fique, mais evidente que não se trata de um analista em “atenção flutuante” e um paciente “associando livremente” no grupo: os processos associativos se dão entretidos numa relação intersubjetiva. Por isso, parece pertinente a afirmação de Hakeem (2008) que Foulkes se antecipa na década de 70 às teorias relacionais e da intersubjetividade.

A transferência, central no trabalho psicanalítico pode ser reconhecida no relato dos grupos apresentados. Utilizamos de Kaës a nomeação dos processos de transferência como *trânsfero-contratransferenciais*, evidenciando que o processo é de uma interação mútua e concatenação associativa. Sobre a interpretação, instrumento fundamental do método psicanalítico, tanto no dispositivo grupal como na consulta terapêutica, a função interpretativa do analista deve ser ponderada, devido a duas considerações: (1) Winnicott sugere que mais importante do que dar uma “interpretação” é permitir ao paciente chegar a ela. (2) Quando se trabalha com grupo, a interpretação não é prerrogativa só do analista ou do coordenador do grupo. Destacamos que nossa intervenção não busca interpretar, encontrar que haja um consenso grupal, ou homogeneizar as experiências, cada um dos membros pode expor e reconhecer para si, para o outro, e com o outro, a maneira particular de ter sido, por exemplo, com uma vivência traumática.

Os membros do grupo têm, na grande maioria das vezes, funções interpeladoras, questionadoras e transformadoras do psiquismo, de maneira a cumprir

com aquilo que a interpretação deve permitir: acesso ao inconsciente e transformação dos conteúdos psíquicos. No capítulo 9, vimos, por exemplo, Regiane falar para Lúcia que ela não é livre e que vive prisioneira de dois empregos e de duas prestações e, a seguir, ela se questiona e afirma que não tinha percebido e que ela também poderia estar sendo prisioneira de algumas situações.

A partir dos postulados da intersubjetividade faz-se necessário reconsiderar alguns aspectos do método psicanalítico. Sair do intrapsíquico para o intersubjetivo inclui a necessária mobilidade do lugar do analista e/ou dos processos psíquicos, exemplo disso é expandir e conceituar a transferência como um processo transfero-contratransferencial. Não se trata de mudar ou substituir conceitos, mas considerá-los à luz da intersubjetividade. Os processos co-associativos apontados dessa perspectiva mostram que não existem posições e lugares predeterminados, funções fixas, como trabalhávamos anteriormente, de um lado um analista em atenção flutuante, trabalhando sua contratransferência e de outro um analisando associando livremente, em transferência.

Consideramos que, quando se introduz um mediador terapêutico como o pictograma grupal, esse processo interdiscursivo está composto por um discurso que inclui outras manifestações que não são apenas a cadeia ou série de palavras, frases que servem para expressar verbalmente o que se sente ou o que se pensa. O discurso de um ponto de vista comunicacional inclui os traços, os rabiscos, os desenhos, os processos pré-verbais, gestuais. De acordo com esse princípio, as cadeias associativas grupais incluem uma pluralidade de discursos interagindo, manifestados através de: olhares, gestos, traços, rabiscos, desenhos, figuras, composições pictográficas, palavras, entre outros, que constroem uma trama ou narrativa peculiar. Os desenhos, assim como as palavras, vão compondo uma polifonia de sentidos e significações co-construídas no encontro vincular. Pode se constatar essa afirmação a partir do material clínico das consultas terapêuticas com as duas famílias e com as equipes de profissionais da saúde mental apresentadas nos capítulos anteriores. Assinalamos, a partir desse material clínico nos capítulos oito e nove, a evidência de diversas modalidades interdiscursivas múltiplas que incluem desenhos, palavras, olhares, gestos compondo a especificidade dessas cadeias associativas grupais. Cadeias associativas que permitem reconhecer a especificidade das mesmas, quando se introduz como mediador terapêutico o *pictograma grupal*.

Sobre o trabalho do pré-consciente, outro aspecto a ser destacado é a exigência de trabalho psíquico provocado pelo mediador terapêutico que facilita, pela via associativa a transformação e emergência de conteúdos pré-conscientes e inconscientes em processos conscientes e capazes de ser simbolizados e de apropriação subjetiva de cada um dos participantes do grupo. Em uma das consultas terapêuticas familiares, com uma família que acabava de ter vivenciado uma situação traumática, se reconhece de que maneira no grupo aspectos pré-conscientes podem ser acessados a partir de um desenho, que simultaneamente figura uma sala de escola ou trazer a situação traumática. Quando o pai desenha sete cadeiras dispostas em uma fileira de três e outra de quatro, a figura desenhada apresentada pelo pai é conectada pela filha com o momento traumático. A filha então usa esse elemento pré-consciente do pai, para trazer e lembrar a vivência de ter sido a mãe levada para abrir o cofre por dois dos assaltantes armados e ela, o irmão, a empregada terem ficado com um dos assaltantes como reféns. As sete cadeiras são associadas com as sete pessoas divididas em grupos de três e quatro, enquanto acontecia o assalto.

Por outro lado, constatamos que há uma associação que liga o discurso racional do pai, conectado e transformado pela filha, com o discurso que evoca o afeto traumático, o medo de a mãe e/ou eles próprios serem mortos. A conexão entre a figura e a lembrança associada permite que a vivência traumática possa ser exposta, elaborada, apropriada subjetivamente e transformada, através de um diálogo entre cada um dos componentes do grupo familiar. Enquanto o pai faz um discurso ideológico, do valor da educação, para acabar com a violência (discurso não associativo ou talvez dissociado) a filha associa essa violência com o afeto, o sentimento, o medo de haver visto a mãe sendo levada longe deles (dois assaltantes e a mãe [três], enquanto havia um assaltante com eles três [quatro]). Aquilo que não poderia estar dividido fica dividido pela irrupção da violência: um grupo para um canto, enquanto a mãe é levada para abrir o cofre. A filha parece conectar-se intersubjetivamente com um aspecto dissociado do pai [como se não houvesse implicação afetiva, e ela trouxesse para a consulta] ela capta associativamente o negado que, por sua vez, conecta e associa com a cena traumática. Assim vemos outro aspecto característico dos processos associativos, que simultaneamente trazem paradoxalmente aspectos associativos e dissociativos como apontado, pares antitéticos, aspectos dissociados que trabalham juntos na intersubjetividade. Na vinheta, pode-se observar também a presença de alguns pares antitéticos: sentir-

pensar, razão-emoção, dentro-fora [da experiência]. Comprovamos assim que, graças à mediação terapêutica, o pictográfico potencializou a capacidade de figurar e transformar elementos pré-conscientes em conscientes.

Também pudemos acompanhar a construção de fantasias originais co-construídas dentro de uma trama vincular; assim através da *figurabilidade* lembranças são transformadas em ficções e/ou narrativas, fantasias originais compartilhadas e construídas conjuntamente. Em uma das consultas familiares, por exemplo, vimos que Isadora desenha um coração, e faz referência a esse ser o lugar do pai morto (amado?). O filho Renato parece questionar esse lugar e a idealização que a mãe traz para a consulta. Renato traz outra realidade, a realidade da discórdia do casal. Nessa mesma consulta, outra cadeia associativa é apresentada quando Renato desenha uma simples fada e, a partir desse desenho, constrói uma narrativa que expõe a luta e o conflito entre as fadas, entre o bem e o mal. Nesta ficção narra e expõe na consulta terapêutica aquilo que a mãe nega, a discórdia e o conflito do casal. De outro lado, vemos a construção de uma fantasia: um pai e uma mãe que se amam, um pai e uma mãe separados, e o pai enaltecido depois de morto, aquele que está no céu e continua a ocupar um lugar no coração materno. Ambos constroem a partir das temáticas associadas, dos desenhos, falas, uma versão de uma fantasia que se contrapõe e parece conectar-se a uma fantasia originária: um pai/mãe luta/ama um homem/mulher; pai/mãe se debatem/amam/brigam frente a um filho.

Outro aspecto a destacar no trabalho grupal é que elementos sincrônicos e diacrônicos aparecem articulando cenas do passado com o presente. Assim, quando Miguel desenha e figura o “último presente do avô”, esse pictograma permite emergir associativamente, não só a lembrança desse presente, como associa com o afeto, a segurança que lhe transmitia, em contraposição com a sensação de vulnerabilidade vivida no momento como traumático. Esse pictograma articula associativamente o passado com o momento traumático, a lembrança da ausência do avô num momento de desvalia. O trauma reativa e articula o vivido com a morte e ruptura. Nessa situação aparecem conteúdos intersubjetivos compartilhados pelas duplas: mãe-filho, filha-mãe, pai-filho, filha-pai, marido-mulher com afetos. Sentimentos ligados a sofrimento, medos e/ou uso de defesas para impedir conectar-se com a dor. Constatamos que aspectos sincrônicos e diacrônicos, instâncias intrapsíquicas, intersubjetivas e grupais surgem nas diversas cadeias associativas descritas.

Reconhecemos que as situações de crises promovem regressão em sujeitos singulares, e podem ser desorganizadoras, se não houver condições de fazer “subjetiva à experiência” ou se não houver uma apropriação subjetiva, para a vivência ser transcritas simbolicamente, na ordem psíquica. Nas experiências relatadas, em especial com o grupo familiar, que viveu o assalto, a possibilidade de cada um dos membros poder colocar seus sentimentos, vivências e comparti-los permitiu uma apropriação subjetiva ou subjetivação da experiência, de uma maneira particular e singular em cada um dos membros do grupo familiar.

O conhecimento adquirido com os diversos grupos preliminares foi extremamente enriquecedor. De um lado, os participantes desses grupos estavam disponíveis, sem qualquer contrato prévio, a não ser participar da experiência, seja porque havia um sofrimento, um pedido de ajuda, ou por estar interessados em realizar uma vivência prática com o mediador terapêutico proposto, o *pictograma grupal*. Aspectos transferenciais permeavam um desejo ou de serem cuidados ou de aprender. A bagagem adquirida através dessas diversas experiências prévias foi extremamente valiosa devido a terem exposto diversos processos associativos, maneiras de se conduzir os grupos, formas de trabalhar que, permitiram ir afinando a nossa escuta e o instrumento. Por exemplo, o número ideal de participantes, o tamanho do papel, o formato redondo da mesa. De outro lado, verificamos a relevância devido a facilitar o surgimento de ideias, pensamentos e sentimentos, que pareciam serem somente possíveis de serem expostos graças ao mediador terapêutico. Embora o interesse dos participantes dos grupos de formação era ter uma vivência prática, vimos que em algumas situações, desenhar e exporem-se lhes permitiu saírem com algumas situações elaboradas.

No grupo observamos como surgem sujeitos que são porta-palavra ou porta-sintoma e, quando utilizamos o pictograma grupal, também surge um sujeito que poderíamos denominar “porta-desenho”, capaz de figurar, através do pictográfico, conteúdos intrapsíquicos capazes de ser compartilhados intersubjetivamente. Desenho que permite figurar e compor tramas psíquicas comuns, por exemplo, o *tsunami* [do Japão] com a desorganização, o imprevisto ou o inesperado no trabalho.

Nos grupos constata-se que os membros colocam sob a forma de figuras e/ou palavras significantes utilizáveis não só por quem evoca, como pelos outros componentes do grupo, enquanto associam em sessão. Renato, por exemplo, questiona a si próprio um mandato [da fala da mãe], de ter ele, por exemplo, “o pai no

coração” ou que esse pai possa ser colocado em uma condição quase “divina”. Quando a mãe utiliza a figuração do coração - elemento próprio da cultura do amor – para fazer referência ao pai, Renato traz à sessão e associa a sentimentos contrários, dissociados a essa figura do coração e do amor: o ódio, o medo, a raiva. Renato consegue expressar e trazer para a consulta, e para essa mãe escutar, uma realidade não idealizada. No encontro intersubjetivo promovido na consulta terapêutica com a família é possível realizar um trabalho de ligar, transformar e questionar sentimentos, sensações, afetos que perturbam o vínculo, o sonho (pesadelos) a tranquilidade (“*fica chorando*”). Consideramos que o coração associado “*o pai que está no céu*” e associa e dissocia, simultaneamente: amor e raiva expressos como não verbalizados, tanto da mãe como do filho. Conteúdos facilitados pela mediação e o vínculo trãnsfero-*contra-transferencial*. Assim esse desenho do “coração” aparece como significante de representações inconscientes e pré-conscientes, que evocam associativamente uma polifonia de sentidos associados e dissociados.

A intersubjetividade observada nas cadeias associativas grupais traz o reconhecimento de que o outro do vínculo é fundamental para a constituição do psiquismo e, assim como constitui, ele também pode facilitar, restituir a malha ou tecido rasgado, esburacado quando acontece uma situação que irrompe sem prévio aviso, como algumas das descritas no material clínico apresentado: assalto, galho atirado pelas costas.

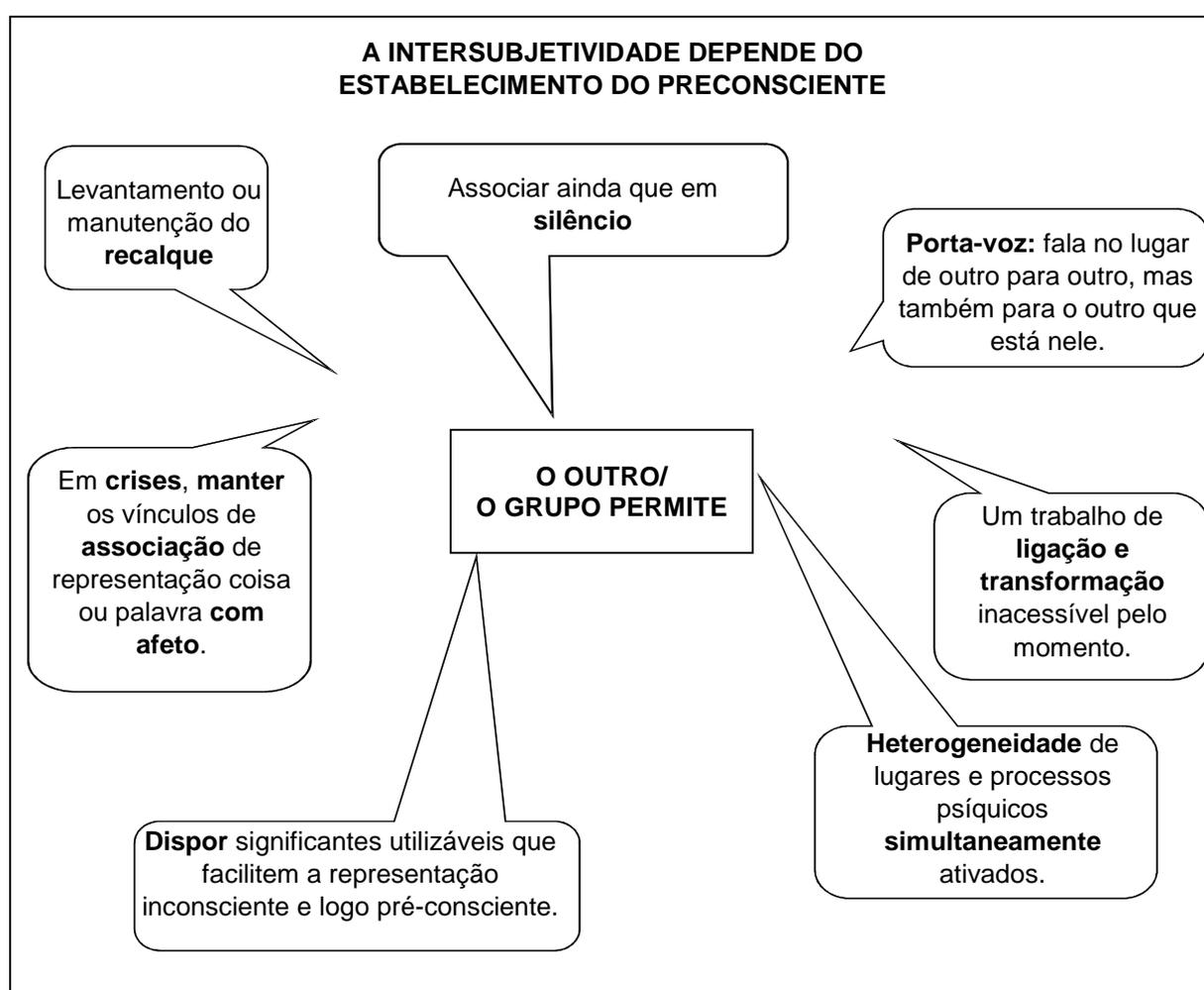
De acordo com o material clínico exposto e com o objetivo de responder às hipóteses da pesquisa, vimos confirmar a existência de cadeias associativas: de traço para desenho, de desenho para desenho, de desenho para palavra, de palavra para narrativa. As cadeias observadas seguem processos associativos discursivos que unem aspectos sinestésicos, sensoriais, sensório-motores, pré-verbais com palavras e com narrativas.

Para finalizar, consideramos relevante utilizar o método psicanalítico em contextos que não se circunscrevem apenas a uma psicanálise padrão ou à cura clássica. Expandir a psicanálise implica necessariamente também expandir o tipo de intervenção como proposta da consulta terapêutica de Winnicott, para outros contextos, como os grupos, a família ou as instituições. Os relatos desta pesquisa mostram o valor desse tipo de intervenções.

Em síntese, reconhecemos o valor de estudar as cadeias associativas grupais, por elas apresentarem que no grupo se produzem processos de transformação,

elaboração e trabalho psíquico individual, intersubjetivo e grupal. Os relatos expostos comprovam que as cadeias associativas, sob o efeito do mediador terapêutico utilizado e denominado *pictograma grupal*, se produzem não só de palavra para palavra, como de traço para desenho, de desenho para palavra, de desenho para narrativas, que permitem uma apropriação subjetiva de cada um dos membros, dos vínculos intersubjetivos e do grupo, nas consultas terapêuticas com grupos e com famílias relatadas.

Figura 5 – Sujeito, grupo e processo associativo



REFERÊNCIAS

- Abadi, S. (1996). *Transiciones*. Buenos Aires: Argentina: Lumem.
- Abram, J. (1975/2002). *The language of Winnicott: a dictionary of Winnicott's use of words*. London: Karnac Books.
- Abram, J. (2012). D. W. W.'s notes for the Vienna Congress 1971: a consideration of Winnicott's theory of aggression and an interpretation of the clinical implications. In Abram J. (Ed.). (2013). *Donald Winnicott today: the new library of psychoanalysis* (pp. 302-330). London: Routledge.
- Alonso, S. L. (2005, II semestre). O trabalho da figurabilidade na escuta psicanalítica. *Revista Percurso de Psicanálise*.
- Anzieu, D. (1959/1988) *El autoanálisis de Freud: el descubrimiento del psicoanálisis*. (Vols. 1-2). Méjico: Siglo Veintiuno.
- Anzieu, D. (1972). *El trabajo psicoanalítico en los grupos*. México: Siglo Veintiuno.
- Anzieu, D. (1978). *El grupo y el inconsciente*. Madrid: España: Biblioteca Nueva.
- Anzieu, D. (1987/2003). Les signifiants formels et le moi-peau. In D. Anzieu et al. *Les Enveloppes Psychiques*. Paris: Dunod,
- Aulagnier, P. (1986/1990). *Um intérprete em busca de sentido*. (Vol. 2). São Paulo: Escuta.
- Bach, G. R. (1954/1958). *Psicoterapia intensiva de grupo*. Buenos Aires: Argentina: Hormé.
- Benhaim, D. (2012). Intersubjetividad ey vínculo. *Psicanálises & Intersubjetividad*. Recuperado de <http://www.intersubjetividad.com.ar/website/articulo.asp?id=240&idd=6>
- Bernard M. (1991/1994) *Introducción a la lectura de la obra de Kaës*. Buenos Aires: Colección Aportes.
- Bernard, M. (2006) *El trabajo psicoanalítico com pequeños grupos*, Buenos Aires: Lugar editorial.
- Bion, W. (1999). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago.

- Birman, J. (1989/1991). Sujeito, singularidade e interpretação em psicanálise. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*, 1(2). Recuperado em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v1n2/07.pdf>
- Blanchard-Laville, C. (2008/2009). Acompanhamento clínico grupal. *Proceedings of the 7th Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito*. Recuperado de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032008000100001&lng=en&nrm=iso
- Botella, C. (1999). Entrevista com César Botella. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis (En línea)*, 90. Recuperado de <http://www.apuruguay.org/apurevista/1990/1688724719999014.pdf>
- Botella, C., & Botella, S. (2001/2003). *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Botella, C. (2006, setiembre). *Sobre el trabajo de figurabilidad (notas de introducción a la conferencia)*. Recuperado de http://sppa.org.br/boletim_eletronico/administracao/arquivos/Sobre_la_Figurabilidad_BOTELLA_-_SPPA_-_set_06.doc?id_noticia=33
- Brun, A. (2009). *Mediaciones terapéuticas y psicosis infantil*. Madrid: España: Herder.
- Brun, A. (2010). Les mediation thérapeutiques. *Le Carnet PSY*, 1(141), 24-27. doi 10.3917/lcp.141.0024
- Caldwell, L., & Joyce, A. (2011). *Reading Winnicott*. London: Taylor & Francis. Recuperado de http://books.google.com.br/books?id=_7Qlxo-L6xkC
- Castoriadis-Aulagnier, P. (1975/1997). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Chancier, A., & Kalmanovich (2010/2013). *O paradoxo de Winnicott*. (edição limitada apresentada por José Outeiral). Porto Alegre: sem data, Roussillon, R. *Atualidade de Winnicott*
- Chamond, J., & Morsello, P. (2010). Continuidade do ser e agonia primitiva: o bebê winnicottiano e a psicose. *Winnicott e-prints*, 5(1), 1-26. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-432X2010000100005&script=sci_abstract
- Chouvier, B. (2002), *Les Processus Psychiques de la Médiation*, Paris: DUNOD
- Fedida, P. (1974/1979). *Diccionario de psicoanálisis*. Madrid: España: Alianza.

- Foulkes, S. H., & Anthony, E. J. (1957/1964). *Psicoterapia psicoanalítica de grupo*. Buenos Aires: Argentina: Paidós.
- Foulkes, S. H., & Anthony, E. J. (1957/1972). *Psicoterapia de grupo: a abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira.
- Foulkes, S. H. (1980). *La interpretación en el análisis grupal*. Apostila do Curso de especialização *lato sensu*: Grupos Terapêuticos e Operativos, ditado pelo psicanalista, grupo-analista, Dr. Carlos Crisanto, na Pontifícia Universidade Católica de Lima, Peru.
- Freud, S. (1891/1973). *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Freud, S. (1893/1895). *Estudios sobre Histeria (Obras Completas – Vol. 2)*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1893-1895/2011). *Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos: comunicación preliminar (Breuer y Freud)*. (Obras Completas – Vol. 2). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1895). *La histeria: psicoterapia de la histeria*. (Vol. 1). Madrid: España: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1895/1950). *Projeto de uma psicologia científica*. (Vol. 1). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1895/1899/2011). *La etiología de la histeria*. (Obras Completas – Vol. 3). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1900/2011). *La interpretación de los sueños (primera parte)*. (Obras Completas – Vol. 4). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1900/1901/2011). *La interpretación de los sueños (segunda parte)*. (Obras Completas – Vol. 5). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1937/2011) *Construcciones en el Análisis*, (Obras Completas – Vol. 23). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1901/1905/2011). *El método psicanalítico de Freud (1900 [1903])*. (Obras Completas – Vol. 7). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1901/1923). *La interpretación de los sueños*. (Vols. 1-2). Madrid: España: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1901/1948). *La elaboración onírica na interpretação dos sonhos*. (Obras Completas – Vol. 1). Madrid: España: Biblioteca Nueva.

- Freud, S. (1904/1948). *El método psicoanalítico de Freud*. (Obras Completas – Vol. 2). Madrid: España: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1910/1948). *Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación onírica*. (Obras Completas – Vol. 3). Madrid: España: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1913/1914/2011). *Tótem y tabú, algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos (1913[1912-13])*. (Obras Completas – Vol. 13). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1920/2011). *Psicología de las masas y análisis del yo*. (Obras Completas – Vol. 18). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1920/2011). *Más allá del principio de placer*. (Obras Completas – Vol. 18). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1925/1948). *Autobiografía* (Obras Completas – Vol. 2) Madrid: España: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1925/1926/2011). *Presentación autobiográfica (1925 [1924])*. (Obras Completas – Vol. 20). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1937/1939/2011). *Construcciones en el análisis (1937)*. (Obras Completas – Vol. 23). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1937/1939/2011). *Esquema del psicoanálisis (1940 [1938])*. (Obras Completas – Vol. 23). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Garcia, J. A. (1964). *Princípios de psicologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Garcia-Roza, L. A. (1993). *Introdução à metapsicologia freudiana 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gay, P. (2012). *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Grandal, L., & Pezo M. A. (2013). *La co-coordinación como dispositivo de transmisión: el co-pensador, la co-visión, la co-coordinación, (co-terapia)*. Comunicación libre nel XX Congresso Flapag, Clínica da Diferencia e Interculturalidad. Buenos Aires: Argentina.
- Green, A (1978) La realeza pertenece al niño. Em *Donald Winnicott*, Buenos Aires: Argentina: Editorial Trieb.

- Green, A. (2000). *La posición central fóbica: con un modelo de la asociación libre*. Recuperado de <http://dianarozensfaig.wordpress.com/la-posicion-central-fobica-con-un-modelo-de-la-asociacion-libre/>
- Green, A. (2001). *Psicanálise contemporânea: Revista Francesa de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2005). Jouer avec Winnicott [Playing with Winnicott] (Rabain, J.F.). Paris Presses Universitaires de France 2004 review. *International Journal of Psychoanalysis*, 86, 1748-1754.
- Green, A. (2007). *Jugar com Winnicott*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Green, A. (2013). Brincar e reflexão na obra de Donald Winnicott: conferência memorial de Donald Winnicott /Andre Green. São Paulo: Zagodoni.
- Grinberg, L., Langer, M., & Rodrigué, E. (1957/1971). *Psicoterapia del grupo: su enfoque psicoanalítico*. Buenos Aires: Argentina: Paidós.
- Gomes, E. (2009). Bion, mitos y mitología. *Psicoanálisis*, 21(2), 11-22, 2009.
- Hakeem, A. (2008, march). From Freud to Foulkes to the future: the development of group analysis and its continual evolution. *The International Journal of Group Analysis*, 41(1), 40-52.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Herrnstein, R., & Boring, E. G. (Eds.). (1971). *Textos básicos da história da psicologia*. São Paulo: Herder.
- Houaiss, A. (1996). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jaroslavsky, E. A. (2010, 25 de noviembre). Entrevista a René Kaës. *Psicoanálisis & Intersubjetividad*, 5. (Recuperado de <http://www.intersubjetividad.com.ar/website/articulo.asp?id=225&idd=5>
- Jaroslavsky, E. A., & Morosini, I. (2012, julio). El vínculo en psicoanálisis. *Psicoanálisis & Intersubjetividad*, 6. Recuperado de <http://www.intersubjetividad.com.ar/website/articulo.asp?id=242&idd=6>
- Kaës, R. (1976-1977). *L'appareil psychique groupal: constructions du groupe*. Trad. Esp. "El aparato psíquico grupal: construcciones de grupo". Barcelona: España: Granica.

- Kaës, R. (1979). *Crisis, ruptura y separación*. Buenos Aires: Argentina: Cinco.
- Kaës, R. (1980). La ideología, estudios psicoanalíticos: mentalidad del ideal y espíritu de cuerpo. Recuperado de http://www.psicologiagrupal.cl/documentos/articulos/la_ideologia.htm
- Kaës, R. (1981, abril). El apoyo grupal del psiquismo individual: algunas consecuencias teóricas en relación a los conceptos de individuo y grupo. *Revista Temas de Psicología Social*. Año IV.
- Kaës, R. (1984/1999). Apuntalamiento y estructuración del psiquismo. Título original: "Etayage et Structuration du Psychisme". *Connexions*, 44, 1984. *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*, 14(3-4), 15(2).
- Kaës, R. (1985, noviembre). *La transmission psychique intergénérationnelle et intragrupale: aspects pathologiques, thérapeutiques et créatifs*. Rapport présenté par René Kaës, Professeur a l'Université Lyon II.
- Kaës, R. (1991). La cuestión psicoanalítica de la regla fundamental y del proceso asociativo en los grupos. *Revue de Psychoterapie Psychanalytique de Groupe*, 17.
- Kaës, R. (1993/1995). *El grupo y el sujeto del grupo: elementos para una teoría psicoanalítica del grupo*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Kaës, R. (1994/1995). *La invención psicoanalítica del grupo*. Buenos Aires: Argentina: Asociación Argentina de Psicología e Psicoterapia de Grupo.
- Kaës, R. (1999a). *As teorias psicanalíticas do grupo*. Lisboa: Portugal: Climeps.
- Kaës, R. (1999b). *El grupo y el trabajo del preconscious en un mundo en crisis*, Congreso internacional de psicoterapia de grupo Buenos Aires, 29 de agosto de 1995 – Publicación en castellano: *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*. Tomo XIV Nº 3-4 y XV Nº 2, Buenos Aires, 1999.
- Kaës, R. (1999/2000). *Las Teorías psicanalíticas del grupo*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Kaës, R. (2003, dezembro). A polifonia do sonho e seus dois umbigos. Os espaços oníricos comuns e compartilhados. *Revista da SPAGESP*, 4(4). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702003000100002&script=sci_arttext
- Kaës, R. (2004a). *A polifonia do sonho*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.

- Kaës, R. (2004b). Complejidad de los espacios institucionales y trayectos de los objetos psíquicos. *Psicoanálisis ApdeBa*, 26(3), 658.
- Kaës, R. (2004/2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. Organizado pela Profa. M. I. Fernandes. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005). *La palabra y el vínculo*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Kaës, R. (2007). Procesos asociativos e interdiscursividad en los grupos. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 73-94. Recuperado de <http://desarrollo.uces.edu.ar:8180/dspace/handle/123456789/458>
- Kaës, R. (2007/2010). *Un singular plural*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Kaës, R. (2007/2010). *Um singular plural. A psicanalise a prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola
- Kaes, R. (2008). Procesos asociativos e interdiscursividad en los grupos. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 12, 73-94.
- Kaës, R. (2009). Lógicas del inconsciente e intersubjetividade: trazado de una problemática. *Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*, 32(2), 81-115.
- Kaës, R. (2011a, 29 de junio). L'appareil psychique groupal: un modèle complexe. In *Pre-congreso Flapag*. Buenos Aires: Argentina.
- Kaës, R. (2011b, 29 de junio). *Les groupes internes et la groupalité psychique*. In *Pre-congreso Flapag* Buenos Aires: Argentina.
- Kaplan, H. I., & Sadock, B. J. (1996). *Terapia de grupo*. Madrid: España: Panamericana.
- Keller, F., & Schoenfeld W. (1950/1966). *Princípios de psicologia*. São Paulo: Herder.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967/1977). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona-Madrid: España, Buenos Aires: Argentina: Labor.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1967/1977). *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins Fontes.
- Lisondo, A. (2010). Rêverie re-visitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 67-84.
- Mannoni, O. (1959/1987). *Freud, el descubrimiento del inconsciente*. Buenos Aires: Argentina: Nueva Visión.

- Missenard, A. G., Rosolato, J., Guillaumin, J., Kristeva, Y., Gutierrez, J. J., Branes, & Kaës, R. (1989). *Lo negativo*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Neri, C. (1995). *Grupo manual de psicoanálisis de grupo*. Buenos Aires: Argentina: Nueva Visión.
- Nitzgen, D. (2013, june). Free association, group association and group dialogue. *Group Analysis*, 46, 144-163.
- Peña, S. (1998). *El pensamiento de Winnicott: la presencia de Winnicott en mi persona*. Recuperado de <http://www.psicomundo.org/winnicott/textos/pena8.htm>
- Peña, S. *El pensamiento de Winnicott: playing and reality*. Recuperado de <http://www.psicomundo.org/winnicott/textos/pena4.htm>
- Pezo, M. A. P. (2009) *Do squiggel da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pezo, M. A. P. (2013). *O vínculo fraterno como constitutivo do pensar*. Confêrencia na Sociedade Psicanalítica de Lima. Lima: Peru.
- Phillips, A. (1988/2006). *Winnicott*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Pichon-Rivière, E. (1985). *Teoría del vínculo*. Buenos Aires: Argentina: Nueva Visión.
- Pichon-Rivière, E. (1995). *Diccionario de términos y conceptos de psicología y psicología social*. Compilado por Joaquin Pichon-Rivière. Buenos Aires: Argentina: Nueva Visión.
- Ponciano Ribeiro, J. (1995). *Psicoterapia grupo analítico: teoria e técnica enfoque foulkesiano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pontalis, J. B. (1978). *El trabajo psicoanalítico en los grupos*. México: Siglo XXI.
- Pontalis, J. B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Puget, J. (1991). Violencia social y psicoanálisis. De lo ajeno estructurante a lo ajeno ajenizan-te. In Puget, J., & Kaës, R. (Comps.). *Violencia de estado y psicoanálisis*. Editado por CEAL y APDH. Buenos Aires: Argentina. Recuperado de <http://www.human-nature.com/free-associations/puget.html>
- Puget, J. (1995). Vínculo-relación objetal en su significado instrumental y epistemológico. *Psicoanálisis AP de BA*, 28(2).

- Puget, J. (2004, mai). *Dialogue d'un certain genre avec René Kaës*. Texto não publicado e enviado pela autora. Apresentado no Premier Congrès International de Thérapie Familiale Psychoanalytique Les Métamorphoses Familiales. Paris: França.
- Richerbächer, S. (2005/2012). *Sabina Spielrein, De Jung a Freud, Biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rodriguez, J. (2011). Jorge Rodríguez: el saber está, ineludiblemente, entre el poder y el dinero. Entrevista concedida a Emilia Cueto. Recuperado de <http://www.imagoagenda.com/articulo.asp?idarticulo=984>
- Rodriguez, J. (2011). Del objeto al experimentar. Una lectura de “La observación de infants en uma situación establecida (1941). *Actualidad Psicológica, D.W. Winnicott, Año XXXVI, N° 402*, Buenos Aires.
- Roudinesco, E. (1998). *Diccionario de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roussillon, R. (1991/1995). *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis*. Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.
- Roussillon, R. (2005). La “conversation” psychanalytique: un divan en Latence. *Revue Française de Psychanalyse, 69(2)*, 365-381.
- Roussillon, R. (2009). A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 16(1)*, 143-165.
- Roussillon, R. (2010). Transferência paradoxal e modificações técnicas. *Jornal de Psicanálise, 43(78)*.
- Roussillon, R. (2012). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. Les conditions de l'exploration psychanalytique des problématiques narcissiques-identitaires. *Revista de Estudos Psicanalíticos, 30(1,)* 7-32.
- Roussillon, R. (2013). *Conferência na Universidade de São Paulo e Livraria da Vila*. São Paulo: USP.
- Safouan, M. (1982/1985). Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Segoviano, M. (2005). René Kaës: un pensamiento de lo intermediário. *Seminario Virtual AAPPG*. (Modulo II, Exposición 5). Apostila entregue pela autora.
- Segoviano, M. (2008, junio). Transmisión psíquica – escuela francesa. *Psicoanálisis & Intersubjetividad, 3*, Buenos Aires: Argentina.

- Segoviano, M. (2011, enero). "René Kaës". *El Psicoanalítico*, 4 (publicación digital). Recuperado de <http://www.elpsicoanalitico.com.ar/num4>.
- Segoviano, M. (2013, noviembre). Nuevos paradigmas e ideales sociales. *Topia*. Recuperado de <http://www.topia.com.ar/articulos/>"nuevos-paradigmas-e-ideales-sociales-grupalidad"
- Slavson, S. R. (1943/1973). *An introduction to group therapy*. New York: International Universities Press.
- Slavson, S. R. (1951/1976). *Tratado de psicoterapia grupal analítica*. Buenos Aires: Argentina: Paidós.
- The New Encyclopaedia Britannica (1768/1994). (Vols. 4/9). London: England: Library of Congress.
- Urribarri, F. (2012). André Green. El pensamiento clínico: contemporáneo, complejo, terciario. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis (en línea)*, 114, 154-173. Recuperado de <http://www.apuruguay.org/apurevista/2010/16887247201211412.pdf>
- Winnicott, D. (1965, January). A clinical study of the effect of a failure of the average expectable environment on a child's mental functioning. *Int J Psychoanal*, 46, 81-87.
- Winnicott, D. (1971/1984) *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1972). *Realidad y Juego*. Buenos Aires: Argentina: Granica. Winnicott, D. (1979). *Escritos de pediatría y psicoanálisis, 1931-1956*. Barcelona: España: Laia.
- Winnicott, D. (1989/1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1991). *Exploraciones psicoanalíticas II*. Buenos Aires: Argentina: Paidós.
- Winnicott, D., Green, A., Mannoni, O., & Pontalis, J.-B. (1978). *Donald W. Winnicott*. Buenos Aires: Argentina: Trieb.
- Widlöcher, D. (2006/2012). Winnicott and acquisition of freedom of thought. In Abram J. (Ed.). (2013). *Donald Winnicott today: the new library of psychoanalysis* (pp. 302-330). London: Routledge.
- Zimerman, D. E. (1993). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.